

ART NOUVEAU E MORADIA:
OS PROJETOS DE VICTOR DUBUGRAS EM
SÃO PAULO (1902-1913)

AMANDA BIANCO MITRE

ORIENTAÇÃO: PROFA. DRA. TELMA DE BARROS CORREIA

2024

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ART NOUVEAU E MORADIA:

OS PROJETOS DE VICTOR DUBUGRAS EM SÃO PAULO (1902-1913)

Amanda Bianco Mitre

Vol. 2

São Carlos

2024

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

ART NOUVEAU E MORADIA:

OS PROJETOS DE VICTOR DUBUGRAS EM SÃO PAULO (1902-1913)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo.

Versão corrigida

Doutoranda: Msc. Amanda Bianco Mitre

Orientação: Profa. Dra. Telma de Barros Correia



São Carlos
2024

AUTORIZO A REPRODUCAO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRONICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M684a Mitre, Amanda Bianco
Art Nouveau e Moradia: Os Projetos de Victor
Dubugras em São Paulo (1902-1913) / Amanda Bianco
Mitre; orientadora Telma de Barros Correia. -- São
Carlos, 2024.
450 p.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo, Teoria e História da
Arquitetura e do Urbanismo -- Instituto de
Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo,
2024.

1. Victor Dubugras. 2. Art Nouveau. 3. Projeto de
Arquitetura. 4. São Paulo. 5. Arquitetura
Residencial. I. Correia, Telma de Barros, orient.
II. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:

Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

FOLHA DE JULGAMENTO

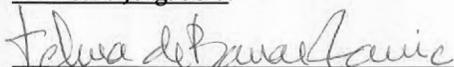
Candidata: Amanda Bianco Mitre

Título da tese: "Art Nouveau e Moradia: os projetos de Victor Dubugras em São Paulo (1902-1913)".

Data da defesa: 16/11/2023

Orientadora: Prof^a Dr^a Telma de Barros Correia

Comissão Julgadora:



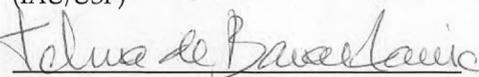
Prof^a Dr^a Telma de Barros Correia
(IAU/USP)



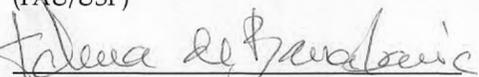
Prof. Dr. Paulo César Castral
(IAU/USP)



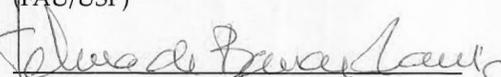
Prof. Dr. Paulo Yassuhide Fujioka
(IAU/USP)



Prof^a Dr^a Monica Junqueira de Camargo
(FAU/USP)



Prof^a Dr^a Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno
(FAU/USP)



Prof. Dr. Nilson Ghirardello
(UNESP)

Resultado:

Não votante

APROVADA

APROVADA

APROVADA

APROVADA

APROVADA

Coordenador e Presidente da Comissão de Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo: **Prof. Dr. João Marcos de Almeida Lopes.**

2.6 VILLA PARA O DR. CÂNDIDO RODRIGUES (1910)

PROPRIETÁRIO

Antônio Cândido Rodrigues (1850–1934) era engenheiro militar, foi professor, servidor público, político e exerceu cargos de chefia no serviço público federal. Nascido na cidade de São Paulo, estudou na Escola Militar do Rio de Janeiro e foi voluntário na Guerra do Paraguai, chegando ao posto de 2º tenente. Em 1874, formou-se em Engenharia Militar e foi promovido no ano seguinte ao posto de capitão do quadro de engenheiros (Falleceu, 1934). No final do século XIX, trabalhou na Diretoria de Obras Públicas da Província de São Paulo e atuou como docente no Liceu de Artes e Ofícios, ministrando as disciplinas de Geometria e Desenho Linear (Acclamação, 1890; Lyceu, 1882; Lyceu 1883). No mesmo período, foi eleito deputado estadual por São Paulo pelo Partido Republicano Paulista (PRP) (Congresso, 1890). Durante sua candidatura eleitoral, foi publicada, em 7 de fevereiro de 1891, uma matéria no Correio Paulistano que exaltava seu caráter e capacidade política. O texto não trazia autoria definida, apresentando como assinatura a generalização “muitos eleitores”.

Este cidadão, pelos bons serviços prestados a este Estado, tem com justiça conquistado a estima pública e é geralmente simpático.

O seu caráter maculado, a sua independência, energia de alma e ação decisiva inspiram o desejo de seus concidadãos de levá-lo a colaborar na grande obra da constituição deste Estado.

Lembrando este nome e que esperamos que seja aceito pelos diretores políticos, nada mais fazemos do que satisfazer a legítima aspiração do eleitorado paulista, onde tem ele valiosos amigos em todas as localidades deste Estado, os quais pedem conosco seja ele incluído na chapa oficial (Candidatura, 1891, p. 04).

Em 1903, foi eleito deputado federal e, em 1909, atuou como secretário da Agricultura de São Paulo durante a gestão de Albuquerque Lins (Pelo, 1903; Telegrammas, 1909). No mesmo ano, afastou-se da Secretaria e assumiu o cargo de Ministro da Agricultura do Governo de Nilo Peçanha (Minsitro, 1909). Contudo, alega-se que, devido a divergências políticas entre paulistas em relação aos direcionamentos do Governo Federal, ao final de 1909, Cândido Rodrigues foi impelido a exonerar-se do cargo no Ministério (Falleceu, 1934). Nos primeiros anos da década de 1910 foi eleito senador e, em 1914, sob o governo de Wenceslau Braz, voltou a assumir o Ministério da Agricultura (Nacionais, 1914). Em 1920, lhe foi concedido, através de um decreto federal, as honras de general da Brigada do Exército Brasileiro em razão de sua participação na Guerra do Paraguai (Falleceu, 1934). Foi casado com Zulmira de Almeida Nogueira Pedroso Rodrigues, com quem teve quatro filhos: Mário, Horácio, Alice e Nadeia.

IMPLANTAÇÃO

De acordo com o pedido de aprovação municipal, datado de 1 de agosto de 1910, a Villa estava situada na Rua Sabará, na quadra localizada entre as Ruas Maranhão e Piauí, no bairro de Higienópolis. O terreno era fronteiro, como apontado anteriormente, com as moradias de seus filhos, Mário (analisada na seção 2.5 - Villa para o Dr. Mário Rodrigues) e Horácio (analisada na seção 2.7 - Villa para o Dr. Horácio Rodrigues).

O lote era irregular (em formato de “L”) e tinha maior profundidade que largura. A propriedade apresentava um desnível de cerca de um metro (ver corte

esquemático na Figura 130). O volume da residência foi implantado na parte frontal do terreno e perpendicularmente à via, com recuos laterais e afastamento do calçamento, certamente influenciado pelas orientações previstas na lei municipal nº 355 de 1898⁶. No entanto, em razão da estreiteza do terreno em sua dimensão transversal, havia uma perceptível distinção entre as áreas de frente (com uma pequena área ajardinada) e fundo (com um quintal mais comprido).

Nos fundos do lote havia duas pequenas volumetrias retangulares que, provavelmente, abrigavam uma garagem (ou cocheira) e/ou edícula.

PROGRAMA E PLANTA

As atividades internas da Villa Cândido Rodrigues foram concentradas no pavimento térreo. Os registros técnicos do projeto da residência sinalizavam a existência de um andar inferior, situado acima do nível do solo, de modo similar à Villa Luiz Piza (1904). Apesar de não terem sido localizados desenhos deste nível durante os levantamentos efetuados nos acervos da Biblioteca da FAU-USP e do AHMSP para esta pesquisa de doutorado, é plausível pressupor que o pavimento era dedicado a funções relacionadas a serviços e depósito.

Era, em linhas gerais, uma casa que seguiu o programa básico da moradia burguesa paulista da época, exceto pela ocorrência de apenas dois dormitórios, um dos quais reservado à criada. No térreo, a parte frontal da construção contava com vestíbulo, sala de jantar e sala de visitas. A sala de jantar, de forma similar a projetos anteriores de Dubugras para essa tipologia, era situada em posição central, com uma

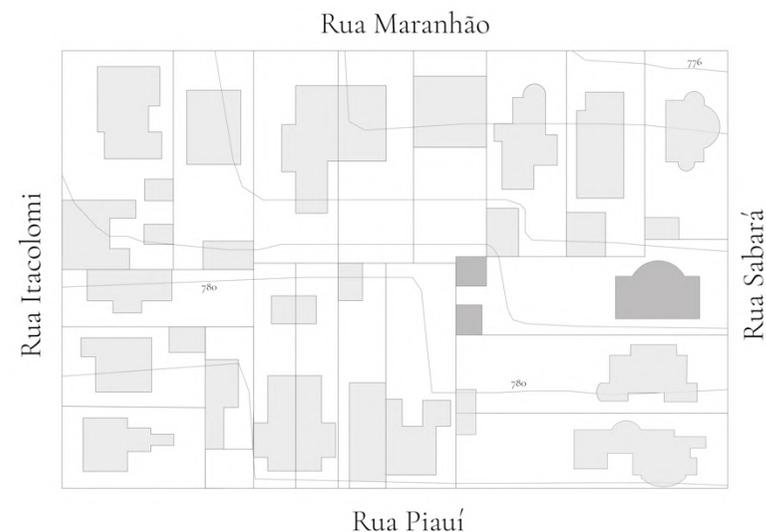
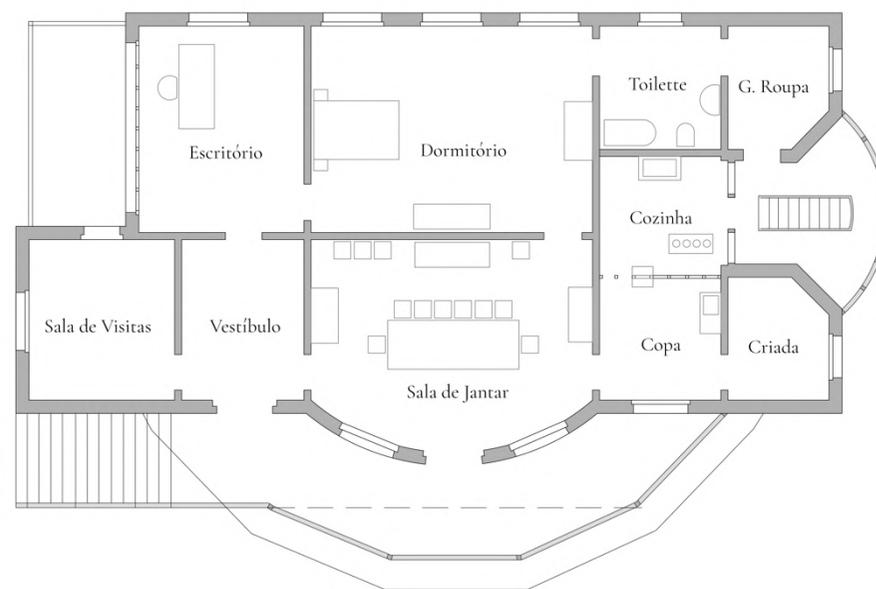


Figura 143: Implantação da Villa Cândido Rodrigues.
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como base planta cartográfica do projeto S.A.R.A Brasil (1930) e dados topográficos da plataforma GeoSampa (2023).



01- PAVIMENTO TÉRREO



Figura 144: Planta detalhada do Pavimento Térreo da Villa Cândido Rodrigues (1910).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Cândido Rodrigues (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

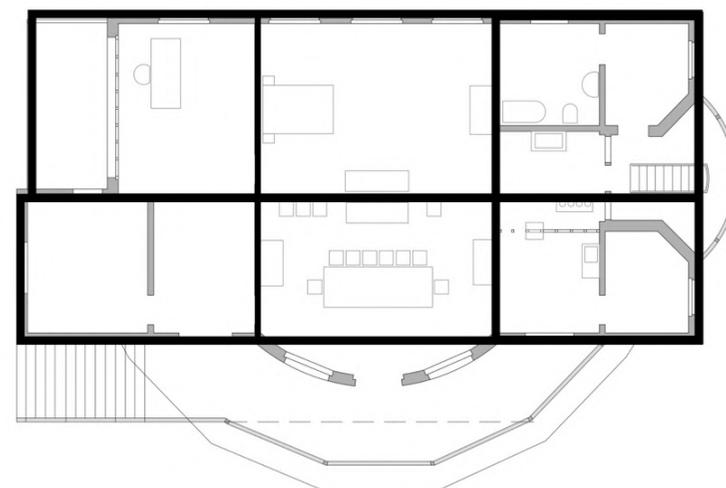
⁶ Ver mais sobre a lei nº 355 na p. 50.

parede de formato arredondado, que se atrelava a uma extensa varanda que acompanhava a geometria. A sala de visitas agregava um pequeno terraço, sendo esta de perímetro retangular. Adjacentes a esses ambientes estavam o escritório de Cândido Rodrigues, o dormitório do casal e o *toilette*, que servia como um banheiro completo.

Mais próximos ao quintal, foram dispostos ambientes como copa, cozinha, compartimento da criada e um cômodo para o cuidado e o armazenamento de roupas, ao lado do *toilette* e denominado em planta como “G. Roupas”. Defronte à cozinha, uma área sem uso indicado e dotada com uma *bow-window* (de linhas curvas e com sete janelas sequenciais) era ocupada por uma estreita escada de posição central. Esta área promovia a comunicação com o andar inferior. Percebe-se que esse espaço envidraçado propiciava uma visão privilegiada do quintal da Villa.

A planta apresentava uma geometria regular e quase simétrica, sendo formada por três seções transversais e duas partes longitudinais.

O pequeno recuo do terraço da sala de visitas irrompia a simetria da planta. Os corpos ressaltados da escadaria externa, da varanda da sala de jantar e da *bow-window* alocada na parte posterior da residência contrapunham-se à rigidez e ritmo estabelecidos na volumetria principal da Villa, trazendo maior dinamismo a composição.



01- PAVIMENTO TÉRREO

Figura 145: Divisões em planta da Villa Cândido Rodrigues (1910).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Cândido Rodrigues (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

ESPAÇOS E FLUXOS

O acesso principal era realizado por uma escadaria disposta na porção frontal da residência. Esta conduzia à comprida varanda da sala de jantar do andar térreo e, por meio dela, era possível adentrar a residência tanto pelo vestíbulo quanto pela própria sala de jantar. A configuração imposta lembra a entrada estabelecida no pavimento térreo da Villa Luiz Piza (1904).

O arranjo interno, assim como em projetos de Villas examinadas anteriormente, preservava uma metódica setorização e agrupamento de funções. As atividades sociais ocupavam grande parcela da área residencial. O setor íntimo era modesto, constituído somente pelos aposentos privativos do casal Rodrigues. A área de serviço estava restringida a uma pequena seção aos fundos da casa.

Chama atenção neste projeto a desassociação entre a sala de visitas e a sala de jantar. Os ambientes, que eram usualmente conectados na arquitetura de Dubugras, estavam afastados e eram intermediados pelo vestíbulo. Ambos estavam associados a ambientes externos. Esse posicionamento transmite a ideia de que a sala de visitas era um lugar mais reservado, não sendo necessariamente utilizado para o entretenimento de convidados para refeições. Poderia funcionar também como a sala da senhora Zulmira.

O escritório de Cândido Rodrigues tinha uma disposição interessante, sendo mantido na frente da residência, ao lado do vestíbulo e do quarto, com a janela voltada para a varanda da sala de visitas.

O projeto de Dubugras exibia uma circulação horizontal extremamente funcional e dependente da movimentação entre cômodos, visto que não havia corredores. Tal decisão projetual deu origem a situações singulares. O vestíbulo detinha configuração estratégica, promovendo as principais ligações entre a sala de jantar e o escritório e constituindo o único acesso para a sala de visitas. O dormitório tinha três entradas, todas pouco usuais: uma primeira pela sala de

jantar; outra pelo escritório de Cândido Rodrigues; e uma terceira pelo *toilette*/G. Roupas. A passagem pela sala de jantar é análoga àquela utilizada no projeto da residência de Mário Rodrigues (1909). Como a Villa de Mário foi projetada e construída antes da moradia de seu pai, é possível que Cândido Rodrigues tenha apreciado essa solução e requerido a mesma configuração.

O *toilette* do casal permitia o ingresso ao cômodo de rouparia que, por sua vez, era conectado ao ambiente com a *bow-window* e a escada. A cozinha também tinha uma passagem para esse espaço, reforçando a hipótese de que no pavimento

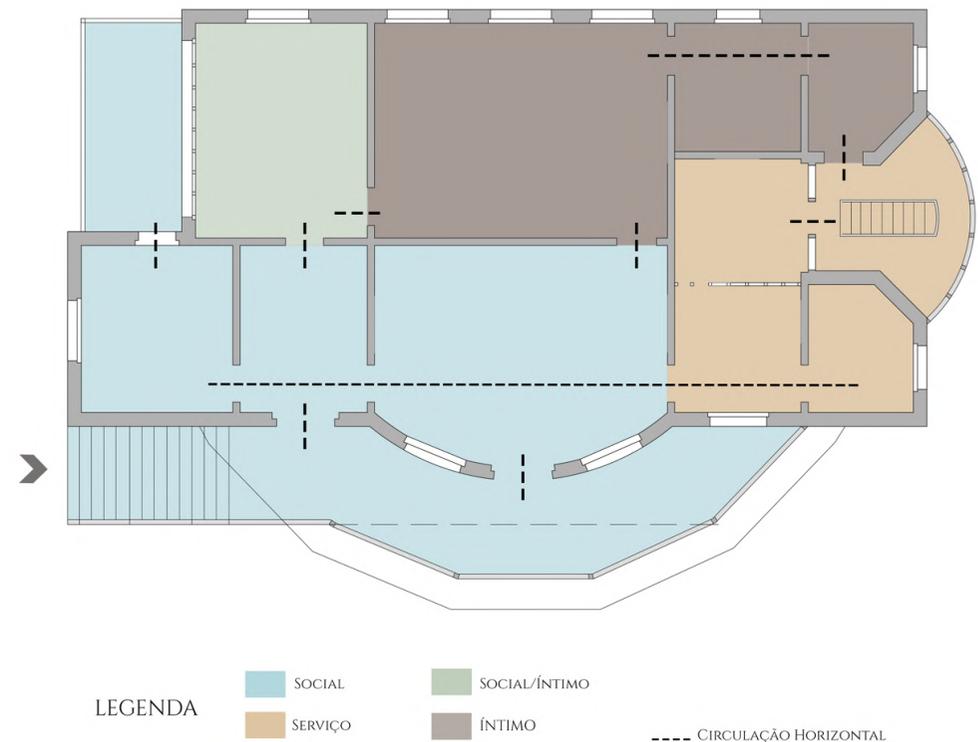


Figura 146: Relações de usos e fluxos da Villa Cândido Rodrigues (1910).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Cândido Rodrigues (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

inferior havia funções relacionadas à estocagem de mantimentos e cuidados com as roupas (lavanderia, engomagem, etc).

As circulações verticais eram sumárias, de modo que o ingresso principal dos moradores e de visitas era realizado pela escadaria que conduzia à varanda circular. Os desenhos de elevação mostram que havia uma porta no pavimento inferior, na área da *bow-window*. Esse acesso era, provavelmente, reservado aos funcionários, de modo que eles deveriam acessar a casa pela parte posterior. Essa entrada também poderia servir como o deslocamento para o quintal da propriedade.

MATERIAIS E TÉCNICAS

Em termos de procedimentos técnicos e construtivos, a volumetria principal da Villa foi projetada com fechamentos em alvenaria de tijolos revestidos por argamassa. Algumas áreas do volume no nível inferior (como pilares, contravergas, degraus da escada), preservavam os tijolos à mostra. A cobertura adotava estrutura de madeira com telhas cerâmicas.

O terraço da sala de visitas perfilhava uma discreta pérgola de madeira. Era adornada lateralmente por estreitos painéis vazados com aberturas quadriculadas. O guarda-corpo era simples, constituído por delgadas colunas e uma travessa horizontal.

Os registros projetuais mostram que a varanda da sala de jantar integrava estruturas mistas: o piso era formado por uma esbelta laje de concreto; os pilares, guarda-corpo e a estrutura de sustentação da cobertura foram construídos em madeira; a cobertura articulava também uma coberta metálica.

COMPOSIÇÃO, FACHADAS E VOLUMES

O programa de necessidades do projeto da Villa Cândido Rodrigues foi aglutinado em uma única volumetria. Ao volume ortogonal principal foram

justapostos, em faces perpendiculares, dois corpos curvos e assimétricos. Todo o conjunto mantinha uma altura regular.

A fachada frontal era conformada por um volume retangular central ligeiramente ressaltado que era ladeado pela varanda da sala de visitas e pelo principal acesso à Villa, uma escadaria. Esta era larga, não utilizava guarda-corpo e, a cada três ou quatro degraus, tinha pequenos patamares laterais. Ao atingir o pavimento térreo, a cobertura da varanda da sala de jantar prolongava-se acima da área da entrada. A seção central dessa fachada congregava linhas mais retilíneas, com uma faixa decorativa em sua porção superior com módulos de desenhos geométricos sequenciais e um frontão retangular. Este era adornado nas laterais por figuras de linhas tortuosas inspiradas na forma humana – uma temática típica do *Art Nouveau* – e ao centro por desenhos geométricos regulares e simétricos – que exibiam sintonia com recursos presentes nas obras de Mackintosh, na Escócia (tal como no painel da edificação *House for a Art Lover* (1901). As janelas eram posicionadas centralmente na seção e estabeleciam uma composição interessante: enquanto na altura do andar inferior era de formato quadrado, no nível do térreo era verticalizada e na região superior era retangular e horizontalizada. Entre os pavimentos foi inserida uma jardineira com discretos frisos. O encadeamento e o alinhamento entre as janelas e a jardineira induziam à percepção de que o conjunto formava uma única e extensa abertura envidraçada em formato de “T”. Vale sublinhar que a abertura superior no andar térreo indicava que a sala de visitas tinha um pé-direito alto, constituindo-se pela posição, dimensões e altura de um espaço privilegiado pela composição.

Na região do terraço da sala de visitas, o desenho da fachada evidencia que, abaixo do terraço, havia um ambiente demarcado por duas grandes aberturas com pilares e contravergas de tijolos à mostra. Percebe-se também que o painel lateral com recortes da pérgola foi replicado na varanda da sala de jantar. Ambas as peças foram cuidadosamente dispostas no mesmo nível e com a mesma largura da faixa decorada

do volume intermediário. Esse detalhe cooperava para a percepção de unidade e regularidade na obra.

A elevação posterior adotava uma configuração mais austera e sem ornatos, tendo como diferencial o emprego de uma destacada simetria bilateral, suavizada somente pela visibilidade da varanda lateral. As *bow-windows* do volume curvo central conciliavam duas séries de janelas encadeadas que lembravam panos envidraçados. O recurso, aliado à depuração ornamental, manifestava um encaminhamento plástico bastante precursor de tendências futuras da arquitetura. É significativo que essa experimentação de uma linguagem mais sóbria tenha se dado na fachada socialmente menos exposta, em contraste com as outras fachadas, onde havia a valorização de alguns espaços através de artifícios decorativos mais requintados e suntuosos.

O desenho expõe que, no nível da cobertura, existia um terraço guardado de um pergolado, cujos apoios eram fixos rente às faces das paredes. O ingresso a este espaço não estava indicado em planta, mas parecia estar previsto para ocorrer pela escada da área da *bow-window*.

Na fachada lateral, a faixa decorada do volume retangular frontal prolongava-se até o encontro com a varanda da sala de jantar. Esta, por sua vez, empregava a mesma linguagem da varanda da sala de visitas (com estrutura de madeira, guarda-corpo delgado e painel lateral superior com aberturas quadriculadas). Acima da cobertura metálica, havia um frontão levemente encurvado com esboços análogos àqueles criados na fachada frontal. Na extremidade posterior observava-se os prolongamentos do terraço do nível da cobertura (que, por esse desenho, nota-se que era espaçoso) e da volumetria curva com janelas sequenciais.



Figura 147: Fachada frontal e posterior, respectivamente, da Villa Cândido Rodrigues (1910).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Cândido Rodrigues (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



Figura 148: Fachada lateral da Villa Cândido Rodrigues (1910).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Cândido Rodrigues (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

Assim como na definição volumétrica, o partido arquitetônico da Villa Cândido Rodrigues particularizava-se de acordo com as fachadas.

A elevação frontal detinha uma maior influência dos traçados horizontais. Podiam ser encontrados nos painéis laterais a travessa do guarda-corpo, a pérgola, a cobertura metálica, a linha do beiral da cobertura e as linhas bem demarcadas do comprimento das varandas alocadas nas extremidades. Na porção intermediária, as relações horizontais eram mais singelas, estando presentes na faixa decorada, na janela do nível superior e na conformação do frontão, que era maior em comprimento do que em altura. A série vertical nesta fachada recebia maior destaque no perfil do corpo central (que dispunha de mais altura do que largura) e no alinhamento das compridas janelas e do frontão. Os desenhos internos ao frontão também eram profundamente caracterizados por linhas verticais. Nas alas laterais, as organizações verticais estavam aparentes nas delgadas colunas dos guarda-corpos, nos pilares de sustentação, nas janelas com folhas em estilo veneziana e na silhueta dos frontões das fachadas adjacentes.

A fachada posterior, por outro lado, valia-se em maior grau das relações verticais, particularmente nos elegantes ordenamentos das sucessões de janelas alongadas e nos esbeltos pilares de sustentação da pérgola superior. No eixo horizontal, percebe-se as sinalizações ocasionadas pela cumeeira da cobertura, o alinhamento peitoril das janelas e a comprida pérgola situada no terraço superior. Evidenciava-se também a projeção da varanda da sala de jantar.

Já a fachada lateral que abrigava a varanda da sala de jantar trazia um maior equilíbrio entre as vinculações verticais e horizontais. As linhas horizontais estavam solidamente demarcadas pela varanda proeminente da sala de jantar (através dos painéis laterais quadriculados, da travessa do guarda-corpo e do beiral da cobertura), o perfil dos degraus da entrada, o prolongamento da faixa decorativa, o peitoril do terraço superior e da pérgola e o alinhamento das contravergas das janelas. As ligações

verticalizadas podiam ser visualizadas no ordenamento entre as janelas e o frontão central, nas janelas com folha de fechamento tipo veneziana, nos desenhos internos do frontão, na extensão das janelas sequenciais da fachada posterior e nos pilares aparentes da varanda e da pérgola.

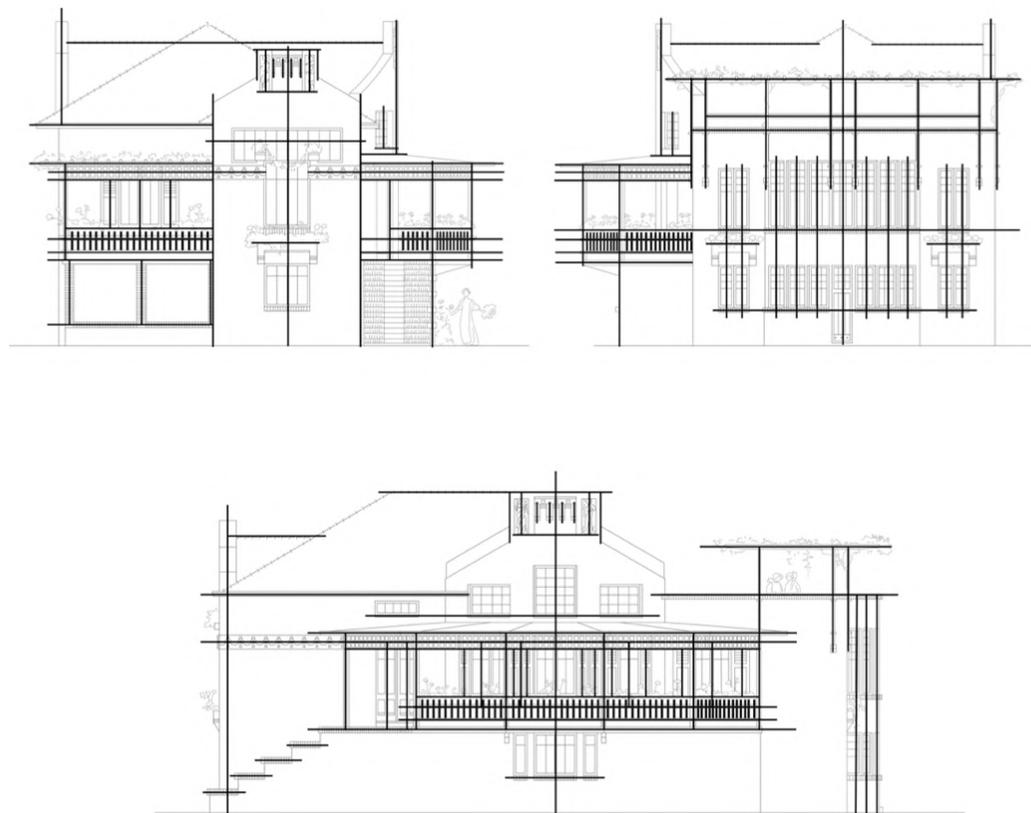


Figura 149: Esquema de linhas do partido arquitetônico da a Villa Cândido Rodrigues (1910).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Cândido Rodrigues (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



Figura 150: Villa Cândido Rodrigues (1910). Vale ressaltar que Reis Filho (1997) indica que a fotografia é da residência Horácio Rodrigues (1910). No entanto, pelas características estéticas e técnicas da volumetria, percebe-se que se trata da residência de Cândido Rodrigues. No canto inferior direito da figura é possível visualizar as cercas e um dos portões de entrada da Villa Mário Rodrigues (1909).

Fonte: Reis Filho (2005, p. 89).



Figura 151: Nas fotos da Villa Mário Rodrigues (Figura 138 e Figura 139) é possível visualizar ao fundo das imagens a Villa Cândido Rodrigues sendo erguida. Percebe-se que a porção visível da construção mostra grande conformidade com o projeto de Dubugras.

Fonte: Reis Filho (1997, p. 152).

PROCESSO DE PROJETO

No desenvolvimento projetual da Villa verificou-se uma alteração entre as configurações em planta do estudo final de Dubugras e o projeto submetido à aprovação municipal. Ao passo que, nos esboços arquivados na Biblioteca da FAU-USP, a área destinada aos serviços da residência estava indicada nos fundos da volumetria e empregava uma estética amparada na simetria, depuração decorativa e na exposição dos sistemas construtivos, a concepção expedida à municipalidade comportava uma mudança substancial. A região posterior da volumetria (que abrangia o cômodo de roupagem, o ambiente da escadaria e os aposentos da criada) foi subtraída e, em seu lugar, foi imposta uma empena cega que compreendia toda a construção em seu sentido transversal. A forma com que essa operação foi executada sugere que se tratava de uma decisão apressada e drástica, pois o desenho foi interrompido sem os ajustes necessários na interseção das paredes e a empena cega foi rascunhada (com caneta vermelha e preenchimento hachurado) por cima da cópia heliográfica seccionada.

Na cozinha, foi esquematizada com caneta vermelha uma escada paralela à empena cega (e por cima do traçado da pia previamente alocada). Possivelmente seria uma solução para o acesso ao pavimento inferior.

Ressalta-se que, junto à planta, foi anexada somente a elevação frontal, de modo que essa região da construção não chegou a ser detalhada naquele momento.

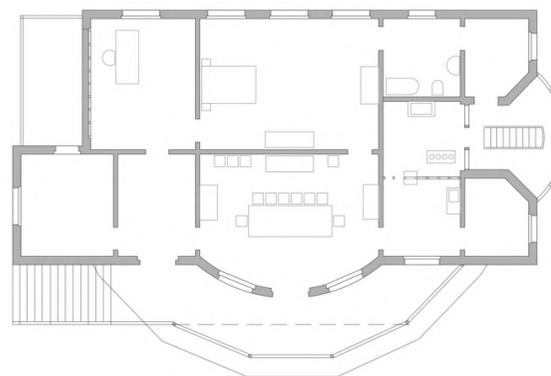
As fotos da casa construída também indicam mudanças na escada de acesso à área social, entre as quais o acréscimo de um

corrimão. Essas fotos também indicam alterações no pavimento inferior: sob a escada e a varanda lateral à sala de jantar, criou-se uma outra varanda, para a qual abriam-se uma porta e três janelas idênticas de formatos distintos das indicadas no projeto.

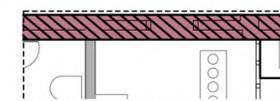
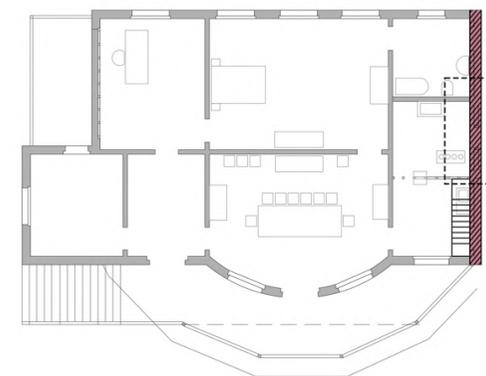
DESTINO DA CONSTRUÇÃO

A Villa foi demolida em data não identificada pela pesquisa e, em seu lugar, foi estabelecido um edifício residencial.

ESTUDO FINAL



PROJETO SUBMETIDO À APROVAÇÃO MUNICIPAL



DETALHE DO DESENHO ALTERADO

Figura 152: Modificação espacial e construtiva da Villa Cândido Rodrigues (1910).

Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Cândido Rodrigues (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP (estudo final) e Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP (projeto submetido à aprovação).

2.7 VILLA PARA O DR. HORÁCIO RODRIGUES (1910)

PROPRIETÁRIO

Filho do general e ministro da agricultura Cândido Rodrigues e irmão do político Mário Rodrigues, Horácio de Almeida Rodrigues (1881-1961) foi um empresário. Formou-se em Engenharia Agrônoma pela Escola Polytechnica, no ano de 1904, e em Direito pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, no ano de 1907 (Serviço, 1904; Collação, 1907). No início de sua carreira profissional, trabalhou como oficial de gabinete para seu pai no Ministério de Agricultura (Notícia, 1909). Em sociedade com seu cunhado, Vicente Dias Júnior (casado com sua irmã, Alice), fundou a Companhia Paulista de Energia Elétrica, que explorava a eletricidade nos municípios de São José do Rio Pardo, Socorro e Bariri (Cassassola, 2009). Foi, ao lado de seu irmão Mário, um dos diretores da Sociedade de Produtos Químicos L. Queiroz (Associação, 1920).

Em agosto de 1910, Horácio Rodrigues obteve a concessão da exploração de energia elétrica do município de Bariri, onde foi instalada uma pequena usina a vapor. Horácio (único proprietário da Empresa Força e Luz de Bariri) e Vicente (único dono da Empresa Luz e Força Santa Alice, de São José do Rio Pardo), ambos sócios da Usina Elétrica de Socorro, unificaram a exploração de energia elétrica nos três municípios. Para isso, constituíram uma sociedade anônima denominada Companhia Paulista de Energia Elétrica (Cassassola, 2009, p. 107).

Na década de 1930, tornou-se diretor da empresa Equitativa de Seguros de Vida (Falleceu, 1934). Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, foi designado como comandante em chefe do Serviço de Abastecimento das Tropas em Operação (SATO). Esteve ativamente envolvido em associações profissionais e sociais. Foi presidente da Associação Comercial de São Paulo e do Instituto de Economia de São

Paulo e um dos diretores do Automóvel Club (Necrologia, 1961). Na cidade de Santos, foi patrono do Centro Social Horácio Rodrigues, uma das primeiras instalações do Serviço Social do Comércio (Sesc) no estado de São Paulo. Casou-se, em 1909, com Elvira de Azevedo Rodrigues, e com ela teve três filhos: Conceição, Antônio Cândido e Mário (Casamento, 1909; Necrologia, 1961).

IMPLANTAÇÃO

A Villa estava situada na Rua Sabará, na quadra localizada entre as Ruas Maranhão e Piauí, no bairro de Higienópolis. O terreno fazia divisa com as moradias de seu pai, Cândido Rodrigues (analisada na seção 2.6 - Villa para o Dr. Cândido Rodrigues), e seu cunhado, o empresário e cafeicultor Vicente Dias Júnior.

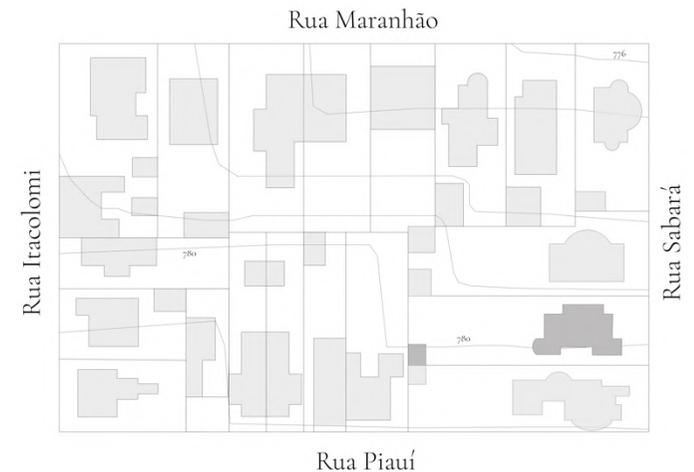


Figura 153: Implantação da Villa Horácio Rodrigues. Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como base planta cartográfica do projeto S.A.R.A Brasil (1930) e dados topográficos da plataforma GeoSampa (2023).

O lote era retangular e tinha maior profundidade do que largura. A topografia da área apresentava um desnível de cerca de um metro, com o declive orientado para a Rua Maranhão (ver corte esquemático da Figura 130). Assim como a residência de

Cândido Rodrigues, o volume da Villa foi implantado na parte frontal do terreno e perpendicularmente à via, com recuos laterais e afastamento do calçamento. Em razão da largura reduzida do terreno, percebe-se uma nítida definição da área frontal e posterior do lote.

No limite posterior do lote havia uma pequena construção retangular que, possivelmente, dizia respeito a uma garagem e/ou edícula.

PROGRAMA E PLANTA

Desenhos de estudo de Dubugras para a Villa armazenados na Biblioteca da FAU-USP, datados de julho de 1910, denotam que o programa de necessidades estava concentrado em dois pisos: o térreo e o pavimento superior, indicado pelo arquiteto como “pavimento alto”. Os registros do projeto (plantas e elevações) indicam a existência de um pavimento inferior, acima do nível do solo. Todavia, durante o desenvolvimento desta tese de doutorado, não foi localizado nenhum desenho desse andar. Tomando como referência os projetos de Dubugras para os outros membros da família Rodrigues, é possível que o andar abarcasse funções recreativas e/ou de serviços (como depósito, lavanderia, etc.).

O pavimento térreo organizava, entre outras, as atividades cotidianas de seus moradores. Contava com sala de jantar, sala de visitas, sala de música, escritório, vestíbulo e terraço. Alguns ambientes receberam tratamento diferenciado. A sala de visitas articulava um amplo pano envidraçado em formato semicircular que se sobressaía em relação ao restante do conjunto. A sala de jantar também tinha uma vasta abertura envidraçada. Esta, por sua vez, utilizava traçados retilíneos e era ligeiramente recuada. Amplas aberturas conectavam a sala de visitas, a sala de música e a sala de jantar. É interessante destacar que este é o primeiro projeto de Dubugras que integrava uma sala de música ao programa de necessidades da casa.

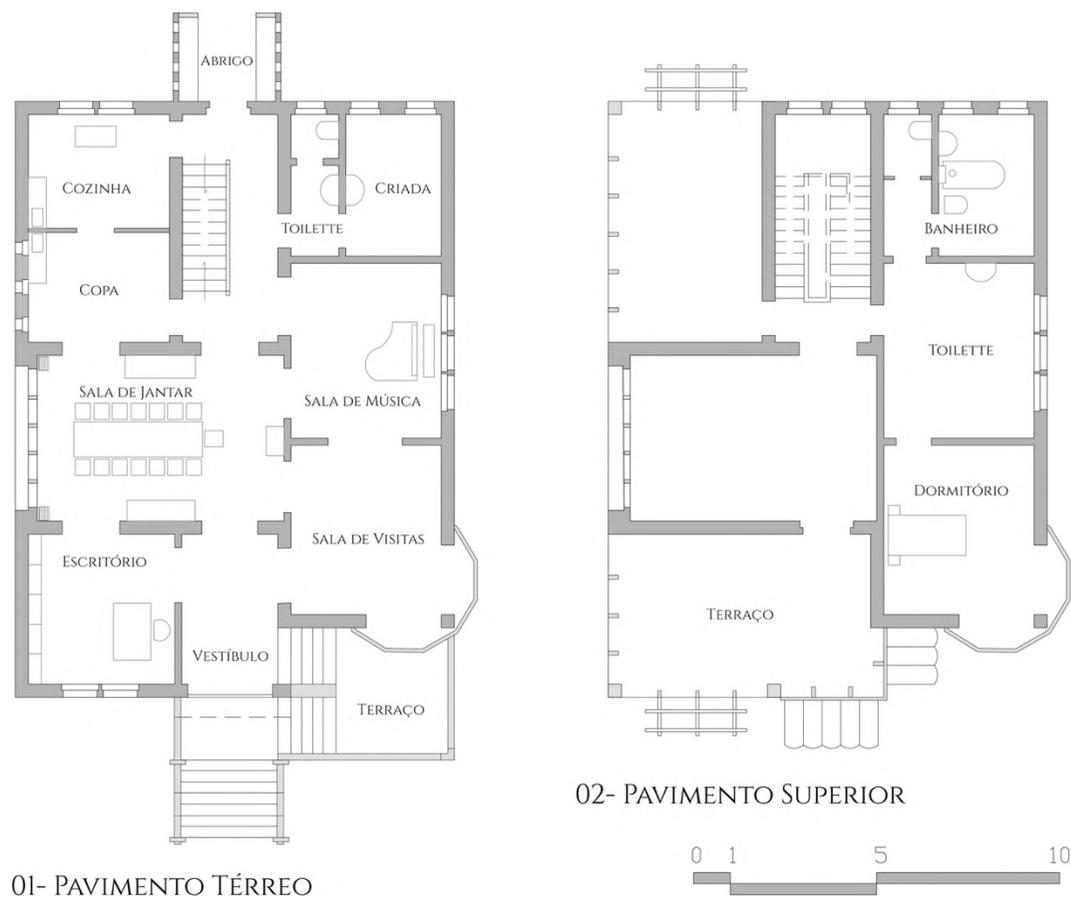


Figura 154: Plantas detalhadas do Pavimento Térreo e Pavimento Superior da Villa Horácio Rodrigues (1910).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Horácio Rodrigues (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

Aos fundos da moradia foram alocados ambientes como copa, cozinha, um aposento para criada e o *toilette*. Havia também um pequeno abrigo protegido com laje e com bancos em ambos os lados, dando vista para o quintal da residência. Pelos registros das elevações do projeto, esse ambiente parece ter sido previsto para integrar o pavimento inferior.

No pavimento superior estavam ordenados os ambientes privativos da família. Havia o dormitório do casal Rodrigues associado ao *toilette* e o banheiro. De frente aos recintos do casal, estava um cômodo de grandes dimensões e sem indicação de uso. Podia tratar-se de um quarto de hóspedes ou um dormitório para futuros filhos, visto que Horácio havia se casado com Elvira em 1909, ano anterior ao projeto de sua residência.

O andar perfilhava uma distribuição espacial similar àquela do pavimento térreo. No entanto, valendo-se das lajes de cobertura do nível inferior, foram estruturados dois terraços retangulares. Ambos flanqueavam o quarto sem designação e ofereciam vista privilegiada da área.

O projeto valia-se de uma planta de base retangular, com três subdivisões longitudinais de dimensões variadas. Enquanto os dois segmentos extremos tinham quase a mesma largura, o central era mais delgado. A seção que continha o escritório, parte da sala de jantar, copa e cozinha tinha a mesma extensão da seção que abrigava o vestíbulo, o corredor e a outra parte da sala de jantar.

A justaposição do volume curvo da sala de visitas, a comprida escadaria de acesso, o espaço do abrigo e as pequenas coberturas e pérgolas traziam maior movimento à composição, rompendo com a linearidade da volumetria principal.



Figura 155: Divisões em planta da Villa Horácio Rodrigues (1910)
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Horácio Rodrigues (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

ESPAÇOS E FLUXOS

A entrada principal da Villa era feita pela Rua Sabará por meio de uma extensa escadaria, que aproveitava um de seus patamares como terraço. O vestíbulo era acessado lateralmente e, através dele, as atividades e fluxos internos eram ordenados de modo que o cômodo mediava o ingresso à sala de jantar, à sala de visitas e ao escritório de Horácio Rodrigues. Os diferentes tipos de função eram agrupados horizontalmente em diferentes regiões dos pavimentos. Esse zoneamento não foi reproduzido no sentido vertical.

Grande parte da extensão do andar térreo era dedicada às atividades cotidianas e de entretenimento. As áreas de serviço foram concentradas na extremidade posterior da volumetria. Pode-se observar que um pequeno abrigo era mantido próximo à cozinha e ao recinto destinado à criada. Certamente tratava-se de um espaço de descanso, conversa e reflexão reservado à família e a visitas íntimas, visto que o espaço era direcionado para o amplo quintal da propriedade. Podia servir também, pela proximidade com a área de serviço, como acesso dos empregados à residência.

O escritório de Horácio Rodrigues era mantido na parte frontal da residência, podendo ser acessado pelo vestíbulo e pela sala de jantar. Esta segunda passagem permitia ao proprietário acessar o escritório evitando o vestíbulo, mais acessível a visitantes.

Já o pavimento superior alocava os ambientes de uso restrito dos moradores. Nele estavam distribuídos os cômodos de descanso e íntimos do casal e espaços de contemplação. Vale ressaltar que o terraço alocado ao lado da escada parecia prever o recebimento de visitas, pois ele não era vinculado a nenhum dormitório e tinha

conexão direta com o pavimento térreo. Chama atenção nesse andar a presença de uma segunda área de bacia sanitária dentro do banheiro do casal Rodrigues.

As circulações horizontais aplicavam duas tendências de desenvolvimento. Ao passo que no sentido transversal foram aproveitadas as interconexões entre cômodos (dois ambientes, em geral), as movimentações no sentido longitudinal tiravam proveito de grandes caminhos entre cômodos interligados por portas. Essa disposição ocorre em duas situações no andar térreo, com o trajeto escritório–sala de jantar–copa–cozinha e no percurso vestíbulo–sala de jantar–corredor de escadas–

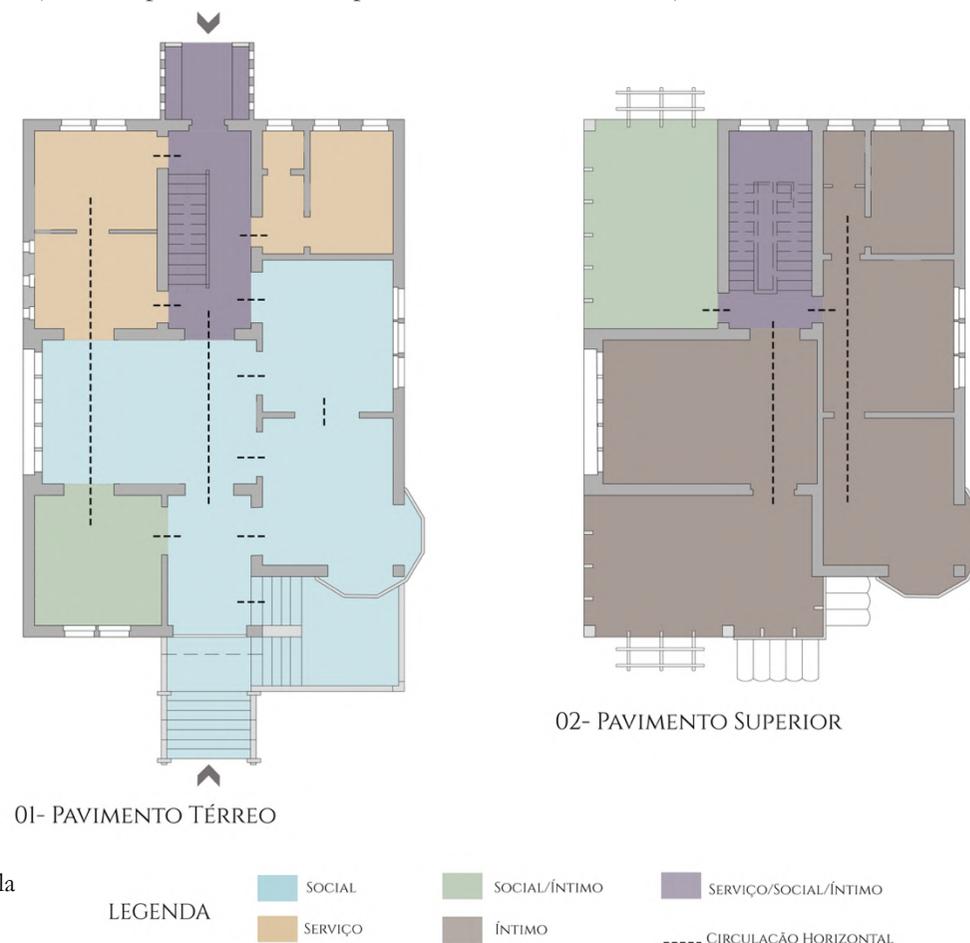


Figura 156: Relações de usos e fluxos da Villa Horácio Rodrigues (1910).

Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Horácio Rodrigues (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

abrigo. No pavimento superior, observa-se uma ocorrência semelhante na área privativa do casal: dormitório–*toilette*–banheiro. Verifica-se que essas relações se devem, em grande parte, à implementação de uma geometria retangular, que permitia dispor mais ambientes no sentido longitudinal da residência.

A sala de jantar, dentro da estruturação proposta, auferiu uma configuração de circulação horizontal privilegiada. Estava alocada na região central da volumetria e tinha conexões com todos os ambientes que a circundava - vestíbulo, sala de visitas, sala de música, escritório, cozinha e corredor de escadas.

No que diz respeito às circulações verticais, observa-se que, assim como na Villa Mário Rodrigues, todos os fluxos interligavam-se em um único conjunto de escadas. No nível térreo, há uma indicação de que a escada tanto subia quanto descia, o que corrobora com a compreensão de que havia um pavimento inferior e que a entrada de funcionários e o abrigo eram associados a ela. Algumas imprecisões do desenho – como a sinalização da passagem para o abrigo no desenho do pavimento térreo – dificultam esse entendimento.

MATERIAIS E TÉCNICAS

Os desenhos de elevação de Dubugras para a Villa revelam características que a construção terminada deveria apresentar. O projeto desta residência conciliava uma série de técnicas e materiais. A edificação aparenta ter sido construída, sobretudo, em alvenaria de tijolos revestidos de argamassa. A cobertura era resolvida em vários níveis e eram previstas lajes planas, que seriam aproveitadas como áreas de terraço. Somente a porção semicircular do prédio, que se assemelhava a um torreão, empregava uma estrutura de coberta, com pequenos beirais.

De fato, o torreão era elaborado com estruturas bastante delgadas – possivelmente metálicas – e grandes áreas de panos envidraçados. Os guarda-corpos adotados em toda a composição também empregavam estrutura metálica, com discretas decorações vazadas.

As delicadas coberturas da entrada principal eram ligeiramente inclinadas em direção à edificação e certamente adotavam estruturas metálicas em sua constituição, pois pareciam estar em balanço (visto que não estavam sinalizados tirantes). No pavimento superior havia uma pérgola no terraço frontal constituída de madeira.

COMPOSIÇÃO, FACHADAS E VOLUMES

Na definição formal da Villa Horácio Rodrigues, Dubugras congregou traços profundamente despojados, demonstrando congruência com as vertentes do *Art Nouveau* desenvolvidas no mesmo período na Europa, que seguiam motivos mais ortogonais e simplificados, tais como a *Sezession* vienense e as obras de Mackintosh na Escócia. A Villa dispunha de uma volumetria regular em seu sentido horizontal e, em sua dimensão vertical, era bastante assimétrica. Em todo o conjunto foram adotadas linhas harmônicas, de modo que as fachadas conservavam as mesmas linguagem e formas, coordenando volumes puros e ornatos sóbrios pautados, principalmente nos componentes construtivos de ângulos retos bem definidos.

A fachada frontal, que continha o acesso principal, discernia-se pelo longo conjunto de escadas e pelo pequeno hall protegido. Este era demarcado por um conjunto de coberturas em balanço, que associava um painel envidraçado de estrutura retangular. No nível superior, foi constituído um terraço dotado de uma pérgola. Lateralmente, um pequeno deslocamento volumétrico enfatizava o torreão semicircular. O conjunto tinha sua estrutura aparente e era envolto por aberturas sequenciais (maiores em comprimento do que em largura) e faixas de panos de vidro. Projetos concebidos à mesma época, como o edifício Casa Pierre Duchon e o prédio da família Souza Queiroz (1910), também coordenavam em suas fachadas volumetrias envidraçadas proeminentes. Percebe-se pela elevação frontal da Villa que havia um extenso terraço localizado no nível da cobertura que se vinculava ao torreão através de uma área coberta, tal como um mirante. Todo o perímetro do terraço era

circundado por guarda-corpos metálicos mediados por pequenos apoios de alvenaria regularmente posicionados. A estrutura da coberta continha um pequeno painel lateral de desenho quadriculado, semelhantes aos esquemas adotados nas caixilharias.

Já a fachada posterior era distinguida por corpos de alturas variadas, em que se destacava uma série de aberturas que preservavam um ritmo de disposição regular. Cada seção da volumetria utilizava janelas retangulares (maiores em altura que em largura) com padrões de dimensões distintos. É notável a quase total falta de ornamentos, de modo que a orientação plástica da composição era pautada em decisões funcionais e integradas aos processos construtivos. A linguagem empregada nas caixilharias denotava algumas aproximações com as obras de Charles Francis Annesley Voysey (1857-1941) e com os projetos de Mackintosh para a Scotland Street School (1903), a Hill House (1902 - 1904) e a Escola de Artes de Glasgow (1897). Renques de terraços arrematavam as coberturas e promoviam certa leveza aos corpos de alvenaria sólidos.

O abrigo estava alocado na região central da fachada, no nível inferior. Sua entrada era assinalada, superiormente, por um grande painel de vidro fixo e estrutura metálica de desenho quadriculado, similares aos utilizados na área coberta do terraço (ver Figura 157). Dois pequenos parapeitos com ornatos geométricos flanqueavam a abertura do ambiente e demarcavam a localização dos bancos.

Já as duas fachadas laterais atrelavam na parte central faixas de janelas verticais que iam do pavimento inferior ao nível superior e articulavam-se como um amplo pano de vidro. Eram conjuntos expressivos que, produziam um efeito plástico refinado e sóbrio. Traziam afinidades com o Palácio Stoclet (1904), Josef Hofmann e eram um recurso extensamente explorado por Mackintosh.



Figura 157: Fachada frontal e posterior, respectivamente, da Villa Horácio Rodrigues (1910).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Horácio Rodrigues (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

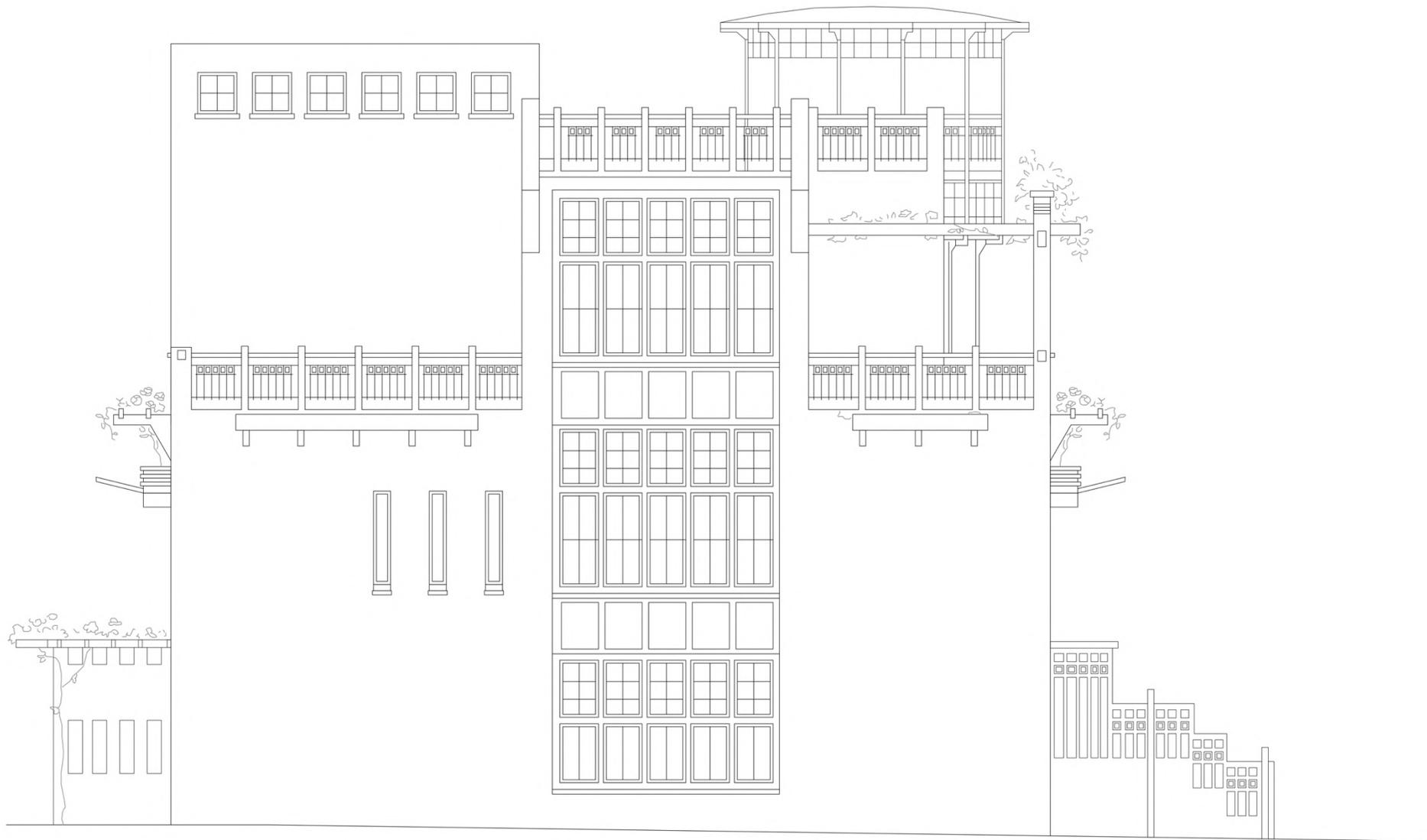


Figura 158: Fachada lateral da Villa Horácio Rodrigues (1910).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Horácio Rodrigues (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



O partido arquitetônico do conjunto tirava proveito do equilíbrio entre as associações horizontais e verticais. A série vertical empregada na Villa Horácio Rodrigues era fortemente reforçada pelas silhuetas das janelas altas retangulares e pelo cuidadoso alinhamento entre elas. Essa conjuntura, contudo, acabava por dar origem a seções de linhas horizontais resultantes dos enfileiramentos das janelas. Ressalta-se que as relações verticais produzidas no volume semicircular da fachada frontal e no pano envidraçado da fachada lateral eram muito expressivas e imponentes.

Em contrapartida, uma das sinalizações horizontais mais significativas e dinâmicas do projeto consistia nos delineamentos dos terraços presentes em todas as elevações. As espacialidades, apesar de se contraporem aos delicados traçados verticalizados dos guarda-corpos metálicos e apoios de alvenaria, auferiam representatividade na composição.

Vale apontar também o curioso e bem elaborado sistema de alternância entre linhas paralelas e perpendiculares esboçado na fachada posterior. Esse arranjo era conformado através da disposição de seções de janelas e terraços em diferentes níveis.

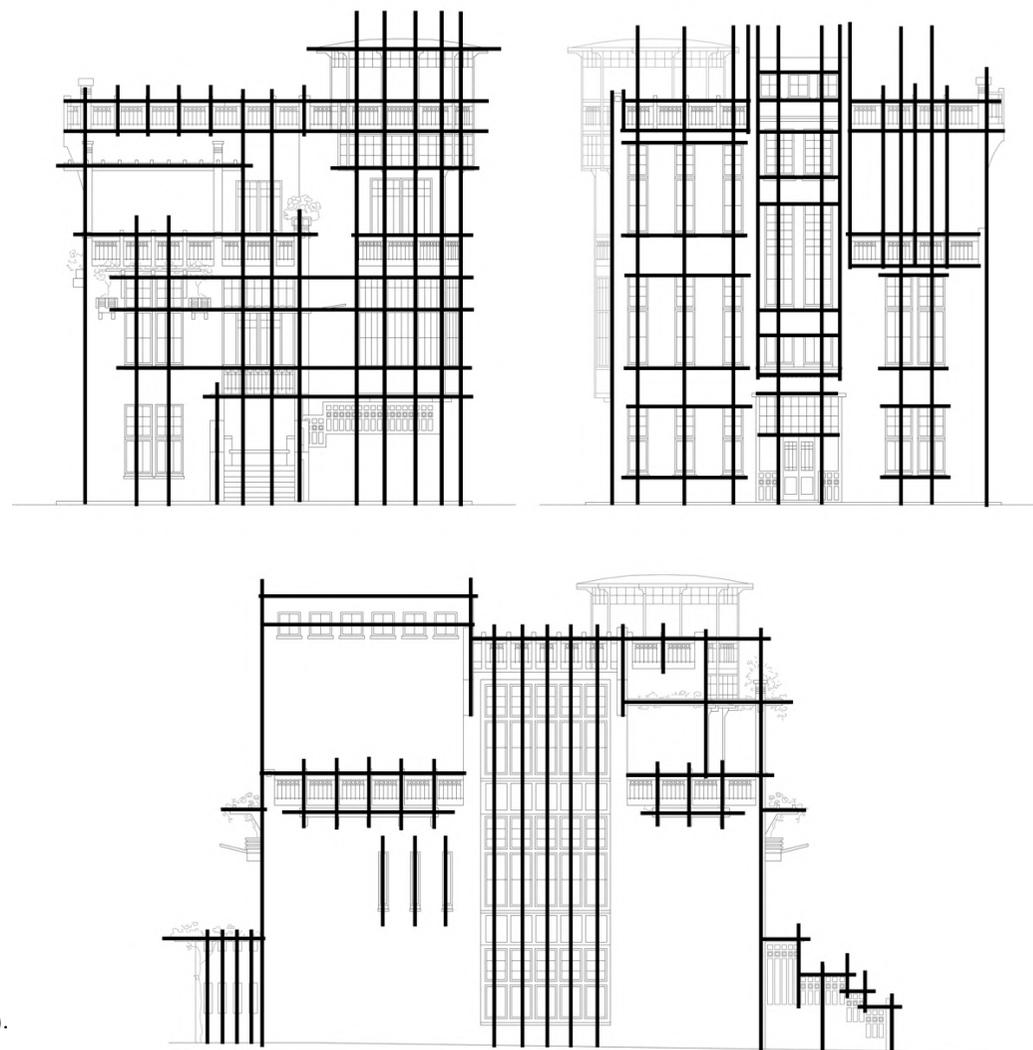


Figura 159: Esquema de linhas do partido arquitetônico da a Villa Horácio Rodrigues (1910).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Horácio Rodrigues (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

PROCESSO DE PROJETO

Um conjunto de plantas esboçadas por Dubugras no mesmo período do projeto analisado acima (também datado de julho de 1910) e mantido no Acervo da Biblioteca da FAU-USP revela a existência de um projeto alternativo para a Villa Horácio Rodrigues. Possivelmente, tratava-se de um estudo abandonado por não terem sido desenvolvidos os esboços de fachada, mas são importantes registros do processo de desenvolvimento da lógica projetual do arquiteto.

Nesse projeto, apesar do programa de necessidades também estar contido em um volume essencialmente regular e o acesso principal ser efetuado por um comprido conjunto de escadas, as distribuições espaciais eram muito distintas.

No pavimento térreo, o vestíbulo, escritório, a sala de visitas e a sala de música conservavam a mesma localização do segundo projeto da Villa. A sala de jantar estava localizada aos fundos da volumetria e, defronte a ele, foi disposto um pequeno *toilette* e uma pequena escadaria (seguramente destinada ao uso de funcionários). A cozinha e a copa também tinham disposições diferentes – eles sofreram uma rotação de 90 graus em relação ao projeto já abordado anteriormente. Ao lado da sala de jantar havia uma pequena varanda coberta em formato de um quadrante circular. A sala de jantar e a sala de música utilizavam panos de vidro e previam pérgolas superiores.

O principal acesso vertical da residência – que, provavelmente, servia para a circulação dos moradores e visitantes da residência – foi organizado como uma ampla escadaria em U e foi disposto ao lado do escritório de Horácio Rodrigues. Chama atenção que o lance mais alto da escada sobrevinha ao lado da entrada do escritório.

O pavimento superior continha os aposentos do casal Rodrigues (associado ao *toilette*), banheiro, quarto de hóspedes, cômodo para a criada

(que também era indicado como *toilette*) e um extenso terraço alocado ao lado da escadaria principal. É curioso que o recinto para hóspedes e o aposento da criada partilhavam de uma espécie de pequena antecâmara.

Neste projeto, a extensão do pavimento superior era menor, pois as regiões da cozinha, da copa e do pequeno terraço eram cobertas por lajes planas e não eram acessíveis. Os desenhos não indicam a existência de um terraço na cobertura.

Nesse sentido, verifica-se, em linhas gerais, que o segundo projeto da Villa Horácio Rodrigues tinha sua área interna mais bem aproveitada pelos ambientes, as

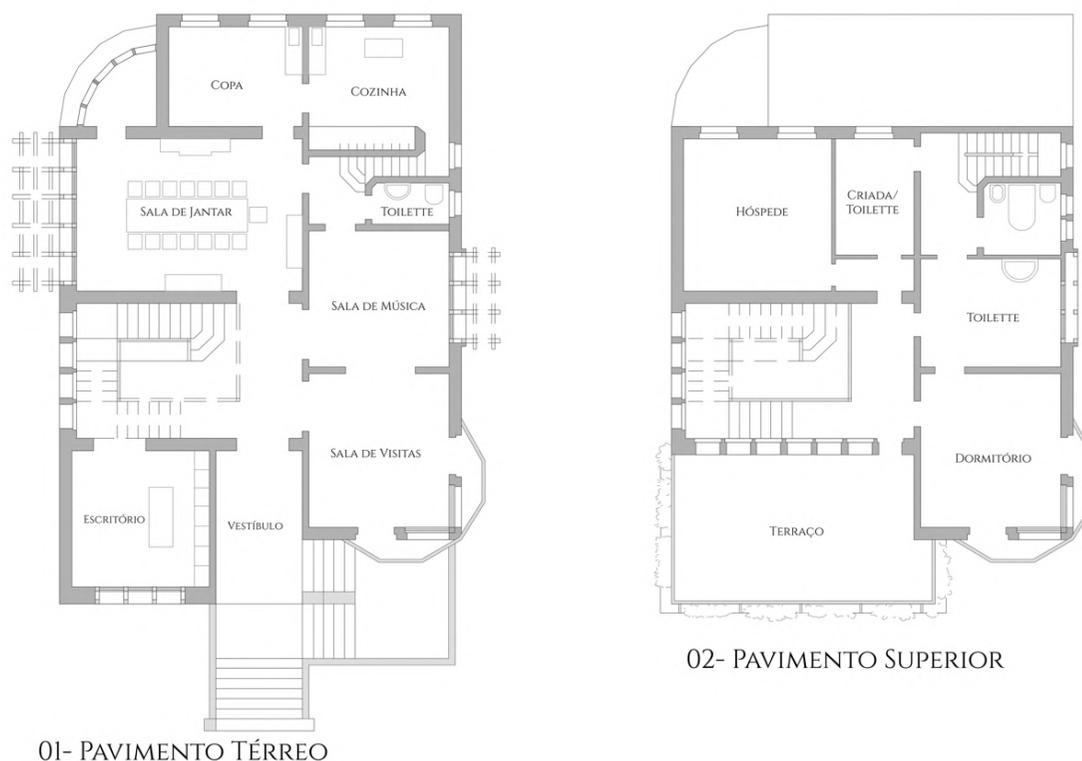


Figura 160: Projeto alternativo da Villa Horácio Rodrigues (1910).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Horácio Rodrigues (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

circulações verticais e horizontais eram mais fluidas e foram estruturados mais espaços externos.

DESTINO DA CONSTRUÇÃO

Não foi possível determinar se algum dos projetos de Dubugras para a Villa Horácio Rodrigues foi edificado ou se foram elaboradas novas versões para a residência. A ausência de fotos do imóvel dificulta a formulação de suposições nesse sentido. No entanto, percebe-se que o contorno da construção presente no levantamento aerofotogramétrico do projeto S.A.R.A Brasil (1930) (Figura 153) não corresponde ao delineamento esperado, indicando que, provavelmente, os projetos concebidos em julho de 1910 não foram construídos.

2.8

VILLA PARA O SR. VICENTE SOARES DE BARROS (1910)

PROPRIETÁRIO

Foi um abastado fazendeiro de café da cidade de São Manuel, no interior paulista (São Manuel, 1917). No início do século XX, passou a atuar também na área industrial, através da empresa Martins, Amaral & Comp., com a fabricação e manutenção de maquinários de beneficiamento de café e congêneres (A Praça, 1908). Em 1924, associou-se à empresa Ferraz & Filhos (A Praça, 1924). Foi também um dos fundadores da Cooperativa Agrícola-Comercial de São Paulo (A Classe, 1910). Casou-se com Anna Eufrosina de Barros e com ela teve quatro filhos (três mulheres e um homem), dentre os quais Sebastiana, Cândida e Vicente (Avisos, 1921; Núpcias, 1912; S. Manuel, 1912; Casamentos, 1919).

IMPLANTAÇÃO

Conforme registros dos estudos de Dubugras mantidos na Biblioteca da FAU-USP, Barros comissionou ao arquiteto o projeto de sua residência no ano de 1910 (as datações dos desenhos remontam ao período de maio a dezembro). Os documentos armazenados no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP indicam que o projeto da construção viria a ser submetido à avaliação municipal somente no ano de 1912.

A Villa estava localizada em um lote retangular de esquina entre as Ruas Itambé e Piauí. A propriedade tinha um declive acentuado em sua área central, no sentido da Rua Piauí (as linhas de curva de nível da área sugerem que era de cerca de dois metros). O volume da Villa foi posicionado no alinhamento do calçamento das

duas vias e ocupava grande parte do terreno. Cabe assinalar que a falta de recuos estava em desacordo com as orientações previstas na lei municipal nº 355, de 1898.

O acesso à propriedade era realizado por um pequeno portão lateral disposto na Rua Itambé. Aos fundos e voltado à Rua Piauí, havia um discreto afastamento do limite da propriedade. As fotografias da época da conclusão da construção (Figura 169) mostram que se tratava de um acesso secundário à propriedade (e provavelmente destinado a funcionários).



Figura 161: Implantação da Villa Vicente Soares de Barros (1910).

Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como base planta cartográfica do projeto S.A.R.A Brasil (1930) e dados topográficos da plataforma GeoSampa (2023).

Vale ressaltar que a Villa estava alocada no quarteirão transversal àquele que abrigava o conjunto de residências da família Rodrigues. Todas essas concepções foram elaboradas na mesma época, demonstrando, nesse sentido, que os projetos *Art*

Nouveau de Dubugras e sua figura profissional exerceram forte influência na caracterização arquitetônica da região.

PROGRAMA E PLANTA

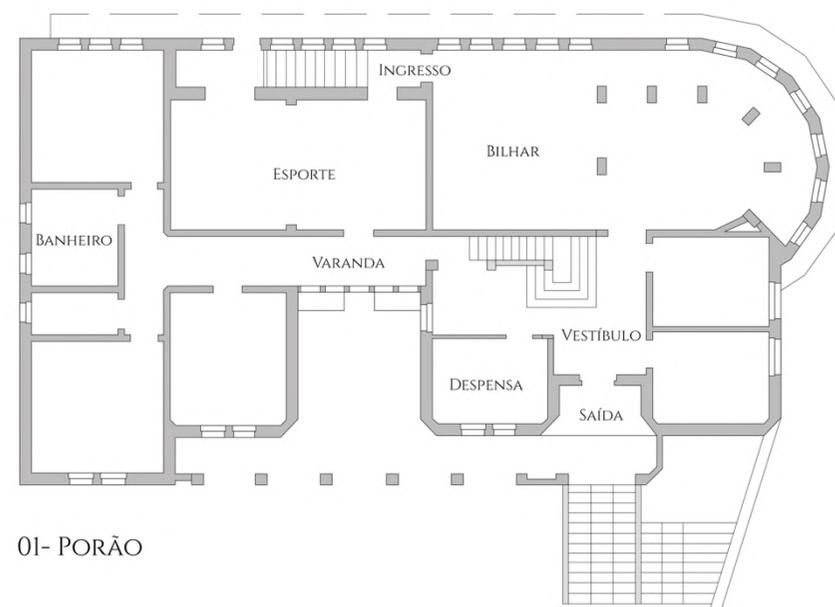
As atividades no interior da Villa Vicente Soares de Barros desenvolviam-se em dois pisos: porão e pavimento térreo. O projeto previa o uso de porão habitável, sendo este sustentado sobre muros de arrimo⁹⁷.

O porão era ocupado por duas grandes áreas de entretenimento (uma denominada como “esporte” e outra voltada para jogos de bilhar), um banheiro e uma pequena varanda. Aos fundos, estavam dispostos um vestíbulo e uma despensa. Havia diversos outros cômodos cujos usos não estavam indicados nos desenhos. É possível que alguns deles fossem usados como quartos para empregados (como criada, cozinheira, etc.), lavanderia, adega, entre outros.

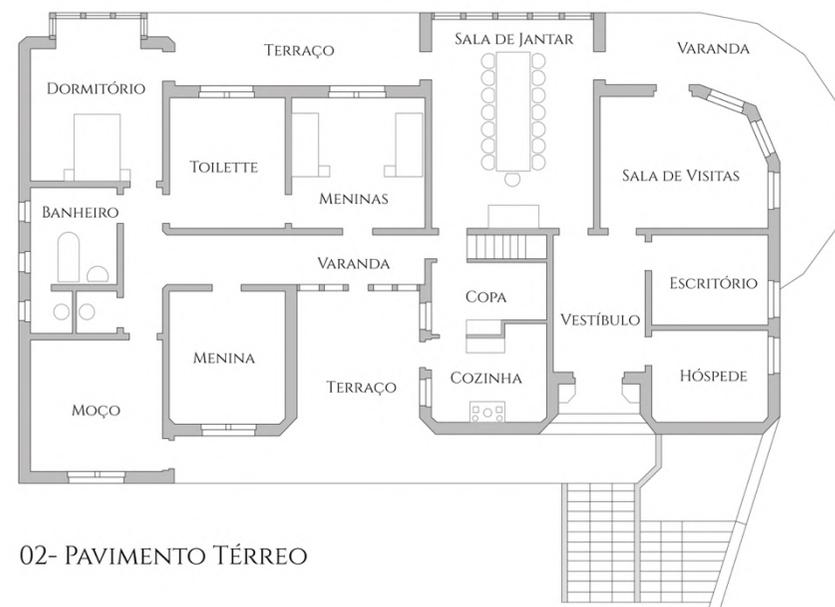
Parte do andar térreo – compreendido pela área disposta para a Rua Piauí – avançava para além do perímetro do porão. Nele, estava alocada a maior parte das funções destinadas à vida cotidiana da família. Havia uma nítida separação entre as áreas franqueadas aos moradores e as visitas e serviços. Metade da residência resguardava as áreas de repouso dos moradores, contando com três dormitórios (o do casal Barros, o quarto do filho Vicente, um quarto dividido por duas filhas, denominado em planta por “meninas”, e outro reservado à terceira filha), um *toilette* e um banheiro – com as áreas de banho (chuveiro e banheira) separadas da cabine sanitária. No outro lado da casa estavam dispostos um segundo vestíbulo, sala de jantar, sala de visitas, escritório, quarto de hóspedes, cozinha e copa. A sala de visitas

Figura 162: Plantas detalhadas do Porão e Pavimento Térreo da Villa Vicente Soares de Barros (1910).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Vicente Soares de Barros (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP e Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.



01- PORÃO



02- PAVIMENTO TÉRREO



⁹⁷ Para maiores detalhes sobre o tema, ver o item “Materiais e Técnicas”.

incorporava uma parede em formato curvo e era associada a uma ampla varanda de geometria análoga.

Foram conformados dois terraços entre as duas seções da residência: um maior na região frontal, entre a cozinha e os quartos dos filhos, e outro menor na parte posterior, entre o dormitório do casal e a sala de jantar. Havia também uma pequena varanda (idêntica àquela do porão) defronte ao dormitório partilhado pelas duas filhas.

O projeto era composto por uma planta de núcleo ortogonal, com variadas seções verticais e longitudinais de diferentes dimensões. O andar térreo valia-se de uma distribuição interna mais fragmentada que o porão. Os volumes formados pela varanda encurvada e a escadaria de acesso acoplavam-se e sobressaíam-se no conjunto.

ESPAÇOS E FLUXOS

O acesso principal à propriedade ocorria pela Rua Itambé por meio de um pequeno portão lateral que conduzia a um expressivo conjunto de escadas em formato de “U” e ao terraço do pavimento térreo. A partir dele, foram organizados quatro diferentes ingressos: por meio do vestíbulo, pela cozinha, pela estreita varanda coberta da região dos quartos e pelo dormitório do filho do casal Soares de Barros, Vicente. Havia outras duas entradas secundárias coordenadas no pavimento do porão: uma primeira que se dava por uma pequena escada alocada perpendicularmente ao conjunto principal de escadas e levava a um segundo vestíbulo (esse esquema não estava exposto nas plantas, mas as fotografias da construção e a Figura 165) revelam a configuração) e outra através da Rua Piauí, onde uma estreita escadaria conduzia à sala de bilhar.

O arranjo interno buscava agrupar nos pavimentos as atividades de um mesmo setor de uso. O pavimento térreo agrupava a maior parte das atividades cotidianas, orientando em uma extremidade os aposentos da família e, na outra, as

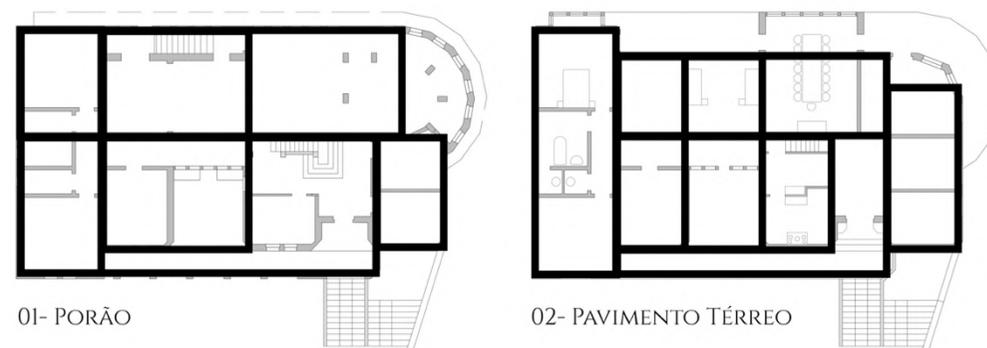


Figura 163: Divisões em planta da Villa Vicente Soares de Barros (1910).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Vicente Soares de Barros (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP e Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

áreas sociais. Nas cercanias do vestíbulo e na parte frontal da residência estavam alocados uma pequena seção das funções de serviço (voltadas ao preparo de refeições), o dormitório de hóspedes e o escritório de Vicente Soares de Barros. Essa disposição proposta por Dubugras sobressai-se tanto pelo posicionamento de funções de serviço e do quarto de hóspedes nas proximidades da entrada, quanto pela indicação do escritório na parte mais interna da casa (visto que, em situações semelhantes em projetos anteriores, o escritório estava alocado nas imediações da porta de entrada).

A sala de jantar partilhava espaços externos tanto com a sala de visitas, quanto com o dormitório do casal. Não obstante, percebe-se que as relações de usos estavam francamente associadas às espacialidades atribuídas aos espaços: enquanto a varanda que flanqueava a sala de visitas trazia um contorno mais curvo, era coberta e propiciava paisagens panorâmicas das Ruas Piauí e Itambé – sendo, nesse sentido, mais aprazível para a recepção de visitas –, o terraço anexo ao quarto era menor, não associava uma cobertura e tinha vista somente para a Rua Piauí, tendo, em certa medida, uma atribuição de utilização mais restrita.

O porão, por sua vez, desempenhava funções fortemente associadas à socialização entre os moradores e as visitas. Trazia também, em sua parte frontal, algumas atividades voltadas aos serviços da residência. Como alguns cômodos não apresentam legendas de destinação de uso é provável que se tratasse de áreas voltadas tanto para uso social (na porção esquerda do desenho da planta), quanto de serviços complementares (na porção direita da planta).

As circulações horizontais foram acentuadamente exploradas no projeto, de modo que diversos espaços eram conectados entre si através de portas e pelos terraços. Verifica-se que no andar térreo foi instituído um amplo circuito de movimentação que permeava e conectava grande parte dos cômodos. Havia uma comprida conexão entre os ambientes que faziam o perímetro da casa: sala de visitas – terraço – sala de jantar – terraço – dormitório – corredor – quarto do moço – terraço – vestíbulo – sala de jantar ou sala de visitas. Existiam outros renques de interligações secundárias (e mais internas à casa) que se interligavam a esse caminho. No andar do porão, as circulações horizontais eram intermediadas pelo corredor formado pela varanda coberta e pelo vestíbulo.

Ocorria uma diferenciação de tratamento nas circulações internas dos espaços íntimos dos filhos. O dormitório que acomodava duas filhas (designado em planta como “meninas”) era o único associado a um *toilette* e tinha duas entradas, uma pelo *toilette* e outra pela pequena varanda. Vale ressaltar que os dormitórios de todas as filhas

estavam dispostos nas cercanias dos aposentos do casal Soares de Barros. Já o quarto do filho (chamado em planta de “moço”) tinha uma entrada pelo terraço e outra voltada para a área dos outros dormitórios. Essa passagem independente lembra a solução empregada no projeto da Villa Luiz Piza (1904) para os quartos de Marcello e Lelio.

Verifica-se que as circulações verticais internas eram sumárias e todos os tipos de movimentação da casa eram intermediados pelo conjunto de escadas posicionado na região central da volumetria. Era uma composição curiosa, posto que, enquanto no andar do porão a escadaria tinha maiores dimensões, um desenho mais imponente

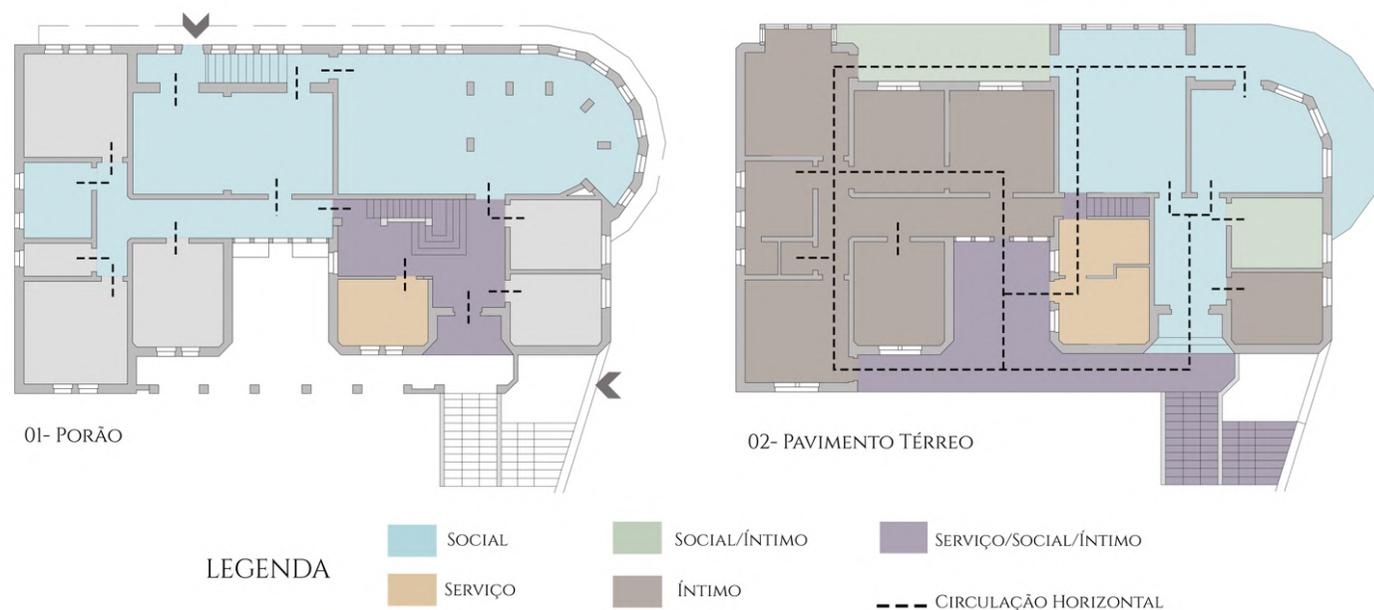


Figura 164: Relações de usos e fluxos da Villa Vicente Soares de Barros (1910).
 Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Vicente Soares de Barros (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP e Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

e relacionava-se com o vestíbulo, no nível do térreo era simples e discreta, posicionada em um pequeno corredor entre a sala de jantar e a copa.

MATERIAIS E TÉCNICAS

A residência foi edificada sobre um muro de arrimo de cerca de dois metros. Conforme apontado anteriormente no item “Implantação” (ver Figura 161), verificou-se que o lote da Villa Vicente Soares de Barros tinha um declive de cerca de dois metros em sua parte central. Identificou-se, por meio da medição de desnível de um desenho de estudo de elevação de Dubugras para a residência, preservado no Acervo da Biblioteca da FAU-USP (Figura 165), que, no sentido da Rua Itambé, também havia um certo desnível, de cerca de 75 centímetros. Dentro dessa perspectiva, a decisão projetual de erguer a construção sobre um muro de arrimo era justificável sob o ponto de vista estrutural. Sob a ótica espacial, a elevação dos andares provia um certo destaque volumétrico para a casa em seu contexto arquitetônico e construtivo.

A residência foi edificada sobre um muro de arrimo de cerca de dois metros.

O andar do porão foi concebido com três metros e meio de altura e o pavimento térreo apresentava 4,2 metros de pé direito. Reis Filho (1997, p. 53) pondera sobre relações de altura instituídas: “O projeto previu um porão habitável que, na fachada da Rua Piauí, sobre um muro de arrimo, aparecia com cerca de cinco metros, mais alto portanto do que o andar nobre”.

As fotografias do prédio concluído e desenhos de Dubugras para a construção denotam que ela empregava paredes de alvenaria de tijolos revestidos de argamassa. Seu projeto conciliava um amplo telhado de estrutura de madeira de arcabouço único. Era uma cobertura bastante recortada e previa a utilização de tesouras de madeira de desenhos diversos. Empregava discretos

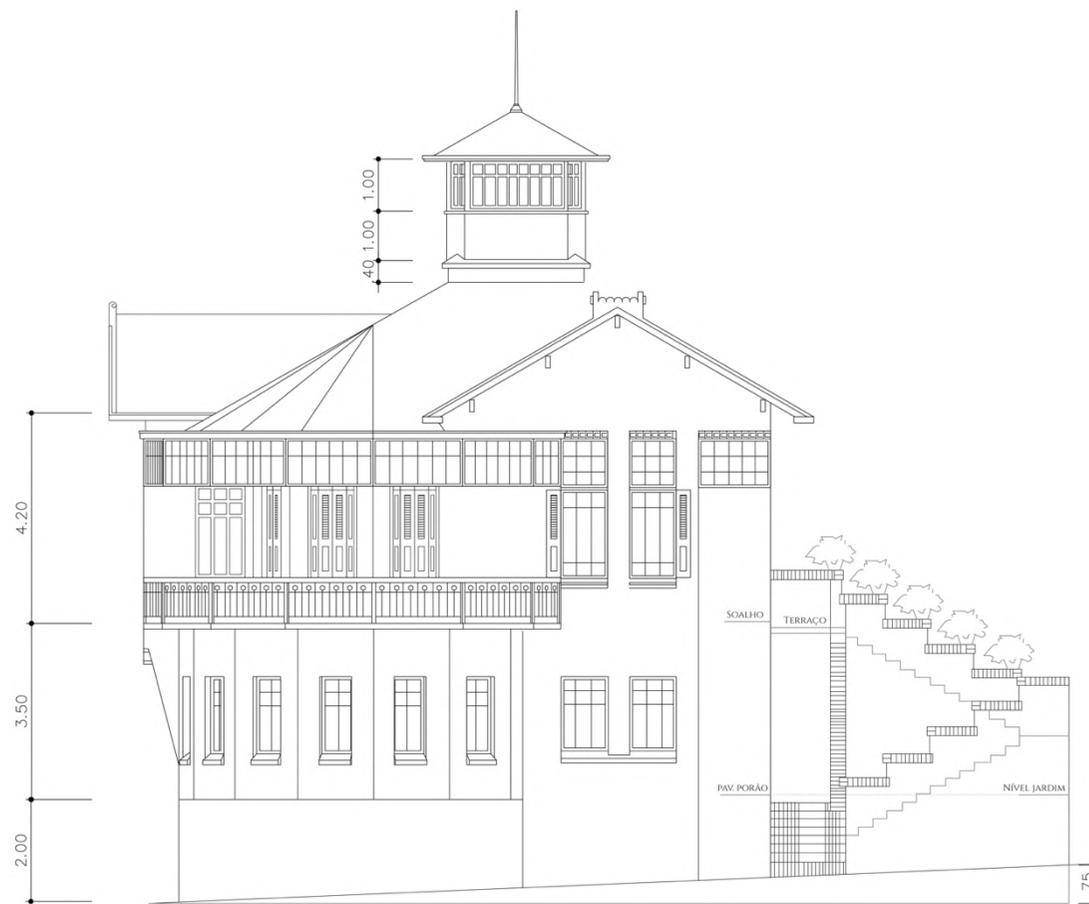


Figura 165: Estudo de elevação da Villa Vicente Soares de Barros (1910), com destaque para as relações de alturas dos pavimentos e para a relação entre a escadaria do pavimento térreo e a escada de acesso ao andar do porão.

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Vicente Soares de Barros (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

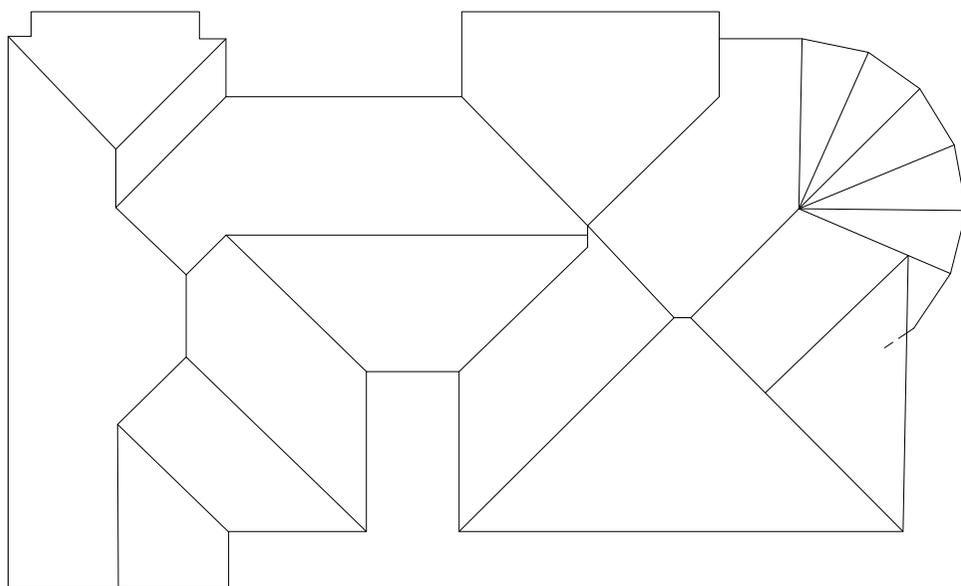


Figura 166: Esquema da cobertura da Villa Vicente Soares de Barros (1910).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Vicente Soares de Barros (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP

beirais e telhas cerâmicas do tipo germânica. Cabe destacar que os esboços de Dubugras para o projeto sugerem que o telhado agregava, em diversos pontos de sua extensão, pequenas aberturas de ventilação e iluminação.

A coberta da varanda, que circundava a sala de visitas e a sala de jantar, perfilhava lateralmente estreitos painéis vazados, a exemplo daqueles utilizados na Villa Cândido Rodrigues (1910). No terraço entre a sala de jantar e o dormitório do casal Soares de Barros, o projeto indicava a presença de uma pequena pérgola de madeira. Os guarda-corpos eram metálicos, com discretos desenhos geométricos de linguagem *Art Nouveau*. Todas essas áreas traziam porções de laje em balanço, que se prolongavam para além do contorno do porão.

As duas volumetrias salientes do andar térreo – que correspondiam à sala de jantar e ao dormitório do casal – eram arrematadas em estrutura de madeira com compridas janelas retangulares. Era “[...] um tipo de solução que só seria retomada pelo modernismo, nos anos 40” (Reis Filho, 1997, p. 53).

COMPOSIÇÃO, FACHADAS E VOLUMES

A Villa Vicente Soares de Barros foi concebida como uma volumetria assimétrica e recortada. Associava tanto geometrias curvas quanto retilíneas, de modo que a coesão projetual decorria da manutenção de alguns poucos componentes, tais como as aberturas de geometria retangular (mais alongadas em altura do que em largura) e o desenho do guarda-corpo do pavimento térreo. O conjunto conservava uma altura predominantemente homogênea, sendo interrompida somente pelo expressivo torreão deslocado do centro da composição. Nele, panos envidraçados percorriam a extensão do volume e auxiliavam na definição de uma espécie de mirante⁹⁸. Um comprido pináculo arrematava a composição e enfatizava sua verticalidade.

A fachada voltada à Rua Piauí dispunha de dois corpos retangulares ressaltados mediados pelo terraço conformado entre o dormitório principal e a sala de jantar. O bloco alocado na extremidade do conjunto contava com três janelas retangulares sequenciais e trechos de estrutura de madeira que se prolongavam até o limite da volumetria – e cujo esquema geral trazia uma discreta reminiscência da estética da arquitetura em estilo Tudor. As demarcações verticais do madeiramento também lembravam o desenho estabelecido na Villa Bloemenwerf, de Van de Velde (1895).

⁹⁸ Reis Filho (1997) sugere que o componente deveria servir também como abrigo da caixa d’água. É importante evidenciar que as plantas não distinguem como se daria o acesso a esse espaço.

O volume alocado próximo à esquina também adotava essa linguagem. Contudo, esse associava um grupo de cinco janelas, “[...] das quais as duas laterais eram mais baixas do que as centrais” (Reis Filho, 1997, p.53) e um frontão superior com um modesto arremate geométrico em vocabulário *Art Nouveau* – constituindo-se como um lembrete do comprometimento de Dubugras com o estilo. Já o terraço era dotado de uma pérgola de madeira (que era engastada entre os dois volumes) e guarda-corpo metálico com peças verticais de desenho alternado.

No andar inferior foram implementadas séries de janelas que conservavam o alinhamento em relação às aberturas superiores. Ao lado da porta de acesso ao porão, quatro janelas escalonadas e retangulares transpareciam a posição da escada na fachada. Esse recurso havia sido utilizado por Dubugras no projeto de sua residência (1896), na Alameda Lima⁹⁹. Na área entre as esquinas das Ruas Piauí e Itambé, o arquiteto tirou proveito da geometria do terreno para a conformação encurvada do volume. A varanda do térreo era demarcada pela cobertura inclinada e pelo guarda-corpo *Art Nouveau* (análogo ao do terraço). No andar inferior, janelas regularmente dispostas traziam ritmo à composição.

A implantação no perímetro do lote de esquina implicou em uma importante decisão de projetual, que foi o prolongamento da linguagem da fachada da Rua Piauí para a fachada da Rua Itambé. A continuação das volumetrias representadas pela varanda e pelas aberturas sequenciais do porão contribuíram para a manutenção de uma maior harmonia e integração plástica do conjunto.

As fotografias do prédio e o estudo da elevação para a Rua Itambé (Figura 165) revelam que a cobertura utilizava o mesmo arremate *Art Nouveau*. A escadaria de acesso, que parece ter sido concebida em alvenaria de tijolos, não previa a utilização de guarda-corpo e a cada grupo de três ou quatro degraus formavam-se pequenos

patamares. O recurso proposto era similar ao desenvolvido para a entrada da Villa Cândido Rodrigues (1910).

Vale ressaltar que as imagens da construção terminada indicam que a fachada voltada para o fundo do lote, no sentido da Rua Piauí, utilizava uma solução mais sóbria e simples, com renques de janelas alinhadas e sem ornatos. Nesse sentido, percebe-se que, a despeito dos arremates das coberturas, o projeto da residência não empregava decorações gratuitas, de modo que a fisionomia estética estava atrelada aos processos construtivos e técnicos.

⁹⁹ Ver projeto em p. 77-79.



Figura 167: Elevação da Villa Vicente Soares de Barros (1910), no sentido da Rua Piauí.
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Vicente Soares de Barros (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



A composição arquitetônica empregava uma variedade de ordenações verticalizadas. Estavam solidamente representadas pelas silhuetas das portas e janelas altas retangulares e pelo alinhamento entre elas, pelas linhas de estrutura dos volumes que sobressaíam à Rua Piauí e pelo expressivo torreão envidraçado e seu pináculo alongado. Os discretos montantes de comprimentos alternados dos guarda-corpos também traziam um interessante dinamismo das relações verticais presente no conjunto.

A série horizontal, por sua vez, era notabilizada pelo sistema estabelecido entre os enfileiramentos de batentes das janelas, os corrimões e lajes de suporte da varanda e do terraço. A extensão da cumeeira da cobertura principal e os beirais das coberturas também assinalavam as linhas horizontais.

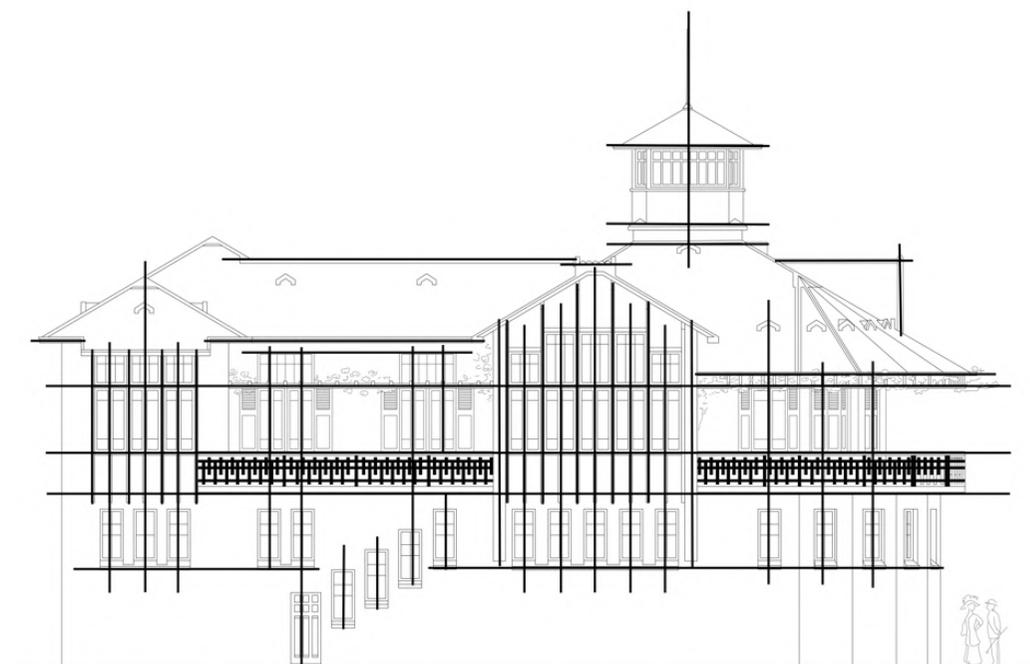


Figura 168: Esquema de linhas do partido arquitetônico da Villa Vicente Soares de Barros (1910).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Vicente Soares de Barros (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

Figura 169: Villa Vicente Soares de Barros (1910), com vista para a Rua Piauí.
Fonte: Reis Filho (1997, p.156).



Figura 170: Villa Vicente Soares de Barros (1910), vista da esquina entre a Rua Itambé com a Rua Piauí.
Fonte: Reis Filho (1997, p.156).





Figura 171: Villa Vicente Soares de Barros (1910), com vista da entrada principal pela Rua Itambé.
Fonte: Reis Filho (1997, p. 157).

TRATAMENTO FORMAL INTERNO

Uma série de elementos interiores foi projetada por Victor Dubugras. Os registros presentes no Acervo da Biblioteca da FAU-USP revelam que, entre dezembro de 1910 e janeiro de 1911, o arquiteto detalhou a marcenaria de alguns móveis que comporiam a sala de jantar.

Uma comprida mesa de jantar de madeira com seis apoios integrava, abaixo do tampo de peroba, estreitas gavetas com puxadores metálicos de contornos geométricos. Próximo à mesa, foi sinalizada uma prateleira com tampo de mármore e suportes decorados. Circundando as paredes, foram propostos *boiseries* de madeira com motivos retangulares que dialogavam com as almofadas das portas.

As cadeiras da mesa de jantar eram de estrutura de madeira com pernas levemente arqueadas, forros dos assentos e encostos em sola de couro e tacheamentos de perfis retangulares. O assento dispunha, em sua parte inferior, de costura aparente com ponto em formato de zigue zague. Os discretos frisos dos pés eram análogos aos da mesa.

Na parede mais próxima à copa e entre duas portas foi prevista uma cristaleira integrada com *buffet*. O móvel, cuidadosamente detalhado, empregava estrutura de madeira com numerosos recortes em espelho e vidros, ferragens e puxadores metálicos com linhas geométricas e frisos horizontais em baixo relevo na parte superior (que se assemelhavam aos propostos nas portas do cômodo). O tampo do *buffet* era de mármore (conservando a materialidade utilizada para a prateleira próxima à mesa de jantar). Os recortes ortogonais e a solidez da peça mostravam afinidades com o mobiliário concebido por Mackintosh para a *Hill House*. Vale ressaltar que, dentro da produção de Dubugras, esse móvel seguia uma estética diversa à do *buffet* concebido na década anterior para a Villa Horácio Sabino (1903).

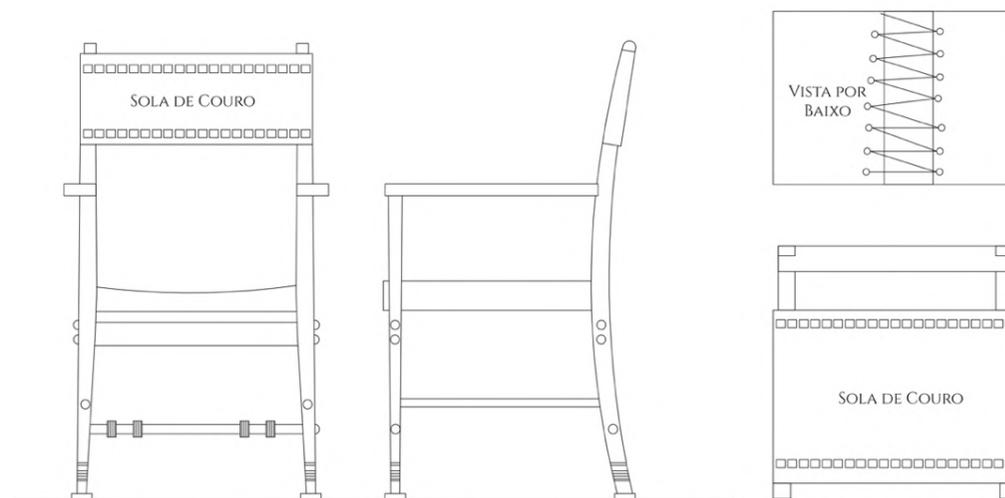


Figura 172: Cadeiras da sala de jantar da Villa Vicente Soares de Barros (1910).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Vicente Soares de Barros (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

Em outubro de 1911, projetou para o vestíbulo da Villa um relógio de chão, que associava porta guarda-chuva e cabideiro. É possível supor a existência de um espelho no retângulo definido sob o relógio. Utilizava estrutura de madeira com ferragens metálicas de linguagem geométrica. Trazia uma pequena prateleira acima da barra que envolvia o porta guarda-chuva. Anotações indicavam a presença de pequenas portas laterais. Era uma peça versátil e funcional, quase desprovida de ornamentos, contando apenas com discretos frisos acima do relógio e as decorações retilíneas do porta guarda-chuva.

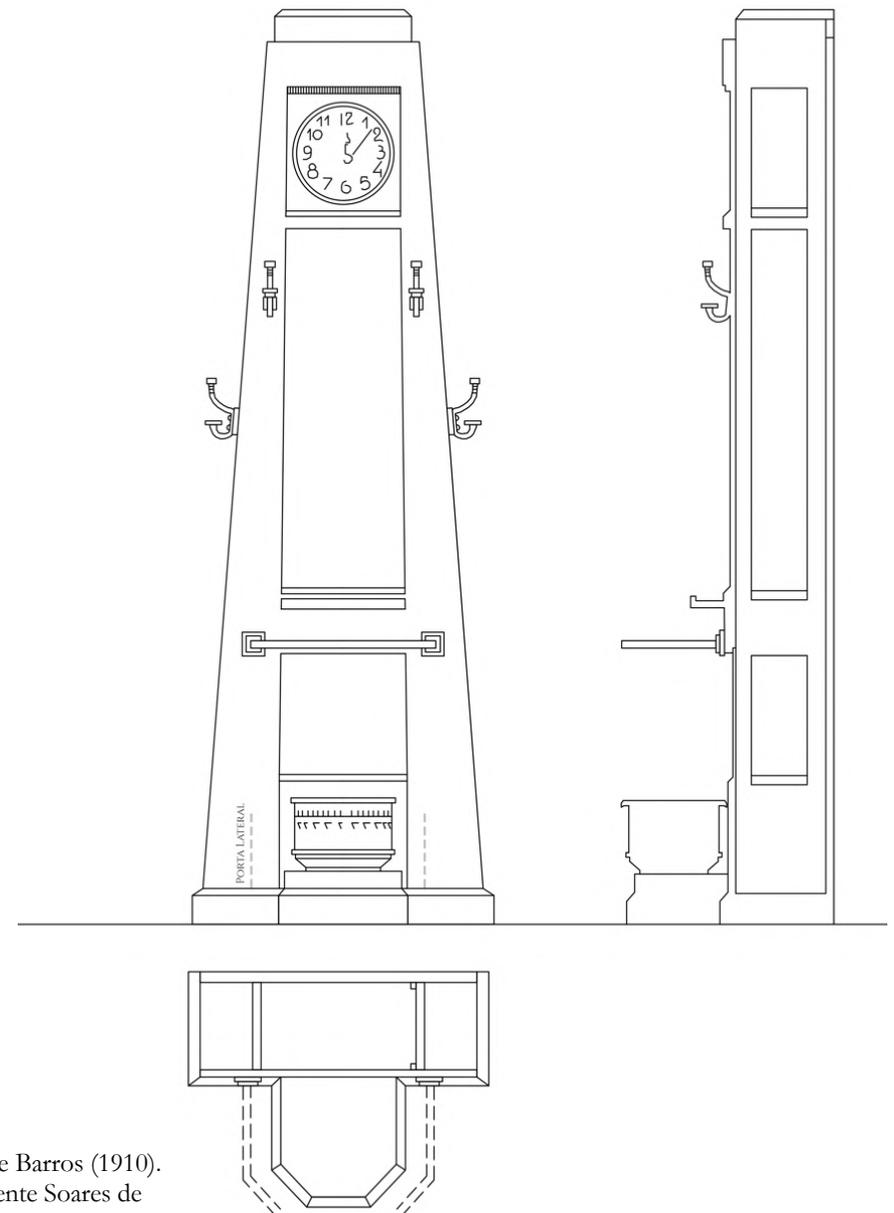
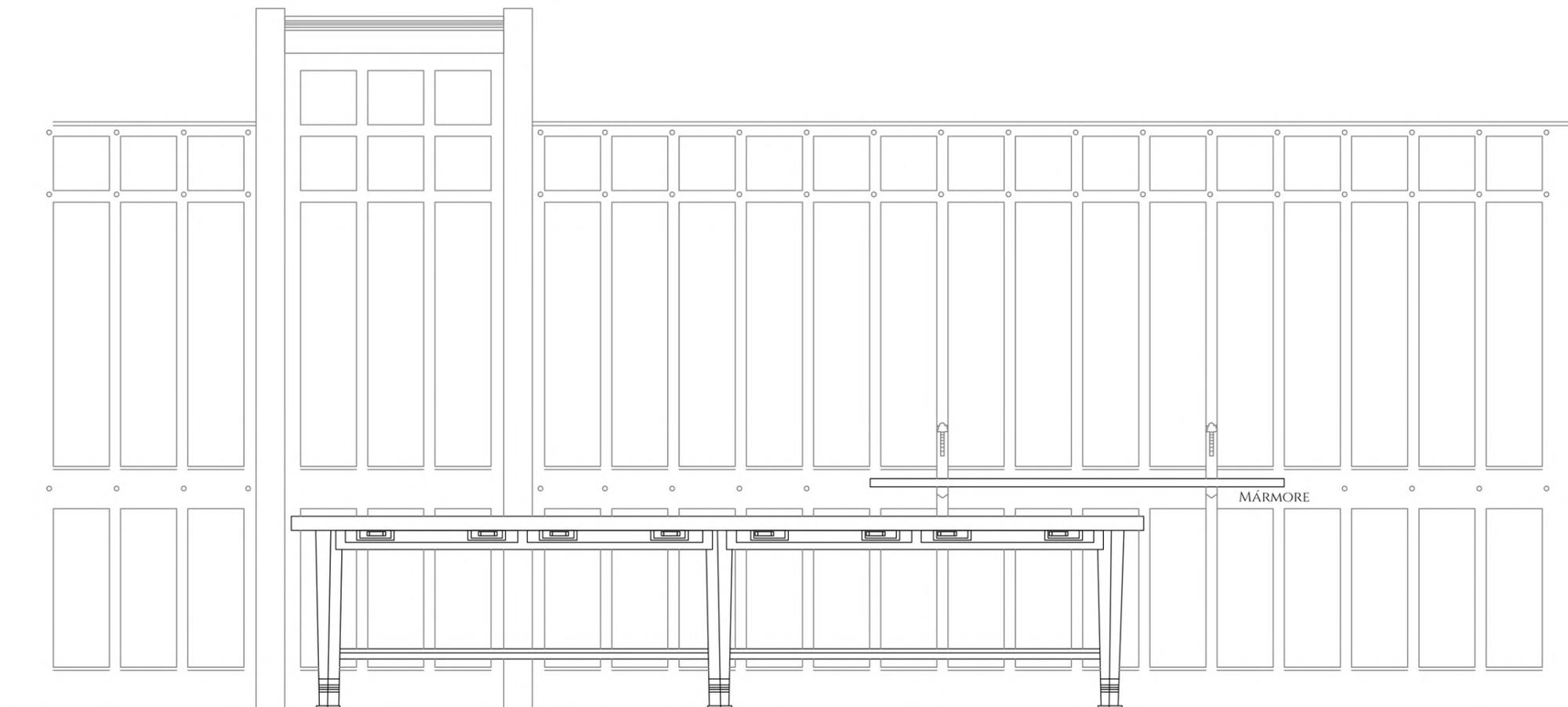


Figura 173: Relógio de chão com porta guarda-chuva e cabideiro do vestíbulo da Villa Vicente Soares de Barros (1910).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Vicente Soares de Barros (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



SALA DE JANTAR DE PEROBA

Figura 174: Mesa da sala de jantar da Villa Vicente Soares de Barros (1910).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Vicente Soares de Barros (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

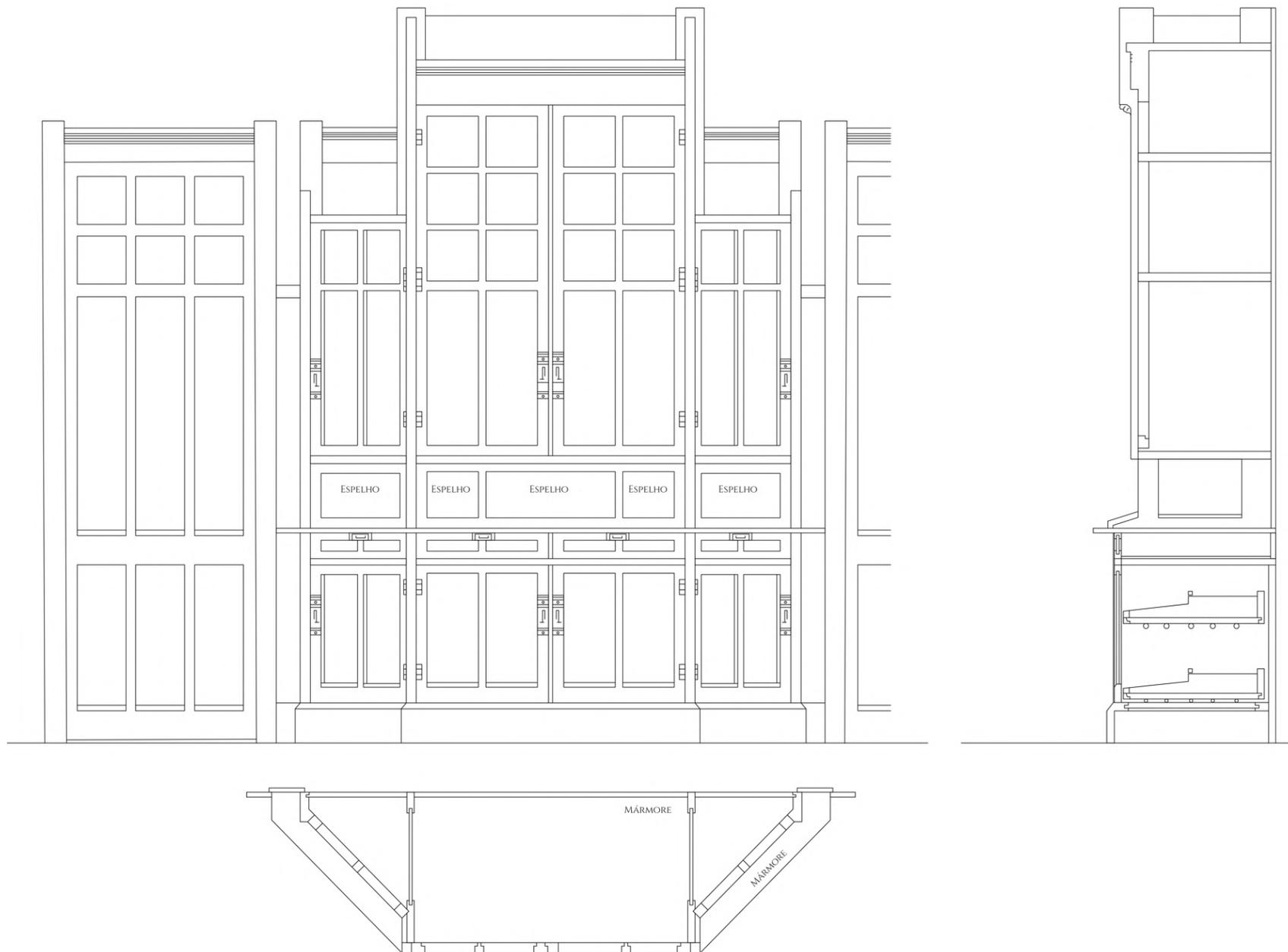


Figura 175: Cristaleira integrada com buffet da sala de jantar da Villa Vicente Soares de Barros (1910).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Vicente Soares de Barros (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

PROCESSO DE PROJETO

Contraopondo-se as plantas despachadas à aprovação municipal e armazenadas no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP e o projeto mantido no acervo de Dubugras na Biblioteca da FAU-USP percebe-se que houve uma evidente alteração volumétrica. Ainda que ambos os desenhos exibam a mesma datação (maio de 1910), ao passo que os esboços presentes no arquivo FAU-USP definem claramente o torreão, o projeto submetido à construção eliminava esse volume do conjunto. Em seu lugar foi tracejado o mesmo arremate *Art Nouveau* aplicado em outros pontos do telhado.

Nessa perspectiva, ressalta-se que o registro da Biblioteca da FAU-USP já trazia um prenúncio dessa modificação, visto que a folha de papel exhibe as marcas dos traços a lápis apagados. No entanto, fotos da edificação construída mostram que a estrutura foi, felizmente, retomada. Verifica-se que a verticalidade provocada por esse volume envidraçado trazia maior leveza ao conjunto.

As fotografias da Villa também evidenciam uma série de pequenas alterações e elementos não detalhados que viria compor a volumetria da residência:

- A) A escadaria de acesso pela Rua Itambé havia sido esquematizada em alvenaria de tijolos. Na construção final (Figura 171), a materialidade foi alterada e, em seu lugar, empregaram-se estruturas metálicas. A escada também passou a integrar um guarda-corpo e os patamares previstos foram reduzidos a um;
- B) Na região do terraço do pavimento térreo (Figura 171) foi alocada uma cobertura metálica com fechamentos em vidro de



Figura 176: Acima: Elevação da Villa Vicente Soares de Barros submetida à aprovação municipal.
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Vicente Soares de Barros (1910) presente no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

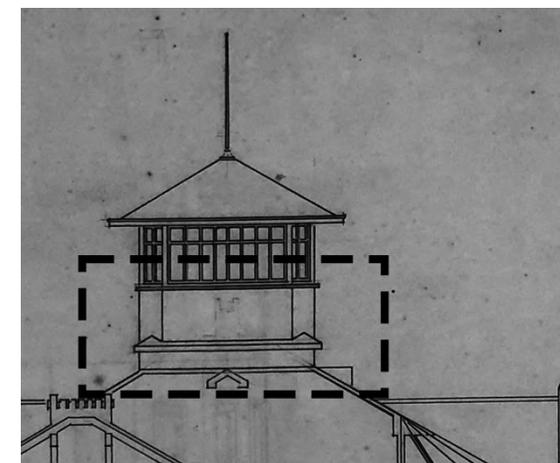


Figura 177: Ao lado: Detalhe das marcas de lápis que manifestam o estudo de eliminar o volume do torreão.
Fonte: Imagem alterada pela autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Vicente Soares de Barros (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

linguagem *Art Nouveau*. Esse elemento reforça a dedicação de Dubugras em consagrar o estilo no projeto, mesmo que de forma pontual;

- C) A porção superior das paredes do porão adquiriu sutis frisos horizontais (Figura 169). O artifício foi utilizado em outros projetos do arquiteto, como a Estação de Mairinque (1906) e a Villa Cândido Rodrigues (1910);
- D) Parte das estruturas de madeira aparente dos volumes ressaltados (inseridas abaixo das janelas) foi subtraída e, em seu lugar, foram utilizados fechamentos decorados. As fotografias também mostram que as janelas desses volumes incorporavam folhas de fechamento tipo persiana;
- E) Os painéis laterais da varanda coberta tiveram sua dimensão vertical ampliada;
- F) O desenho do guarda-corpo metálico foi simplificado.

DESTINO DA CONSTRUÇÃO

Na década de 1940, a residência foi demolida e, em seu lugar, foi construído o edifício residencial São Bento. Os registros do levantamento aerofotográfico realizado em 1954 pelo consórcio entre as empresas Vasp Aerofotogrametria S/A e Serviços Aerofotométricos Cruzeiro do Sul S/A¹⁰⁰ revelam que o lote já era ocupado pelo edifício.

¹⁰⁰ O projeto fotográfico do território da cidade São Paulo foi concessionado pelo governo paulistano em razão da comemoração do quarto centenário.

2.9 VILLA PARA O DR. AUGUSTO FREIRE DE MATTOS BARRETO (1910)

PROPRIETÁRIO

Segundo informações contidas no “Diccionario Bio-bibliographico Sergipano”, compilado por Manoel Armindo Cordeiro Guaraná (1925, p. 42)¹⁰¹, Augusto Freire de Mattos Barreto (1862-1925) nasceu no município de Laranjeiras, no estado do Sergipe. Obteve sua educação na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, e no Ginásio Baiano, na Bahia. Laureou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1883. Fixou residência na cidade de Capiravi, no interior de São Paulo e, posteriormente, mudou-se para Mococa. Ali, tornou-se um abastado fazendeiro (Almanak Laemmert, 1910). Também atuou no meio político de Mococa, tornando-se suplente de juiz municipal e, posteriormente, vereador municipal. Em 1916, foi eleito deputado no Congresso Legislativo do Estado de São Paulo (Guaraná, 1925). Foi casado com Marianna Lima de Mattos Barreto, com quem teve onze filhos: Augusto, Alice, Cenira, Antonietta, José, Alberto, Raul, Paulo, Plínio, Clarisse e Odila (Mococa, 1925).

IMPLANTAÇÃO

Desenhos de Dubugras para a Villa datados de 1910 indicam que o imóvel seria estabelecido na Avenida Angélica, no quarteirão entre as Ruas Maranhão e Piauí. A legenda fixada pelo arquiteto não explicitava a numeração da residência. Nesse sentido, levando em consideração a área determinada pelos registros e o delineamento da volumetria da Villa, as plantas do projeto S.A.R.A Brasil, de 1930, atestam uma possível localização da implantação. O terreno, localizado no cruzamento entre a

Avenida Angélica e a Rua Maranhão, tinha formato retangular (com maior dimensão no sentido da Avenida Angélica). A residência estava implantada na parte central da propriedade, com recuos frontais e laterais. A face posterior do volume tinha um afastamento mais estreito.

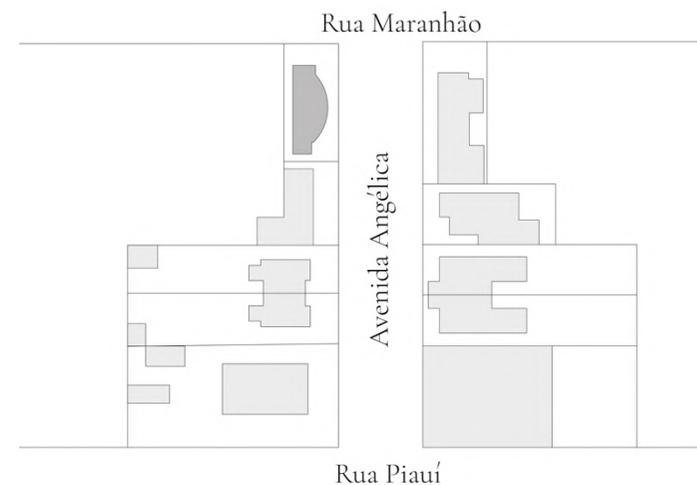


Figura 178: Possível implantação da Villa Augusto Freire de Mattos Barreto (1910).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como base planta cartográfica do projeto S.A.R.A Brasil (1930).

Todavia, enfatiza-se que, como não foram localizadas documentações da solicitação do alvará de construção da residência no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP ou fotografias da edificação construída, não é possível concluir incontestavelmente que a implantação assinalada era a da Villa Augusto Freire de Mattos Barreto.

¹⁰¹ GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. **Diccionario bio-bibliographico sergipano**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1925.

PROGRAMA E PLANTA

O programa de necessidades da Villa estava concentrado no pavimento térreo. Os desenhos técnicos do projeto indicavam a existência do andar do porão, estabelecido acima do nível do solo. Apesar de não terem sido detectadas plantas desse piso durante os levantamentos efetuados para esta pesquisa de doutorado, é presumível que ele abrigava algumas funções de serviço (lavanderia, despensa, etc.), um quarto de hóspedes e, possivelmente, áreas de entretenimento (como esportes e sala de bilhar), à semelhança de outros projetos do mesmo período, como a Villa Vicente Soares de Barros (1910), a Villa Mário Rodrigues (1910) e a Villa Luiz Piza (1904).

O pavimento térreo dispunha de um amplo perímetro. Em uma extremidade estavam o vestíbulo, a sala de visitas e o escritório. Uma extensa varanda circundava esses ambientes. O vestíbulo foi estruturado em formato de “L” e posicionava uma pequena área de estar nas imediações da escada de entrada à residência.

Na parte oposta estavam ordenados os ambientes de repouso dos moradores. Uma segunda varanda dava acesso a quatro dormitórios, dois banheiros – de disposição espelhada – e ao quarto do casal associado a um terceiro banheiro. Pelo *layout* de móveis estabelecido, percebe-se que, à exceção do dormitório do casal, todos os outros quartos eram de uso compartilhado (e certamente destinavam-se aos filhos). Era uma solução funcional e que possibilitava acomodar um grande número de herdeiros do casal Barreto no mesmo pavimento.

Ao centro da casa estava a cozinha, a copa, um pequeno sanitário (destinado ao uso de funcionários) e o

dormitório da criada. Defronte a esses ambientes ficava a sala de jantar. Esta era guarnecida de uma parede curva (com três janelas sequenciais e duas portas laterais), que se articulava a uma terceira varanda, seguindo a geometria encurvada da sala.

O perímetro das varandas da sala de jantar e da sala de visitas adotava um contorno em “pétalas”, similar ao proposto na década anterior para o projeto da Villa Uchôa (1902). Era um detalhe que mostrava a retomada de procedimentos projetuais por Dubugras.

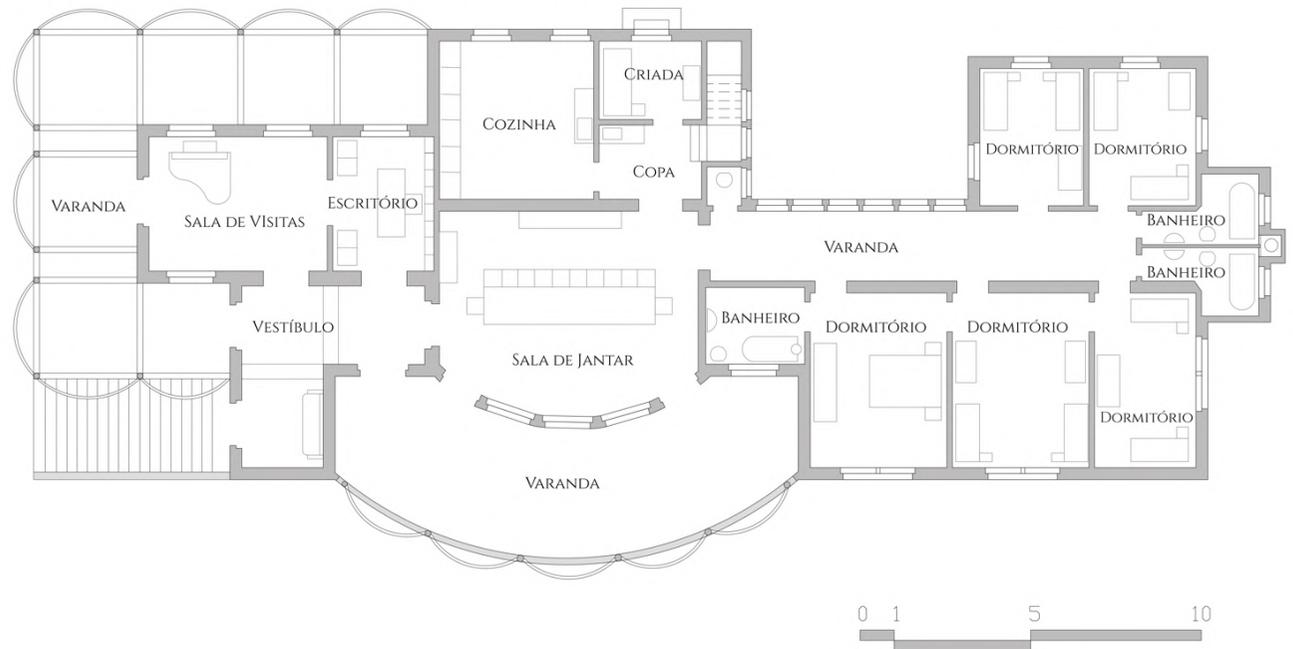


Figura 179: Planta detalhada do Pavimento Térreo da Villa Augusto Freire de Mattos Barreto (1910).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Augusto Freire de Mattos Barreto (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

A planta consagrava uma comprida repartição longitudinal. Uma porção subdividia-se em três seções transversais de dimensões variadas (tanto em largura quanto em altura). Um pequeno volume, que continha o setor de banho dos banheiros, era acoplado ao volume principal. A varanda da sala de jantar e as terminações curvas da varanda da área do vestíbulo contrastavam com as formas predominantemente retilíneas do conjunto.

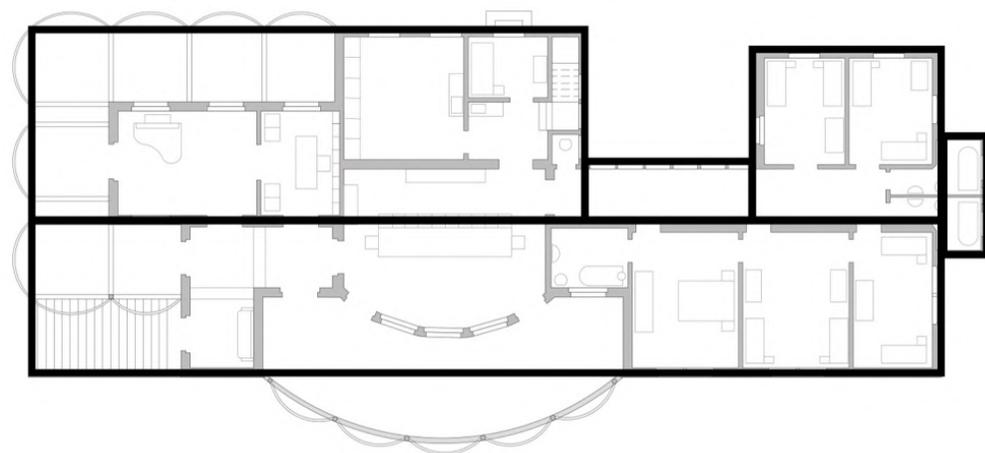


Figura 180: Divisões em planta da Villa Augusto Freire de Mattos Barreto. (1910)
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Augusto Freire de Mattos Barreto (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

ESPAÇOS E FLUXOS

O programa residencial foi estruturado através de um rígido zoneamento horizontal. Grande parte do andar térreo dedicava-se às atividades sociais. As áreas de serviço foram unificadas em uma pequena seção aos fundos da casa. Devido ao grande núcleo familiar, as regiões privativas ocupavam uma expressiva extensão da volumetria.

Vale distinguir que explanações de Dubugras nos desenhos de elevação (ver Figura 192) sinalizavam um acesso secundário à residência pelo piso do porão. Ele estava alocado na mesma região de serviços do andar térreo e era indicado com a legenda “ingresso-serviço”. A anotação confirmava que existiam atividades voltadas ao serviço no andar inferior.

O principal acesso à residência era feito lateralmente por meio de uma escadaria que levava ao vestíbulo. Este, por suas amplas proporções, adquiria configuração importante nos direcionamentos de atividades e fluxos, promovendo ingressos para a varanda da sala de visitas, escritório, sala de jantar e varanda da sala de jantar. De fato, as passagens do vestíbulo para as varandas acarretavam situações interessantes, pois elas permitiam adentrar esses espaços externos sem necessariamente ter de percorrer o ambiente interno das salas.

A despeito de o escritório ter uma passagem para o vestíbulo, ele estava posicionado em uma parte mais interna da casa e tinha ligação com a sala de visitas. Assim como no projeto para a Villa Cândido Rodrigues (1910), a sala de visitas estava afastada da sala de jantar.

Neste sentido, percebe-se que as circulações horizontais eram fortemente dependentes do vestíbulo e das movimentações entre cômodos. Contudo, algumas situações singulares merecem ser mencionadas. A sala de jantar fazia a ligação entre todos os setores. A copa intermediava as passagens para a cozinha, aposentos da criada e uma estreita escada (e que provavelmente conduzia aos outros espaços de serviço estruturados no piso do porão). Um pequeno sanitário de funcionários tinha sua entrada voltada para a varanda do setor íntimo. Isso poderia indicar que não havia portas separando a área dos quartos e a sala de jantar. Efetivamente, a varanda anexa aos dormitórios funcionava como um grande corredor de acesso.

Apesar de todos os quartos terem entradas independentes, o dormitório do casal Barreto tinha conexão direta com o quarto ao lado e este, por sua vez, tinha abertura com o outro dormitório adjacente. Pelas ligações, pode-se supor que eram os aposentos reservados às filhas ou crianças menores. Já os outros dois dormitórios,



Figura 181: Relações de usos e fluxos da Augusto Freire de Mattos Barreto (1910).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Augusto Freire de Mattos Barreto (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

por terem apenas entradas pelo corredor (e, conseqüentemente, maior privacidade), deveriam ser os recintos dos filhos.

As circulações verticais eram sumárias e restritas, de modo que a única conexão entre andares era feita pela estreita escadaria da área de serviços.

MATERIAIS E TÉCNICAS

Esboços de Dubugras para a Villa revelam que a construção seria estabelecida em alvenaria de tijolos. Enquanto o pavimento térreo utilizava revestimento de argamassa, diversos trechos do porão conservavam os tijolos aparentes. Esse artifício também foi utilizado na Villa Cândido Rodrigues (1910). Anotações de Dubugras definem que o porão tinha três metros de altura e o pé direito do nível térreo era variável. Em virtude do emprego de forros e áreas de paredes mais altas, a sala de visitas apresentava forro na altura de cinco metros; a sala de jantar portava um pé direito mais alto, com forro na altura de seis metros; e os quartos mantinham o forro em quatro metros e meio.

A cobertura empregava um arcabouço único e recortado. Era, provavelmente, composto de estrutura em madeira com fechamento em telhas cerâmicas. Os guarda-corpos foram constituídos em estrutura metálica. A ligeira inclinação (em direção à edificação) da estrutura das coberturas das varandas da sala de jantar e da sala de visitas sugere o emprego de cobertas metálicas.

Os desenhos registram o uso de janelas de madeira tipo guilhotina e de vidro fixo. As aberturas contavam com bandeiras e folhas externas de madeira tipo veneziana. Os painéis decorados dos frontões eram, possivelmente, moldados em cimento e recobertos em argamassa.

COMPOSIÇÃO, FACHADAS E VOLUMES

A Villa foi pensada como um volume assimétrico em sua dimensão horizontal e regular no plano vertical. Por coordenar os mesmos vocabulário e formas em todas as fachadas, a composição desenvolvia uma estética muito harmônica e elegante.

A fachada que continha a varanda da sala de jantar expunha uma grande quantidade de aberturas e exibia uma série de formas de expressiva plasticidade. A varanda que estava coordenada ao centro da volumetria era formada por uma série de aberturas em arco abatido disposta entre pilares de concreto. Estes tinham pequenos frisos horizontais que percorriam vários pontos de sua extensão. Os guarda-corpos metálicos trabalhavam nas grades pequenos desenhos geometrizados vazados que evocavam, de forma simplificada, a estrutura de uma flor (com o caule, o estigma e o contorno de pétala). Na parte inferior havia outra varanda moldada em tijolos à vista, para a qual abriram-se três aberturas retangulares ao centro e duas entradas laterais. No nível da cobertura, um frontão triangular encurvado era adornado por cinco janelas retangulares (com as duas laterais mais baixas que as centrais), ornadas superiormente por faixas decoradas e um comprido painel. De gosto *Art Nouveau*, os esboços de linhas estilizados em baixo relevo tomavam como referência cenas inspiradas na colheita agrícola, em clara referência à ocupação de fazendeiro, que enriquecera Augusto Barreto.

A varanda que circundava a sala de visitas e o vestíbulo aplicava a mesma linguagem da varanda da sala de jantar. Ao lado, uma seção sobrelevada do vestíbulo dispunha de um segundo painel. Embora fosse menor, era fartamente decorado e trazia motivos referenciados ao manejo de gado.

Já a elevação voltada para o bloco de serviços (e que, provavelmente, correspondia à porção posterior da volumetria) trazia uma maior austeridade plástica. Chamam atenção as linhas bem demarcadas dos frontões triangulares e da chaminé. De linhas ortogonais, a chaminé era integrada ao conjunto por meio de um volume

engastado entre as janelas da cozinha¹⁰². Os dois renques de janelas sequenciais atrelados à área da varanda dos dormitórios articulavam-se como um amplo pano de vidro. Mostravam afinidades com o projeto da Villa Horácio Rodrigues (1910) e a *Sezession* vienense. O prolongamento da varanda da sala de visitas em uma das extremidades contribuía para a integração do conjunto.

Uma das fachadas laterais continha o acesso principal da residência e era ricamente ornamentada. A entrada trazia um letreiro com a inscrição “salve”. O grafismo conciliava linhas perpendiculares e paralelas e revelava algumas analogias ao projeto de Otto Wagner para o Gabinete do Telégrafo do Jornal *Die Zeit* (1902). Acima do letreiro havia outro painel decorado. Neste, os desenhos também referenciavam o gado. Lateralmente, a varanda da sala de visitas conservava a linguagem ordenada na fachada da sala de jantar. Acima da varanda foi estruturado um frontão com três janelas de vidro fixo dotadas superiormente de faixas decorativas de motivos geometrizados, análogas àquelas empregadas nas aberturas do frontão da varanda da sala de jantar. Confirmando o valor e a importância da atividade pecuária para o cliente, um quarto painel decorado apresentava cenas de gado percorrendo uma área arborizada.

A parte inferior da volumetria era resolvida em tijolos à mostra, com séries de aberturas. No centro da varanda foi posicionada uma porta de duas folhas. Podia se tratar de uma entrada para uma área de entretenimento, dada a localização privilegiada próxima ao acesso principal da casa.

A outra fachada lateral orientava, por sua vez, a região dos sanitários. Assim como a elevação posterior, agregava linhas mais sóbrias e pautadas no ritmo de composição das aberturas. Havia uma segunda chaminé que, assim como acontecia com a chaminé da cozinha, era definida por linhas ortogonais e encontrava-se engastada na alvenaria, posicionada entre janelas.

¹⁰² Salienta-se que a volumetria da chaminé da cozinha não estava definida na planta do pavimento térreo.



Figura 182: Elevação (voltada para a varanda da sala de jantar) da Villa Augusto Freire de Mattos Barreto (1910). Destaque para a legenda de localização dos ambientes do pavimento térreo indicada por Dubugras.

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Augusto Freire de Mattos Barreto (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



Figura 183: Elevação (voltada para a área de serviços) da Villa Augusto Freire de Mattos Barreto (1910). Destaque para a legenda de localização dos ambientes do pavimento térreo indicada por Dubugras.

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Augusto Freire de Mattos Barreto (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



Figura 184: Elevações laterais (que continham a área de entrada e região dos banheiros, respectivamente) da Villa Augusto Freire de Mattos Barreto (1910).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Augusto Freire de Mattos Barreto (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

O projeto era abalizado pelos encadeamentos de séries de linhas verticais contrapostas a compridas linhas horizontais, que dominavam a composição. A extensão longitudinal imposta pelas dimensões da volumetria cooperava para a força desempenhada pelas relações horizontais. Elas podiam ser observadas nos cuidadosos alinhamentos entre janelas e portas, nas amplas varandas e nas compridas coberturas. Os sofisticados painéis adornados também tiravam proveito das proporções longitudinais (eram maiores em comprimento do que altura) e reforçavam a linearidade horizontal presente na obra. Percebe-se que os contornos triangulares dos frontões produziam associações transversais que atenuavam a predominância longitudinal da parte superior da volumetria.

O meticuloso posicionamento enfileirado das aberturas entre pavimentos era uma das principais expressões da série vertical. Os perfis dos volumes de ângulos retos (que dispunha de mais altura do que largura), as estruturas das grades dos guarda-corpos e as destacadas chaminés eram outras sinalizações das verticalidades da Villa.

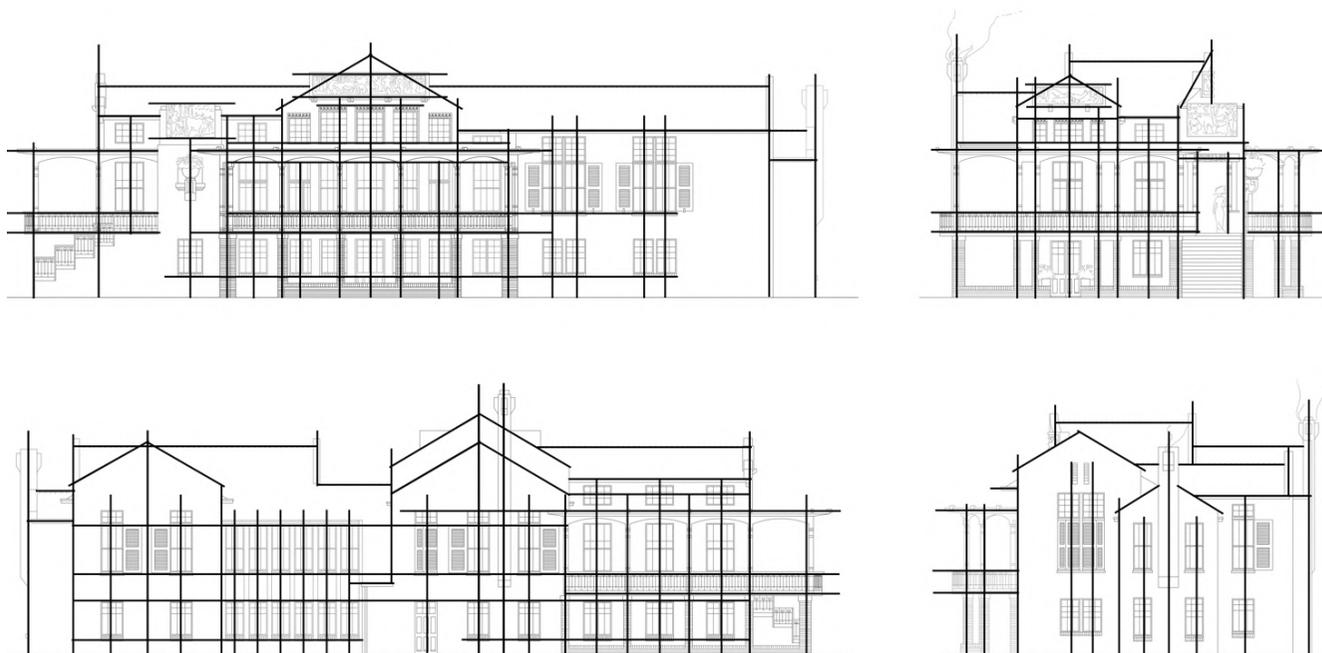


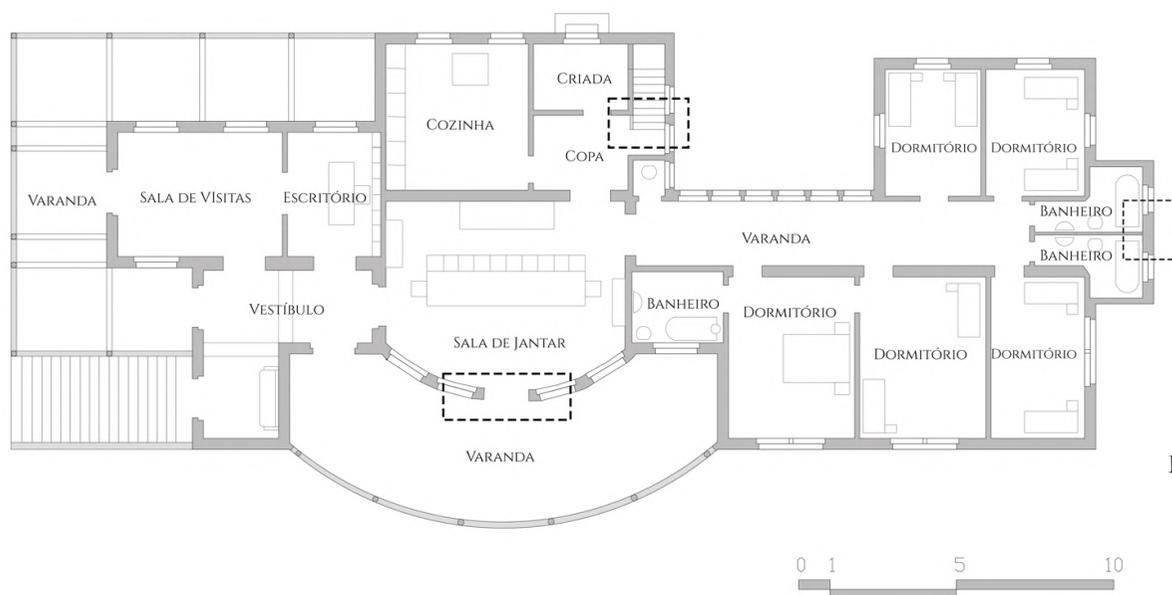
Figura 185: Esquema de linhas do partido arquitetônico da Villa Augusto Freire de Mattos Barreto (1910).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Augusto Freire de Mattos Barreto (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

PROCESSO DE PROJETO

O acervo de Dubugras mantido pela Biblioteca da FAU-USP preserva um segundo estudo de planta do andar térreo para a Villa Augusto Freire de Mattos Barreto (1910). Tratava-se de uma rápida experimentação projetual, em que se desenvolviam algumas alterações formais e de circulação interna. Pela falta de datação do desenho, não é possível determinar se o esboço antecede ou sucede o projeto elaborado em 1910.

Nele, foram eliminadas as terminações em “pétalas” das varandas da sala de jantar e sala de visitas e propostos perímetros de ângulos retos. A passagem entre a sala de jantar e a varanda também foi modificada, sendo estabelecida somente uma entrada de posição central (ao invés de duas passagens laterais). A chaminé da região dos sanitários dos dormitórios também foi subtraída.

Enquanto no projeto de 1910 a escadaria de serviço adotava o formato em “L”, no projeto alternativo ela era configurada como um lance único.



DESTINO DA CONSTRUÇÃO

Como já referido, não há evidências de que este projeto tenha sido construído.

Figura 186: Planta alternativa do andar térreo concebida por Dubugras para a Villa Augusto Freire de Mattos Barreto (1910).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Augusto Freire de Mattos Barreto (1910) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

2.10 VILLA PARA O DR. ALBERTO PENTEADO (1911)

PROPRIETÁRIO

Alberto Salles Penteado (1872-1934) foi um advogado, político e fazendeiro paulistano. Segundo o periódico carioca *Correio da Manhã*, era sobrinho do presidente da República Campos Salles (1898-1902) (*Um Antigo*, 1935). Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo (*A Revolta*, 1893). Entre o período de 1894 e 1905 atuou como procurador da República em São Paulo (*MINAS*, 1894). Em 1905, renunciou ao cargo e foi contratado como chefe do escritório central da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro (*Noticias*, 1905; *Um Antigo*, 1935). No final do século XIX, passou a dedicar-se também à lavoura de café, tornando-se um destacado fazendeiro na cidade de Pederneiras, no interior do estado de São Paulo (*Edital*, 1897). Entre os anos de 1899 e 1900 foi eleito prefeito da cidade. Fez parte da comissão patrocinadora da Semana de Arte Moderna de 1922. Foi casado com Júlia de Almeida Prado Penteado e, juntos, tiveram nove filhos: Marina, Carlos Alberto, Fausto, Regina, Lucia, Cícero, Cláudio, Julio e Nina (*Falecimentos*, 1934).

IMPLANTAÇÃO

O projeto de Victor Dubugras para a Villa Alberto Penteado remonta a 1911. Estava localizado em um lote retangular de esquina entre as Ruas Augusta e Luís Coelho (sendo esta última uma via paralela à Avenida Paulista). Cabe assinalar que o lote da Villa estava alocado no quarteirão transversal àquele que abrigava a Villa Uchôa (1902).

De acordo com os dados topográficos da plataforma GeoSampa, o terreno apresentava um desnível de cerca de quatro metros, com a cota no nível mais baixa situada nas proximidades da interseção das vias. O volume da residência estava

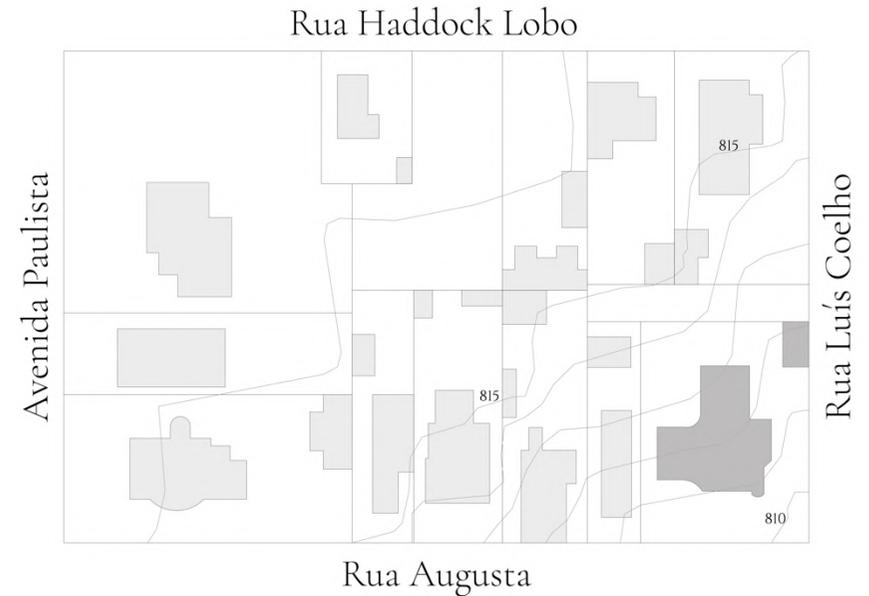


Figura 187: Implantação da Villa Alberto Penteado (1911).

Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como base planta cartográfica do projeto S.A.R.A Brasil (1930) e dados topográficos da plataforma GeoSampa (2023).

posicionado na parte central da área, com recuos em todas as faces da volumetria. Através da análise do desenho da fachada (Figura 193) elaborado por Dubugras nota-se que na parte da frente da casa havia um pequeno muro de arrimo de apenas um metro. A disparidade entre os registros sugere que foram realizados procedimentos de terraplanagem no terreno.

Nas plantas produzidas para o projeto S.A.R.A Brasil (1930) observa-se que havia, em um dos limites da propriedade, um pequeno volume retangular. Os registros do AHMSP explicam que se tratava de uma garagem. Submetido à aprovação municipal por Alberto Penteado no ano de 1915, o projeto não dispunha de indicação

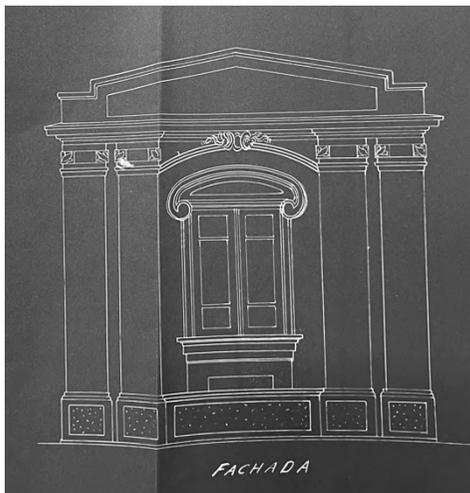


Figura 188: Projeto de garagem da residência de Alberto Penteadó (1915).
Fonte: Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

de autoria. A fachada perfilhava um vocabulário eclético com referências à linguagem clássica, incluindo pilastras, frontões, etc., ainda que bastante simplificada. Os elementos gráficos do desenho (como a caligrafia) atestam que não se tratava de um projeto de Dubugras.

Ressalta-se que a documentação expõe que o acesso à propriedade era feito pela Rua Augusta. Confirma também que Alberto Penteadó residiu, de fato, no logradouro.

PROGRAMA E PLANTA

As atividades internas da Villa estavam reunidas no pavimento térreo. Os registros técnicos do projeto (desenhos de elevação) mostravam a existência de um andar inferior, estabelecido acima do nível do solo. Apesar de não ter sido localizada a planta desse nível durante os levantamentos efetuados para esta pesquisa de doutorado, é possível que, a exemplo de projetos concebidos por Dubugras no mesmo período – como a Villa Vicente Soares de Barros (1910) e a Villa Mário Rodrigues (1909) –, o piso abrigava algumas funções de serviço, quarto de hóspedes e áreas de entretenimento.

Tal como a Villa Augusto Freire de Mattos Barreto (1910), era uma casa ampla. No pavimento térreo, observa-se uma destacada compartimentalização dos espaços, de forma que diferentes atividades cotidianas da família dispunham de um cômodo correspondente. Alocados na região central da volumetria, havia a saleta de jantar dos meninos, a sala de costura, a sala de jantar, a sala de visitas e o escritório.

Entre a saleta e a sala de costura, foi alocado um pequeno *toilette*. O posicionamento denotava que era um ambiente reservado às visitas. A sala de visitas era espaçosa e trazia uma *bow window* circular. A sala de jantar incorporava o mesmo esquema espacial dos projetos de Villas analisados anteriormente: uma das paredes do cômodo era

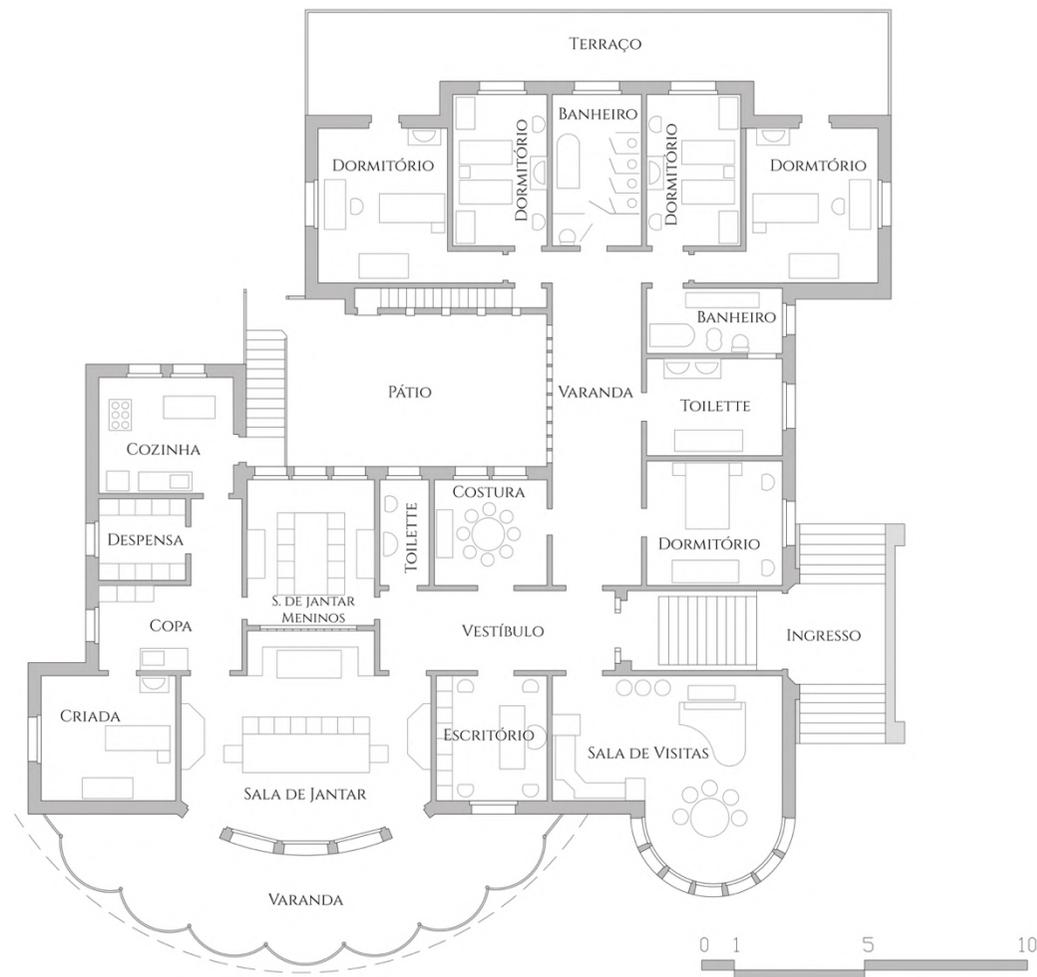


Figura 189: Planta detalhada do Pavimento Térreo da Villa Alberto Penteadó (1911).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Alberto Penteadó (1911) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

encurvada e se articulava a uma varanda de geometria igualmente curva. Duas portas laterais conectavam os dois ambientes. O perímetro da varanda trazia arremates “em pétalas” análogos aos propostos para a Villa Augusto Freire de Mattos Barreto (1910).

Em um extremo estavam cozinha, despensa, copa e aposentos da criada. Do outro lado, e próximo à área de entrada e ao vestíbulo, estavam os ambientes privativos da família. Uma comprida varanda coberta – que funcionava como corredor e se configurava como outra semelhança ao projeto da Villa Augusto Barreto – provia passagem para o quarto do casal, quatro dormitórios, dois banheiros, um *toilette* e um terraço retangular. A sequência de pequenas aberturas regulares da varanda parecia ser um esquema bastante moderno à época de sua concepção.

Os dois quartos de extremidade eram maiores que o quarto do casal e que os outros dois de posição mais interna. Esses dois dormitórios mais amplos tinham uma mesa de estudos junto à janela e uma pia. Esta última é uma curiosa reminiscência das mesas com tampos de mármore onde jarras e bacias eram dispostas no século XIX. Todavia, de forma geral, todos os dormitórios eram pequenos. Um banheiro e sanitário localizado junto aos dormitórios dos filhos adotava uma curiosa adaptação da função à família numerosa. Tinha programa e *layout* bastante curiosos: a bacia sanitária estava contida em uma cabine e uma fina divisória separava a área de banho. Havia também outras quatro cabines que pareciam funcionar como áreas de vestiário. O arranjo denunciava que era um aposento de uso compartilhado, previsto para a ser utilizado simultaneamente por vários filhos do casal Penteadado.

As áreas de serviço, saleta de jantar dos meninos, *toilette*, sala de costura, varanda dos dormitórios e um dos dormitórios de extremidade foram organizados espacialmente de forma que envolviam um pátio interno descoberto retangular. Era, ao contrário das áreas que circundavam a volumetria, um espaço que preservava a intimidade dos moradores e devia ser de uso restrito da família. É importante

distinguir que esta é a primeira vez que o pátio comparece como parte do programa tipológico dos projetos de Villas de Dubugras aqui analisado.

A Villa tomava como base uma planta de geometria ortogonal. Em função da disposição espacial dispersa do programa, a volumetria articulava, por meio de rigorosas justaposições, seções verticais e horizontais. A única exceção ocorria na transposição parcial do retângulo vertical formado pelo sanitário e pela varanda da área dos dormitórios sobre a seção retangular constituída pelos dormitórios e o próprio sanitário.

A determinação do discreto deslocamento volumétrico aos fundos da casa (composta por parte dos dormitórios centrais e o sanitário), o avanço do terraço e a introdução de formas orgânicas e curvas prestavam-se na dinamização da volumetria.



Figura 190: Divisões em planta da Villa Alberto Penteadado (1911).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para Villa Alberto Penteadado (1911) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

ESPAÇOS E FLUXOS

A entrada principal era realizada lateralmente através uma escada de dois lances convergindo para um patamar central e um lance central adjacente que conduzia ao vestíbulo. A organização programática estabelecida na Villa aplicava uma rígida distribuição setorial com base nos tipos de atividades: as áreas sociais estavam próximas da entrada e abrangiam grande parte da área frontal e central do volume; os serviços estavam confinados em uma pequena região na extremidade; e as regiões privativas dos membros da família ficavam aos fundos e em parte da lateral da casa. Assim como na Villa Augusto Barreto (1910), devido ao grande núcleo familiar dos Penteados, o setor íntimo ocupava uma ampla extensão da volumetria.

O vestíbulo mantinha passagens para todas as áreas sociais da residência, promovendo ingressos para a sala de visitas, a sala de costura, o escritório, o cômodo de *toilette*, a saleta de jantar dos meninos e a sala de jantar. Ele também era explorado como conexão para a área dos dormitórios.

A sala de visitas e a sala de jantar estavam fisicamente afastadas e eram mediadas pelo escritório. Em frente a ele ficava a sala de costura – que era o espaço dedicado à esposa de Penteados, Júlia. Esse arranjo mostra espacialmente que o escritório estava mais integrado no convívio social cotidiano (ao contrário do que ocorria na Villa Horácio Sabino, por exemplo) e que os recintos da esposa e do marido não tinham localização hierárquica, pois estavam bastante próximos.

A parede que fazia divisa entre a sala de jantar e a saleta de jantar dos meninos tinha uma abertura – provavelmente um balcão com janelas. Era um recurso que criava integração visual entre os ambientes e servia para os pais como artifício de monitoramento dos filhos mais jovens.

Era curioso que o aposento da criada tenha sido posicionado na parte da frente da casa, pois era uma localização privilegiada. No entanto, a abertura externa do cômodo foi direcionada para a fachada lateral da residência e a porta de acesso para a copa.

Percebe-se que um ambiente de cada setor do programa intermediava grande parte das circulações internas do projeto. Enquanto na área social o vestíbulo articulava as movimentações entre cômodos, a copa permeava as passagens entre os

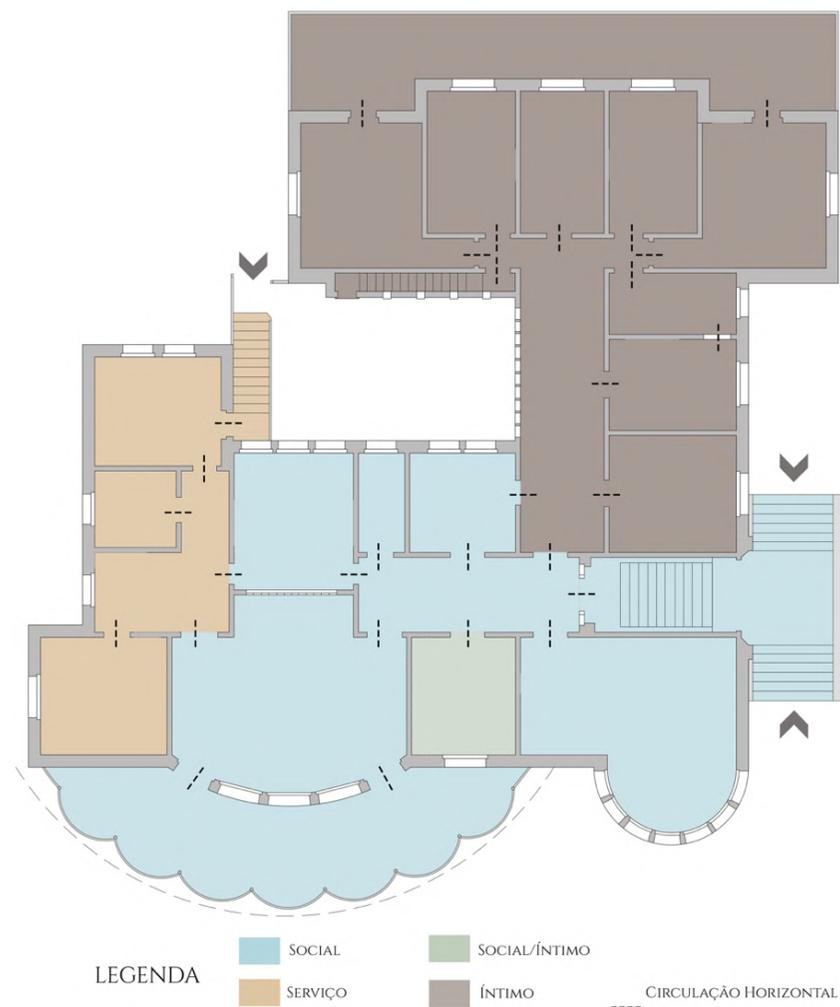


Figura 191: Relações de usos e fluxos da Villa Alberto Penteados (1911).

Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Alberto Penteados (1911) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

recintos dos serviços (cozinha, despensa, quarto da criada). Os espaços de repouso, por sua vez, tinham sua circulação subordinada à comprida varanda retangular.

Todos os dormitórios tinham entradas independentes. Os quartos de extremidade eram os únicos que tinham conexão com o terraço. Apesar de o banheiro e o *toilette* disporem de passagens independentes, eles compartilhavam uma ligação.

No que diz respeito aos deslocamentos verticais, observa-se que as circulações estavam centralizadas nas imediações do pátio interno. Uma estreita escada de lance único alocada ao lado de um dos dormitórios fazia a conexão com o ambiente externo. Esse acesso reforça o caráter privativo do pátio. Uma segunda escada foi estabelecida próximo à cozinha. A passagem servia, provavelmente, como um acesso secundário à residência, com direcionamento de uso aos funcionários da casa.

MATERIAIS E TÉCNICAS

O projeto mostra que o corpo da edificação foi projetado para ser elaborado em alvenaria de tijolos revestidos. O telhado integrava um extenso arcabouço – que parecia incorporar a cobertura curva da sala de visitas – e empregava telhas cerâmicas e pequenos beirais. As calhas eram aparentes e circundavam o perímetro da cobertura, sendo interrompidas nas faces dos frontões.

Pela análise dos desenhos de Dubugras preservados na Biblioteca da FAU-USP, percebe-se que a varanda da sala de jantar e o terraço dos dormitórios adotavam estruturas mistas: o piso era formado por laje de concreto e os guarda-corpos eram metálicos. A estrutura de sustentação da cobertura da varanda da sala de jantar articulava também estrutura metálica.

As decorações dos frontões e faixas superiores eram esculpidas em baixo relevo. Eram, possivelmente, moldadas em cimento e recobertas em argamassa, como forma de preservar a unidade do conjunto.

COMPOSIÇÃO, FACHADAS E VOLUMES

O projeto de Dubugras propunha uma volumetria imponente, composta por volumes sóbrios e ornamentações inspiradas na estética *Art Nouveau* de vocabulário tanto orgânico quanto geométrico. Para efeito de análise, a nomenclatura das fachadas seguirá a designação determinada pelo arquiteto, especificando-as de acordo com sua orientação para as vias.

A face da construção voltada para a Rua Augusta distinguia-se pelas volumetrias proeminentes da varanda da sala de jantar e da *bow-window* da sala de visitas. A varanda desenvolvia-se em dois níveis. No térreo, uma série de delgados pilares metálicos amparava vigas metálicas em arco abatido. Acima dos arcos foram instituídos painéis envidraçados – uma vez que, no desenho de elevação, o volume que estava atrás não era visível – e decorados com desenhos de padrão geometrizado. O guarda-corpo, também metálico, aplicava nas grades o mesmo modelo de ornato (que, neste caso, era vazado). Acima da cobertura da varanda, um frontão triangular encurvado associava cinco janelas retangulares (que denunciavam o pé direito mais alto da sala) e uma faixa ricamente decorada com motivos florais de desenho estilizado em baixo relevo. Prevalecendo-se da laje de piso da varanda térrea, no porão foi formada uma segunda varanda coberta. Era um espaço modesto, que não previa guarda-corpos e era demarcado apenas pelo muro de arrimo da construção e por pilares metálicos mais robustos, com apoios retangulares.

A *bow window* da sala de visitas “[...] e com o corpo equivalente logo abaixo, no porão, formando um conjunto, tinha divisórias delgadas correndo de cima a baixo e cobertura simples” (Reis Filho, 1997, p. 52). A parte superior das aberturas do térreo era acrescida de ornatos que remetiam à linguagem *Art Nouveau*, análogos aos desenhos do frontão da varanda. Entre os renques de janelas foram estruturados pequenos nichos com jardineiras. Na lateral, percebe-se que a escadaria de acesso à residência era guarneçada de um vaso envolto por ornatos em forma de ramagens. O

detalhamento desse pormenor construtivo mostra, novamente, o intuito do arquiteto em integrar e unificar o projeto em todas as suas partes. Era também uma das mais notáveis particularidades dos arquitetos do *Art Nouveau*.

Pelo desenho da fachada (Figura 192), percebe-se que entre a varanda e a *bow window* havia uma entrada secundária disposta no nível do porão. Era uma porta de duas folhas, que exibia recortes que combinavam vidro e elementos de ferro de padronagem ortogonal. Pelo requinte da decoração e da localização (na frente da casa), era um ingresso destinado às visitas e aos moradores.

A elevação voltada para a Rua Luís Coelho dispunha da área de entrada principal da Villa e de parte do setor dos dormitórios. Deslocada do centro da composição, a entrada estabelecia um conjunto vistoso. O primeiro lance de escadas era arrematado por uma fita decorada similar à do frontão da Rua Augusta. O segundo lance era contido por um bloco ressaltado e ligeiramente angulado (a base tinha largura maior do que a parte superior). A abertura era alongada, utilizava arremate em arco pleno e era circundada por uma faixa adornada (com a mesma temática *Floresale*). A parte superior era complementada por um letreiro fragmentado. Na parte central, painéis unitários formavam a palavra “salva”. Os dois painéis de extremidade eram decorados por flores. Aos fundos da área de entrada, erguia-se um frontão triangular, equivalente ao da varanda da sala de jantar. A porta de entrada era alongada, combinando recortes envidraçados com grades de ferro de motivos geométricos.

Conservando a linguagem empregada na *bow window*, esta fachada também dispunha de fileiras de janelas adornadas na parte superior e interpostas por jardineiras. Na lateral do prédio, um frontão triangular sóbrio, contornado somente por frisos, demarcava a localização da área dos quartos. O terraço era sustentado por pilares metálicos iguais aos propostos para o nível inferior da varanda. O guarda-corpo também aproveitava o mesmo vocabulário indicado para o guarda-corpo da varanda da sala de jantar.



Figura 192: Elevação voltada à Rua Augusta da Villa Alberto Penteadó (1911).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Alberto Penteadó (1911) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



Figura 193: Elevação voltada à Rua Luís Coelho da Villa Alberto Penteadó (1911).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Alberto Penteadó (1911) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

A composição norteava-se por linhas verticais e horizontais bem demarcadas. A fachada da Rua Augusta notabilizava-se pela extensa associação longitudinal representada pela grande curvatura que delimitava a espacialidade da varanda. Ela era reforçada pela sutil sequência de arcos que demarcavam os vãos entre os pilares metálicos e pela elegante faixa decorada de gosto *Art Nouveau*. Os alinhamentos entre os pilares de sustentação das estruturas da varanda (piso e coberta) organizadas nos andares do porão e do térreo serviam, por outro lado, para a demarcação do eixo vertical da volumetria. A *bow window*, por sua vez, trazia um cuidadoso equilíbrio entre as seções verticais e horizontais, de modo que as silhuetas das janelas altas retangulares e o alinhamento transversal entre elas se contrapunha aos nivelamentos dos batentes das janelas e dos nichos de jardineiras.

Já na face voltada à Rua Luís Coelho, a despeito de algumas sinalizações horizontais significativas como o terraço, os alinhamentos entre as aberturas e as faixas *Art Nouveau*, verifica-se que as relações verticais auferiam maior expressão. Elas eram percebidas no perfil do volume do setor dos dormitórios, nos posicionamentos enfileirados das aberturas entre pavimentos e nos contornos dos frontões triangulares. A área de entrada da residência era particularmente marcante pela ligeira angulação do bloco, pela alongada abertura em arco pleno e linhas verticalizadas do letreiro.

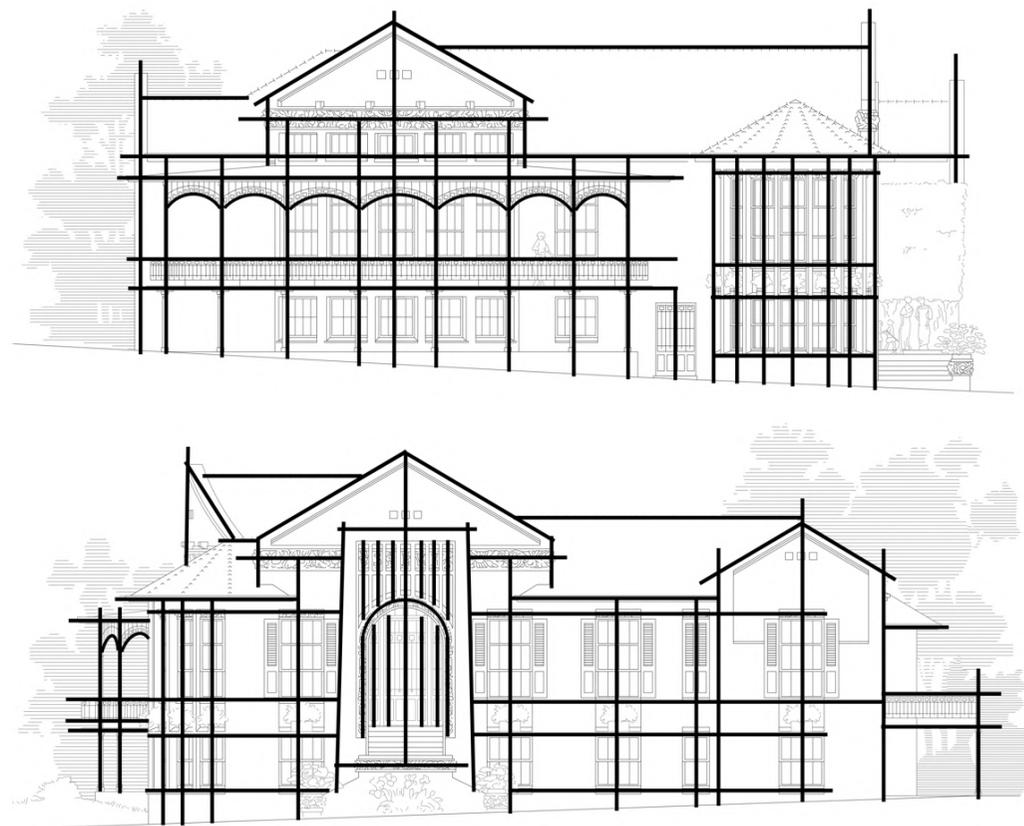


Figura 194: Esquema de linhas do partido arquitetônico da Villa Alberto Penteadó (1911).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Alberto Penteadó (1911) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

PROCESSO DE PROJETO

Um conjunto de plantas produzidas por Dubugras presentes no acervo da Biblioteca da FAU-USP, sem data indicada, demonstra parte do processo evolutivo do projeto da Villa Alberto Penteadado e sinaliza o desenvolvimento do pensamento projetual de seu projetista neste momento de experimentação tipológica.

Os registros expõem que, desde o primeiro estudo localizado pela pesquisa, a volumetria da edificação já tinha seu contorno geral definido. Houve, no entanto, uma série de alterações e manipulações formais, programáticas e de organização espacial que se refletiria no projeto final.

No primeiro estudo (Figura 195), o acesso principal era feito por uma escada de lance único que conduzia a uma varanda retangular (que, pelo posicionamento de pilares no perímetro, era coberta). Através dela, era acessado o vestíbulo que continha dois jogos de escada (onde um deveria levar para o andar térreo e outro para o piso do porão). A sala de jantar, o escritório e a saleta de jantar tinham a mesma posição do projeto final. Entre a sala de jantar e a saleta já estava prevista uma abertura. A varanda da sala de jantar era acessada por uma porta de posição central e era arrematada em semicírculo. A sala de costura ainda não fazia parte do programa. A sala de visitas tinha um contorno retangular. No setor de serviços, ao lado da despensa estava posicionada uma estreita escada que, provavelmente, levava ao porão. A cozinha previa uma chaminé em ângulo de 45 graus (semelhante às concebidas para a Villa Uchôa (1902) e Villa Luiz Piza (1904)). O dormitório da criada era associado a um pequeno *toilette* e sua entrada era feita pela sala de jantar, o que prejudicava a separação das circulações entre funcionários e visitas. A janela do cômodo já estava direcionada para a face lateral da propriedade. Já nas áreas privativas dos moradores, percebe-se a presença da varanda. O *toilette* da região dos dormitórios estava integrado ao quarto principal e a ele foram incorporadas as peças sanitárias (uma vez que ainda não existia o cômodo do banheiro). Havia somente dois quartos compartilhados

(ambos com a legenda de “meninos”) e um único banheiro entre eles. Neste momento, era presumível que existissem dormitórios adicionais no andar do porão.

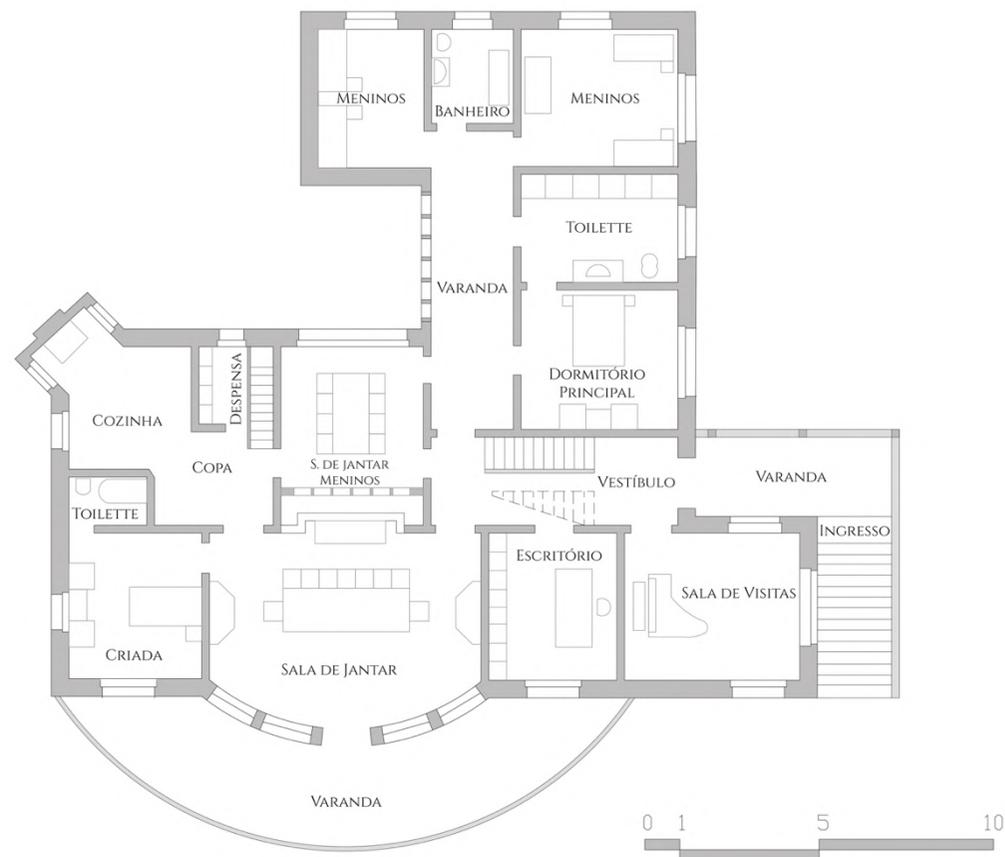


Figura 195: Primeiro estudo de planta para a Villa Alberto Penteadado (1911).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Alberto Penteadado (1911) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

No segundo estudo realizado por Dubugras (Figura 196), houve a manutenção de algumas soluções e surgimento de novas estratégias de agenciamento. O principal acesso à casa foi alterado e adquiriu a estruturação formal empregada no projeto final – com a escada de dois lados com patamar central e um segundo lance. Neste sentido, as duas escadarias do vestíbulo foram eliminadas. A escada alocada ao lado da despensa foi excluída. Designou-se uma nova escada na copa, em formato de “L”. A parte da frente da casa teve sua dimensão horizontal ampliada. O espaço da copa foi desassociado do perímetro da cozinha. A despensa foi ampliada. A passagem para o aposento da criada foi direcionada para a copa, assumindo, assim, a posição do projeto final.

Nesta proposta, a sala de visitas passou a incorporar o espaço da *bow-window*. A ampla janela da saleta de jantar prevista no primeiro estudo foi subdividida em três aberturas menores. Ao lado da saleta de jantar foi posicionado um novo dormitório. Foram invertidas as posições do dormitório principal e do *toilette*. Aos fundos da casa foram inseridos dois pequenos sanitários (de planta espelhada), que determinavam um discreto deslocamento volumétrico – recurso semelhante ao empregado no projeto da Villa Augusto Barreto (1910). Os dois dormitórios, que já se faziam presentes no primeiro estudo, adquiriram a nomenclatura de “meninos” e “meninas”. Ainda não estavam previstos neste projeto o pátio interno ou o terraço do setor dos dormitórios.

O projeto pode ter passado por novas revisões e experimentações – cujos desenhos não foram localizados – até definição da planta final e dos desenhos de fachadas, já analisados.

DESTINO DA CONSTRUÇÃO

Não foram localizadas documentações da solicitação do alvará de construção da residência no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP ou fotografias da edificação construída. Ainda que tenha sido constatado que Alberto Penteadó morou

no logradouro e que o delineamento da volumetria do projeto S.A.R.A Brasil (1930) mostre similaridade com o projeto proposto por Dubugras em 1911, não foi possível confirmar que este projeto tenha sido edificado.



Figura 196: Segundo estudo de planta para a Villa Alberto Penteadó (1911).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Alberto Penteadó (1911) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

2.11 VILLA CÁSSIO PRADO (1912)

PROPRIETÁRIO

Cássio da Silva Prado (1883-1946) foi um empresário paulista. Era neto de Veridiana Valéria da Silva Prado¹⁰³ e cunhado de outro cliente de Dubugras, Flávio Uchôa (casado com Evangelina da Silva Prado Uchôa)¹⁰⁴. Foi presidente da Companhia de Melhoramentos de Poços de Caldas e um dos diretores da Caixa Econômica e Monte de Socorro (O Malho, 1924; Almanak Laemmert, 1924). Era membro do Automóvel Club e um entusiasta do automobilismo, tendo competido em diversas corridas organizadas na cidade de São Paulo (Automobilismo, 1907). Fez parte do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal no estado de São Paulo (Decretos, 1922). Foi casado com Amélia Miranda Barcellos e, com ela, teve três filhas: Maria, Maud e Maria Luíza (Necrologia, 1946).

IMPLANTAÇÃO

A Villa Cássio Prado, cujo projeto foi comissionado ao arquiteto Victor Dubugras no ano de 1912, estava alocada em um lote de geometria retangular na prestigiosa Avenida Higienópolis, nº 10, em quarteirão vizinho ao que estava localizada a moradia de sua avó, Veridiana Prado. Também estava nas proximidades da Villa Penteado e das Villas Vicente Soares de Barros (1910), Cândido Rodrigues (1910), Mário Rodrigues (1909) e Horácio Rodrigues (1910).

A residência estava posicionada na parte frontal do lote com recuos laterais e afastamento do calçamento. De modo similar às Villas Cândido Rodrigues (1910) e Horácio Rodrigues (1910), em decorrência da largura reduzida do terreno, nota-se que havia uma distinção perceptível entre as áreas da frente (com uma entrada ajardinada) e fundo (com um amplo quintal).



Figura 197: Implantação da Villa Cássio Prado (1912). Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como base planta cartográfica do projeto S.A.R.A Brasil (1930) e dados topográficos da plataforma GeoSampa (2023).

O lote tinha uma declividade acentuada de cerca de seis metros, em direção aos fundos da propriedade. Os desenhos das elevações laterais (Figura 205) elaborados pelo arquiteto confirmam essa situação, indicando que uma parte do andar

¹⁰³ Veridiana Valéria Da Silva Prado era filha do comerciante de açúcar Antônio da Silva Prado, o barão de Iguapé. Casou-se com seu meio-tio, Martinho da Silva Prado, em 1838 e com ele teve seis filhos. Em 1877, separou-se de Martinho e entre 1883 e 1884 comissionou a construção de seu palacete na Avenida Higienópolis. Conhecida como “Villa Maria”, a residência “[...] pode ser considerada um dos primeiros exemplares de residência neorrenascentista, ao gosto das vilas semirrurais inseridas em grandes lotes, e afastada de suas divisas [...]” (HOMEM, 2018, p.47).

¹⁰⁴ A Villa Flávio Uchôa foi objeto de análise em “2.2- Villa do Dr. Flávio Uchôa (1902/1912)”.

do embasamento (voltado para a parte frontal do terreno) foi acomodada abaixo do nível da rua – presumivelmente, através da realização de cortes no talude para possibilitar o nivelamento do terreno –, e era totalmente visível somente na área do quintal. No limite posterior do terreno havia uma construção retangular que muito provavelmente funcionava como garagem (dado o grande interesse do proprietário pelo automobilismo).

Os portões e o muro frontal da propriedade foram concebidos por Dubugras e são analisados em “Composição, Fachadas e Volumes” desta seção.

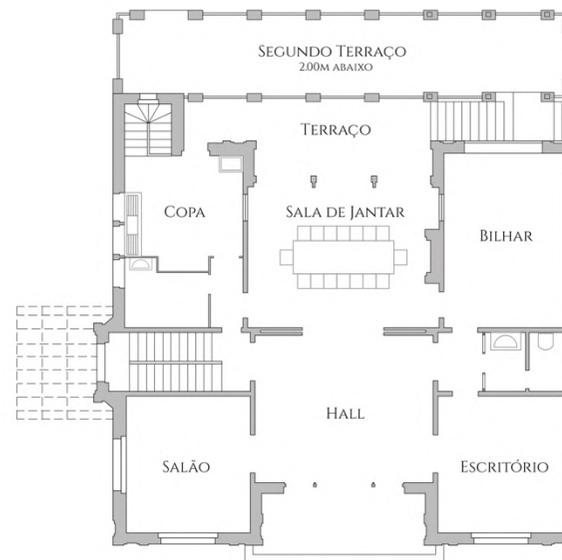
PROGRAMA E PLANTA

A Villa Cássio Prado (1912) apresenta uma trajetória complexa. A residência dispõe de dois conjuntos de projetos: um primeiro apresentado à aprovação municipal em 17 de setembro de 1912 (e arquivado no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP) e outro armazenado no Acervo da Biblioteca da FAU-USP, com desenhos de estudos¹⁰⁵ que remetem a 30 de setembro de 1912 – ou seja, elaborados após a submissão da documentação para a análise dos engenheiros da SOP. Este último grupo de esboços representa o projeto construído. Assim, buscando efetuar uma leitura mais apurada da construção edificada, serão utilizados como ponto de partida da análise os estudos de Dubugras de 30 de setembro¹⁰⁶. No entanto, é importante evidenciar que, na condição de desenho de estudo, existem algumas áreas de soluções projetuais imprecisas e/ou incompletas, mas que não impedem o entendimento geral da obra.

As atividades internas da residência desenvolviam-se em três pavimentos: embasamento, pavimento térreo e pavimento superior (nomeado pelo arquiteto como



01- EMBASAMENTO



02- PAVIMENTO TÉRREO

¹⁰⁵ Vale apontar que o Acervo da Biblioteca da FAU-USP detém os registros a lápis do projeto submetido à municipalidade. No Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP, encontram-se arquivadas as cópias heliográficas.

¹⁰⁶ O projeto submetido à aprovação municipal será abordado no item “Processo de Projeto” desta seção.

“sobrado”). Os andares utilizavam disposições espaciais internas similares. O projeto previa também um andar de sótão.

O embasamento era ocupado por uma ampla área central denominada “serviço” (a legenda servia como indicativo do direcionamento geral de uso do andar), formada por cozinha, despensa, banheiro, um cômodo para o jardineiro e outro para o criado. Havia outros cômodos cujos desenhos não esclarecem os usos. Considerando as orientações gerais do programa no andar, certamente tratava-se de ambientes como depósito, lavanderia, adega, etc.

No térreo, em uma extremidade foi alocado o salão – que, de forma similar à sala de visitas, dedicava-se à recepção de convidados –, a copa e, separado por finas divisórias, um possível banheiro (dada a presença da pia). A copa integrava um montacarga, que transportava os alimentos trazidos da cozinha, alocada no andar inferior (Condephaat, 2014). No outro lado da casa estava o escritório de Cássio Prado e a sala de bilhar, mediados por um banheiro (com a área de cabine sanitária e pia separadas). As duas paredes de extremidade da sala de bilhar exibiam grandes aberturas sem fechamentos, contando apenas com parapeitos de alvenaria. Ao centro da volumetria havia um amplo *hall*, a sala de jantar e um terraço. A sala de jantar tinha uma ampla porta de correr de duas folhas que possibilitava sua integração com o *hall*. O terraço anexo à sala de jantar compreendia um segundo nível, localizado dois metros abaixo do primeiro e acessado por meio de uma escada lateral.

O andar superior abrigava os ambientes de repouso da família. Seguindo a mesma estruturação espacial do térreo, ao centro estava o dormitório do casal Prado associado a uma varanda e um segundo *hall*. Este estava integrado a uma segunda varanda. Ladeando o dormitório do casal, havia de um lado o cômodo de *toilette* da senhora e o banheiro e, na outra extremidade, o indicado por *toilette* destinado a Cássio Prado e outro banheiro. Dois quartos e um pequeno dormitório chamado de



Figura 198: Plantas detalhadas do Embasamento, Pavimento Térreo e Pavimento Superior, respectivamente, da Villa Cássio Prado (1912).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Cássio Prado (1912) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

“serviço” (que, provavelmente, servia como aposento da criada ou da governanta das crianças menores) flanqueavam o *hall*.

Os espaços de *toilettes* destinados a Amélia e Cássio Prado tinham suas especificidades. O ambiente da senhora apresentava uma das paredes encurvadas, com cinco janelas encadeadas, tal como uma *bow window*. Já o *toilette* de Cássio Prado tinha uma varanda retangular aos fundos. O *layout* revelava que havia no cômodo uma pequena área de trabalho, representada por uma mesa com cadeira.

O esquema do sótão produzido por Dubugras mostra que o andar dispunha de uma área menor e era posicionado na área central da casa, com uma planta cruciforme. Previam-se três cômodos, (sem a indicação de destinação).

O projeto implementava uma planta de geometria ortogonal. Transversalmente, subdividia-se em três partes. As duas das extremidades eram de formato simétrico e o retângulo central apresentava um recuo frontal. O embasamento e o pavimento térreo mantinham as mesmas repartições espaciais. Ambos apresentavam aos fundos duas delgadas seções longitudinais. A partição que continha as escadas era interpolada pelos blocos transversais de extremidade. O pavimento superior, em razão de sua área menor, não dispunha desse último arranjo.

O recuo da seção central e os avanços ordenados no pavimento superior (na varanda e na *bow window* do espaço de *toilette* da senhora) dinamizavam o bloco quase cúbico representado pela volumetria principal.

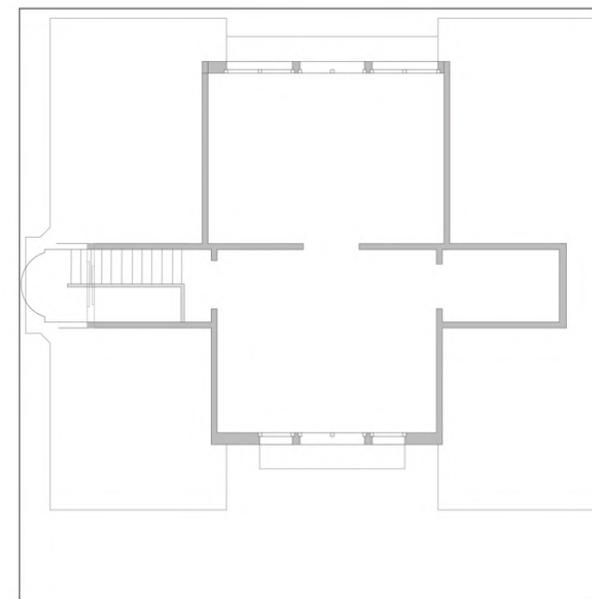


Figura 199: Esquema do sótão da Villa Cássio Prado (1912).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Cássio Prado (1912) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



Figura 200: Divisões em planta da Villa Cássio Prado (1912).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para Villa Cássio Prado (1912) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

ESPAÇOS E FLUXOS

A entrada principal fazia-se pela face voltada à Avenida Higienópolis através de uma espaçosa escada de poucos degraus que conduzia ao *hall* do pavimento térreo. O projeto estabelecia um destacado zoneamento vertical, de modo que cada andar centralizava um tipo de uso. No nível do embasamento estava concentrada a maior parte dos serviços. Já o pavimento térreo dispunha das áreas de entretenimento e de uso cotidiano dos moradores. Em uma pequena seção aos fundos, e ao lado da sala de jantar, ficava a copa. O pavimento superior, em contrapartida, acomodava em toda a sua extensão os ambientes de descanso da família e espaços íntimos.

Percebe-se que grande parte das circulações horizontais convergia para os dois ambientes de posição centralizada. No embasamento, esse arranjo reflete-se no espaço denominado “serviço”. O único cômodo com acesos independentes era o de

jardinagem (que se configurava como uma solução hábil para o manuseio dos materiais de cuidado das áreas externas da casa). É importante evidenciar que o estudo de Dubugras para o embasamento mostra que os ambientes de serviço (alocados na parte posterior) estavam separados da porção frontal do andar, uma vez que não foi instituído conexão entre as áreas.

No andar térreo, as movimentações internas dispersavam-se através do *hall* (que mantinha passagens para o escritório de Cássio Prado, o banheiro e o salão) e da sala de jantar (que era conectada à copa, ao terraço e à sala de bilhar). Há, no entanto, algumas situações singulares que valem ser mencionadas. O escritório e a sala de bilhar apresentavam entradas secundárias. Ambas estavam alinhadas entre si e, juntamente com a entrada do sanitário, voltavam-se para um pequeno corredor. A disposição permitia ao proprietário e às suas visitas (amigos ou colegas de trabalho) acessarem a

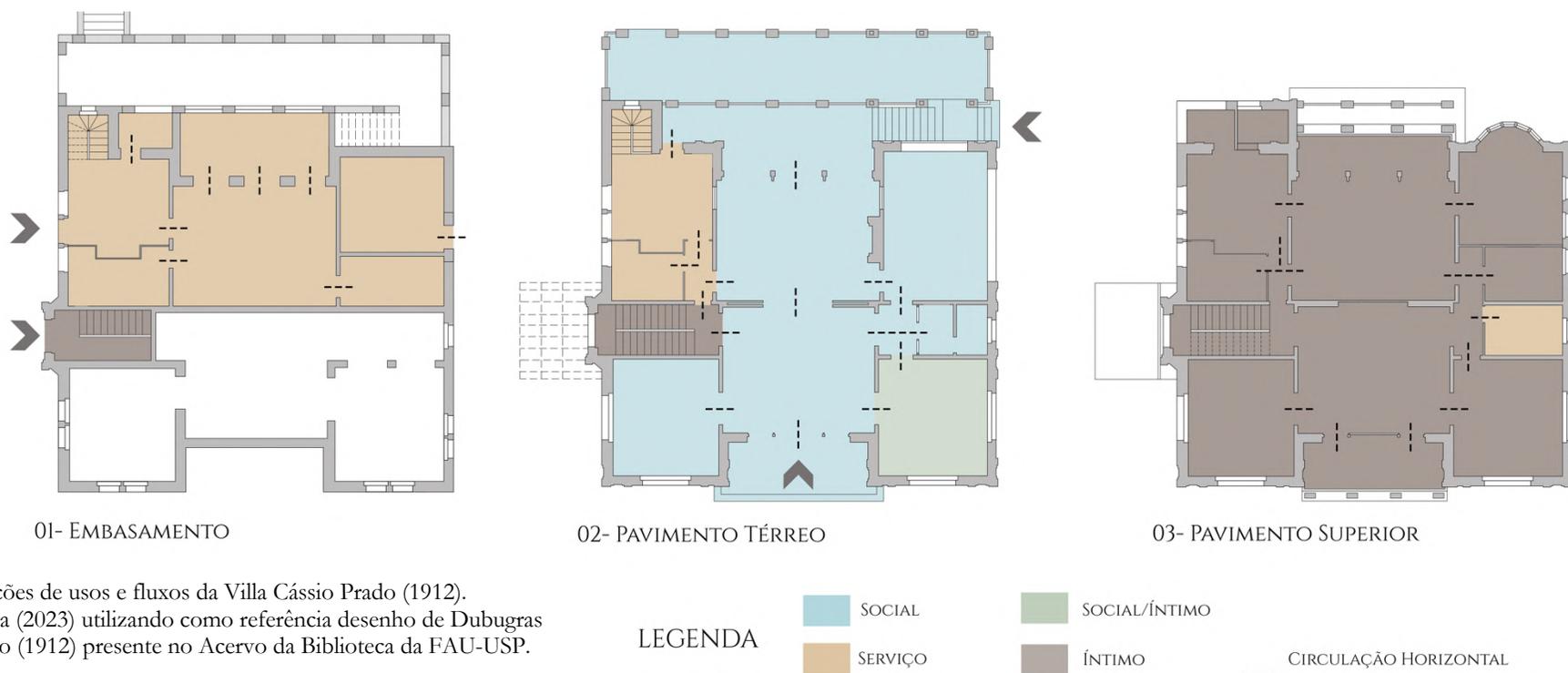


Figura 201: Relações de usos e fluxos da Villa Cássio Prado (1912).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Cássio Prado (1912) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

sala de bilhar evitando o ambiente mais formal da sala de jantar. Esse arranjo mostra também que essa seção da moradia tinha um maior encaminhamento de uso para Cássio Prado.

As paredes que faziam a divisa da sala de jantar com a copa e a sala de bilhar tinham janelas (uma de cada lado). Era uma solução interessante e que integrava visualmente os ambientes. A copa tinha uma passagem com o terraço da sala de jantar, sugerindo que o espaço podia ser utilizado para refeições ocasionais.

No pavimento superior, o segundo hall mediava as ligações com a varanda, os dormitórios dos filhos e o quarto de serviço. Apesar de todos os dormitórios terem entradas independentes, um dos dormitórios mantinha uma segunda entrada, próximo ao quarto de serviço. Essa conexão revela que se tratava do aposento de uma criança menor, que necessitava de cuidados à noite.

O quarto do casal tinha grandes dimensões e tinha duas entradas (uma em cada lateral do cômodo). Dois cômodos de *toilettes* eram associadas ao dormitório. Contudo, enquanto o da senhora só tinha ligação com o quarto, o de Cássio Prado tinha uma entrada secundária e não dependia da movimentação pelo cômodo. Os banheiros, apesar de flanquearem o dormitório do casal, tinham entradas independentes. A disposição indica que eles eram de uso compartilhado entre os membros da família.

Havia uma pluralidade de deslocamentos verticais com direcionamentos específicos. Uma escadaria lateral contida em um volume levemente ressaltado conectava os quartos do pavimento superior ao restante da casa. Essa escada estabelecia também a única conexão com o nível do sótão.

No nível do embasamento, ao lado da escada lateral foi prevista uma segunda entrada à residência. Por não manter nenhuma ligação com os ambientes do andar, era provavelmente reservada aos moradores da casa. A presença de outro ingresso nas

cercanias (pela cozinha, e desse modo, destinado aos funcionários) reforça a hipótese do direcionamento mais restrito.

Um estreito conjunto de escadas em formato de “U” organizado no setor de serviços, entre a cozinha (no nível do embasamento) e a copa (no pavimento térreo), constituía a principal circulação vertical dos funcionários da casa. Os direcionamentos de movimentações específicas para os serviços (tanto de acesso à residência quanto de deslocamento vertical) sinalizam a acentuada separação de fluxos e especialização dos espaços da casa.

Os desenhos de elevação e a planta do térreo mostram que os terraços sobrepostos da sala de jantar acomodavam uma comprida escadaria. Esta, além de conectar os ambientes externos, promovia o acesso dos moradores e convidados ao quintal da propriedade.

MATERIAIS E TÉCNICAS

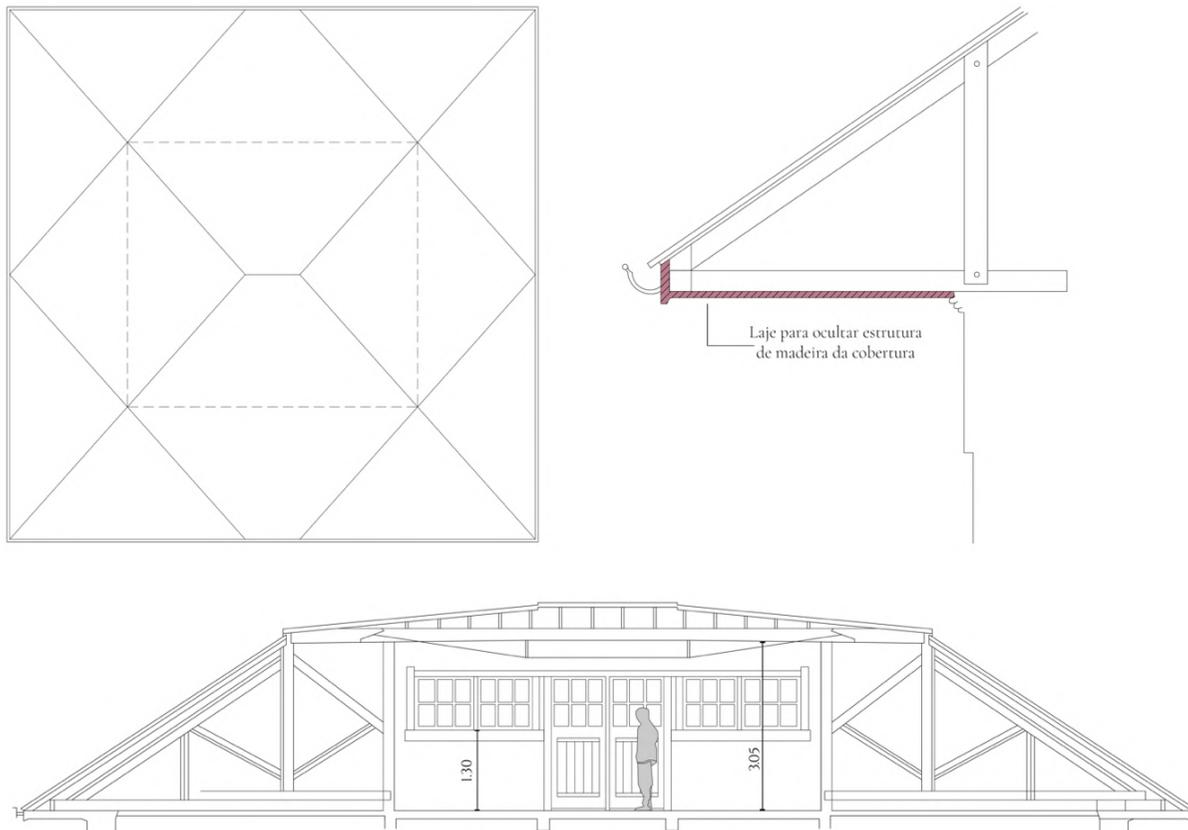


Figura 202: Estruturas de cobertura da Villa Cássio Prado. Acima: Esquema do desenho de cobertura e esquema das lajes inferiores, respectivamente. Abaixo: corte do andar do sótão.

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenhos de Dubugras para a Villa Cássio Prado (1912) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

Registros técnicos de Dubugras e fotografias do edifício construído denotam que a Villa utilizava como sistema construtivo principal a alvenaria de tijolos revestidos.

O telhado era simétrico e de quatro águas. Empregava estruturas de madeira com tesouras tipo mansarda (que possibilitavam, através do desvão do telhado, a formação do andar do sótão) e fechamentos em telhas cerâmicas. Cada água do telhado apresentava uma abertura tipo mansarda. A cobertura perfilhava amplos beirais. Nestes, delgadas lajes inferiores em balanço ocultavam o prolongamento externo do madeiramento.

As calhas, por outro lado, eram aparentes e percorriam todo o perímetro da coberta. Os condutores pluviais, por sua vez, eram semiembutidos no corpo do prédio (ver Figura 208).

O volume da caixa de escadas lateral empregava uma estrutura metálica em ângulo convexo com panos envidraçados. Os registros do projeto denotam que o volume conciliava em sua parte inferior uma cobertura metálica (possivelmente composta por uma estrutura treliçada), sustentada por dois tirantes engastados nas paredes de alvenaria da volumetria principal. O atirantamento de cobertas já havia sido explorado por Dubugras no projeto da Estação Ferroviária de Mairinque (1906).

Os guarda-corpos da varanda da sala de jantar, do dormitório do casal Prado e do *toilette* de Cássio Prado eram constituídos de estrutura metálica. Nos terraços da sala de jantar foi indicada a utilização de apoios de alvenaria retangulares intermediados por

guarda-corpos metálicos. O nível inferior desse terraço previa uma pérgola com colunas e vigas de concreto.

Fotos do prédio construído (Figura 208) demonstram que as janelas eram do tipo guilhotina, não faziam uso de bandeiras e incorporavam duas folhas de fechamento tipo veneziana.

O conjunto da Villa (1912) consagrava um pé direito regular: o nível do porão foi concebido com 3,20 metros de altura e o pavimento térreo contava com 3,84 metros. O andar superior previa um pé direito de 3,70 metros e o sótão era mais baixo, com uma altura de 3,05 metros.

COMPOSIÇÃO, FACHADAS E VOLUMES

A Villa Cássio Prado foi concebida como um volume sóbrio, ortogonal e pouco recortado. O telhado era regular e todas as fachadas adotavam o mesmo tratamento estético, com séries de frisos horizontais e compridas molduras decoradas superiormente por módulos de desenhos geométricos de padrões regulares e simétricos. O contraste entre as superfícies planas e com ranhuras produzia um efeito despojado e sofisticado e mostrava congruência com as tendências arquitetônicas produzidas pela *Sezession* vienense, em especial com as obras de Joseph Hoffmann e o projeto de Wagner para o Sanatório de Lúpus (1908). Reis Filho (1997) discorre sobre os ensaios de composição com frisos realizados anteriormente por Dubugras: “Uma das peculiaridades desse projeto é que as fachadas foram tratadas com painéis de argamassa com estrias horizontais, que é uma generalização do tratamento ensaiado em outros projetos, pouco anteriores” (Reis Filho, 1997, p. 69). De fato, o recurso já havia sido aproveitado pelo arquiteto, porém de forma mais contida, nos projetos das Villas Vicente Soares de Barros (1910), Cândido Rodrigues (1910) e Augusto Freire de Mattos Barreto (1910). Não obstante, projetos anteriores, como a Estação

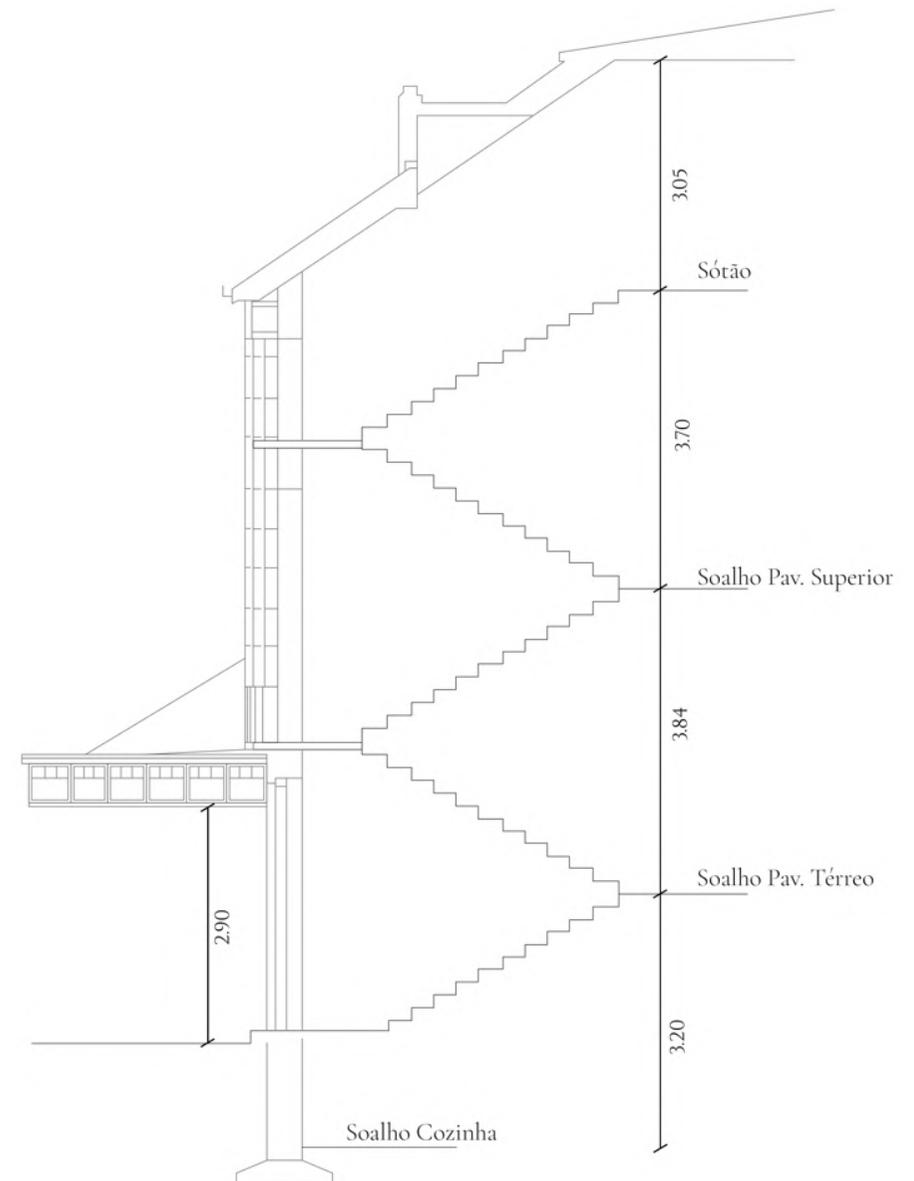


Figura 203: Relações de alturas dos pavimentos da Villa Cássio Prado (1912).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Cássio Prado (1912) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

Ferrovária de Mairinque (1906) e a Villa Uchôa (1902), também conciliavam frisos de argamassa nas fachadas.

Contudo, condicionadas pelas especificidades do programa de necessidades da casa, cada fachada tinha particularidades. Ressalta-se que, como os redesenhos efetuados pela autora deste trabalho foram realizados a partir de esboços de estudos de Dubugras, há algumas imprecisões de dimensões entre os desenhos e as áreas de janelas não foram detalhadas (sendo mantidas como blocos de espaço em branco). Os redesenhos permitem, no entanto, visualizar a concepção geral da volumetria com grande clareza.

Na fachada frontal ficava a entrada principal e a varanda do *hall* do pavimento superior. O guarda-corpo metálico utilizava-se de três travessas intermediárias acopladas, que se assemelhavam aos frisos das paredes, e montantes delgados intercalados com peças retangulares mais robustas e com pequenos recortes de contorno quadrado. À frente dele foram dispostas jardineiras com ranhuras ortogonais. Acima da varanda, havia uma faixa decorativa demarcada por retângulos sequencialmente espaçados que circundava todo o perímetro da volumetria. A cobertura incorporava uma mansarda comprida e retangular, com três janelas de partições quadriculadas. Em uma das laterais era possível observar que a cobertura atirantada da caixa de escada agregava painéis laterais envidraçados com divisões internas retangulares.

A face voltada para os fundos da propriedade era marcada por corpos de alturas variadas, em que se destacavam os terraços escalonados da sala de jantar e os tratamentos diferenciados dispensados aos *toilettes* do casal Prado. A pérgola do terraço inferior tinha suas colunas terminadas por capitéis de ordem jônica. Dada a predominância da linguagem *Art Nouveau* na obra, a inserção de elementos vinculados ao vocabulário clássico era pouco convencional. Os guarda-corpos metálicos eram diferentes dos da varanda do *hall* superior e integravam grandes módulos retangulares

vazados. Os espaços de *toilettes* ficavam nos extremos da volumetria. Enquanto as janelas da *bow-window* do *toilette* da senhora eram alongadas e na parte inferior do volume engastou-se uma cobertura metálica de inclinação acentuada (que servia para proteger uma das grandes aberturas da sala de bilhar), a varanda do *toilette* de Cássio Prado era mais discreta. Erguia-se sobre um bloco deslocado do volume principal e era demarcada por um pequeno guarda-corpo – similar ao dos terraços – ladeado por floreiras. O desenho revela também que as aberturas do andar do embasamento eram amplas, com esquadrias de divisões quadriculadas.

Já as fachadas laterais incorporavam traços mais austeros. As mansardas no nível da cobertura eram menores, com cobertas de inclinação acentuada e apenas uma janela, de perfil poligonal. Em uma delas percebe-se, no andar térreo, a generosa abertura da sala de bilhar. Na outra, destacava-se a estrutura metálica reticulada e envidraçada da escadaria lateral e os ritmos gerados pelas alternâncias entre feixes de aberturas e paredes com frisos. O esboço expõe que o acesso pela cozinha era previsto para ser feito por uma pequena escada externa esculpida no talude.



Figura 204: Esquema das elevações frontal e posterior, respectivamente, da Villa Cássio Prado.

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenhos de Dubugras para a Villa Cássio Prado (1912) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

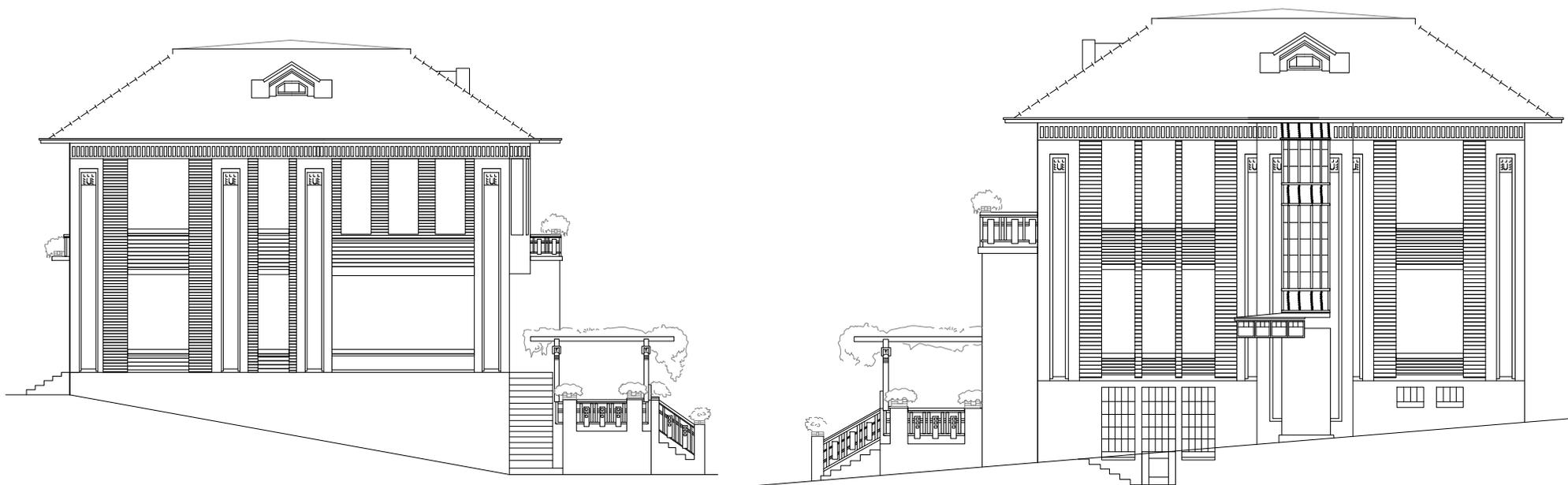


Figura 205: Esquema das elevações laterais da Villa Cássio Prado.

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenhos de Dubugras para a Villa Cássio Prado (1912) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

Um esquema, conservado no Acervo da Biblioteca da FAU-USP, indica que a estrutura do portão de entrada da propriedade era composta por apoios horizontais de concreto e grades metálicas verticais regularmente espaçadas. Três travessas horizontais – duas superiores e outra inferior – interligavam as hastes verticais e promoviam estabilidade ao conjunto. Eram previstos três portões (dois de extremidade e um central) com duas folhas de fechamento simétricas e espelhadas. As localizações das aberturas eram demarcadas por porções de estruturas metálicas mais altas, definidas por arremates retangulares.

No vão central, entre os intervalos das grades de ferro, foram instituídas discretas decorações com quadrados metálicos vazados que compunham, em conjunto, a silhueta de um arco invertido. Na parte superior, todos os vãos eram complementados com retângulos vazados. O estudo mostra também alguns ensaios de inserção de novas aberturas geometrizadas na parte inferior da estrutura.

A linguagem retilínea e com poucos ornatos empregada na composição demonstrava congruência com o vocabulário desenvolvido pela *Szezession* vienense.

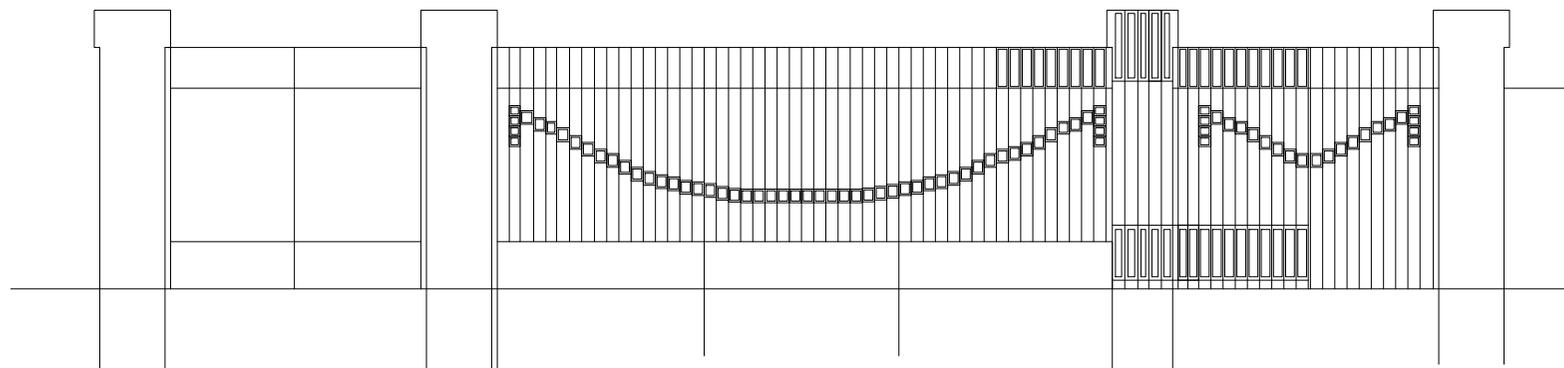


Figura 206: Esquema dos portões da propriedade da Villa Cássio Prado (1912).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Cássio Prado (1912) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

O partido arquitetônico do projeto aplicava um equilibrado sistema de linhas verticais e horizontais de diferentes espessuras. Essa relação era observada na expressiva série verticalizada definida pelo ritmo de composição das aberturas entre pavimentos e pelas alongadas molduras decoradas com módulos quadrados que dialogavam com a horizontalidade dos alinhamentos entre aberturas e as amplas áreas de alvenaria com frisos desenhados. Os compridos volumes envidraçados da caixa de escada e do espaço de *toilette* da senhora se contrapunham às coberturas horizontais que os acompanhavam.

Vários elementos compunham esse harmonioso arranjo perpendicular na sua definição formal: na parte superior da volumetria, a extensão horizontal da faixa decorativa compunha com a sequência de retângulos (maiores em altura do que largura) que se esboçavam internamente; diversas faixas alongadas de alvenaria tinham sua parte interna adornada por frisos horizontais; e as proporções longitudinais das mansardas frontal e posterior contrastavam com os renques transversais de aberturas quadriculadas.



Figura 207: Esquema de linhas do partido arquitetônico da Villa Cássio Prado (1912).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Cássio Prado (1912) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

Figura 208: Villa Cássio Prado (1912). Destaque para o volume envidraçado na lateral do prédio (na primeira foto) e para a definição das aberturas com fechamento folha tipo veneziana (que nas elevações ainda não estavam esboçadas).
Fonte: REIS FILHO (1997, p.156).



Figura 209: Villa Cássio Prado (1912).
Fonte: REIS FILHO (1997, p.156).



TRATAMENTO FORMAL INTERNO

Desenhos de Dubugras armazenados pelo Acervo da Biblioteca da FAU-USP revelam que o arquiteto detalhou para a Villa algumas áreas da sala de jantar e a marcenaria de algumas portas. Em uma das paredes dessa sala e entre duas portas foi previsto um *buffet*. A peça distinguiu-se pela rígida simetria bilateral implementada e utilizava estrutura de madeira com ferragens e puxadores metálicos de contornos sóbrios. A porção inferior do móvel trazia gavetas com recortes ortogonais em baixo relevo, portas de duas folhas de fechamentos em madeira e trechos de discretas aberturas de ventilação horizontais tipo veneziana. Ao centro, havia um comprido espelho retangular. Acima dele havia uma espécie de faixa decorativa com desenhos em baixo relevo e colorida com a mesma tonalidade das ferragens metálicas. O estudo mostra que estavam sendo feitas experimentações com desenhos de folhagens e frisos horizontais. Na parte superior do móvel foi acrescentada uma área de armazenamento de louças fechada por portas com recortes retangulares em vidro. Entre as duplas de folhas de fechamento, o arquiteto inseriu ornatos metálicos alongados de motivos geometrizados. O conjunto era terminado por frisos horizontais, que mostravam consonância com o tratamento plástico das fachadas.

Percebe-se que as portas laterais traziam elementos análogos aos do móvel, com venezianas inferiores, recortes retangulares em

vidro (que conservavam as dimensões dos recortes utilizados no *buffet*) e frisos superiores.

Uma segunda área da sala de jantar era acrescida de uma lareira. Esta apoiava-se sobre um sóculo de alvenaria. Lateralmente, foram ordenados dois volumes mais recuados, com painéis retangulares e *boiseries* de madeira. A abertura da lareira utilizava uma padronagem quadriculada e a coifa, de ângulo convexo, era moldada de cobre vermelho¹⁰⁷. Tratava-se de um material dificilmente encontrado em São Paulo, tendo que ser, certamente, importado da Europa. Na parte superior, foi empregada a mesma faixa decorativa sinalizada no *buffet*, porém, nesta, foram definidos desenhos abstratos florais tomados da linguagem *Art Nouveau*. A estrutura era terminada por um tampo de mármore que funcionava como prateleira. Logo acima da lareira foi situado um amplo espelho retangular. Dois ornatos de esboço geometrizado, e equivalentes aos

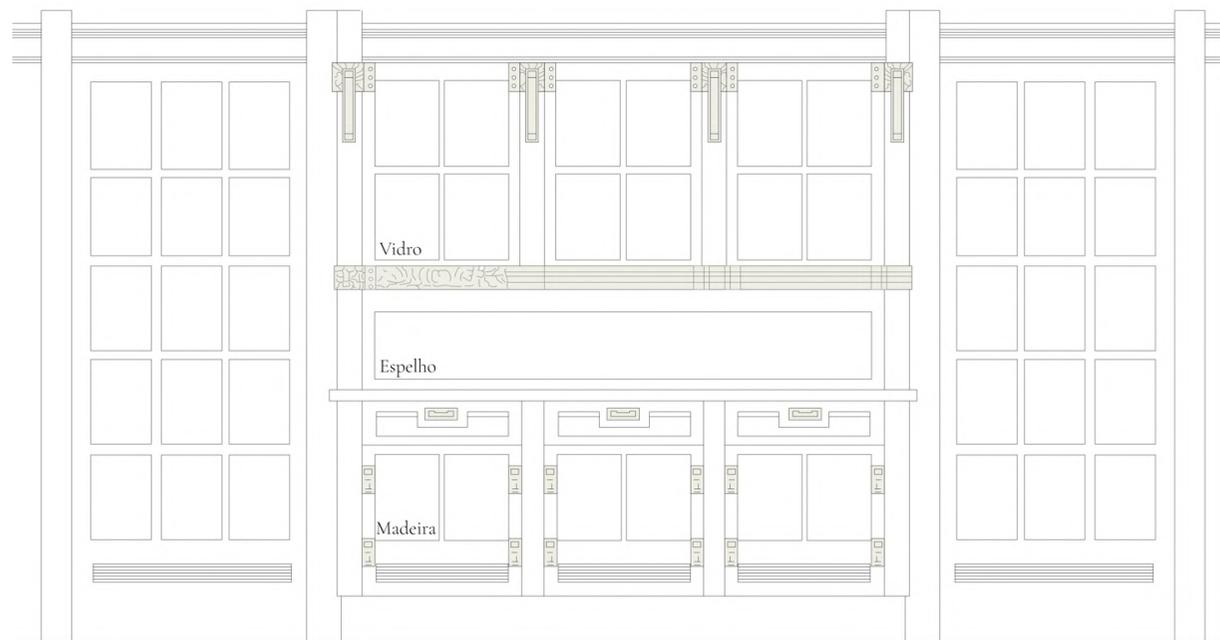


Figura 210: Buffet da sala de jantar da Villa Cássio Prado (1912).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Cássio Prado (1912) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

¹⁰⁷ A coloração indicada na lareira pode sugerir que as outras peças coloridas na mesma tonalidade poderiam ser de cobre vermelho.

utilizados no *buffet*, flanqueavam o espelho e evidenciavam o intuito de conciliar o *Art Nouveau* em todas as partes constituintes da obra.

O desenho também revela algumas características do cômodo adjacente, presumivelmente o *hall*. Nele, havia uma pintura a óleo de temática campestre, com as indicações das medições sugeridas (1,50x1,00m ou 1,60x1,10m). Abaixo do quadro foi alocada uma outra fita adornada (com as mesmas representações *Floreale*), *boiseries* de madeira e estrias horizontais que lembravam as venezianas das portas.

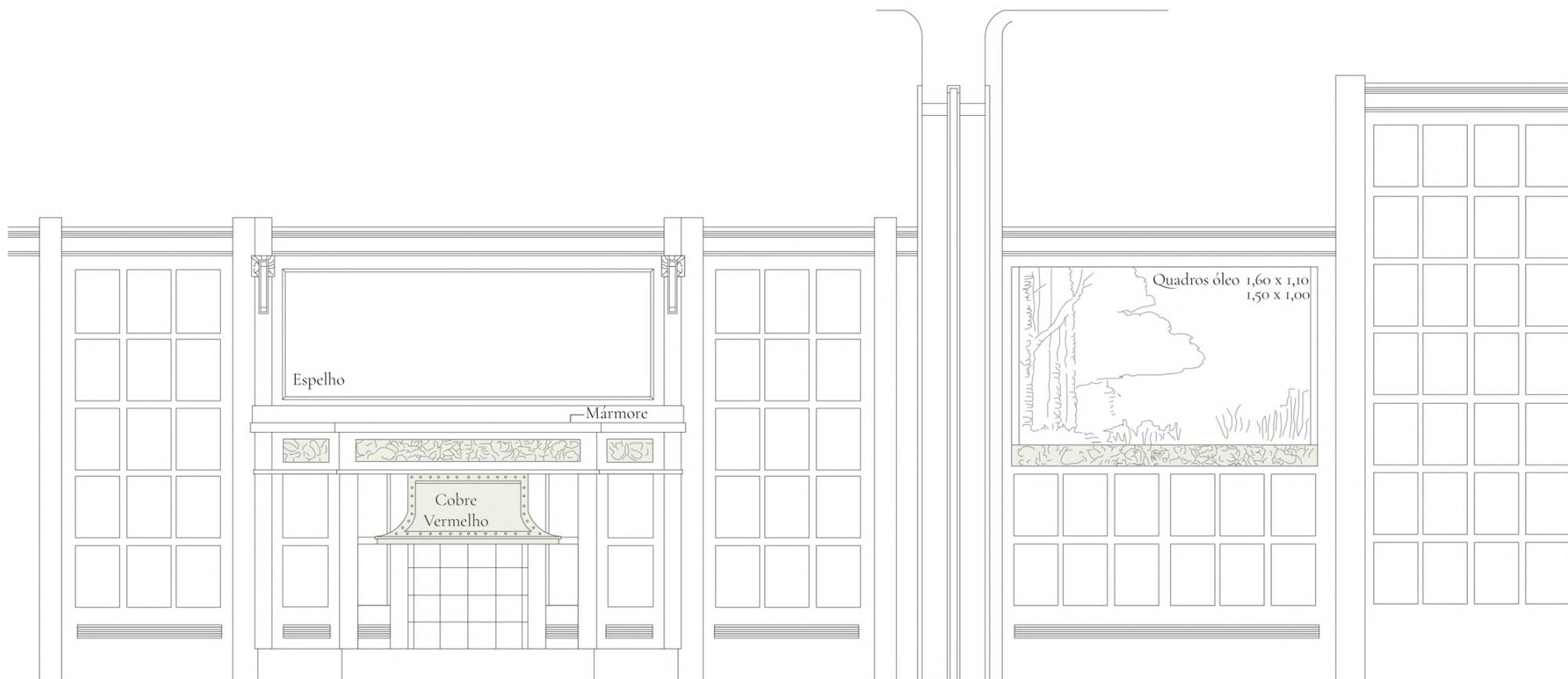


Figura 211: Área da chaminé da Villa Cássio Prado (1912).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Cássio Prado (1912) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

Uma porta do pavimento térreo sem identificação do local foi minuciosamente detalhada. Ela aproveitava o mesmo alicerce compositivo das portas da sala de jantar (com frisos superiores, recortes retangulares de vidro e aberturas de ventilação inferiores tipo veneziana). No entanto, chama atenção a grade metálica que se sobrepõe à folha de fechamento. Ela apresentava uma grande riqueza de detalhes, com padrões intrincados de motivos retilíneos e geométricos que se distribuíam pela extensão do plano. Na base, foi inserido um revestimento metálico com nervuras horizontais. Pequenos brasões quadrados adornados com flores eram entrelaçados a perfis em ziguezague. Os grafismos geometrizados e as relações de linhas verticais e horizontais bem demarcadas mostravam sintonia com as obras de Hoffmann. A decoração e o próprio objeto combinavam-se em uma única entidade. Como Madsen (1967, p. 106) lembra:

Uma das qualidades marcantes da arquitetura *Art Nouveau* consiste na capacidade de pôr em prática a teoria estrutural ao “expor” os elementos construtivos da edificação, especialmente o ferro, de forma a torná-los visíveis (frequentemente integrados, decorativamente na fachada); o ornamento serve para simbolizar e salientar esta preocupação estrutural.

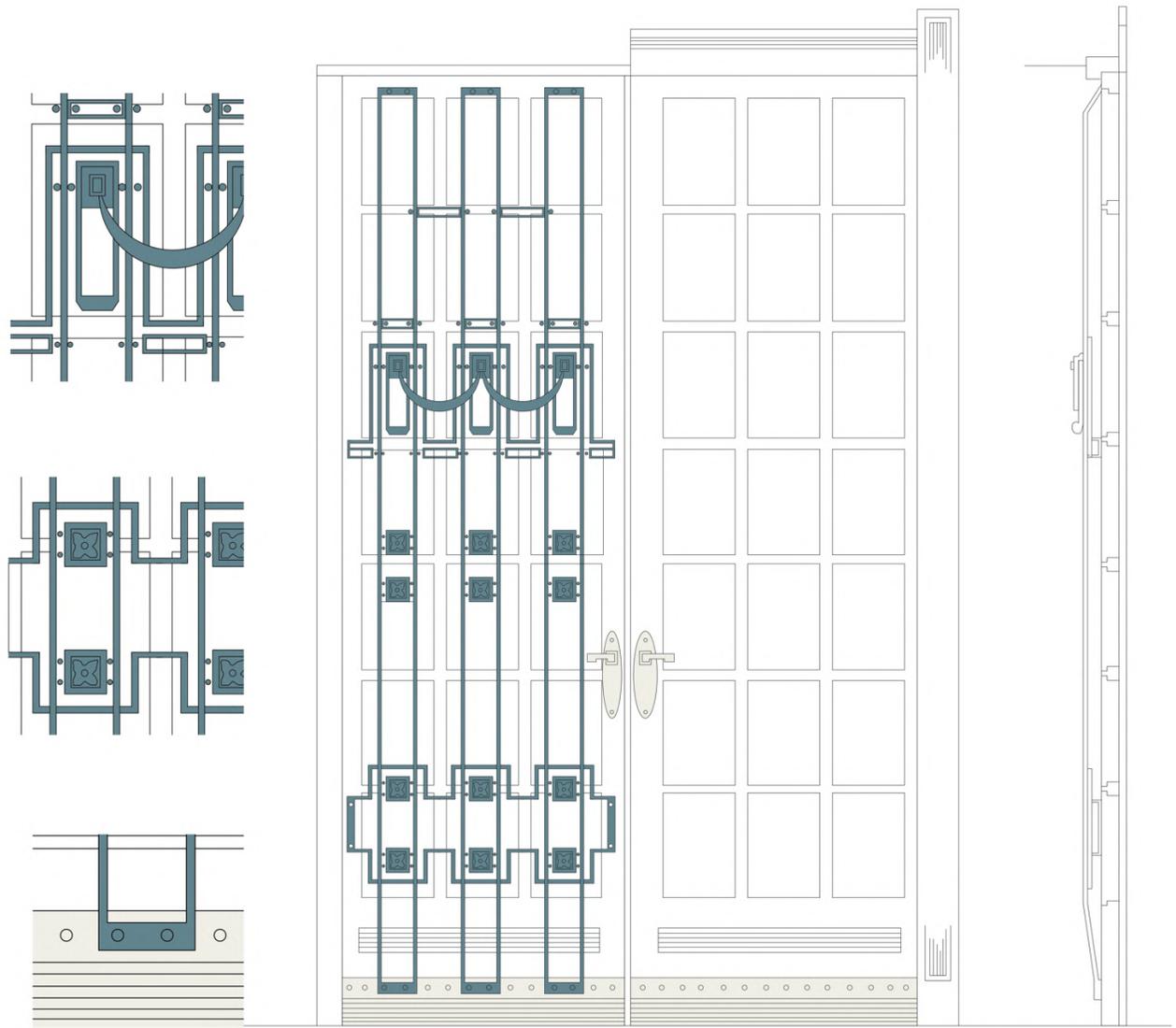


Figura 212: Porta do pavimento térreo da Villa Cássio Prado (1912), com detalhes ampliados. Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Cássio Prado (1912) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

PROCESSO DE PROJETO

Os registros submetidos à aprovação municipal revelam, como apontado anteriormente no texto, um projeto alternativo da Villa Cássio Prado. Apesar de seu estágio avançado de desenvolvimento, este projeto foi descartado em prol do estudo desenvolvido à mesma época.

Percebe-se que perfilhava, em linhas gerais, um programa de necessidades e uma volumetria similares ao da concepção que o sucede. Existia, no entanto, uma variedade de distinções estéticas e de distribuição espacial.

No embasamento, vários ambientes eram genericamente referidos como “quarto”. Não havia escada no volume lateral ressaltado e, na parte frontal do piso, havia uma abertura que não deixava evidente se era uma porta ou uma janela. A escada da área de serviço era arrematada em formato semicircular e esse conjunto de escadas não tinha aberturas de iluminação e ventilação.

No pavimento térreo, o acesso principal era feito por meio de uma estreita escada que conduzia a um pequeno vestíbulo retangular. Este levava ao *hall* central. Ao lado do vestíbulo foi posicionado um pequeno terraço, que partilhava passagem somente com o *hall*. O salão e o escritório estavam em posições opostas àquela proposta no projeto que nortearia a construção final. O escritório tinha ingresso tanto pelo *hall* quanto pelo vestíbulo. Uma grande varanda ocupava o espaço dedicado à sala de bilhar. Os terraços posteriores interligavam-se por meio de uma pequena escada e o terraço inferior fazia a conexão com o quintal da casa.

Já no pavimento superior, a área produzida pelo avanço volumétrico do vestíbulo no térreo foi aproveitada com o dormitório da criada. Este dispunha de dimensões menores e ligava-se ao dormitório alocado ao lado da escada. O segundo *hall* tinha uma grande abertura retangular, que lembrava a galeria antecâmara esquematizada no pavimento superior da Villa Flávio Uchôa (1902). Devido à alteração da posição do dormitório da criada, o banheiro próximo ao *toilette* da senhora

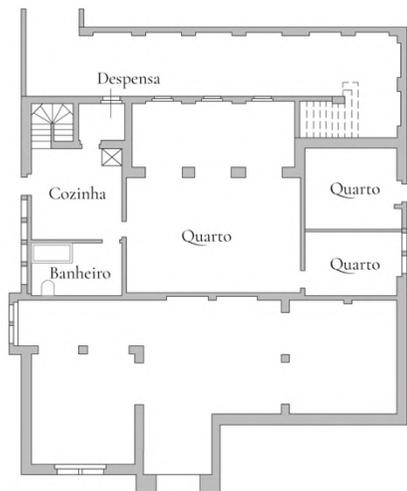
era maior. O *toilette* da senhora não tinha a *bow-window*, sendo terminado por uma parede reta. O arranjo interno do andar eliminava a varanda anexa ao segundo *hall*.

Neste projeto, as fachadas eram mais decoradas, não faziam uso das estrias horizontais e as janelas incluíam bandeiras. A fachada frontal, devido ao acréscimo do volume do vestíbulo, era assimétrica. Nota-se que entre as janelas havia ornatos retangulares com recortes internos. A área de entrada era ricamente adornada com faixas de desenhos geométricos intrincados nas colunas laterais e fitas decoradas e um painel retangular na parte superior. A cobertura, também recortada, incorporava uma pequena mansarda de geometria encurvada. A estética proposta para ela contrastava com o restante da volumetria.

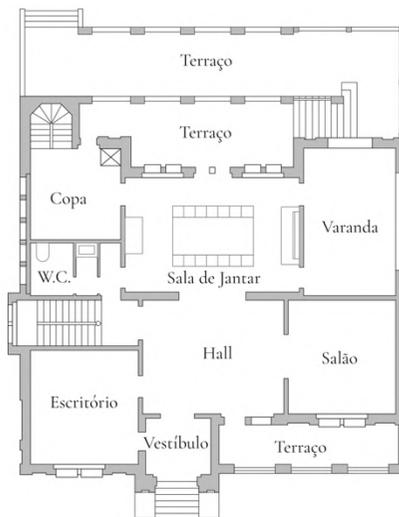
A presença de guarda-corpos em parte do desenho sugere que a volumetria não tinha recuo frontal, estando alocada no alinhamento da calçada.

Na fachada posterior, nota-se a ausência da *bow-window* do *toilette* da senhora. A cobertura não tinha mansardas. No outro extremo da volumetria, a varanda do *toilette* de Cássio Prado contava com uma segunda área de varanda, com apoios escalonados. As colunas com capitéis jônicos da pérgola do terraço inferior eram mais alongadas.

Em ambos os desenhos de elevação observa-se que não havia o volume envidraçado com cobertura atirantada da caixa de escada lateral.



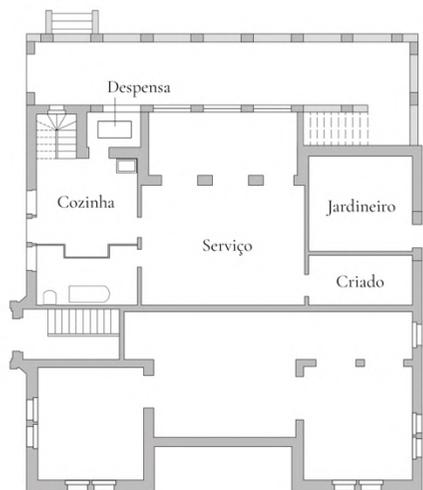
EMBASAMENTO- PROJETO SUBMETIDO À PREFEITURA



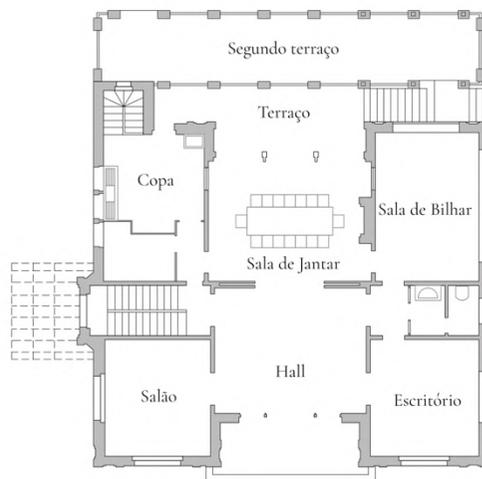
PAVIMENTO TÉRREO - PROJETO SUBMETIDO À PREFEITURA



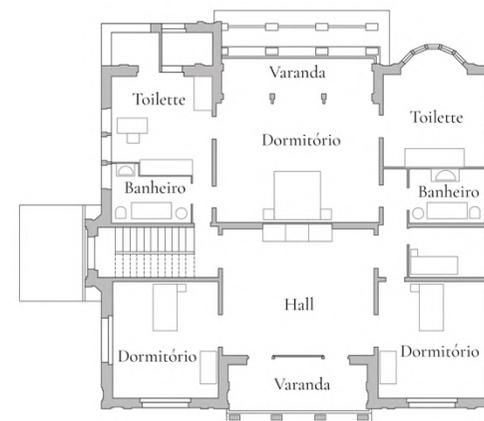
PAVIMENTO SUPERIOR - PROJETO SUBMETIDO À PREFEITURA



EMBASAMENTO- PROJETO QUE NORTEOU A EDIFICAÇÃO CONSTRUÍDA



PAVIMENTO TÉRREO - PROJETO QUE NORTEOU A EDIFICAÇÃO CONSTRUÍDA



PAVIMENTO SUPERIOR - PROJETO PROJETO QUE NORTEOU A EDIFICAÇÃO CONSTRUÍDA

Figura 213: Processo de projeto da Villa Cássio Prado (1912): plantas submetidas à análise municipal e plantas do projeto que norteou a construção edificada.
 Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Cássio Prado (1912) presente no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP (projeto submetido à prefeitura) e no Acervo da Biblioteca da FAU-USP (projeto que norteou a edificação construída).

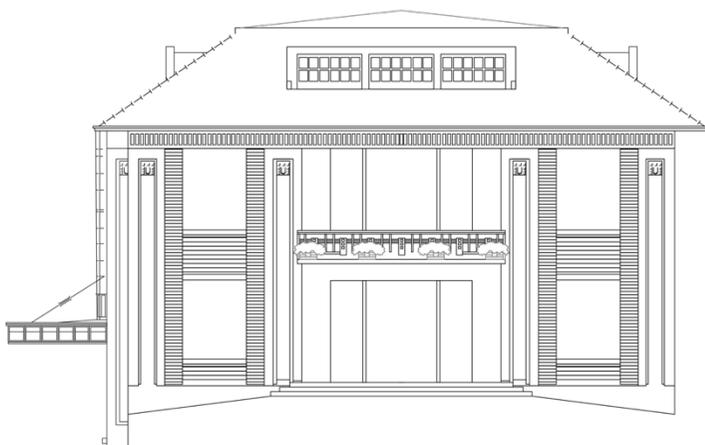




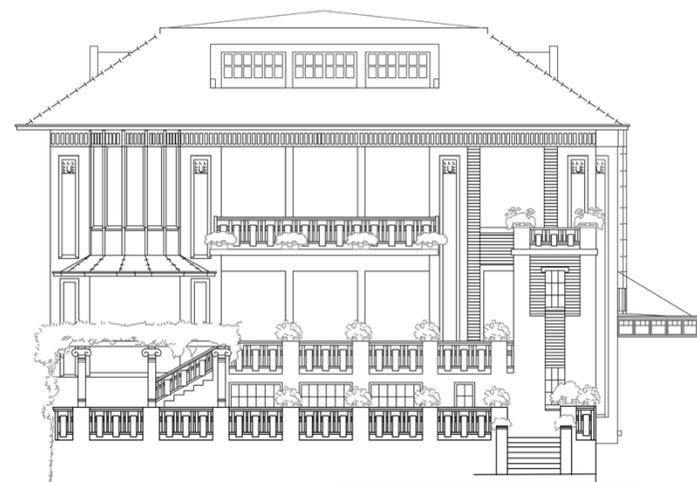
ELEVAÇÃO FRONTAL - PROJETO SUBMETIDO À PREFEITURA



ELEVAÇÃO POSTERIOR- PROJETO SUBMETIDO À PREFEITURA



ELEVAÇÃO FRONTAL - PROJETO QUE NORTEOU A EDIFICAÇÃO CONSTRUÍDA



ELEVAÇÃO POSTERIOR- PROJETO QUE NORTEOU A EDIFICAÇÃO CONSTRUÍDA

Figura 214: Processo de projeto da Villa Cássio Prado (1912: elevações submetidas à análise municipal e fachadas do projeto que norteou a construção edificada, respectivamente. Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Cássio Prado (1912) presente no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP (projeto submetido à prefeitura) e no Acervo da Biblioteca da FAU-USP (projeto que norteou a edificação construída).

DESTINO DA CONSTRUÇÃO

A relevância dessa casa está não apenas em suas qualidades projetuais, mas no fato de ter sobrevivido ao tempo. Por muitos anos, a Villa manteve seu uso residencial. Na década de 1970, passou a abrigar uma agência bancária do Banco Francês Brasileiro. Entre as décadas de 1980 e 2010, o imóvel foi tombado por diferentes esferas patrimoniais.

No ano de 1985, o Departamento do Patrimônio Histórico da cidade de São Paulo (DPH) realizou um inventário preliminar dos bens arquitetônicos do bairro de Higienópolis produzidos em finais do século XIX e início do XX. Naquele momento, os estudos não foram continuados e “[...] não tendo sido tomadas as providências legais necessárias para sua preservação, diversas residências de excepcional valor arquitetônico foram demolidas para dar lugar a edifícios de apartamentos” (Conpresp, 1992, fl. 595).

Dada a acelerada verticalização do bairro entre as décadas de 1980 e 1990, em 25 de agosto de 1992, através do memorando nº 164, o arquiteto do DPH José Roberto dos Santos Pinheiro explicita a importância histórica e arquitetônica das construções da região de Higienópolis no desenvolvimento urbano de São Paulo e destaca ao Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp) o caráter de urgência nas implementações de medidas legais visando à preservação dos imóveis da área. Para tanto, foram elaboradas fichas com informações de cada bem com interesse de preservação, incluindo análises arquitetônicas-ambientais de cada caso, materiais iconográficos e uma planta com as demarcações das construções. Dentre os 22 imóveis inventariados, estava a Villa Cássio Prado (1912), cujo logradouro atualizado era Avenida Higienópolis, nº 232.

Em 27 de agosto de 1992, o chefe da Seção Técnica de Crítica e Tombamento, Walter Pires, encaminhou, por meio do documento de informação 811/1992, o memorando de Pinheiros e se manifestou positivamente para a abertura do processo. Logo, foi solicitado ao conselheiro Victor Hugo Mori a realização de um parecer sobre o tema.

O parecer mostrou-se favorável à abertura do processo de tombamento através do Conpresp¹⁰⁸, indicando que “Estamos diante de uma rara oportunidade de propor um tombamento inusitado, que tem como um dos objetivos, a possibilidade de reunir numa mesma região, ‘um microcosmos’ da história da arquitetura residencial de São Paulo [...]” (Conpresp, 1992, fl. 74). No entanto, foi sugerida a inserção de três imóveis ao conjunto (Edifício Higienópolis, Edifício Prudência, Edifício Bretagne) e a exclusão de um (Igreja Santa Teresinha). Após a execução de estudos, o processo passou a abranger os imóveis propostos.

Assim, a partir da unanimidade favorável, no dia 11 de dezembro de 1992, a resolução nº 43 do Conpresp instituiu a abertura do processo (Processo 16-008-812-92*01). A resolução aplicava, de forma imediata, a preservação de uma série de elementos dos lotes, tais como edificações, arborização, ajardinamento, muros, gradis e demais elementos arquitetônicos das áreas externas das edificações principais. Com a abertura do processo, eventuais reformas, revitalizações, aplicações ou modificações necessitariam obter autorização prévia do órgão.

Em setembro de 1993, os proprietários de quatro imóveis definidos como de interesse de tombamento (dentre os quais, o atual proprietário da antiga Villa Cássio Prado) solicitaram ao Conpresp a reconsideração do processo, alegando a limitação do valor econômico dos imóveis dado o tombamento e a necessidade de oitivas da sociedade civil sobre a questão. Na mesma data foi encaminhado ao conselheiro Lucio

¹⁰⁸ O Conpresp é interligado ao DPH, mas ambos sendo órgãos independentes que, por vezes, têm atuações conjuntas, ora na instrução de processos de tombamento, ora no processo deliberativo. O DPH ainda atua como órgão técnico consultivo ao Conpresp.

Gomes Machado a emissão de parecer sobre a necessidade de proteção. O parecer, expedido em 22 de setembro de 1993, ressaltava a significância e relevância de cada imóvel na constituição urbana do bairro e rejeitava as contestações realizadas pelos proprietários (apontando as competências da lei 9725, de 1984, e a realização de debate público pelo DPH sobre o processo de tombamento no bairro de Higienópolis). Nesse sentido, o parecer conclui com voto favorável para a aprovação do tombamento.

Em janeiro de 1994, o memorando 214/1993 do secretário municipal da Cultura, Rodolfo Konder, solicitou a suspensão da resolução nº 43, de 1992, do Conpresp visto que “[...] após mais de doze meses de sua edição, nada ainda foi providenciado quanto à efetivação dos tombamentos nela previstos nem há previsão de sua concretização que dependerá, também, de minha aprovação” (Conpresp, 1992, fls. 465-467). Um mês depois, foi conduzido ao órgão um abaixo-assinado de moradores de Higienópolis favoráveis ao tombamento, que continha 87 folhas.

Paralelamente, a resolução nº 01, de 1994, do Conpresp definiu que o Processo 16-008-812-92*01 permaneceria ativo, mas o conteúdo iria ser desmembrado em processos individuais referentes a cada imóvel – sob custódia do DPH – e o processo de 1992 só seria encerrado após a decisão final de todos os demais processos unitários. Assim, a Villa Cássio Prado tornou-se objeto de análise do Processo 1994-0-11.910-0 (Tombamento do imóvel à Avenida Higienópolis, 232).

A partir da criação do processo, o proprietário da Villa enviou uma carta ao presidente do Conpresp advertindo que o prédio se encontrava descaracterizado em razão de extensas reformas internas e externas efetuadas pelo Banco Francês Brasileiro na década de 1970 para a instalação de uma de suas agências. Como parte de suas explanações foi apontada uma série de demolições e modificações ocorridas no projeto original de Dubugras:

[...] não se pode atribuir a esse imóvel valor histórico, porque não representa mais o estilo arquitetônico da época em que foi construído, depois de ter passado pela adaptação que o modernizou completamente. De fato, foram demolidas todas as paredes internas, dando lugar a um único ambiente no térreo e no primeiro andar. Externamente foram demolidos as edículas e os terraços que compunham a fachada, bem como substituídas as portas do edifício, restando apenas a sua estrutura original de quatro paredes externas (Conpresp, 1994, fl. 06, grifos do autor).

Após a declaração, o processo manteve-se inativo por diversos anos e sem qualquer atualização registrada. No ano de 2012, foi incluída uma avaliação da implantação da Villa em seu contexto urbano, apontando sua proximidade com construções como a Villa Penteadó e a Villa Maria no início do século XX. No cenário mais atual, relatou-se a escassez de espaços ajardinados e verdes características do bairro durante sua formação e como, nesse sentido, a antiga Villa Cássio Prado se conformava um dos poucos exemplares remanescentes com as áreas verdes íntegras.

Em seguida, foi realizado um estudo para a justificativa de tombamento definitivo da residência. Nele, são incluídas as plantas da edificação construída (o projeto esboçado por Dubugras e analisado pela presente pesquisa) e são destacados os atributos considerados modernos e precoces do projeto, que “[...] se contrapõe às residências de estilo *Art Nouveau* ou historicistas do entorno pelo tratamento em linhas retas e com elementos decorativos singelos” (Conpresp, 1994, fl. 20). Ressalta-se o ritmo de inserção de aberturas e alguns aspectos construtivos:

Na fachada frontal, voltada para a Avenida Higienópolis, o ritmo das janelas com venezianas metálicas marca os pavimentos térreos e o primeiro da edificação. Na fachada oeste encontra-se o mesmo ritmo de aberturas com esquadrias semelhantes às da fachada principal, interrompido apenas pelo volume envidraçado que se sobressai da fachada, onde se localiza a escada que liga os dois pavimentos. Na fachada norte, voltada para os fundos do lote, encontram-se varandas no primeiro pavimento e térreo, esta última com acesso externo ao platô ajardinado na parte posterior

da edificação, e janelas curvas no pavimento superior. As grandes aberturas e amplos terraços voltados para esta face aproveitam boa insolação e a perspectiva garantida pela declividade do terreno na época de sua construção. Na fachada oeste mantém-se o ritmo de aberturas encontrado na fachada frontal (Conpresp, 1994, fl.20).

Após a explanação das características do projeto foram descritas as condições da edificação na época. Indicou-se que o prédio estava sem uso e havia passado por inúmeras obras de adaptação durante o período em que funcionou como agência bancária. Um levantamento realizado pela empresa Astorga Consultoria a pedido do proprietário – devido ao seu interesse em construir um prédio residencial aos fundos do lote – registrou as modificações e patologias encontradas. O levantamento foi sintetizado pelo órgão, distinguindo que as alterações se concentravam em três categorias: segurança, acessibilidade e configuração espacial:

- A) As alterações de caráter de segurança (realizadas para atendimento do uso bancário): alteração do vão da entrada no térreo da fachada da Avenida Higienópolis para colocação de gradil metálico e porta automática, acréscimo de volume envidraçado e cobertura de estrutura metálica que se projeta sobre o jardim. Na parte interna do prédio construiu-se uma guarita próximo à entrada principal com uma porta de acesso e um cofre no nível do embasamento, com fechamento de porta metálica reforçada. Na fachada posterior, o terraço remanescente foi cercado por grades metálicas;
- B) As alterações de acessibilidade: instalação de rampas de acesso na fachada principal e introdução de elevadores na parte interna;
- C) As alterações de configuração espacial (modificações do espaço projetado): remoção de grande parte das paredes internas, inserção de vigas metálicas, fechamento da varanda frontal do pavimento superior, colocação de esquadrias similares àquelas utilizadas no restante do

projeto e rebaixamento do teto de gesso no térreo e no pavimento superior.

Complementando o estudo, foram anexados ao processo uma série de fotografias que registrava o estado do prédio e suas modificações (ver Figura 215).

No dia 13 de agosto de 2013, os conselheiros presentes na 571ª Reunião Ordinária deliberaram a favor do tombamento do prédio situado na Avenida Higienópolis, 232. A decisão foi homologada através da resolução nº 26 do Conpresp.



Já o tombamento em nível estadual ocorreu pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat). De forma similar ao processo do Conpresp, as iniciativas de preservação da Villa Cássio Prado estavam atreladas a procedimentos que visavam ao tombamento de várias edificações localizadas na região de Higienópolis. O primeiro processo foi instaurado em 1994 (Processo 32102/1994) e a partir dele desdobraram-se uma variedade de outros processos, tais como: 33239/1995 (que se tratava de um segundo volume do processo de 1994, mas recebeu uma numeração diferente), 51541/2005, 01080/2011 e 66152/2012. As tramitações eram complexas. As extensas documentações contavam com estudos, levantamentos, anúncios aos proprietários dos móveis de interesse de tombamento, contestações, sugestões de inclusão de imóveis, despachos internos, pareceres, cópias de processos, solicitações de exclusão de imóveis, etc. Dentre os materiais produzidos, chamam atenção as fichas de identificação dos bens de interesse de tombamento produzidas em 2011 (e associadas ao processo 32102/1994). Nela, a Villa Cássio Prado é descrita sob os aspectos do programa interno, utilização do art nouveau e soluções construtivas implementadas.

Em 2012, a Conselheira Cristina Meneguello avaliou o conjunto dos materiais produzidos e a trajetória dos procedimentos processuais, atestando que:

Hoje, vinte anos mais tarde, com vários edifícios demolidos, outros tombados por outros processos ou em nível municipal, com o shopping construído a partir da demolição de três imóveis que estavam listados originalmente para o tombamento etc., é o momento de deslindarmos esse longo processo. Esta breve e muito concisa narrativa indica os interesses controversos gerados pela proposta de um tombamento de uma grande quantidade de exemplares de um bairro. Nos alerta para a ignorância em relação a importância da proteção exemplares

Figura 215: Fotografias das modificações realizadas na Villa para atendimento do programa bancário.

Fonte: Conpresp, 1994, fls. 52-57.

histórica e arquitetonicamente relevantes, mas nos alerta também para os usos equivocados do instituto do tombamento, quando este pode servir à consolidação e manutenção de privilégios urbanos, antes de servir a conscientização histórica da importância de regiões específicas de uma cidade. Tudo isso deve estar em equilíbrio com a necessidade real de indicar imóveis que testemunhem de forma inequívoca os processos de modernização de São Paulo, sendo o bairro de Higienópolis local privilegiado para tal (Condephaat, 1994, fl. 689).

Após o parecer apontar inconsistências nas definições dos objetos de interesse e a longa perduração do processo desde sua abertura, o Egrégio Colegiado, em Sessão Ordinária de 30 de junho de 2014, decidiu pelo arquivamento do Processo 32102/1994 (e os processos subsequentes) em razão das inclusões infundáveis de bens à listagem original de 1994, de problemas processuais e ausência de critérios claros que norteiem as propostas, entre outros.

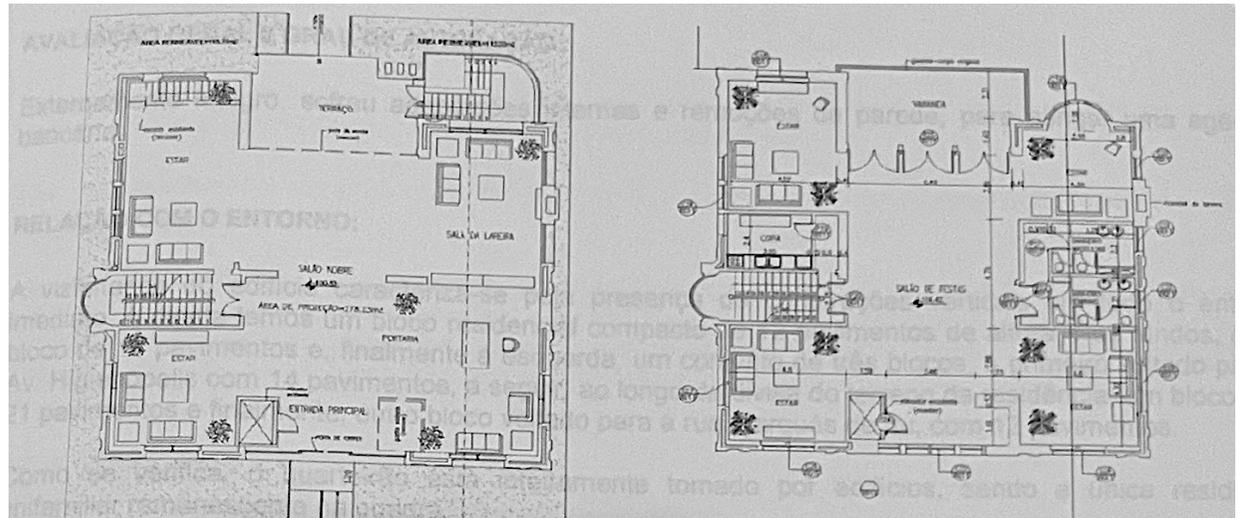
Em agosto de 2014, os proprietários dos imóveis de interesse receberam uma carta relatando o arquivamento do processo e informando que a Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico (UPPH) iria realizar estudos específicos e, posteriormente, seria apresentada nova proposta de tombamento. Esta poderia voltar a incluir os imóveis em questão.

Desse modo, ainda em 2014, foi aberto o processo 72974/2014. Nele, foram executados novos estudos e a antiga Villa Cássio Prado voltou a ser considerada (juntamente com outros 14 outros imóveis residenciais) de interesse de tombamento no âmbito estadual. A Sessão Ordinária de 22 de setembro de 2014, do Egrégio Colegiado do Condephaat (Ata nº 1767) determinou, por unanimidade, a abertura dos estudos de tombamento dos imóveis contidos no processo 7297.

O parecer técnico UPPH nº GEI-300-2014, elaborado pelas arquitetas Adda Alessandra P. Ungaretti e Silvia Ferreira Santos Wolff, empreendeu um cuidadoso estudo do conjunto, que incluía fichas dos bens de interesse de tombamento. A ficha referente à Villa Cássio Prado (1912) é nomeada como “Residência Fernando Nobre”,

um dos moradores da edificação. Nela, foram incluídas plantas da casa com as alterações realizadas pelo Banco Francês Brasileiro, em que se percebe a demolição de várias paredes internas, de parte do terraço posterior e a inclusão de uma escada curva aos fundos.

Figura 216: Plantas da residência do período que abrigou uma agência bancária.
Fonte: CONDEPHAAT, 2014, fl.129



No dia 15 de dezembro de 2014, o Egrégio Colegiado “[...] deliberou aprovar o parecer do Conselheiro relator referente ao tombamento de um conjunto de bens arquitetônicos e urbanísticos no Bairro de Higienópolis [...]” (Condephaat, 2014, fl.278). Dentre esse conjunto estava a Villa Cássio Prado (mencionada como “Residência na Avenida Higienópolis, 232”). Em 14 de fevereiro de 2015, a decisão foi publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo.

Atualmente, o imóvel encontra-se desocupado. Apesar de terem sido feitas tentativas de contato, não foi possível adentrar na propriedade e no interior da residência, sendo factível somente fotografar as condições gerais das fachadas externas. Percebe-se que o conjunto, apesar das modificações realizadas, da presença de algumas patologias (como infiltrações na laje de cobertura e em pontos das paredes) e de certa falta de manutenção dos componentes (como as venezianas quebradas das janelas), ainda mantém as características gerais do projeto de Dubugras.



Figura 217: Villa Cássio Prado atualmente.
Fonte: Acervo da autora (2023).

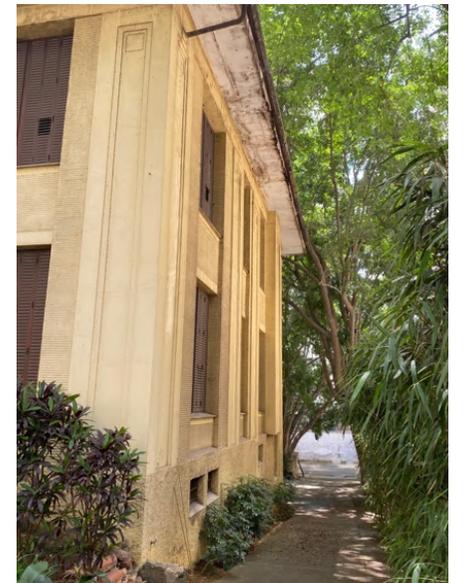


Figura 218: Villa Cássio Prado atualmente.
Fonte: Acervo da autora (2023).

2.12 VILLA DO DR. GABRIEL DIAS DA SILVA (1913)

PROPRIETÁRIO

Nascido na cidade de Taubaté, Gabriel Dias da Silva (1860-1938) foi um advogado, político e empresário. Formou-se em 1882 na Faculdade de Direito de São Paulo (Falecimentos, 1938). Em sociedade com Delfino Pinheiro de Ulhôa Cintra, dirigiu um escritório de advocacia em Campinas (Avisos, 1883). Na cidade, foi um dos fundadores das empresas Companhia D'águas e Esgotos de Campinas e Companhia de Máquinas Agrícolas MacHardy (Companhia, 1887; Falecimentos, 1938). Na cidade de São Paulo, ocupou o cargo de presidente da Associação Comercial de São Paulo (Associação, 1900). Foi um dos fundadores das tecelagens Companhia Fiação e Tecidos São Bento, Companhia São Bernardo e da Fábrica de Tecidos Companhia Industrial de São Paulo (Almanak, 1900). Também foi um dos fundadores da Companhia Estrada de Ferro de Dourado e um dos diretores da Estrada de Ferro Bragantina (Almanak, 1900; Almanak, 1899). Era tesoureiro da Economizadora Paulista (empresa da qual Luiz Piza era um dos diretores) (Caixa, 1908). No campo político, foi eleito deputado em duas legislaturas e exerceu os cargos de vice-presidente e presidente da Câmara. Foi casado com Francisca Emília de Salles e Silva, com quem teve três filhos: Maria José, Maria de Lourdes e Gabriel (Falecimentos, 1938).

A encomenda do projeto da casa a Dubugras, contudo, foi feita durante o segundo casamento de Gabriel Dias da Silva, quando, após o falecimento de Francisca, casou-se, em 1908, com Maria Angélica Barros Dias da Silva (1868-1945),

filha de Francisco Aguiar Barros e Maria Angélica de Souza Queirós¹⁰⁹. Com ela, teve uma filha: Beatriz (Brotero, 1958).

IMPLANTAÇÃO

A Villa foi concebida por Victor Dubugras em janeiro de 1913 e submetida à análise municipal no mês seguinte. De acordo com os registros da construção mantidos no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP, a moradia estava localizada na Rua São Vicente de Paulo, nº 19, na região de Santa Cecília. Como se tratava de um lote de meio de quadra, para que a propriedade fosse localizada corretamente nas plantas produzidas pelo projeto S.A.R.A Brasil (1930), foi necessária a



Figura 219: Implantação da Villa Gabriel Dias da Silva (1913).

Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como base planta cartográfica do projeto S.A.R.A Brasil (1930) e dados topográficos da plataforma GeoSampa (2023).

¹⁰⁹ Maria Angélica de Souza Queirós Aguiar de Barros era membro da abastada família Souza Queirós. Filha de Francisco Antônio de Souza Queirós (o Barão Souza Queirós), neta do Brigadeiro Luiz Antônio de Souza Queirós e casada com seu primo Francisco de Aguiar Barros (filho do Barão de Itu). No final da década de 1870, o casal adquiriu a Chácara das Palmeiras, na cidade de São Paulo, e passou a residir na antiga sede do sítio. Com o falecimento de seu marido, em 1890, Maria Angélica Queirós comissionou ao arquiteto alemão Matheus Häussler o projeto de um palacete para ser instalado em outra área da chácara (entre a Alameda Barros e Avenida Angélica – esta última, nomeada em sua homenagem).

realização da reconstituição do histórico da mudança de numeração do imóvel via pesquisa de emplacamento¹¹⁰. Para tanto, foram utilizadas as informações iniciais do projeto submetido à municipalidade e, a partir da numeração indicada, foram verificadas as alterações da numeração do logradouro ocorridas nos anos de 1908, 1911, 1928 e 1935 (data em que ocorreu a última modificação na cidade). O livro referente a 1935 assinala que o nº 19 tornou-se nº 199.

A partir da identificação do logradouro atualizado (Rua São Vicente de Paulo, nº 199) verificou-se o posicionamento na quadra pela plataforma GeoSampa, para, por fim, conferir o lote referente na planta do projeto S.A.R.A Brasil (1930).

Assim, a propriedade estava alocada na quadra formada pela Rua São Vicente de Paulo, Avenida Angélica, Alameda Barros e Rua das Palmeiras. Na esquina da Avenida Angélica com a Alameda Barros, e fazendo divisa com os fundos da Villa do Dr. Gabriel Dias, ficava o casarão de sua sogra, Maria Angélica de Souza Queirós (o cenário pode ser conferido na planta de implantação e na segunda imagem da Figura 215). Essa situação sugere que o terreno teria sido doado ao casal pela matriarca da família Queirós.

O lote da Villa Gabriel Dias da Silva, também nomeada como “Villa Maria Angélica” em homenagem a sua esposa, tinha uma posição privilegiada, estando situado na região mais plana da quadra (cujo desnível era de cerca de 15 metros). O volume da residência foi alocado na área central do terreno, com recuos laterais e afastamento do calçamento. Na área fronteira aos fundos havia uma edícula¹¹¹.

A entrada à propriedade – tanto de pedestres quanto de automóveis – era feita por dois portões posicionados nas laterais do lote. Um croqui de Dubugras evidencia que na parte da frente da casa havia um espaço ajardinado com

Figura 220: Cruzamento de referências por meio da pesquisa de emplacamento para a identificação do lote da Villa Gabriel Dias da Silva (1913).

Fonte: Google Maps (2023) e planta cartográfica do projeto S.A.R.A Brasil (1930).

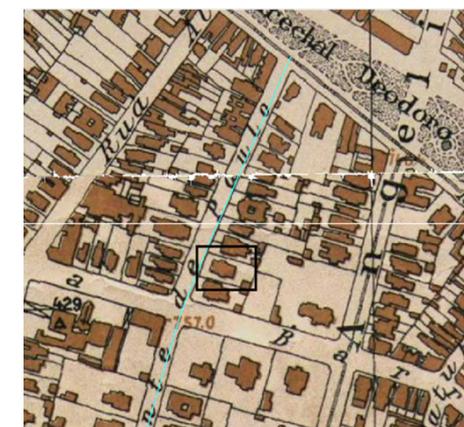
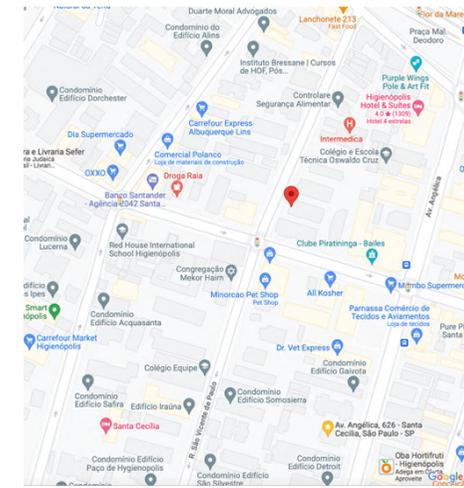
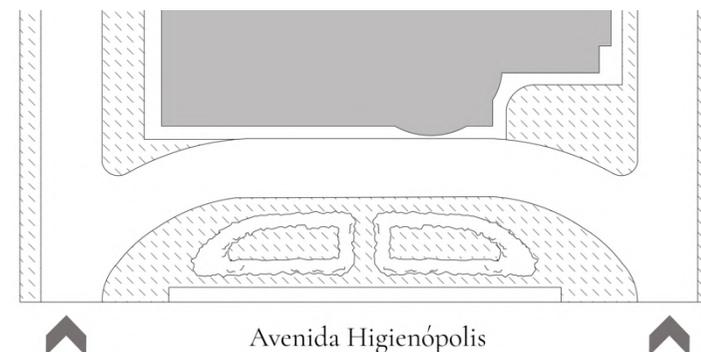


Figura 221: Entrada da Villa Gabriel Dias da Silva (1913).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Gabriel Dias da Silva (1913) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



¹¹⁰ Os registros dos livros do Serviço de Emplacamento do Departamento de Obras da cidade de São Paulo são conservados no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

¹¹¹ O registro da propriedade no item “Processo de Projeto” dessa seção corrobora com a indicação.

arbustos e uma trilha de calçamento encurvada. Nas laterais do volume, os calçamentos seguiam linhas retilíneas.

O gradil frontal e os portões da Villa foram concebidos por Dubugras. As considerações acerca dos aspectos formais da estrutura podem ser conferidas em “Composição, Fachadas e Volume” desta seção.

PROGRAMA E PLANTA

O programa da residência estava concentrado no andar térreo. De modo similar a outros projetos de Dubugras para essa tipologia analisados anteriormente, os registros técnicos das fachadas atestam que havia um pavimento inferior, estabelecido acima do nível do solo. No entanto, os planos dos usos previstos e de organização interna do nível não foram localizados durante a pesquisa de doutorado que originou esta tese.

Na parte da frente da casa foram alocadas sala de jantar, hall, escritório e sala de visitas. O escritório tinha uma de suas paredes levemente encurvada em função do acomodamento volumétrico da escadaria principal. Entre a sala de jantar e a copa foi acomodado um pequeno recinto com uma pia. Reflexo do higienismo que ganhava força, servia como local para os convidados e moradores higienizarem as mãos.

Em uma das laterais ficava despensa, cozinha, copa, dormitório das criadas, um banheiro e um cômodo para engomar as roupas. Ao centro da volumetria foram articulados uma varanda coberta (que, de modo equivalente aos projetos para Augusto Barreto (1910) e Alberto Penteadó (1911), funcionava como um corredor) e um terraço. Três janelas sequenciais uniam visualmente os dois ambientes.

Na outra extremidade, e contornando a varanda central, ficavam os ambientes privados dos moradores. De forma inusitada e surpreendente, o desenho sugere que o dormitório de uma das filhas – provavelmente Beatriz – estava disposto ao lado da sala de visitas, à qual se ligava por uma porta. Em seguida, ficava o quarto de Gabriel

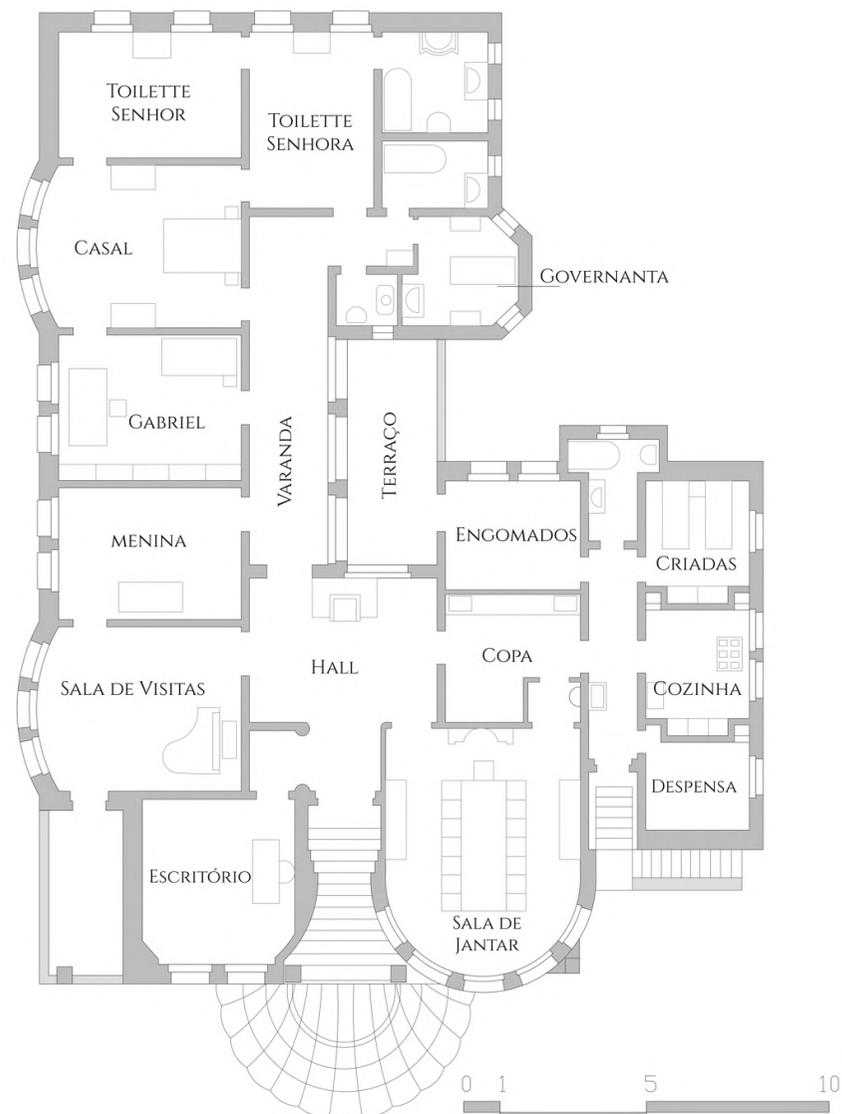


Figura 222: Planta detalhada do Pavimento Térreo da Villa Gabriel Dias da Silva (1913).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Gabriel Dias da Silva (1913) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP e no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

(filho do primeiro casamento de Gabriel Dias da Silva). Este era mantido adjacente aos aposentos do casal. Aos fundos da residência foram posicionados dois espaços de *toilettes* (um dedicado a Maria Angélica e outro a Gabriel Dias), dois banheiros, o quarto da governanta e um pequeno sanitário.

Nota-se que, tanto a sala de visitas quanto a sala de jantar e o dormitório do casal Dias da Silva incorporava uma parede curva com janelas encadeadas; todavia, ao passo que, na sala de visitas e no quarto as curvaturas eram mais discretas e suaves, a *bow-window* da sala de jantar vinculava um arqueamento mais vultuoso.

O aposento da governanta, apesar das dimensões reduzidas, também era associado a uma *bow-window* de perímetro poligonal, com duas pequenas aberturas laterais. O quarto também tinha um espaço com uma pia, retomando um recurso empregado nos dormitórios de extremidade da Villa Alberto Penteadado (1911). Vale ressaltar que o *layout* e as legendas da planta do projeto expõem que pelo menos três funcionárias residiam na casa: duas criadas, que dividiam um quarto, e a governanta.

Verifica-se que várias paredes dos cômodos de serviço, tais como a cozinha, a despensa e o aposento das criadas, anteviam os espaços para embutir a marcenaria.

A planta coordenava um núcleo ortogonal composto por seções horizontais e verticais de dimensões variadas. Na maioria das vezes, as partes eram justapostas, porém em duas situações havia o cruzamento entre as formas retangulares: a primeira se dava no encontro entre a comprida partição que abrigava os dormitórios e a sala de visitas com o bloco formado aos fundos da casa. A segunda sucedia-se na intercessão entre o corredor da área de serviços com segmentos formados por parte da sala de jantar e a despensa e o retângulo que continha cozinha, copa, cômodo de engomados e dormitório das criadas. As séries de *bow-windows*, o pequeno avanço volumétrico do banheiro dos funcionários e a escadaria principal entreposta entre os dois cômodos frontais da residência interrompiam a ortogonalidade da volumetria.



Figura 223: Divisões em planta da Villa Gabriel Dias da Silva (1913).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para Gabriel Dias da Silva (1913) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP e no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

ESPAÇOS E FLUXOS

A entrada principal da Villa era feita pela Rua São Vicente de Paulo através de uma extensa escadaria que conduzia a uma pequena seção do *hall*. A partir dele era possível acessar o escritório de Gabriel Dias da Silva e o restante do *hall* central. O projeto era amparado por uma rígida setorização horizontal baseada nos tipos de uso: a parte frontal da casa abrigava as regiões sociais e de uso cotidiano; os serviços estavam distribuídos em uma das laterais da volumetria (que corresponde à porção direita do desenho); e as regiões íntimas destinadas aos membros da família estavam reunidas aos fundos e na outra extremidade do volume. Verifica-se que havia um certo equilíbrio nas proporções de áreas dedicadas aos diferentes setores que constituíam o programa residencial.

O *hall* interligava-se a todos os setores da casa. Mediava também as principais passagens para os ambientes sociais, promovendo os ingressos para a sala de jantar e a sala de visitas (que estavam em diferentes lados da casa). Chama atenção que o escritório era acessível somente através da primeira partição do *hall*, sugerindo que era um ambiente mais isolado e afastado da rotina doméstica. A sala de visitas, por sua vez, era o único local associado a um espaço externo aberto.

As áreas de serviço tinham um agenciamento organizacional bastante funcional, de modo que um único corredor organizava os fluxos horizontais entre os diferentes cômodos que compunham o setor. Na parte da frente do corredor, uma estreita escada em “L” formava o principal acesso dos funcionários à residência.

O único terraço descoberto da Villa foi alocado ao centro da composição e partilhava passagem somente com o recinto de engomar. O posicionamento

(orientado para a região interna do terreno) e a forma de acesso eram fortes indícios de que se tratava de um espaço funcional e utilitário, provavelmente ligado ao cuidado das roupas da família.

Todos os cômodos de repouso tinham entradas independentes, intermediadas pela comprida varanda coberta. O dormitório da governanta ficava situado nas cercanias de dois sanitários, com direcionamentos distintos: o banheiro com *layout* completo (bacia sanitária, banheira e pia) devia ser destinado ao uso

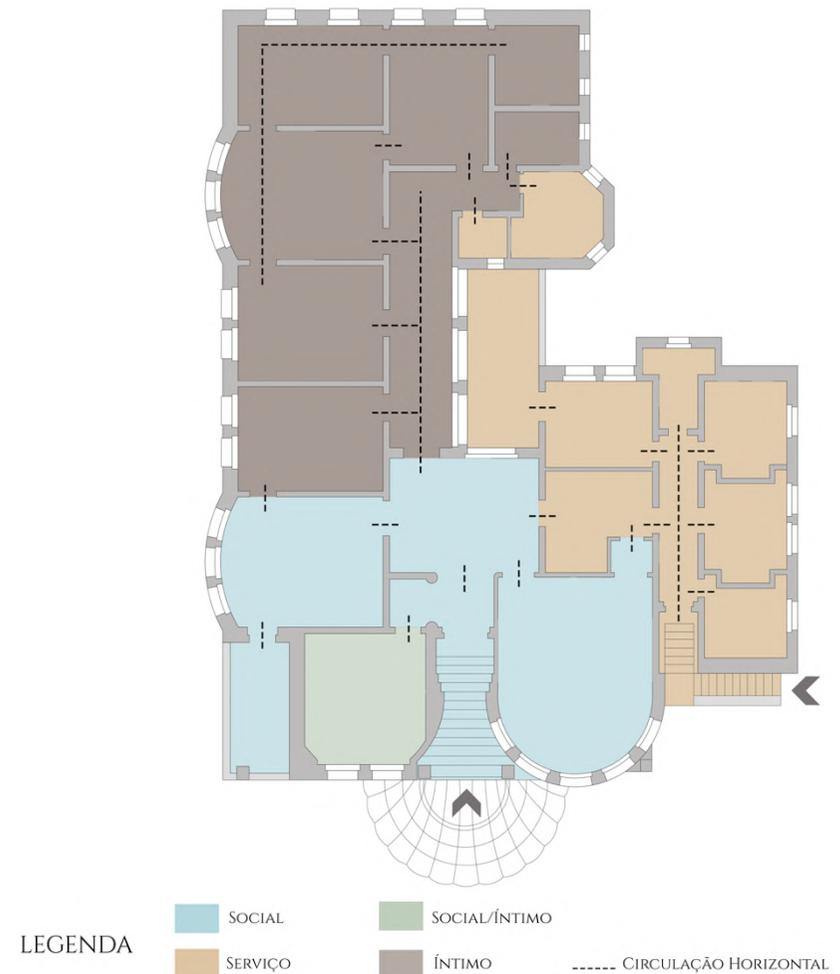


Figura 224: Relações de usos e fluxos da Villa Gabriel Dias da Silva (1913).

Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Gabriel Dias da Silva (1913) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP e no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

compartilhado dos filhos. Já o banheiro com dimensões mais modestas devia ser direcionado ao uso da funcionária. O dormitório do casal Dias da Silva, por sua vez, tinha ligações com os dois cômodos de *toilette*. Ambos dividiam uma passagem aos fundos e tinham espacialidades similares, porém o espaço designado como *toilette* da senhora podia ser acessado pelo corredor da varanda e articulava a única ligação com o banheiro do casal.

Vale salientar algumas particularidades no tratamento das circulações entre os espaços privativos dos moradores. Enquanto o quarto da filha mantinha uma passagem secundária com a sala de visitas e estava distante do quarto dos pais, o dormitório do filho Gabriel detinha uma conexão com o aposento do casal. Essa disposição contraria a prática da época e a adotada em outras Villas projetadas anteriormente por Dubugras – como para Luiz Piza (1904) e Vicente Soares de Barros (1910) – que proviam os quartos dos filhos homens com entradas mais isoladas e localizações mais afastadas, com maior privacidade. Um comprido caminho, mediado por portas, interligava sequencialmente: quarto do filho – dormitório do casal – *toilette* do senhor – *toilette* da senhora – banheiro.

A organização programática não previa deslocamentos verticais internos. Todas as conexões entre andares eram feitas externamente.

MATERIAIS E TÉCNICAS

A Villa Gabriel Dias da Silva foi edificada em alvenaria de tijolos revestidos. O telhado era extenso e recortado, com diversas águas e beirais. Diversas águas apresentavam aberturas tipo mansarda. De forma análoga à Villa Cássio Prado (1912), discretas lajes inferiores em balanço ocultavam os prolongamentos externos do madeiramento. As calhas de captação da cobertura estavam à mostra e os condutores

pluviais eram aparentes e fixos rente às paredes de alvenaria. Fotografias do prédio terminado e desenhos de Dubugras para as fachadas laterais da residência denotam que nas tacaniças¹¹² do telhado foram inseridas lâminas de madeira – similares aos *brises-soleil* –, que funcionavam como um recurso permanente de iluminação e ventilação natural interna.

A escada lateral do setor de serviço era coberta por três lajes planas escalonadas. Estas se apoiavam em pilares e eram arrematadas na face da parede de alvenaria. As lacunas entre as lajes conciliavam fechamentos de estrutura metálica reticular e vidro (ver esquema na elevação da Figura 228).

A entrada principal atrelava uma ampla marquise de estrutura metálica com panos envidraçados. Ela era sustentada por uma estrutura metálica curva acrescida de painéis com vitrais de desenho modular.

As *bow-windows* correspondentes à sala de visitas e ao dormitório do casal traziam apoios escalonados (menores na parte inferior e maiores na base do componente).

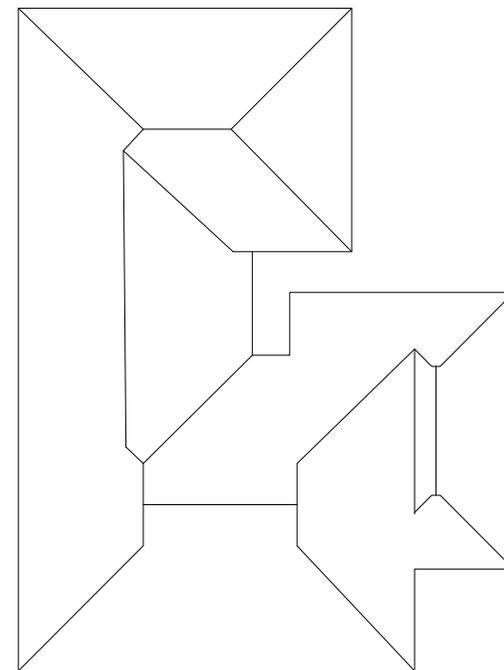


Figura 225: Esquema de cobertura da Villa Gabriel Dias da Silva (1913).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para Gabriel Dias da Silva (1913) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

¹¹² O termo tacaniça refere-se à água triangular de um telhado.

A varanda da sala de visitas utilizava guarda-corpos metálicos. As janelas do andar térreo incorporavam folhas de fechamento tipo veneziana análogas às da Villa Cássio Prado (1912). Fotos do prédio construído mostram que as pequenas aberturas do pavimento inferior eram aparelhadas com grades metálicas.

COMPOSIÇÃO, FACHADAS E VOLUMES

A volumetria era bastante assimétrica no sentido horizontal e coordenava uma altura predominantemente homogênea. Era um conjunto sóbrio e despojado, no qual as soluções estéticas se atrelavam às demandas construtivas e funcionais.

A fachada frontal, voltada à Rua São Vicente de Paulo, dispunha do acesso principal da casa. Posicionado ao centro da composição, a extensa escadaria era mais larga em sua base e estreitava-se ligeiramente na parte superior, entre as volumetrias encurvadas da sala de jantar e o escritório. A entrada era coroada por uma marquise metálica com linguagem fortemente inspirada no estilo *Art Nouveau*. Modelada em formato de “leque aberto”, utilizava fechamentos em vidro e terminações encurvadas. “O *design* da marquise sugere uma afinidade com a estrutura de cobertura da entrada do Metrô de Paris projetada por Guimard (1899), onde linhas curvas e estilizadas marcam a obra” (Mitre, 2018, p. 83). Internamente, contava com painéis laterais de vitrais decorados com desenhos, também *Art Nouveau*, de motivos geométricos e padronagem ritmada.

Acima da marquise foi inserida uma abertura envidraçada retangular (que funcionava também como um recurso de aperfeiçoamento das condições de iluminação). Os pilares que a circundavam eram adornados com entalhes de linhas retilíneas. A mansarda alocada no nível da cobertura era comprida e retangular, com uma moldura externa, duas discretas decorações nas extremidades e uma estreita janela com diversas partições quadriculadas.

Em um extremo ficava a varanda da sala de visitas. Ela era discreta, sendo demarcada somente pelos guarda-corpos metálicos e peças centrais na forma de quadrados metálicos vazados (semelhantes aos que compunham o portão de entrada da Villa) e uma moldura inferior retangular com frisos. No lado oposto da volumetria, um esboço do ingresso do setor de serviços evidenciava o escalonamento das cobertas e das aberturas que acompanhavam a subida da escada.

As fachadas laterais traziam uma maior austeridade plástica, sendo pautadas pelo ritmo regular de composição das aberturas retangulares (maiores em altura do que em largura). De um lado, as *bow-windows* da sala de visitas e do quarto do casal acompanhavam os alinhamentos entre aberturas, mas se sobrelevavam à lisura das paredes. Do lado oposto da casa, chama atenção a regularidade dos espaçamentos entre aberturas e nota-se que apenas as pequenas mansardas traziam ornatos (equivalentes àqueles dispostos na mansarda da fachada frontal).

Vale apontar que o desenho dessa última elevação evidenciava um novo acesso à residência, disposto no nível inferior, na área do terraço central e abaixo do aposento da governanta.

O desenho também revelava duas situações que divergiam das soluções definidas nas plantas: na área do terraço central foi alocada uma escada de estrutura metálica que conduzia, possivelmente, ao terraço. Os blocos definidos pela despensa, cozinha e dormitório das criadas e pelo aposento da governanta e sanitários aos fundos eram cobertos por lajes planas. Essa conformação se contrapõe àquilo exposto na fachada frontal e ao esquema de cobertura esboçado por Dubugras (Figura 225).



Figura 226: Elevação frontal da Villa Gabriel Dias da Silva (1913).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Gabriel Dias da Silva (1913) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP e no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

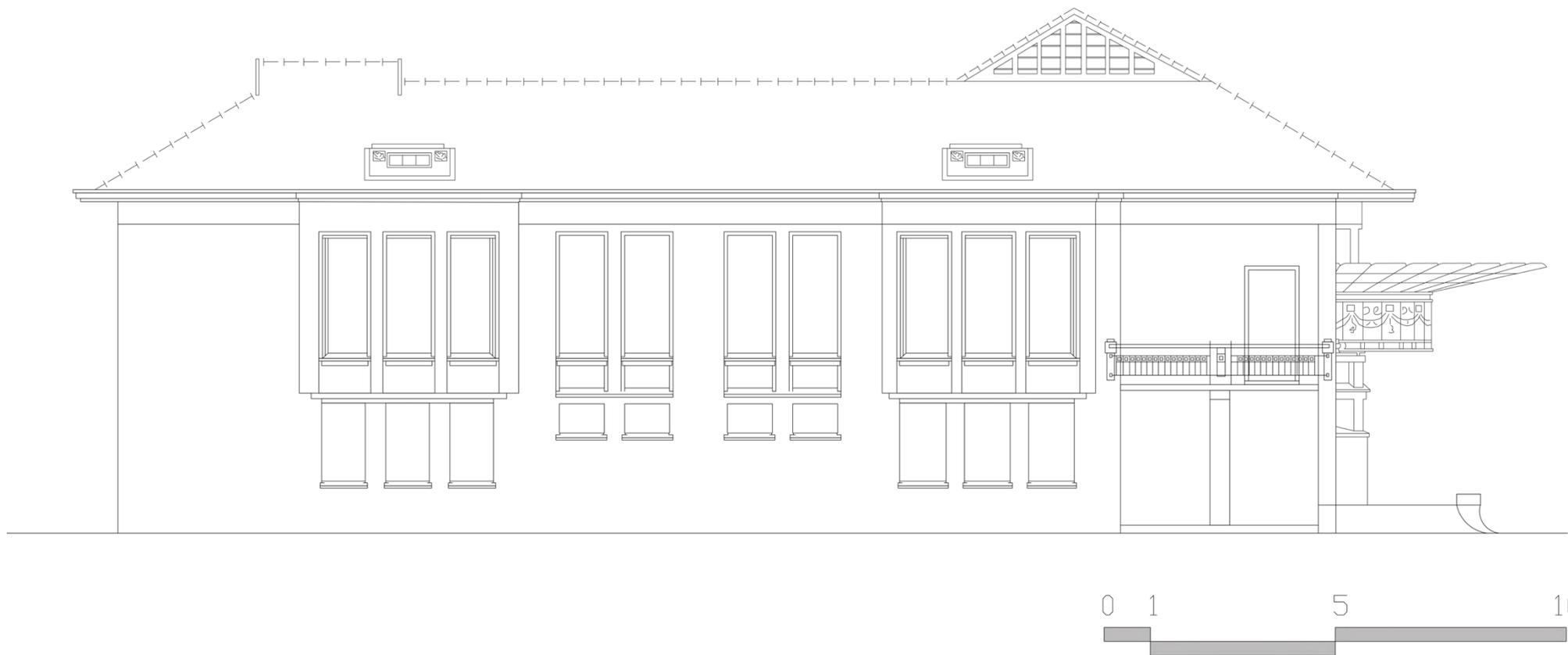


Figura 227: Elevação lateral (voltada à sala de visitas e dormitórios) da Villa Gabriel Dias da Silva (1913).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Gabriel Dias da Silva (1913) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



Figura 228: Elevação lateral (voltada às áreas de serviço) da Villa Gabriel Dias da Silva (1913).

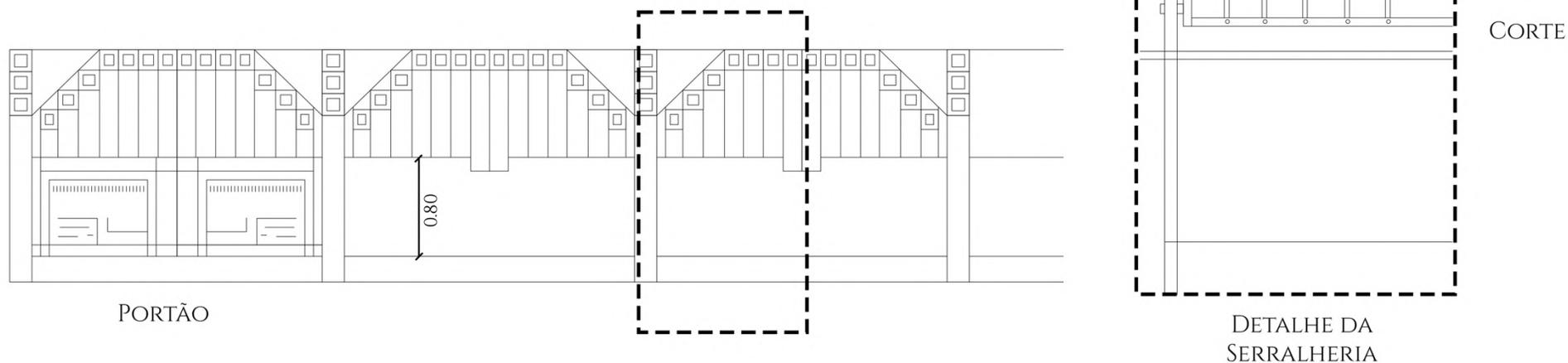
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Gabriel Dias da Silva (1913) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

O gradil frontal e os portões da Villa eram compostos por peças de ferro de perfis variados que se conectavam através de porcas e parafusos. Utilizava uma estrutura modular, empregada na modelagem de ambos os componentes. Era formada por grades metálicas verticais regularmente espaçadas e terminadas com quadrados metálicos preenchidos, possivelmente, por módulos de azulejo (tal como foi feito nas propriedades de João Dente à Avenida Paulista (1912b)¹¹³. As extremidades compunham uma silhueta escalonada, de forma que a grade inicial era mais baixa e os componentes subsequentes auferiam, sucessivamente, maior altura até alcançar o patamar linear. Os módulos fixavam-se lateralmente em estruturas retangulares que articulavam, em sua parte superior, três quadrados vazados. Os gradis empregavam um embasamento de alvenaria, de cerca de 80 centímetros, e as grades centrais tinham

uma seção inferior mais comprida. Os diferentes efeitos plásticos determinados pelas pequenas variações de alturas de alguns elementos demonstram a desenvoltura compositiva de Dubugras. Já os portões de entrada foram estabelecidos com duas folhas simétricas e espelhadas. A parte inferior era de ferro inteiriço com discretos desenhos geométricos em baixo relevo. Nota-se que a linguagem estabelecida ao conjunto trazia certas semelhanças com os portões e gradis da Villa Cássio Prado (1912). Demonstrava afinidade também com o repertório da *Secession* vienense e os padrões quadriculados desenvolvidos nas obras de Mackintosh.

Figura 229: Portões de entrada da Villa Gabriel Dias da Silva (1913).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Gabriel Dias da Silva (1913) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



¹¹³ Ver projeto em “3.6 Prédios para o Dr. João Dente (1912b)”.

Ainda que o conjunto dispusesse de certa homogeneidade entre algumas associações verticais e horizontais, como nos alinhamentos entre janelas e portas e a sequências de linhas estabelecidas entre as aberturas, em decorrência da variabilidade de tratamentos plásticos na volumetria o partido arquitetônico da Villa Gabriel Dias da Silva (1913) distinguia-se de acordo com a fachada.

Na elevação frontal, as ordenações verticais eram fortalecidas pelo caprichoso enfileiramento entre abertura da escadaria, a cobertura metálica, a abertura envidraçada e a mansarda. O desenho alongado da parte central do telhado também era uma importante sinalização vertical. No que concerne às relações horizontais, uma das representações mais notáveis eram os contornos unitários: da extensão da cobertura do prédio, da cobertura em formato de “leque aberto” e das lajes planas escalonadas do setor de serviço. A elegante angulação concêntrica da estrutura da cobertura em leque formava uma camada de contraste transversal à ortogonalidade predominante da composição.

Nas fachadas laterais havia um maior equilíbrio entre as relações verticais e horizontais. O fato devia-se à regularidade de disposição de aberturas. No nível da cobertura, a extensão longitudinal imposta pelas dimensões da volumetria se contrapunha às aberturas das tacaniças.

Contudo, nota-se que na fachada dos dormitórios um conjunto de janelas estreitas rompia a horizontalidade pretendida nos alinhamentos das aberturas. Na fachada do setor de serviço, o rompimento da linearidade horizontal ocorria pelo recuo formado pelo volume do terraço.

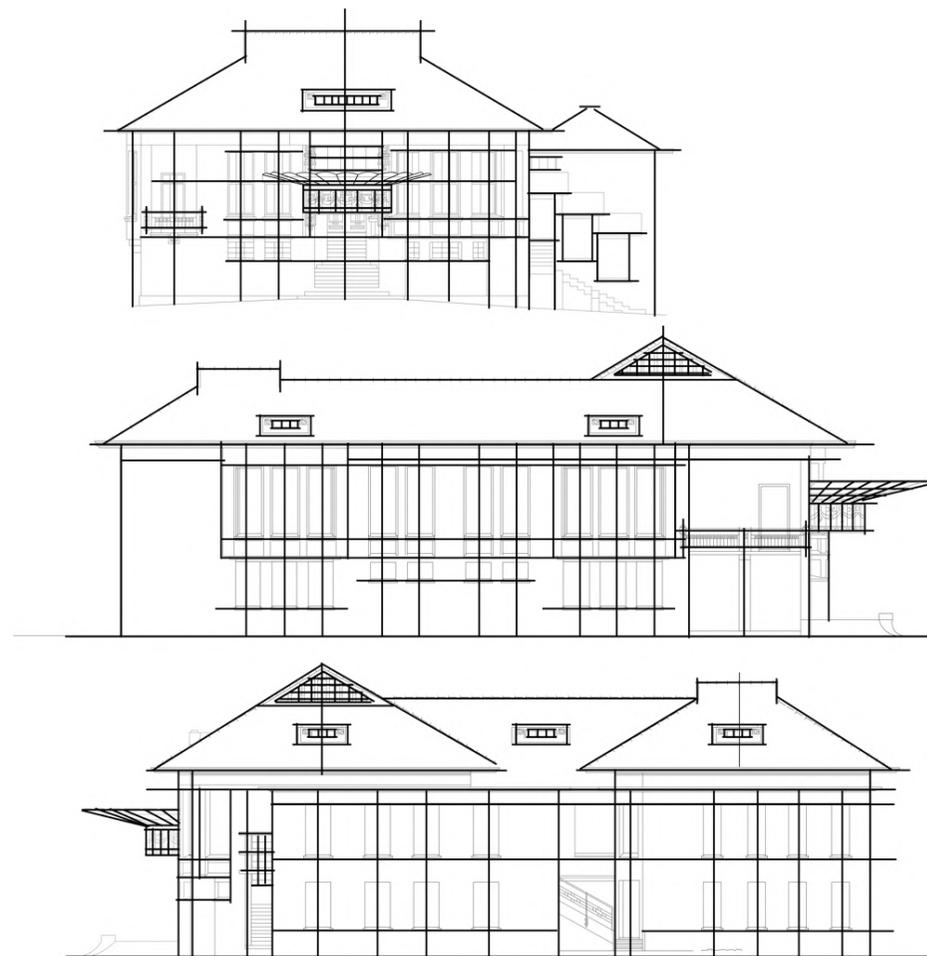


Figura 230: Esquema de linhas do partido arquitetônico da Villa Gabriel Dias da Silva (1913).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Gabriel Dias da Silva (1913) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



Figura 231: Villa Gabriel Dias da Silva (1913).
Fonte: Reis Filho (1997, p. 162).



Figura 232: Villa Gabriel Dias da Silva (1913).
Fonte: Reis Filho (1997, p. 162).

TRATAMENTO FORMAL INTERNO

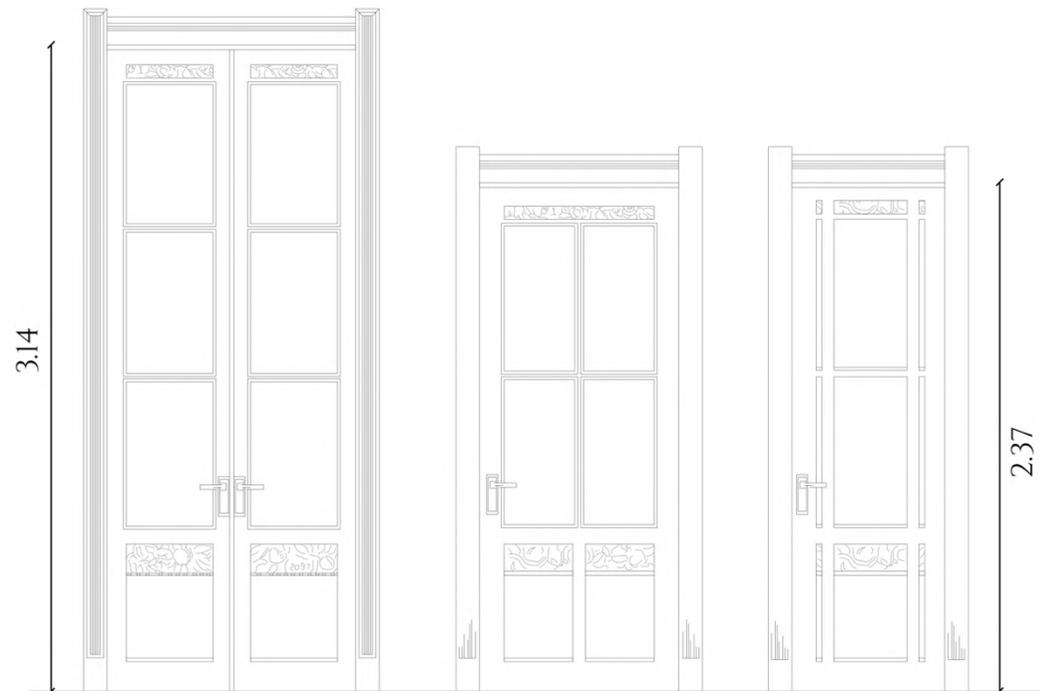
A marcenaria de algumas portas foi detalhada por Dubugras. Os registros atestam que os componentes aproveitavam uma mesma base compositiva com algumas variações de tratamento plástico. Todas empregavam guarnições espessas com frisos verticais nas laterais. Na parte superior, eram terminadas por estrias horizontais, tal como nos projetos de interiores da Villa Vicente Soares de Barros (1910) e Villa Cássio Prado (1912). As folhas de fechamento eram trabalhadas com almofadas de vidro retangulares e seções decoradas de desenhos em linhas estilizadas com temática floral. O tamanho padrão adotado era 2,37 metros, mas uma das portas tinha maior altura – com 3,14 metros – e contava com adornos mais rebuscados.

Figura 233: Detalhamento de portas da Villa Gabriel Dias da Silva (1913).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Gabriel Dias da Silva (1913) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

PROCESSO DE PROJETO

Um pequeno croqui produzido pelo arquiteto à mesma época da elaboração do projeto final da Villa sinaliza parte do desenvolvimento projetual da concepção. Nele, o programa residencial e as localizações dos ambientes já estavam bem definidas. A fachada e as circulações (tanto horizontais quanto verticais) ainda passavam por processos de experimentações.

No estudo, a casa era mais ampla, com vários cômodos com dimensões maiores. O acesso principal era feito pelo pavimento inferior e tinha uma posição mais interna. Uma escadaria levava ao *hall* central. O escritório era articulado a uma grande varanda frontal. O espaço remanescente decorrente das disposições do escritório, da escada e da sala de jantar era aproveitado como uma pequena área de estar vinculada à varanda.



A varanda da sala de visitas (denominada no estudo como “balcão”) era mais alongada. A varanda de acesso às áreas de repouso da família também era mais comprida. O quarto da filha ainda não tinha passagem para a sala de visitas. O dormitório de Gabriel não partilhava conexão com o aposento do casal. O cômodo de toilette do senhor não tinha passagem para o da senhora, estando associado somente ao dormitório do casal. Já o espaço de *toilette* da senhora incorporava uma varanda curva e não dispunha de um acesso independente. O sanitário do casal, por outro lado, podia ser acessado tanto pelo ambiente de *toilette* da senhora quanto por uma entrada partilhada com o banheiro adjacente. O projeto ainda não contava com o quarto da governanta. Aos fundos, uma espécie de antecâmara mantinha junto à parede uma estreita escadaria de lance único. Esta devia fazer a ligação do setor íntimo com o andar inferior.

No setor de serviços, o terraço central era menor e não era interligado ao cômodo de engomados, tendo uma entrada independente pelo *hall*. O *layout* e a legenda indicam que o dormitório do setor era previsto para uma única criada (e não duas, como indicado no projeto final).

O estudo proporciona um vislumbre da implantação da residência no terreno. A construção estava alocada na parte frontal do lote, em meio a espaços ajardinados e com trilhas de calçamento de traçados tortuosos. Na área fronteira aos fundos havia uma edícula – que não trazia as legendas de direcionamento de uso, mas certamente estava conexas aos serviços da casa, podendo abrigar dormitórios de funcionários, depósito, etc.

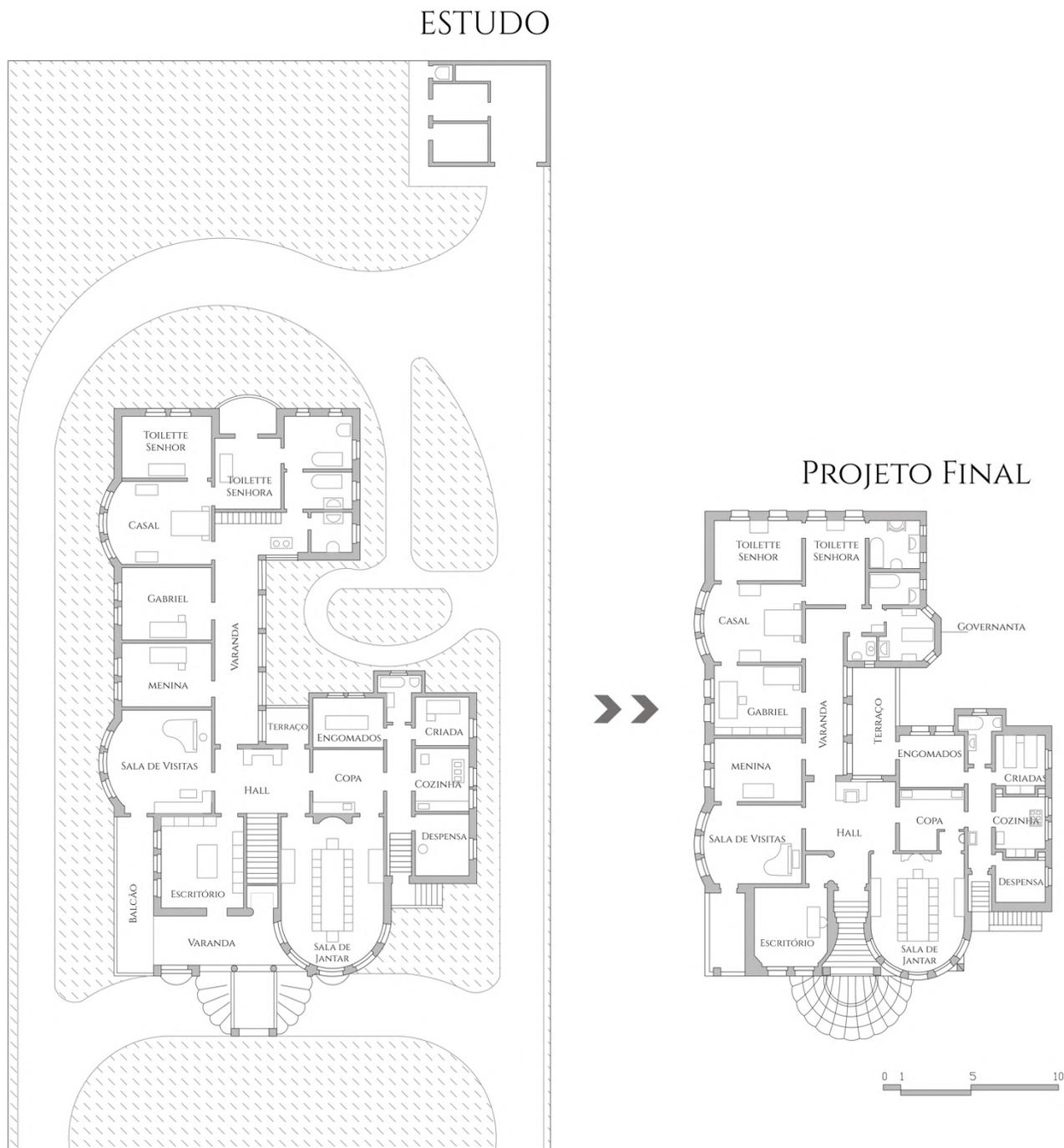


Figura 234: Experimentação projetual, em termos de plantas, da Villa Gabriel Dias da Silva (1913).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Gabriel Dias da Silva (1913) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

A fachada frontal do estudo que antecede o projeto final era mais complexa e recortada. As áreas dos cômodos correspondentes ao escritório e à sala de jantar articulavam grandes panos envidraçados e um pequeno guarda-corpo de decorações ortogonais. No nível da cobertura, frontões retangulares eram adornados com discretos frisos e painéis de gosto *Art Nouveau*, com esboços de linhas estilizados em baixo relevo. Mostravam afinidades com os painéis da Villa Cândido Rodrigues (1910) e Augusto Freire de Mattos Barreto (1910).

Devido ao acréscimo da varanda, a região central do volume era demarcada pelos guarda-corpos metálicos e um pequeno painel lateral de madeira com aberturas retangulares. Esse último elemento já havia sido utilizado pelo arquiteto nos projetos para as Villas Vicente Soares de Barros (1910) e Cândido Rodrigues (1910). No andar inferior havia uma área coberta de parada de automóveis e carruagens. Lateralmente

a ela, foram formados dois trechos de cobertura em estilo de “leque”. Estes prenunciam a suntuosa estrutura que viria a ser elaborada no projeto final.

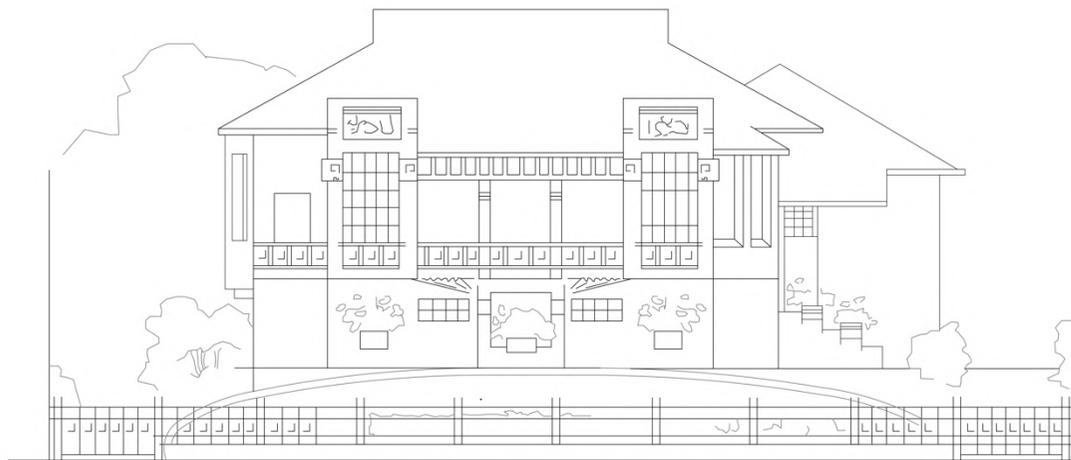
A cobertura não tinha mansardas. Nota-se que a escada lateral ainda não previa uma cobertura. O andar inferior tinha poucas janelas, sendo visíveis somente duas na área central. O esboço também propunha a instalação de várias jardineiras, indicadas no nível inferior da fachada frontal e a cada dois degraus da escada lateral.

Percebe-se que havia um desenvolvimento maior na implantação da casa, visto que o cenário do desenho de elevação e a planta já deixam detalhados os acessos laterais da propriedade.

Figura 235: Experimentação projetual, em termos de plantas, da Villa Gabriel Dias da Silva (1913).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Villa Gabriel Dias da Silva (1913) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

ESTUDO



PROJETO FINAL



Cabe destacar que as fotografias do prédio construído revelam alterações no modelo do guarda-corpo da sala de visitas. Enquanto o projeto final indicava um desenho ortogonal e com peças quadradas vazadas, a padronagem estética e construtiva adotada no prédio edificado era muito similar à do guarda-corpo concebido no ano anterior para as casas de aluguel do Dr. João Dente (1912), à Avenida Paulista¹¹⁴.

DESTINO DA CONSTRUÇÃO

Em Macedo (2012), dentro de um conjunto de diversas peças gráficas, uma fotografia de uma residência não identificada¹¹⁵ serve de aporte visual do processo de modificação da paisagem da região de Higienópolis entre os anos de 1940 e 1960. Pelas características plásticas e construtivas da volumetria, percebe-se que se trata da Villa Gabriel Dias da Silva (1913). Nela, o prédio aparenta estar conservado e ainda empregava os gradis concebidos por Dubugras. Contudo, percebe-se que a arrojada cobertura metálica da entrada principal fora retirada e, em seu lugar, fora instalada uma comprida caixilharia quadriculada. Nota-se que as folhas de fechamento em veneziana também foram suprimidas do conjunto. A fotografia também sugere que as aberturas frontais do piso inferior haviam sido ampliadas no sentido vertical.

Figura 236: Villa Gabriel Dias da Silva (1913) após a retirada da cobertura de entrada.

Fonte: Acervo de Gustavo N. Rocha, presente em Macedo (2012, p. 76).



A edificação foi demolida entre a década de 1960 e o início da seguinte¹¹⁶. Em seu lugar foi estabelecido o edifício residencial Condomínio Edifício Rio Negro, cuja construção foi concluída no início da década de 1970.

¹¹⁴ Ver item “3.5 - Prédios para o Dr. João Dente (1912a)”.

¹¹⁵ A legenda descreve o prédio pela sua localização na área: “Residência S. Vicente de Paula – Remanescentes dos primeiros anos de loteamento”.

¹¹⁶ O levantamento aerofotográfico do consórcio Vasp Cruzeiro (1954) mostra que, na década de 1950, o prédio da Villa Gabriel Dias da Silva ainda ocupava o lote da Rua São Vicente de Paulo.

CAPÍTULO 3

AS CASAS DE ALUGUEL

3.1 TENDÊNCIAS DA MORADIA BURGUESA DE ALUGUEL

Na cidade de São Paulo, o acelerado incremento demográfico provocado pelo influxo de imigrantes e pela migração em direção aos centros urbanos decorridos entre as décadas finais do século XIX e início do século XX resultaram em um substancial aumento pela demanda de moradias. Esse cenário promoveu bases para o desenvolvimento de um expressivo mercado imobiliário rentista¹¹⁷. De acordo com Lemos (1989, p. 11), a escassez de imóveis “[...] transformou o aluguel de casas em ótima aplicação de capitais”.

As características da economia de base agrário-exportadora, com predomínio do capital comercial, favoreciam esses investimentos, que ocorreram – em maior ou menor grau – em todas as cidades brasileiras nesse período. No caso de São Paulo, a economia cafeeira gerou um excedente econômico que podia ser aplicado no mercado imobiliário. A cidade se expandia com rapidez e era enorme a procura por moradias, estimulando a construção de novas unidades cuja rentabilidade era garantida pelos mecanismos de mercado que, na escassez, elevavam os aluguéis (Bonduki, 2017, p. 52).

Nesse período, o setor de produção de moradias de aluguel era, majoritariamente, explorado e suprido pela iniciativa privada, representada por pequenos e médios empresários e companhias particulares (como a Economizadora Paulista¹¹⁸). O poder público tinha uma maior atuação no sentido de fiscalizar e regulamentar a qualidade e as características das construções, prover obras de

infraestruturas de saneamento e implementar benefícios fiscais para a construção de moradias salubres¹¹⁹. Com isso, “[...] o setor era regulado pelo mercado, inexistindo controles estatais sobre os valores dos aluguéis, fixados em contrato pela lei da oferta e da procura [...]” (Bonduki, 2017, p. 52).

O tamanho e localização das construções variavam de acordo com a capacidade de pagamento do público-alvo pretendido, de forma que eram ofertadas uma ampla gama de modalidades de moradia, tais como: cortiços, casas coletivas, casas geminadas, vilas operárias e casas isoladas no lote.

Nas zonas periféricas, além da ferrovia Inglesa e da Sorocabana, e nas margens da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil, as terras tornaram-se mais baratas, por serem mais baixas e úmidas, atraindo as indústrias e os menos favorecidos. Despontaram os loteamentos servidos pelos trens de subúrbios, dando origem aos bairros operários situados em torno das estações ou das paradas dos trens. Nasceram a Quarta e a Quinta Parada, na Zona Leste, seguidas da Vila Gomes Cardim. Misturadas as chácaras, as velhas freguesias desenvolviam-se como bairros operários: a Penha, o Tatuapé, o Pari e o Brás.

Ocorreu a valorização da zona aquém-ferrovia, onde os terrenos colinosos eram mais secos, bem como daqueles que ficavam nas vertentes do espigão central do Rio Tietê. As chácaras ali existentes foram loteadas por especuladores que souberam interpretar os interesses das classes mais elegantes, realizando empreendimentos inspirados no urbanismo francês. [...]. Assim nasceram Higienópolis e a Avenida Paulista, bairros mais ricos e homogêneos [...]. (Homem, 2010, p.121-123).

¹¹⁷ De acordo com Bonduki (1998) a produção de casas para locação visava a obtenção de uma renda mensal estável.

¹¹⁸ A empresa privada, fundada em 1907, “investia na construção de casas de aluguel como forma de garantir e rentabilizar seus fundos” (Bonduki, 1998, p. 74). Os empreendimentos da empresa eram de grandes proporções e contavam com dezenas de unidades residenciais. Vale ressaltar que Luiz Piza e Gabriel Dias da Silva, clientes de projetos de Villas de Dubugras analisados no Capítulo 2, fizeram parte do corpo diretor da Economizadora Paulista.

¹¹⁹ Segundo Correia (2004, p. 39) a partir “[...] da primeira década do século XX, também o Estado iniciou uma atuação na construção de casas populares, que se intensificaria após a década de 1920”.

Assim, o investimento em casas de aluguel era uma fonte de renda segura e lucrativa. Bueno (2016) destaca que, além de servir como uma importante fonte de receita para pequenos comerciantes, artesãos e viúvas, diversos profissionais liberais viam nesse campo de atuação uma oportunidade de renda alternativa e de diversificação de seus negócios.

Dentro desse contexto, chamam atenção as construções de aluguel comissionadas pela elite burguesa em regiões valorizadas da capital paulista. A ocorrência de arrendatários em bairros como Higienópolis, Avenida Paulista e circunvizinhanças evidenciava a existência de um segmento da população – que detinha meios de pagar um aluguel alto – que se demonstrava impelida a residir nessas paragens pela legitimação social e as boas condições de infraestrutura dos bairros. “Chegamos mesmo a pensar que era elegante morar em boas casas alugadas, porque sempre bem situadas, perto dos ricos e da condução farta” (Lemos, 1989, p. 16).

Para tanto, as dimensões e requinte de acabamentos dessas edificações deveriam ser relativamente equiparáveis às das Villas erguidas para uso próprio. Situadas em lotes espaçosos e com áreas ajardinadas, além de atender aos requisitos de salubridade, iluminação e ventilação das normas sanitárias, as construções tendiam a integrar o programa residencial da moradia burguesa. Os espaços eram compartimentalizados e não se previam sobreposições de funções, de modo que havia cômodos específicos para as atividades sociais cotidianas (dispondo de uma sala de visitas e uma sala de jantar, por exemplo) e para as áreas de serviço (tais como copa e cozinha e, comumente, incluindo um quarto para a criada). Os dormitórios eram geralmente coordenados em andares superiores (podendo ser associados a toaletes).

As fachadas, tal como as Villas, assimilavam – ainda que de forma mais econômica – os mesmos parâmetros construtivos e formais. Utilizavam-se também as

tendências arquitetônicas da época, empregando uma variedade de vocabulários e linguagens.

Os ricos, depois de terem providenciado os seus próprios palacetes, trataram de construir agrupamentos de casas de variados tipos. As casas para alugar, ditas operárias, eram levantadas longe [...]. Nas suas vizinhanças os capitalistas toleraram tão somente casas maiores, para os seus semelhantes da classe média, e chegavam mesmo a caprichar não só no tamanho como também no acabamento [...] (Lemos, 1989, p. 16).

Um grande número de anúncios de casas para alugar veiculados no jornal *A Gazeta*, entre os anos de 1914 e 1915, evidencia as tendências.

Frequentemente direcionados a “famílias de tratamento”¹²⁰, diversos classificados utilizavam o logradouro da moradia como atrativo, enfatizando sua localização no bairro e/ou proximidade com as vias principais dos loteamentos. Igualmente importante era o programa de necessidades estabelecido na casa. Sinalizava-se a presença de amplos jardins, a variedade e quantidade de cômodos. Era comum a enunciação dos ambientes que compunham o setor social (composto, quase sempre, pela sala de jantar e da sala de visitas), e a indicação de recintos para escritórios e quartos de criadas. Os anúncios reforçavam a condição de higiene da construção (com porões, áreas iluminadas e arejadas por amplas janelas), a existência de iluminação e equipamentos elétricos, as tubulações de gás (representadas pela indicação de fogões e aquecedores), redes de esgoto e a presença de instalações

¹²⁰ Pelo contexto dos anúncios, percebe-se se tratar de uma referência a núcleos familiares com fonte de renda estável e condutas morais compatíveis aos costumes do período.

hidráulicas. O estilo arquitetônico das fachadas, quando enunciado, era referido como “moderno”.

Ao fim das divulgações eram, por diversas vezes, incluídos os endereços residenciais dos proprietários para que os interessados pudessem se dirigir e dar continuidade às visitas e tratativas. Chama atenção que muitos deles residiam nos arredores das propriedades.

<p>PREDIOS DE ALUGUEL, NA AVENIDA PAULISTA ALAMEDA SANTOS Nos fundos do predio n. 102, da avenida Paulista, alameda Santos, de ns. 122- a 124-C, alugam-se cinco predios inteiramente limpos com sala, gabinete, dois quartos, sala de jantar, banheiro, cozinha e porão de 3 metros a 100\$000. Por este preço exige-se permanencia pelo menos de seis meses.</p>	<p>CASA Alugarse a da avenida Paulista, n. 1, ainda não habitada, com 4 dormitorios, 2 salas e gabinete, além das demais dependencias: trata-se á mesma avenida. n. 40. (28)</p>	<p>Boa casa para alugar em Hygienopolis Aluga-se uma casa de tratamento — tres salas e sete quartos — fóra porão e compartimentos de serviço, para familia de tratamento, á rua Maranhão, n. 10, Hygienopolis. Para informações, avenida Hygienopolis, n. 7. (24)</p>	
<p>Sobrado no bairro de Hygienopolis Aluga-se um, completamente reformado e de estilo moderno, possuindo amplas salas, saleta para escriptorio, seis bons e arejados dormitorios, boa cozinha, dispensa, quarto para criados, 2 bons banheiros com aquecedor a gaz, completa installação de luz e campainha electricas, grande quintal todo plantado e jardim na frente; situado á rua Piauhv, n. 115. Trata-se na avenida Angelica, 4. (21)</p>	<p>CASA Aluga-se, com contracto, uma esplendida casa, nova, contendo quatro bons dormitorios, escriptorio, dispensa, copa e mais dependencias separadas, além de outros cinco bons commodos assoalhados e forrados, no porão, e situada á rua Albuquerque Lins, 80. As chaves estão á Alameda Barros, 26. (alt. 20)</p>	<p>CASA Aluga-se a elegante casa da rua Manuel Nobrega, n. 79, bonde da Avenida, recentemente construida e ainda não habitada, com illuminação a gaz e fogão, banheiro, dois dormitorios, sala, varandilla, um magnifico porão e jardim. Trata-se com o proprietario sr. Luiz Povia, ao largo do Riachuelo, n. 72. (13)</p>	
<p>Optima residencia Aluga-se um sobrado moderno, com 2 portões no lado, com 12 commodos, grande terraço no fundo, grande quintal, luz electrica e gaz para fogão e aquecedor, rua Cincinnati Braga, n. 16 (proximo da Avenida Paulista). Trata-se á rua Conselheiro Ramalho, n. 209. (Estão concluindo a pintura do predio). (20)</p>	<p>CASA Aluga-se uma boa casa á rua Piauhv, muito proximo da rua Consolação, com os commodos seguintes: salas de visita e de jantar, 2 dormitorios espaçosos, copa, cozinha, quarto de criada, e bom quintal. Tratar com Cerqueira Leite, Rua São Bento, n. 27, sala 3, do 12 dia ás 17 horas.</p>	<p>Casa moderna Aluga-se uma de construção moderna, com 3 dormitorios, escriptorio e demais dependencias, para familia de tratamento: é toda illuminação a luz electrica, com porão habitavel, situada á avenida Angelica, 397, proximo da avenida Paulista. Faz-se tambem contracto. (11)</p>	
<p>Casas magnificas Bairro da Avenida Alugam-se para familia de tratamento os sobrados ns. 47, 49, 51 e 53 da rua Haddock Lobo, canto da avenida Paulista. Os predios são novos e ainda não foram habitados; trata-se á avenida Paulista, n. 40-A. (6)</p>	<p>Aluga-se confortavel casa de moradia, ricamente mobiliada, com todas as commodidades para familia de tratamento, com grande jardim e pomar e esplendida vista sobre toda a cidade. Logar muito saudavel; a casa póde ser visitada a qualquer hora do dia, á rua Antonio Carlos, n. 71, perto da avenida Paulista. Para tratar no largo da Sé, n. 2, sobrado, das 14 ás 16 horas, com o architecto Rossi. (7 alt.)</p>	<p>CASA Aluga-se ou vende-se uma nova, de construção moderna, com todas as commodidades, propria para pequena familia de tratamento, no melhor ponto da rua Augusta, a 7 minutos de bonde do centro. Tratar na rua José Bonifacio 18, baixos. (13)</p>	
		<p>[Casa] em [Hygienopolis] Aluga-se, á rua do Maranhão, n. 12, uma boa casa para familia de tratamento. Informações á avenida Hygienopolis, 7. (13)</p>	<p>Avenida Paulista, 112 Aluga-se esta aprazivel residencia por 2 a 2 1/2 annos, por ter a familia de se retirar para a Europa. Tem grandes salões de visita e jantar, gabinete, escriptorio, 7 dormitorios e todas as outras dependencias necessarias. Trata-se com Weiszlog Irmaõs, rua Libero Badaró, n. 79. (6)</p> <p>Casa na Praça da Republica Aluga-se ou arrenda-se por contracto uma magnifica casa, nova, confortavel e de estilo moderno, á travessa de S. João, n. 1, esquina da Praça da Republica. Vende-se tambem a mesma a prazo longo e juros modicos. alt. 9</p>

Figura 237: Anúncios de casas de aluguel no periódico A Gazeta. Fonte: Na sequência (da esquerda para a direita e de cima para baixo): ALUGAM-SE (1915), PEQUENOS Anuncios (1914d; 1914h; 1914c; 1915a; 1914b; 1914a; 1914j; 1914f; 1915b; 1914h, 1914k; 1914e; 1914i; 1914h; 1914g).

3.2 PROPRIEDADE DO DR. NUMA DE OLIVEIRA

PROPRIETÁRIO

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, Numa de Oliveira (1870-1959), depois de casado mudou-se para São Paulo, onde foi um conceituado empresário, banqueiro e fazendeiro. Segundo Gambeta (2013, p. 233), ele foi “[...] foi um dos raríssimos homens de família pobre a fazer parte da elite política paulista, ao longo de toda a Primeira República”. Um de seus primeiros ofícios registrados nos periódicos da época foi o de praticante de 1ª classe do Correio Geral do Rio de Janeiro, no ano de 1889 (Correio, 1889). “Extremamente culto, dera aulas de Literatura no Rio de Janeiro [...]” para complementar a renda de entregador de cartas (Homem, 2010, p. 233). Em 1891, casou-se com a viúva Amélia Adelaide Belfort Sabino Pederneiras¹²¹, irmã de outro cliente de Victor Dubugras, Horácio Sabino (Casamento, 1891). Nos anos seguintes, transferiu-se com sua família para a cidade de São Paulo e passou a exercer a função de taquígrafo¹²². Em sociedade com seu cunhado, prestou serviços de taquigrafia para a Câmara e o Congresso Estadual de São Paulo (Os Annaes, 1905). A empresa, que chegou a expandir-se para o Rio de Janeiro, contribuiu fortemente para o enriquecimento dos cunhados (Gambeta, 2013).

Atuou no mercado financeiro, atingindo a posição de diretor e presidente do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo (Banco, 1950). Foi um dos diretores da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e da Companhia União Manufatora de Tecidos (Companhia, 1929; Contribuindo, 1954). Foi presidente do Club Athletico Paulistano (Gambeta, 2013). Na década de 1930, durante o governo de Getúlio

Vargas, exerceu a função de secretário da Fazenda (Faleceu, 1959). Também foi fazendeiro da região de Ribeirão Preto (Faleceu, 1959).

Por ocasião de seu falecimento, em 1959, o periódico Correio Paulistano, homenageou o empresário:

Foi um dos primeiros agricultores paulistas a destacar, todos os anos, uma parte dos lucros da fazenda para formar um fundo de reserva. Esse espírito de previdência o acompanhou a vida toda e, nas empresas que presidiu, manteve sempre o mesmo critério de segurança com que procedeu, no início da vida agrícola. Assumindo a direção do Banco do Comércio e Indústria para onde levou o prestígio de grandes e prósperas empresas que fundara e geria, foi um dos artífices do desenvolvimento desse banco (Faleceu, 1959, p. 02).

Cabe apontar que Numa de Oliveira foi proprietário de várias construções que refletiam as tendências arquitetônicas produzidas entre o final do século XIX e início do XX. Em meados da década de 1910, o arquiteto português Ricardo Severo projetou para o empresário uma residência na Avenida Paulista. Esta é considerada um dos exemplares mais representativos da arquitetura neocolonial¹²³. Na década anterior, comissionou ao arquiteto Victor Dubugras o projeto de uma residência de aluguel singular, em estilo *Art Nouveau*.

¹²¹ Amélia Sabino foi casada em primeiras núpcias com o advogado e jornalista Oscar Veloso Panhoros Pederneiras (1860-1890).

¹²² Vale apontar que a atuação se deu, certamente, por influência de Horácio Sabino, que já atuava como taquígrafo na cidade São Paulo.

¹²³ Ver fotografia da casa em Figura 22, no item “1.3 - Dubugras e o Mercado de Trabalho para Arquitetos Estrangeiros”.

IMPLANTAÇÃO

Comissionada a Dubugras em 1903 e submetida à municipalidade em junho do mesmo ano, a casa de aluguel estava localizada na Rua General Jardim, nº 67, na região de Vila Buarque.

Considerando que o projeto de uma única edificação estabelecida em uma área abastada poderia consistir em uma moradia destinada ao uso de seu proprietário, foram coletados dados que auxiliassem na clarificação da destinação. Um primeiro indício sobrevinha com a nomeação do projeto pelo arquiteto (“Propriedade do Sr. Numa de Oliveira”), que assinalava o prédio como “propriedade” e não “Villa do” ou “Villa para”, como ocorria nos projetos de moradia analisados no Capítulo 2. Ao lado desse indício, na historiografia especializada, Toledo (1985) defende que a construção se destinava à locação.

Acerca da localização da construção, de forma similar à Villa Gabriel Dias da Silva, a propriedade de Numa de Oliveira estava alocada em um lote de meio de quadra e a sua correta localização nas plantas do projeto S.A.R.A Brasil (1930) requereram a realização da reconstituição do histórico da mudança de numeração do imóvel via pesquisa de emplacamento. Tomando como dado inicial a numeração do logradouro submetida à aprovação municipal, foram consultadas as alterações ocorridas nos anos de 1908, 1911, 1928 e 1935. Os registros de 1908 e 1911 indicam que a numeração foi mantida. Em 1928, o nº 67 tornou-se nº 59. O livro relativo ao ano de 1935 (data em que ocorreu a última modificação de numeração na cidade) indica que o nº 59 tornou-se nº 399. Após a identificação do endereço atual (Rua General Jardim, nº 399) e seu posicionamento no quarteirão pela plataforma GeoSampa, verificou-se o lote referente na planta do projeto S.A.R.A Brasil (1930).

A casa estava situada na quadra delimitada pelas Ruas General Jardim, Amaral Gurgel, Major Sertório e Dr. Cesário Mota Júnior. Nota-se que a quadra tem uma topografia muito pouco movimentada. O lote da residência era retangular e estreito,

tendo maior profundidade que largura.

Anotações de Dubugras nas plantas denotam que o terreno tinha 9,20m de largura. A construção foi implantada sobre o alinhamento da

calçada e não tinha afastamentos laterais. Aos fundos da propriedade havia

um amplo quintal. Percebe-se que a disposição volumétrica proposta por Dubugras mantinha o padrão de implantação predominante no entorno. O parecer municipal recomendava, inclusive, que a construção acompanhasse o alinhamento do prédio nº 65, alocado à esquerda. Cabe ressaltar que a outra construção vizinha (nº 69) trazia uma implantação que se sobressaía na quadra pelo emprego de afastamentos laterais e frontal. Tal condição seria explorada pelo projetista.

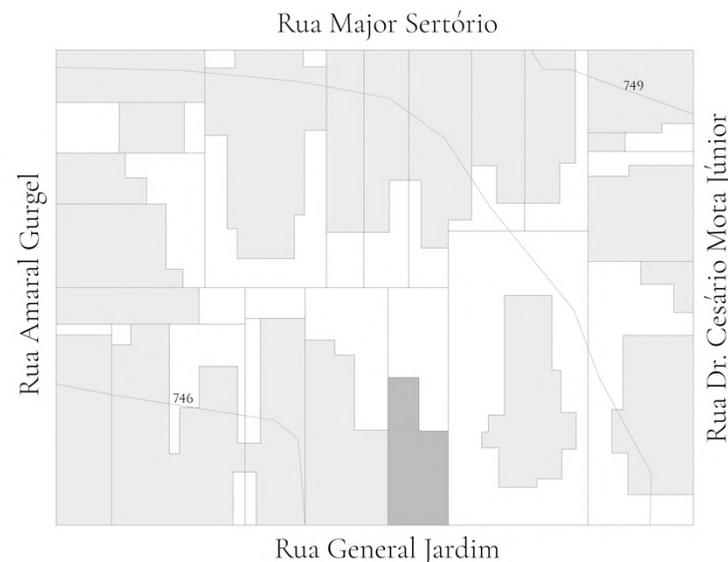


Figura 238: Implantação da Propriedade do Sr. Numa de Oliveira (1903).

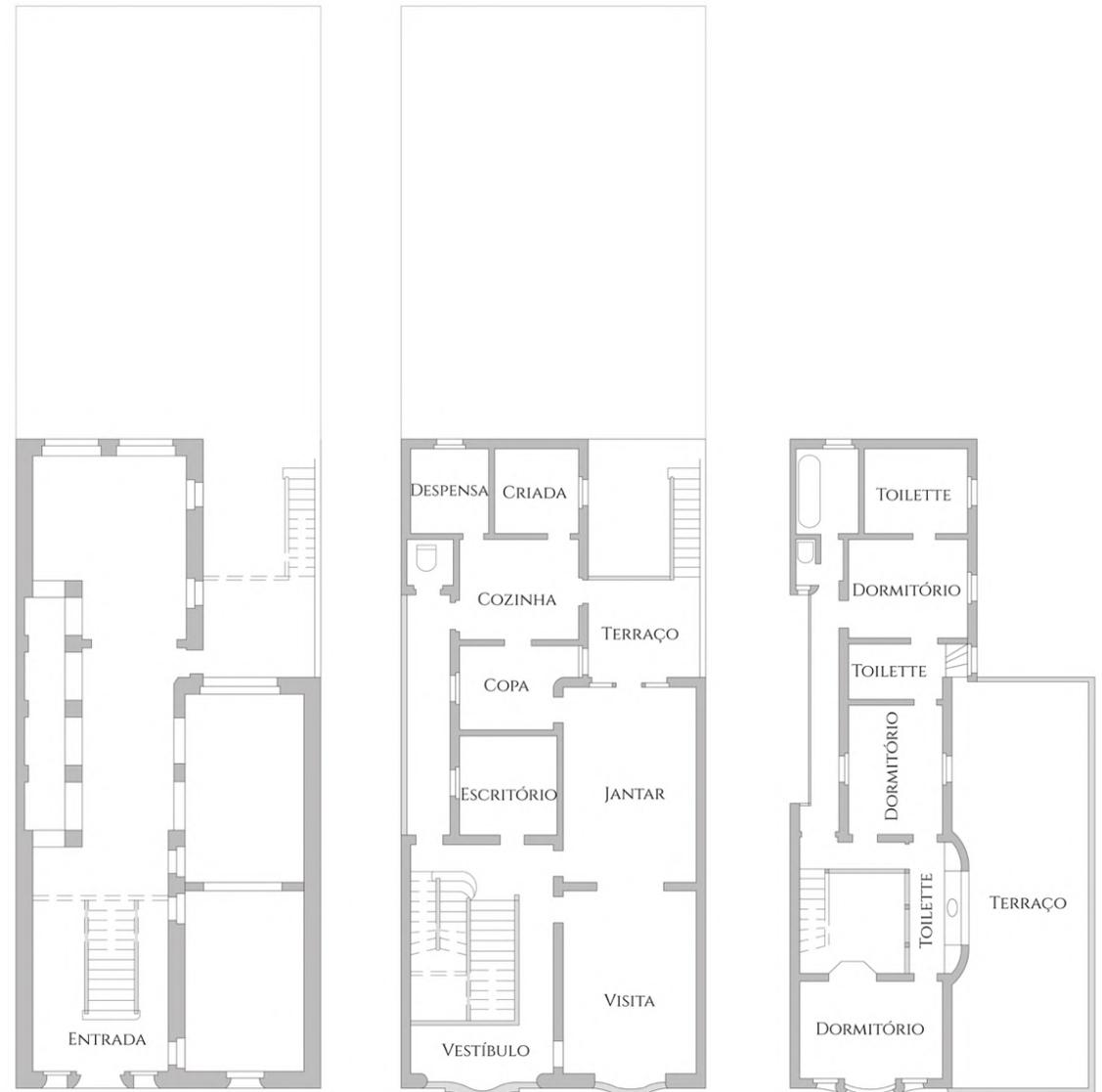
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como base planta cartográfica do projeto S.A.R.A Brasil (1930) e dados topográficos da plataforma GeoSampa (2023).

PROGRAMA E PLANTA

As atividades da residência foram distribuídas em três pisos: pavimento térreo, primeiro pavimento e segundo pavimento.

O térreo alojava, em sua parte frontal, um pequeno saguão que dispunha de uma escada levemente deslocada de seu ponto médio. Uma série de cômodos sem indicação de uso circundavam a entrada. Percebe-se que os dois ambientes alocados na porção direita do desenho tinham janelas voltadas para a área do saguão. Configurava-se como uma solução de aprimoramento das condições de iluminação interna, uma vez que, devido à casa estar alinhada às divisas laterais do terreno, os recintos laterais não tinham janelas externas.

O primeiro pavimento concentrava grande parte das atividades cotidianas dos moradores. Na parte da frente foram ordenados um pequeno vestíbulo e a sala de visitas. Ao centro ficava a sala de jantar, o escritório e a copa. A sala de visitas articulava uma janela arqueada em ângulo convexo e tinha quase as mesmas dimensões da sala de jantar. Ambas as salas eram vinculadas através de uma espaçosa abertura (que poderia ser acompanhada por portas de correr). Aos fundos eram mantidas a cozinha, a despensa, o compartimento da criada e um pequeno sanitário (que contava somente com bacia sanitária). Entre a sala de jantar e a cozinha foi organizado um pequeno terraço retangular. Chama atenção um comprido corredor que interligava a área das escadas e o sanitário. A estruturação desse corredor possibilitou que



01- PAVIMENTO TÉRREO

02- PRIMEIRO PAVIMENTO

03- SEGUNDO PAVIMENTO

Figura 239: Plantas detalhadas do Pavimento Térreo, Primeiro Pavimento e Segundo Pavimento, respectivamente, da Propriedade do Sr. Numa de Oliveira (1903).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Propriedade do Sr. Numa de Oliveira (1903) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP e no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

os recintos adjacentes – no caso, a copa e o escritório – auferissem janelas laterais.

No segundo nível foram orientados os recintos privativos. Havia três dormitórios associados a espaços de *toilettes* e um banheiro (com área de banho e bacia sanitária). O quarto estabelecido na parte da frente da casa era acrescido de três janelas sequenciais (uma central de geometria curva, ladeada por duas menores e simétricas). O cômodo continha uma pequena área, de formato trapezoidal, que se prolongava sobre o vão da abertura das escadas (e lembrava um balcão). Lateralmente, e valendo-se da laje de cobertura da sala de jantar e da sala de visitas, foi instituído um amplo terraço descoberto.

De modo equivalente ao esquema estabelecido no nível inferior, o sanitário era interligado à área de chegada da escada por meio de um corredor. Neste andar, no entanto, a passagem era levemente mais recuada. O vão lateral determinado pelo recuo auxiliava na iluminação e ventilação do corredor do primeiro pavimento.

Dentro dessa perspectiva, nota-se que, apesar das limitações provenientes da implantação sobre os alinhamentos, o arquiteto, por meio de uma lógica projetual bastante engenhosa, conseguiu equipar a moradia com boas condições de conforto lumínico e térmico. Quase todos os cômodos foram habilidosamente organizados de modo a conservar aberturas voltadas ao exterior.

O projeto valia-se de uma planta de base ortogonal e assimétrica. As partes se conectavam por meio de justaposições. À medida que se elevavam os pavimentos, a planta fragmentava-se em um maior número de seções. O recuo lateral no segundo andar rompia a regularidade. As áreas proeminentes e curvas do vestibulo, da sala de visitas, do dormitório frontal e do espaço do *toilette* lateral movimentavam o conjunto.

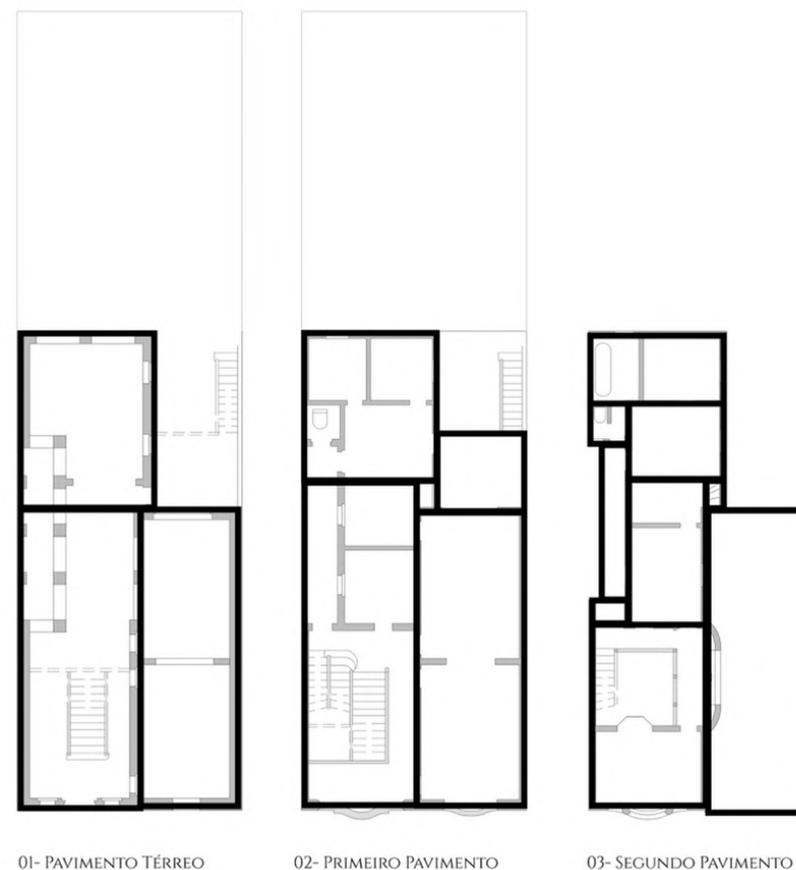


Figura 240: Divisões em planta da Propriedade do Sr. Numa de Oliveira (1903).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para Propriedade do Sr. Numa de Oliveira (1903) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP e no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

ESPAÇOS E FLUXOS

A entrada da residência ocorria frontalmente, pela Rua General Jardim, através do pavimento térreo. A coordenação das atividades internas na volumetria empregava uma nítida setorização vertical e horizontal embasada nos tipos de usos. No primeiro pavimento, os recintos com atribuição social estavam organizados na parte da frente da casa e em uma das laterais. No outro extremo, na parte posterior da volumetria, foram dispostos os ambientes de serviço. Pode-se observar que o escritório ocupava uma localização bastante estratégica, visto que, enquanto estava disposto na região central da planta e adjacente aos dois setores do andar, o seu ingresso era feito logo na chegada da escada, sem que houvesse a necessidade de percorrer as áreas reservadas à família. O vestíbulo, dentro da organização proposta, assumia a forma de uma varanda coberta, com passagens para as salas de visitas e de jantar e para o escritório.

Todo o perímetro do segundo andar era dedicado aos ambientes íntimos dos moradores. Nota-se que a área residual ao redor da escada foi ligeiramente ampliada – por meio de uma parede encurvada – e funcionava como um corredor de acesso ao dormitório frontal e como espaço de higienização das mãos.

Muitas das circulações horizontais tiravam proveito das interconexões entre cômodos, porém o projeto consagrava uma série de situações singulares. No primeiro andar, a cozinha intermediava as ligações com a despensa, a copa, o quarto da criada, o corredor lateral semidescoberto e o terraço.

No segundo pavimento, todos os dormitórios e os *toilettes* conectavam-se sequencialmente por meio de portas, formando um comprido caminho que intercalava: dormitório – hall (denominado na planta de toilette) – dormitório – *toilette* – dormitório – *toilette*.

O corredor lateral semidescoberto do primeiro pavimento – a despeito de se prestar como parte de estratégias de iluminação e ventilação – organizava a principal



Figura 241: Relações de usos e fluxos da Propriedade do Sr. Numa de Oliveira (1903).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Propriedade do Sr. Numa de Oliveira (1903) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP e no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

passagem para o setor de serviços. No segundo andar, a passagem formava um caminho hábil para o banheiro. O acesso ao terraço do segundo pavimento era bastante atípico. Ele se dava por meio de uma restrita escada de poucos degraus alocada no recinto do *toilette* central. Por essas e outras soluções, para Toledo (1985, vol. 01, p. 127) “essa casa quase mereceria a denominação de ‘arquitetura incomum’ [...]”.

Verifica-se que as circulações verticais entre pavimentos se concentravam no conjunto de escadas alocado na região frontal da casa. Enquanto a escada do térreo interligava todos os tipos de fluxos para o primeiro pavimento, um segundo conjunto de escadas em formato de “U” fazia o deslocamento vertical aos quartos do segundo pavimento. Pelo fato de o terraço do primeiro pavimento ter sido conectado tanto com a sala de jantar quanto com a cozinha, ficava constatado que a escada da área conduzia todos os tipos de fluxos para o quintal da propriedade.

MATERIAIS E TÉCNICAS

Um desenho de Dubugras para a fachada frontal e fotografias do prédio construído mostram que o prédio empregava com sistema construtivo principal a alvenaria de tijolos revestidos. A cobertura era de duas águas e parecia empregar um arcabouço único, com fechamentos em telha cerâmica e sem beirais. As calhas de captação eram aparentes. Os condutores pluviais eram de ferro, semiembutidos e utilizavam bocais arredondados. As fotos registram que a extensão da cumeeira fazia uso de pequenos pináculos dispostos regularmente, à semelhança de “espinhos” e análogos aos empregados na cobertura da Villa Horácio Sabino (1903).

As três esculturas que compunham o imponente frontão abaulado em estilo *Art Nouveau* eram, provavelmente, moldadas em cimento e recobertas com argamassa. As decorações internas de folhagens pareciam, pelas fotos, serem gravadas por meio de pinturas.

As aberturas do andar térreo utilizavam grades de ferro retorcido. Os guarda-corpos das aberturas encurvadas do primeiro andar e do terraço do segundo pavimento eram de elementos cerâmicos. O terraço incorporava uma pérgola de madeira.

De acordo com anotações de um levantamento realizado por Toledo (1985), o nível térreo apresentava um pé direito mais baixo, de apenas dois metros. No primeiro andar, as áreas sociais dispunham de uma altura média de 3,50 metros e os cômodos de serviço portavam um pé direito de 2,30 metros. No segundo pavimento, a altura média era de 3,5 metros. O autor também indica que as portas dos banheiros tinham apenas 60 centímetros de largura.

No parecer técnico da aprovação municipal, o engenheiro fiscal comenta as relações de altura e determina a aprovação do projeto com base na singularidade da construção. Este tipo de autorização de caráter excepcional do órgão estava em conformidade com o “Tópico V” do documento de “Padrão Municipal” do Código de Posturas de

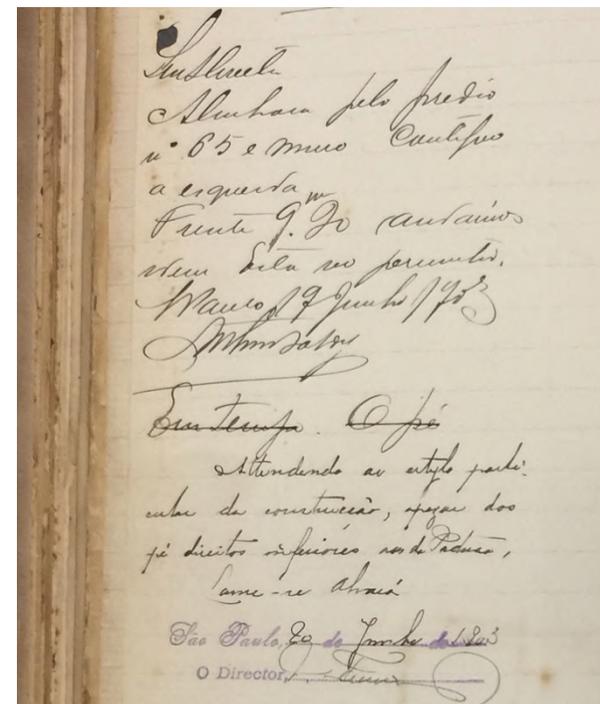


Figura 242: Parecer de aprovação municipal da Propriedade do Sr. Numa de Oliveira (1903).
Fonte: Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

1886¹²⁴. No despacho lê-se: “Atendendo ao estilo particular da construção, apesar dos pés-direitos inferiores aos do Padrão, lavra-se o alvará”.

COMPOSIÇÃO, FACHADAS E VOLUMES

A despeito das limitações decorrentes dos parâmetros de implantação, a fachada frontal da moradia era marcada por uma habilidosa articulação de corpos imponentes e ousados, fortemente inspirados na estética *Art Nouveau*. O acesso da residência, à Rua General Jardim, era deslocado do centro da composição. A porta de duas folhas era de madeira, com recortes que combinavam vidro e perfis de ferro arqueados. Aliava, na parte superior, uma moldura decorada por desenhos em relevo de folhagens. A entrada era flanqueada por duas aberturas de contornos orgânicos com grades metálicas de ferro de linhas retorcidas e molduras com desenhos de folhagens. A expressiva qualidade plástica das linhas abstratas das estruturas metálicas mostrava congruência com a estética de Guimard. Ao lado da porta foi esculpida a saudação “Salve”. O vocabulário empregado na entrada da residência mostra congruência com a entrada da Casa Hout (1902), de Emile André (ver foto em Figura 44).

Acima da área de ingresso, ficava a varanda do vestíbulo. Esta era organizada através de um balcão encurvado, com duas aberturas laterais vazadas de padrões intrincados. O parapeito era acrescido de dois pequenos elementos centrais que lembravam volutas. Nota-se que o ambiente se abria para o exterior sem a presença de fechamentos, porém aplicava, logo acima da moldura decorada, recortes em baixo relevo que remetiam a bandeiras. No nível do segundo pavimento, a área correspondente a um dos dormitórios era demarcada por três aberturas (com molduras superiores de folhagens equivalentes às da varanda e do térreo), das quais

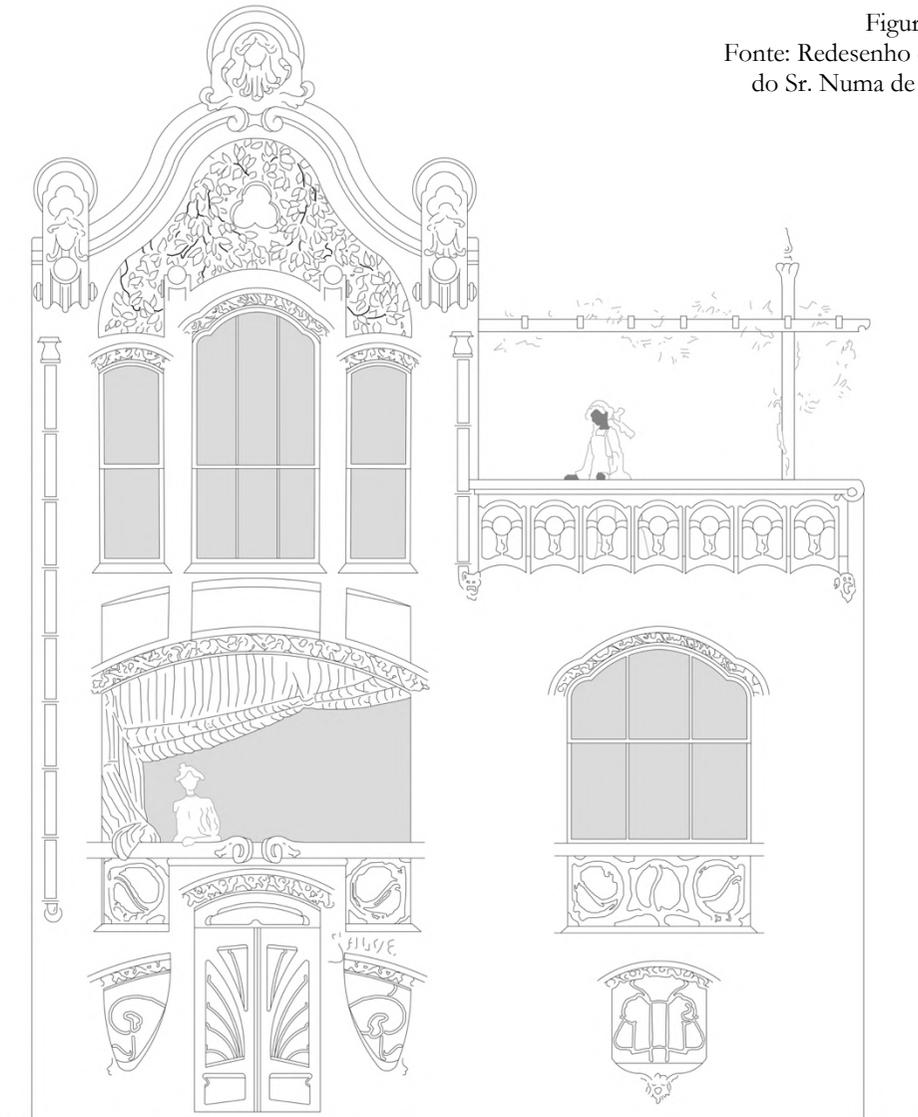
as das laterais eram menores e em arco abatido e a central era maior e terminada em arco trilobado. O conjunto era arrematado por um vistoso frontão abaulado de linguagem *Art Nouveau*, que associava um óculo central trilobado entrelaçado a decorações representativas de ramos e folhagens. Três esculturas de traçados estilizados e embasadas na frente feminina eram contornadas por molduras circulares e “[...] marcavam os vértices desse triângulo curvilíneo” (Toledo, 1985, vol. 3, p. 05). O recurso mostra alguma similaridade com os três mascarões que demarcavam a entrada principal do prédio para a Exposição da *Sezession* de Viena (1898), de Olbrich.

Na região referente à sala de visitas, o balcão arqueado associava como guarda-corpo os mesmos elementos cerâmicos de desenhos rebuscados empregados nas laterais da varanda do vestíbulo. A ampla caixilharia era arrematada em arco trilobado. Na porção inferior, no nível do térreo, havia uma janela de contorno rebuscado e grades de ferro de esboço abstrato. Apesar da sinuosa silhueta instituída ser dissonante das outras, a adoção das grades serpenteantes conferia coesão aos componentes.

O terraço do segundo piso era dotado de uma pérgola de madeira. Como guarda-corpo adotaram-se módulos cerâmicos vazados com desenhos arredondados de viés *Art Nouveau*. Os registros da planta e a fotografia do prédio construído revelavam que o guarda-corpo se estendia na fachada lateral. A constituição desse espaço privilegiado só foi possível devido ao afastamento da construção vizinha do limite dos lotes.

¹²⁴ Ver tópico “1.2 - A São Paulo onde atua”, p. 49.

Figura 243: Elevação frontal da Propriedade do Sr. Numa de Oliveira (1903).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Propriedade do Sr. Numa de Oliveira (1903) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP e no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.



A estreiteza do lote contribuía para que o projeto fosse abalizado por uma variedade de encadeamentos verticalizados. Estavam solidamente representados pelos alinhamentos entre janelas alongadas (maiores em comprimento do que em largura), pelo imponente frontão ornamentado e pelos compridos condutores pluviais.

As relações horizontais eram assinaladas nos enfileiramentos das bases das janelas, nos guarda-corpos da sala de visitas, na varanda do vestíbulo e no terraço do segundo pavimento. A estrutura da pérgola de madeira do terraço se qualificava também por uma expressão da série horizontal.

Vale ressaltar que os contornos arqueados estabelecidos no frontão, nas janelas sinuosas do térreo e nos elementos cerâmicos dos balcões e do guarda-corpo conferiam ao conjunto uma grande força plástica.

Figura 244: Esquema de linhas do partido arquitetônico da Propriedade do Sr. Numa de Oliveira (1903).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para a Propriedade do Sr. Numa de Oliveira (1903) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP e no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

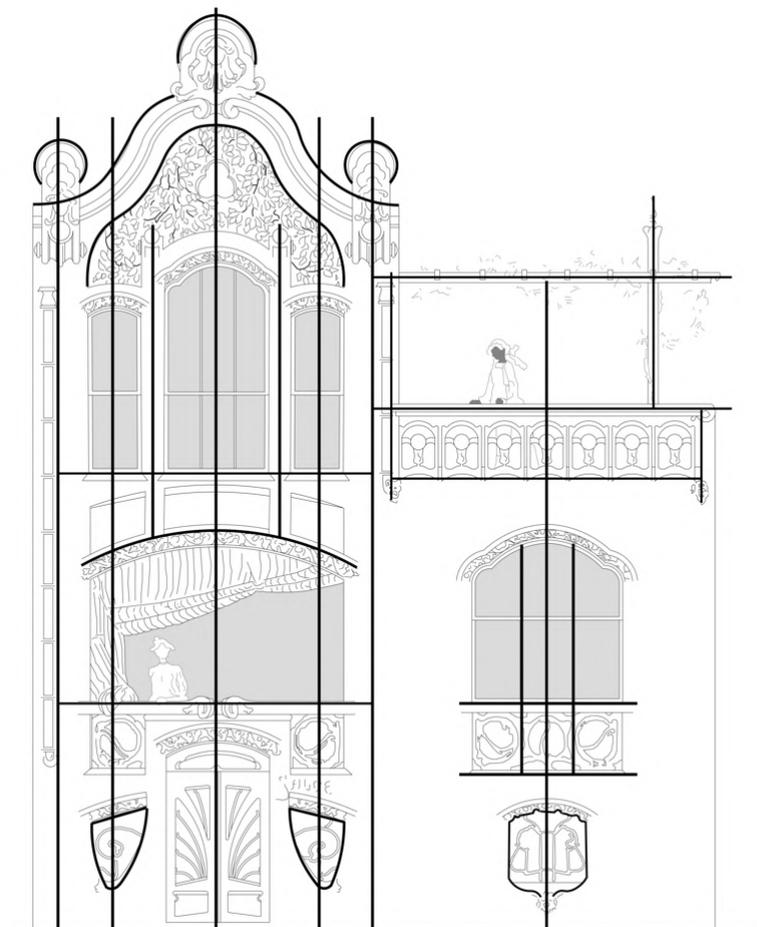


Figura 245: Propriedade do Sr. Numa de Oliveira (1903).
Fonte: Reis Filho (1997, p. 149).





Figura 246: Propriedade do Sr. Numa de Oliveira (1903).
Fonte: Reis Filho (1997, p. 148).



Figura 247: Detalhe da entrada da Propriedade do Sr. Numa de Oliveira (1903).

Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP (formato de slide).

PROCESSO DE PROJETO

Fotos do prédio edificado (Figura 245 e Figura 246) revelam uma série de pequenas alterações que viriam a compor a volumetria da residência. A pérgola de madeira parece não ter sido construída. Enquanto no projeto os elementos cerâmicos dos balcões e do terraço apresentavam padronagens diferente, na construção final foi usado um modelo único. Estes tinham um desenho mais simplificado que aquele concebido no desenho de elevação e eram análogos aos utilizados na Villa Horácio Sabino (que foi projetada no mesmo ano dessa casa). De acordo com Toledo (1985), os elementos utilizados eram fabricados pela Indústria Sacoman, de quem Dubugras era cliente.

O projeto previa que o vestíbulo fosse aberto para o exterior, sem a mediação de janelas. Contudo, foram inseridos panos envidraçados. Nota-se que janelas do primeiro pavimento pareciam associar rebuscadas grades internas de ferro torcido – vocabulário típico do *Art Nouveau*. Cabe ressaltar que esse esquema seria retomado no esboço tridimensional da Villa Luiz Piza (1904).

Os desenhos de folhagens das molduras superiores das aberturas não foram realizados. A saudação entalhada ao lado da entrada teve suas dimensões reduzidas e foi movida para a moldura superior da porta (Figura 248).

Figura 248: Detalhe da porta do prédio edificado
Fonte: Reis Filho (1997, p. 148)



DESTINO DA CONSTRUÇÃO

A moradia foi demolida entre as décadas de 1960 e 1970 (Toledo, 1985). Atualmente, o lote é ocupado por um pequeno e pouco expressivo edifício comercial de dois andares.



Figura 249: Uso atual do lote.
Fonte: Google Maps (2023).

3.3 PROPRIEDADES DO DR. DOMICIANO CAMPOS (1911)

PROPRIETÁRIO

Domiciano Pereira de Campos foi um empresário e engenheiro paulistano. Formado na Escola Polytechnica de São Paulo, começou, ainda na universidade, a trabalhar no Tesouro Municipal (Escola, 1902; Notícias, 1901). Na primeira década do século XX, chegou à posição de chefe da primeira seção (Tesouro, 1903). Atuou como membro do Conselho Fiscal da Companhia Paulista de Seguros (Companhia, 1938). Foi casado com Paula Aguiar de Barros Campos e era concunhado de outro cliente do arquiteto Victor Dubugras, Gabriel Dias da Silva (casado com a irmã de Paula, Maria Angélica Barros Dias da Silva). De seu casamento, teve quatro filhos: Ana Luísa, Angélica, Francisco e Noêmia (Brotero, 1958).

IMPLANTAÇÃO

A documentação referente ao alvará de construção foi submetida por Domiciano Campos em 06 fevereiro de 1911. Nela, o proprietário declara a intenção de construir um prédio de moradias em um lote situado na esquina da Travessa Aurora (atual Rua Joaquim Gustavo) com a Travessa São João (atual Rua Pedro Américo). O texto destaca que parte da área era voltada para a Praça da República. Nesse contexto, pelas informações lançadas, constatou-se que a propriedade estava situada no quarteirão de topografia praticamente plana formado pela Avenida São João, Rua Aurora, Travessa São João e Travessa Aurora, no bairro de Santa Ifigênia, na Região Central da cidade de São Paulo.

O conjunto de plantas – concebidas por Dubugras no mesmo mês da submissão à municipalidade – mantinha visível o perímetro da propriedade. Três residências de contornos distintos ocupavam grande parte do lote de geometria

irregular. Os volumes estavam posicionados nos alinhamentos do calçamento e não faziam uso de recuos laterais. As duas moradias em posição de meio de quadra também se alinhavam à face posterior do lote. As áreas livres remanescentes aos fundos do terreno foram aproveitadas como pequenos quintais de desenhos e dimensões variadas.

É importante salientar que, enquanto as duas construções posicionadas no meio da quadra eram menores e tinham plantas equivalentes – sendo seguramente projetadas com a intenção de serem alugadas – a construção disposta

Figura 250: Organização das casas no lote.
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para as Propriedades do Dr. Domiciano Campos (1911) presente no Acervo da FAU-USP.

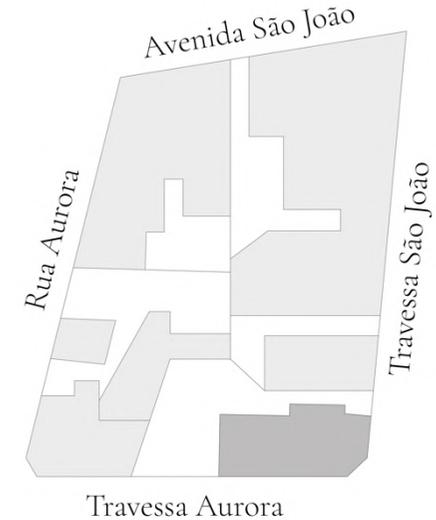
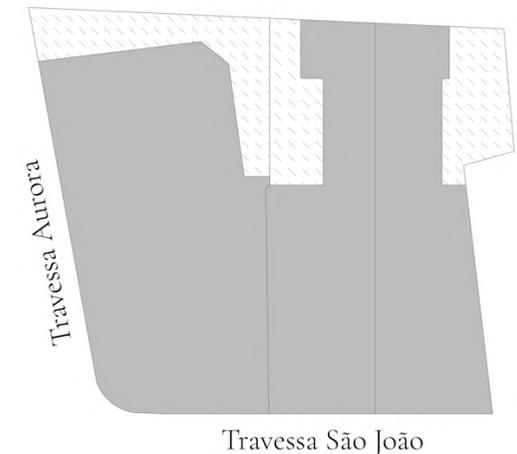


Figura 251: Localização do lote das Propriedades do Dr. Domiciano Campos (1911) na quadra.
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como base planta cartográfica do projeto S.A.R.A Brasil (1930) e dados topográficos da plataforma GeoSampa (2023).



na esquina era maior e tinha tratamento mais requintado, podendo ter sido destinada ao uso de seu proprietário. Não foram, no entanto, encontradas evidências que fornecessem aporte nesse sentido.

A partir das divergências dos contornos de lotes das Figura 250 e Figura 251, cabe evidenciar que a planta cartográfica do S.A.R.A Brasil (1930) prenuncia que somente a casa de esquina foi edificada. As outras duas casas de aluguel (à Travessa São João) previstas no projeto de Dubugras não foram construídas. O tema será aprofundado no item “Processo de Projeto”.

Visando realizar uma leitura mais apurada das características do projeto completo, serão utilizadas, para as análises desta pesquisa de doutorado, as plantas e elevações conservadas no acervo pessoal de Dubugras mantido na Biblioteca da FAU-USP.

PROGRAMA E PLANTA

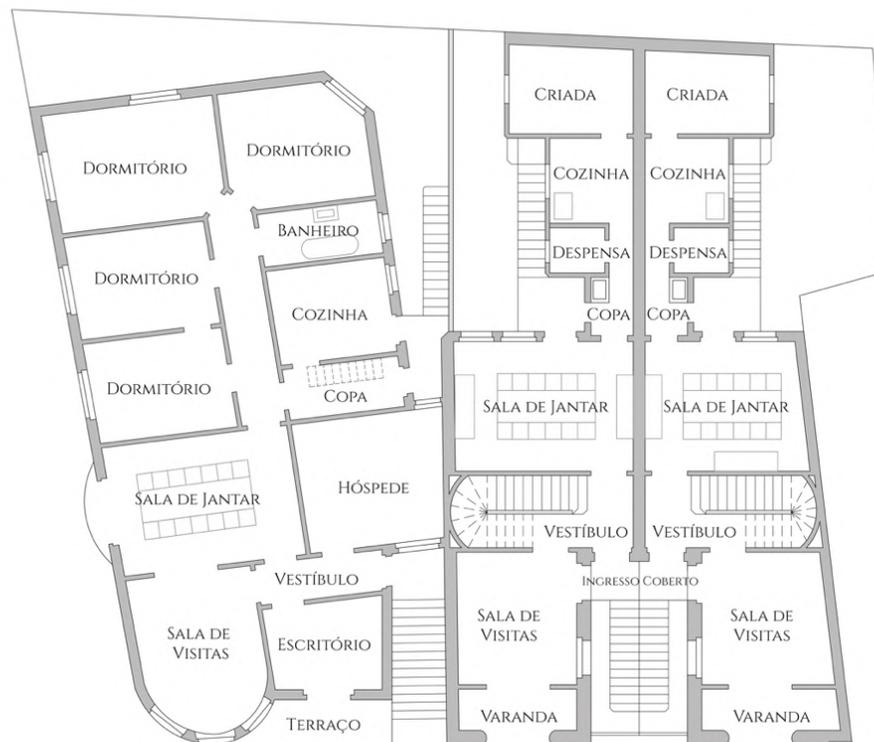
As atividades internas de todas as residências distribuíam-se em dois andares: pavimento térreo e pavimento superior. Os registros projetuais das fachadas indicam que foi previsto um piso de porão, estabelecido acima do nível do solo. Contudo, a planta de usos e de organização interna deste nível não foi localizada na pesquisa que gerou esta tese.

Como forma de auxiliar a leitura específica de cada imóvel do conjunto, a designação das residências assumirá sua localização no terreno: casa de esquina, casa central e casa lateral.

As residências de posição central e lateral tinham programas e distribuições análogas, mas, em função da acomodação das volumetrias no contorno anguloso do lote, havia algumas diferenças nas silhuetas e dimensões dos cômodos. A casa de esquina, em contrapartida, trazia uma distribuição e um programa específicos.

Nas casas central e lateral, o programa residencial foi organizado em posição espelhada. Na porção frontal dos volumes foram alocados um ingresso coberto, a sala de visita – associada a uma varanda – e a sala de jantar. Entre a sala de visitas e a sala de jantar foi acomodada uma comprida escada em formato de “U”. Percebe-se que a tipologia não compreendia um escritório. Aos fundos ficavam ambientes como copa, despensa, cozinha e compartimento da criada. Nota-se que o recinto da criada era o único cômodo da casa central que apresentava alguma distorção geométrica.

No andar superior foram arranjados três dormitórios, um pequeno quarto de *toilette*, banheiro e uma área de balcão. O dormitório frontal era maior e incorporava uma área encurvada. O desenho da fachada (Figura 255) sugere que se tratava de uma



01- PAVIMENTO TÉRREO

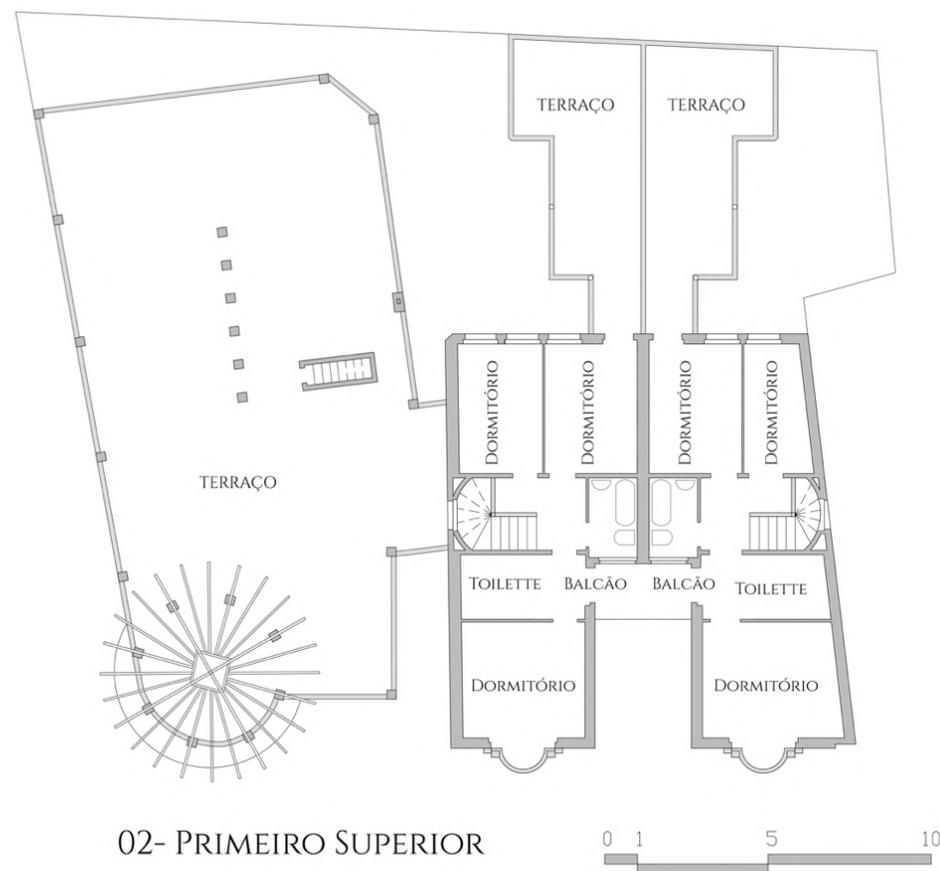
floreira. As lajes de cobertura das áreas da copa, despensa, cozinha e quarto de criada foram aproveitadas como amplos terraços recortados.

Na moradia de esquina, por sua vez, grande parte do programa desenvolvia-se no térreo. A parte frontal da volumetria contava um pequeno vestíbulo – que, pelas proporções, operava quase como um corredor –, sala de visitas, escritório e terraço. Ao centro ficava a sala de jantar e um grande aposento de hóspedes. Enquanto a sala de visitas articulava uma expressiva *bow-window* abaulada, a sala de jantar incorporava uma discreta varanda encurvada. Em uma lateral e aos fundos da volumetria foram dispostos quatro dormitórios. Nota-se que a quantidade de aposentos era compatível ao tamanho do núcleo familiar de Domiciano Campos, se considerado que dois filhos dividissem um quarto.

Voltados para a parte interna do terreno, estavam um pequeno banheiro, a cozinha e a copa. Um terraço recobria toda a extensão do andar superior. Acima da área correspondente à sala de vistas no térreo foi situado um arrojado pergolado de perímetro circular.

A geometria recortada do terreno influenciou profundamente na configuração espacial das moradias. Enquanto a casa de esquina e a casa lateral aferiram diversos contornos angulados por acompanharem o desenho do lote, a casa central era quase ortogonal, com apenas uma leve deformação na parede posterior.

As casas central e lateral foram estabelecidas pela justaposição de seções de tamanhos variados. Enquanto a área frontal dividia-se em três partições mais alongadas (maiores em comprimento do que em largura), a região central era composta por quatro seções transversais e a área dos fundos continha dois retângulos longitudinais. O esquema era replicado nos dois pavimentos, com exceção do recuo da seção central no primeiro andar, que correspondia à área dos balcões. Pequenos volumes abaulados dos quartos frontais acoplavam-se à volumetria principal. Constata-se que a angulação imposta ao lote não impediu que a casa lateral adquirisse



02- PRIMEIRO SUPERIOR

Figura 252: Plantas detalhadas do Pavimento Térreo e Primeiro Pavimento, respectivamente, das Propriedades do Dr. Domiciano Campos (1911).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para as Propriedades do Dr. Domiciano Campos (1911) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

as mesmas divisões geométricas da moradia adjacente, ainda que com alguns amoldamentos.

Já o andar térreo da residência de esquina era composto por três seções longitudinais (em sua região central) e uma partição transversal (aos fundos). Esse arranjo não foi reproduzido no andar superior, visto que ele abrigava somente o terraço. A área frontal da volumetria era bastante distorcida e se acomodava inteiramente à geometria do terreno. O avanço do balcão da sala de jantar e o corte em bisel imposto a um dos dormitórios interrompe a regularidade parcial do prédio.

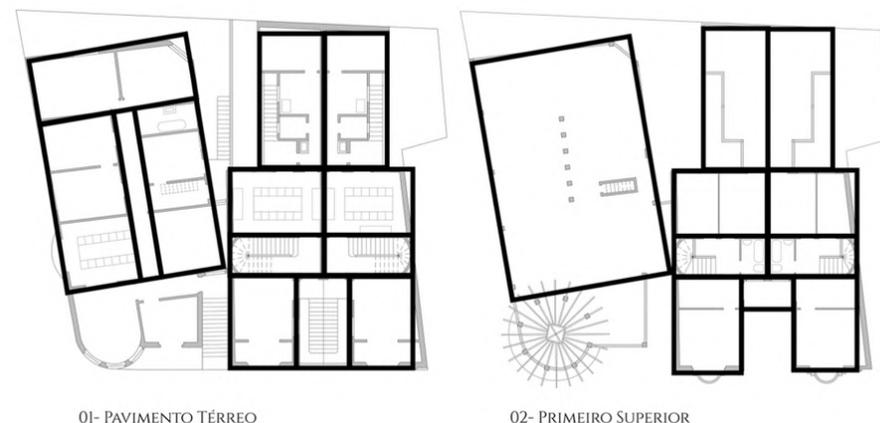


Figura 253: Divisões em planta das Propriedades do Dr. Domiciano Campos (1911).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para as Propriedades do Dr. Domiciano Campos (1911) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

ESPAÇOS E FLUXOS

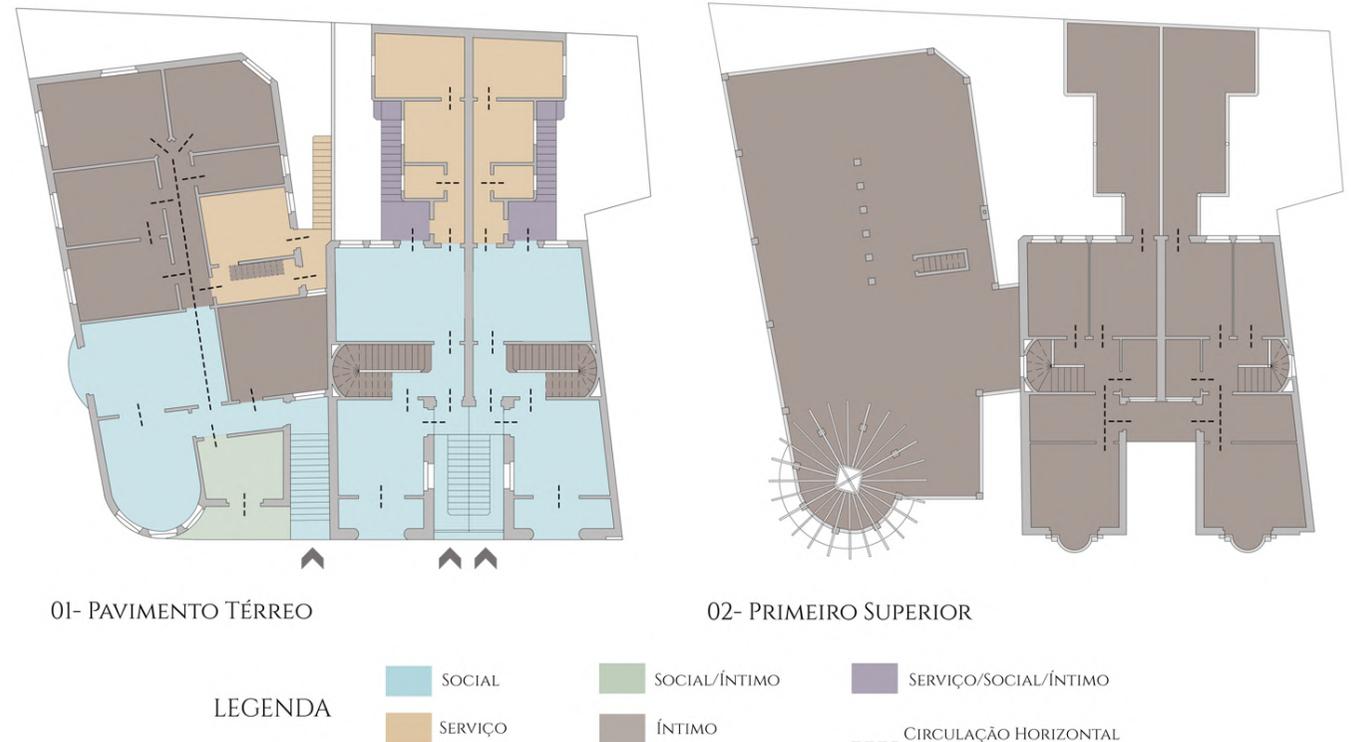
A entrada das casas central e lateral fazia-se centralmente por meio de uma comprida e estreita escadaria¹²⁵ que levava a uma pequena área de ingresso protegida. Nela foram organizados os acessos das unidades independentes.

Era possível acessar a residência tanto pela sala de visitas quanto pelo vestíbulo. A sala de visitas era o único cômodo vinculado a um espaço externo. A sala de jantar tinha posição mais interna à moradia. Nesse sentido, pela estruturação proposta, a sala de visitas adquiria maior relevância na vida social cotidiana. Os cômodos de serviço (representados pela copa, despensa, cozinha e aposento da criada) foram agrupados e ordenados sequencialmente aos fundos da casa. No andar superior estavam coordenados todos os ambientes de uso restrito dos moradores.

Em função das dimensões reduzidas da volumetria, o projeto dispunha de uma circulação horizontal bastante funcional, privilegiando as movimentações entre cômodos. No pavimento superior, valem ser mencionadas algumas particularidades. O dormitório adjacente ao banheiro era o único que tinha conexão com o terraço. Esse tipo de disposição trazia similaridades com o arranjo proposto para os dormitórios

Figura 254: Relações de usos e fluxos Propriedades do Dr. Domiciano Campos (1911).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para as Propriedades do Dr. Domiciano Campos (1911) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



de extremidade da Villa Alberto Penteadó, projetada também em 1911.

O espaço do *toilette* tinha uma configuração curiosa: servia como acesso ao dormitório frontal e formava a única conexão com o balcão. A organização sugere que, enquanto essa área da casa era direcionada ao casal locatário do imóvel, os dois dormitórios menores eram dedicados a outros membros da família estabelecida na residência.

A única circulação vertical entre pavimentos era feita pela escada em “U” alocada entre as salas. Pela configuração do pavimento superior, percebe-se que ela era de uso restrito da família. De modo similar à solução aplicada na propriedade do Sr. Numa de Oliveira (1903), o patamar da escada de acesso ao quintal era interligado

¹²⁵ Pelo volume da escadaria estar recuado ao alinhamento do prédio, é possível que as entradas ao andar do porão das casas de aluguel estivessem previstas para ocorrer na área que antecede a escada.

com a sala de jantar e com a copa. A configuração demonstra que o espaço externo era utilizado tanto para funções de serviço quanto como área de convívio familiar e social.

Na moradia de esquina, a entrada à residência ocorria lateralmente por uma extensa escadaria de lance único. Ela conduzia ao restrito vestíbulo do andar térreo e, por meio dele, foram organizados os acessos para o quarto de hóspede, o escritório, a sala de jantar e a sala de visitas. Verifica-se que, a despeito das dimensões reduzidas do ambiente, ele tinha uma configuração importante nos direcionamentos das atividades e fluxos da casa.

O quarto de hóspedes e o escritório foram posicionados nas imediações da entrada. O escritório era o único cômodo do pavimento associado a um espaço externo. A exemplo da Villa Augusto Barreto (1910), a sala de jantar intermediava o acesso para o setor íntimo. De forma inusitada, a copa e a cozinha estavam dispostas nas cercanias dos dormitórios. Essa disposição parece ter sido decorrente da estratégia de manter o setor de serviços próximo à sala de jantar (visto que eram cômodos voltados ao preparo de refeições) e evitar que esses cômodos estivessem voltados para as vias públicas (o que, no projeto, representaria tanto a área da frente da casa quanto a região da fachada lateral).

Todos os dormitórios tinham entradas independentes voltadas para o corredor. Dois dormitórios indiferenciados dividiam uma conexão. Outro aspecto a ser observado nesse projeto era a ausência de *toilette*.

No que diz respeito às circulações verticais, a organização espacial do programa mostra que uma estreita escada de lance único alocada dentro da copa fazia o deslocamento vertical para o terraço do primeiro pavimento. O posicionamento próximo ao setor íntimo e afastado das áreas sociais evidenciava que se tratava de um espaço de uso restrito da família e visitas íntimas.

Como o quintal remanescente era muito modesto e tanto a copa quanto a cozinha tinham ligações, a escada lateral era, provavelmente, reservada ao acesso dos funcionários ao andar térreo. É possível que estivesse previsto portão lateral aos fundos do terreno, dado o afastamento do limite do lote.

O projeto não deixava claro como ocorria o acesso para o andar do porão. Pode-se supor que, na mesma posição da escada para o terraço, havia um segundo conjunto de escadas orientado para o andar inferior.

MATERIAIS E TÉCNICAS

O conjunto conciliava uma variedade de técnicas e materiais. As edificações aparentam terem sido erguidas em alvenaria de tijolos revestidos. As grades das janelas do andar do porão e os portões de entrada das propriedades eram de estrutura metálica. Registros de Dubugras para a fachada frontal conservados no Acervo da Biblioteca da FAU-USP atestam que o porão tinha três metros de altura. O térreo e o pavimento superior das casas de aluguel contavam com um pé direito de 3,4 metros.

Os prédios das casas central e lateral adotavam uma cobertura recortada, provavelmente composta em estrutura de madeira e fechamentos em telhas cerâmicas e sem beirais. As portas de entrada no nível térreo eram de madeira, com recortes em vidro e grades metálicas sobrepostas. O balcão do andar superior associava uma discreta pérgola de estrutura de madeira.

Na casa de esquina, a cobertura era resolvida em laje plana, que, no andar superior, era explorada como um amplo terraço descoberto. Na pérgola circular disposta na parte frontal do pavimento foram indicadas estruturas mistas: os apoios eram de concreto e as vigas eram de madeira. O extenso guarda-corpo que contornava o espaço era, possivelmente, constituído em cimento. O esboço da fachada frontal (Figura 255) indicava que o escoamento pluvial do terraço era feito por condutores

pluviais aparentes, com generosos bocais arredondados. O terraço do escritório contava com um guarda-corpo metálico com discretas decorações vazadas.

COMPOSIÇÃO, FACHADAS E VOLUMES

O projeto das propriedades de Domiciano Campos sobrepunha duas orientações projetuais dissonantes. Enquanto as moradias central e lateral desenvolviam traços pautados pela solidez, ritmo, simetria e frontões ortogonais ornamentados, a casa disposta na esquina entre as vias era resolvida por meio de uma volumetria assimétrica, trazia uma maior variedade de deslocamentos formais e conciliava formatos encurvados. A percepção de coesão entre os diferentes volumes era decorrente da manutenção das mesmas alturas entre os níveis e da replicação de linguagem de alguns componentes, tais como as janelas retangulares com bandeiras fixas, o desenho *Art Nouveau* de vertente geometrizada dos portões de entrada e das grades das aberturas do porão. As grades metálicas trabalhavam, em sua parte inferior, pequenos desenhos vazados ortogonais que ostentavam, de forma mais sintética, o arcabouço de uma flor (com o caule, o estigma e o contorno de pétala). O componente resguardava grande semelhança com o guarda-corpo indicado no projeto da Villa Augusto Barreto (1910).

A fachada frontal das casas central e lateral distinguia-se pela rígida simetria bilateral dos volumes. A área correspondente à sala de visitas era dotada de três janelas alongadas sequenciais (maiores em altura do que em largura) combinadas a bandeiras de vidro fixo com partições internas de traços verticalizados. Na parte superior da fachada, o conjunto era arrematado por uma faixa decorada com módulos de desenhos geométricos sequenciais. Abaixo do peitoril das janelas, e sem nenhuma função aparente, foi indicada uma série de ornatos retangulares dispostos regularmente. No nível do dormitório frontal, três janelas alongadas – análogas às da sala de visitas – eram articuladas a uma única e alargada bandeira de vidro fixo. Ao

centro havia uma arrojada floreira com sulcos verticais e frisos horizontais. As linhas bem demarcadas do componente e o despojamento dos ornatos traziam sintonia com a arquitetura produzida por Hoffmann. Ladeando as esquadrias e janelas, foram esboçadas colunas terminadas por capitéis de ordem jônica. A conciliação de inusitados elementos da linguagem clássica à estética *Art Nouveau* seria retomada por Dubugras no ano seguinte, no delineamento do pergolado do terraço inferior da Villa Cássio Prado (1912).

No nível da cobertura, foi criado um frontão ortogonal contornado por frisos e adornado internamente por séries de círculos em relevo. Ao destacado círculo central foram acrescentadas volutas laterais – certamente inspiradas pelas curvas características do vocabulário *Art Nouveau*. Nota-se que, à semelhança do que ocorria na arquitetura eclética e colonial, à medida que os pavimentos se elevavam, o tratamento plástico adquiria, progressivamente, soluções mais requintadas. Esse tipo de recurso também foi desenvolvido na Villa Horácio Sabino (1903).

Na casa de esquina, a área de entrada do andar térreo era distinguida por uma pequena cobertura abaulada. Esta era provavelmente constituída por estruturas metálicas. O terraço do escritório era associado a um guarda-corpo metálico de desenhos ritmados e ortogonais. Trechos dessa estrutura de guarda-corpo se sobrepunham aos peitoris das janelas da sala de visitas. Era um artifício claramente plástico que se prestava à coesão plástica da volumetria. Acima da faixa decorada das janelas foi inserida uma segunda fita decorada. Nesta, foram utilizados círculos em relevo intercalados com frisos horizontais que dialogavam com os desenhos ordenados no frontão das casas de aluguel.

No andar superior, a laje do terraço avançava para além do perímetro do prédio principal. O discreto prolongamento – utilizado funcionalmente como espaço de floreiras – interrompia a linearidade das paredes de alvenaria e dinamizava a volumetria. Robustas peças, que lembravam mãos francesas, amparavam os trechos

de laje em balanço, que associavam floreiras. A área era coroada, no espaço correspondente à sala de visitas no térreo, por uma vistosa pérgola de madeira de geometria circular que se apoiava em colunas com capitéis de ordem jônica. O maciço guarda-corpo de cimento do terraço incorporava estreitas frestas que se intercalavam com discretas decorações de frisos horizontais e ornatos de formato quadrado.

Na fachada para a Travessa Aurora, o balcão da sala de jantar interrompia a regularidade e o ritmo presentes na fachada. Nota-se que entre as janelas e as bandeiras de vidro fixo do balcão foi engastada uma cobertura metálica de módulos curvos, equivalente àquela sinalizada na área de entrada da residência. A faixa decorada introduzida na *bow-window* da sala de visitas (composta por círculos e frisos sequenciais) estendia-se pela porção superior da fachada.

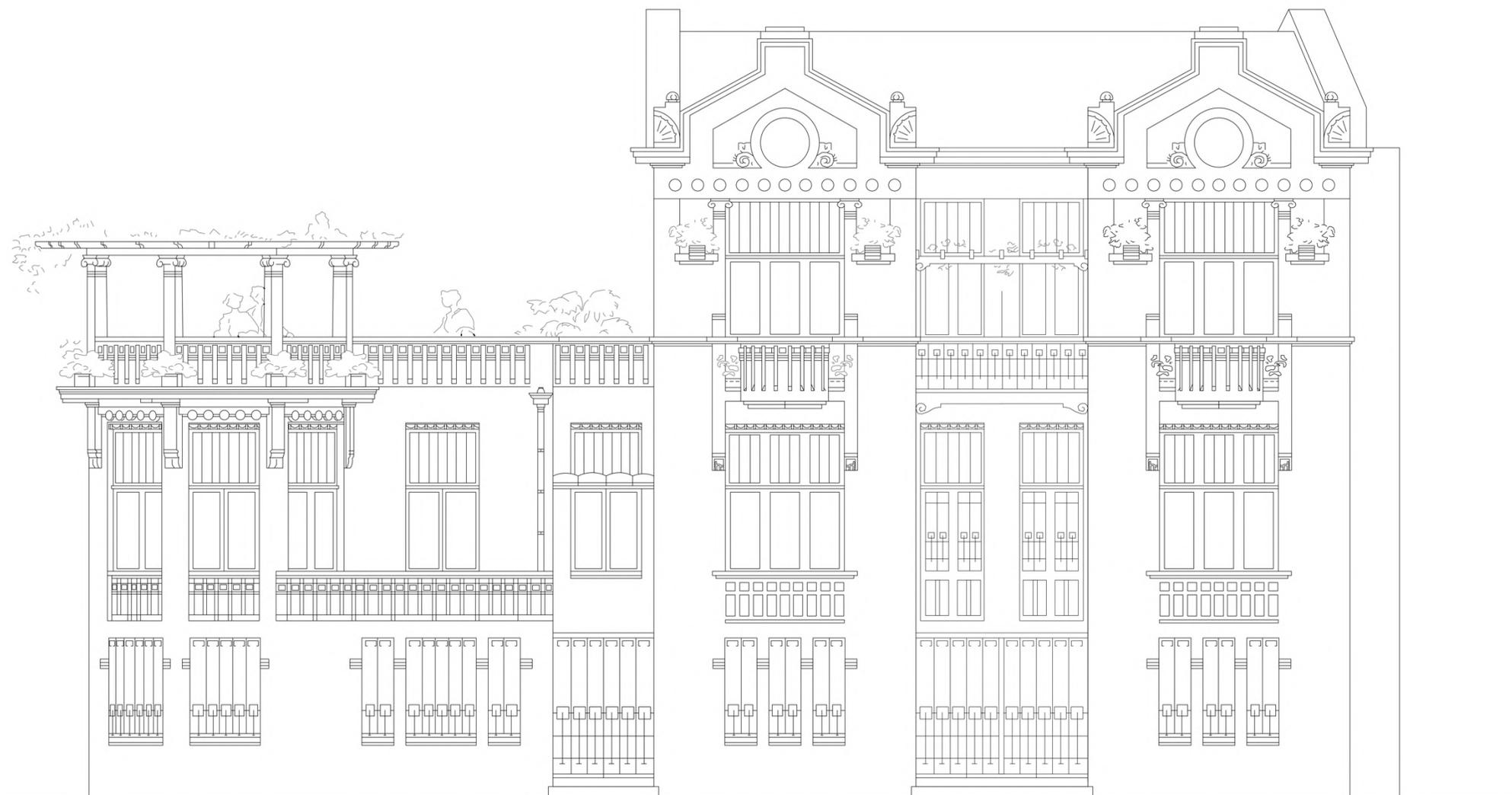


Figura 255: Elevação frontal, à Travessa São João, das Propriedades do Dr. Domiciano Campos (1911).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para as
Propriedades do Dr. Domiciano Campos (1911) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



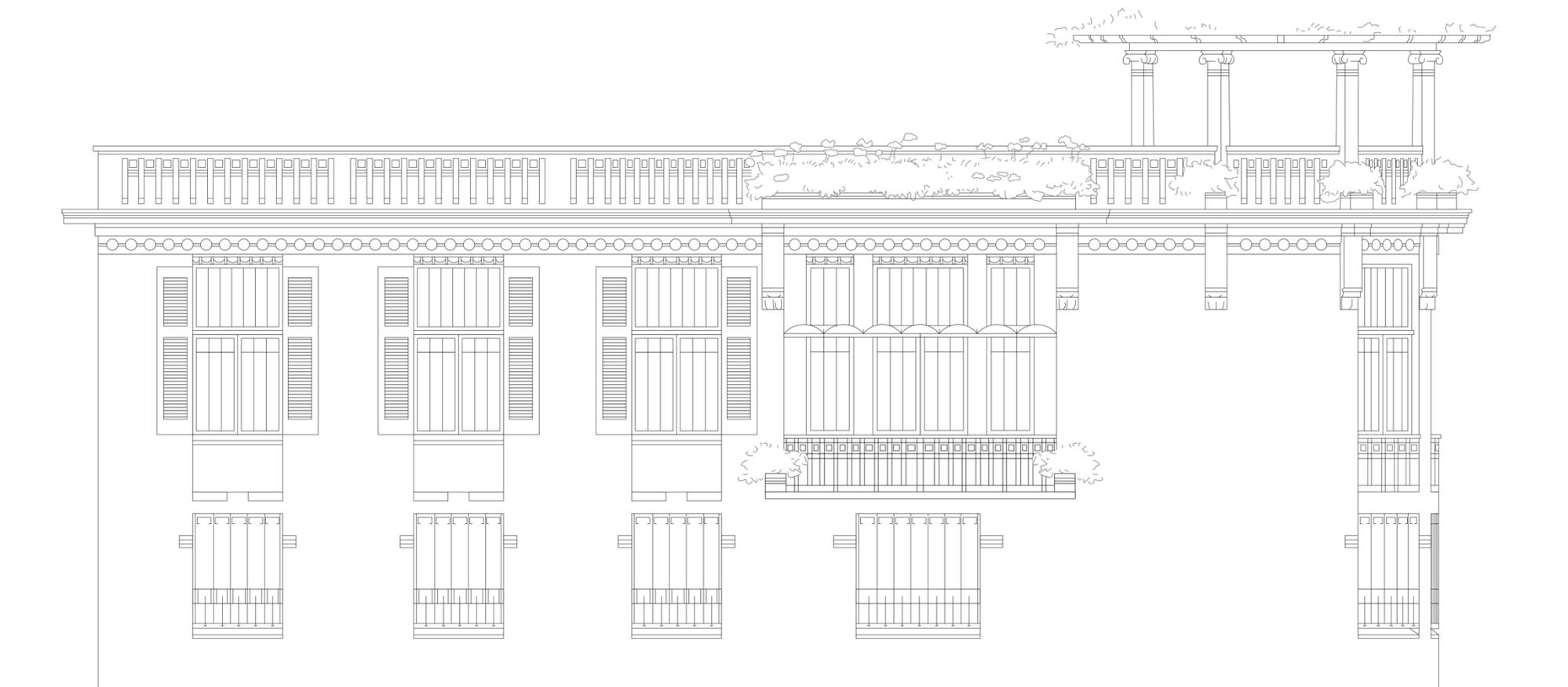


Figura 256: Elevação lateral, à Travessa Aurora, das Propriedades do Dr. Domiciano Campos (1911).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para as
Propriedades do Dr. Domiciano Campos (1911) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

O projeto tirava proveito de uma variedade de alinhamentos verticalizados. Estes eram representados nas silhuetas e ordenamentos entre as aberturas alongadas (tanto de janelas quanto de portas), nos compridos perfis de ângulos retos dos volumes das casas de aluguel (que atrelavam maior altura do que largura) e nas partições das bandeiras de vidro fixo. As associações verticais produzidas pela pérgola do terraço da casa de esquina e pelos frontões ortogonais das casas de aluguel eram bastante expressivas. Outras demarcações transversais podiam ser observadas nos desenhos internos dos guarda-corpos e das grades metálicas das aberturas do porão.

A série horizontal era notabilizada pela extensão do terraço da moradia de esquina, pela cobertura da pérgola e pela proporção longitudinal estabelecida pela fachada lateral do conjunto. Os encadeamentos formados pelos alinhamentos entre os peitoris dos terraços e das janelas também impunham sinalizações horizontais significativas.

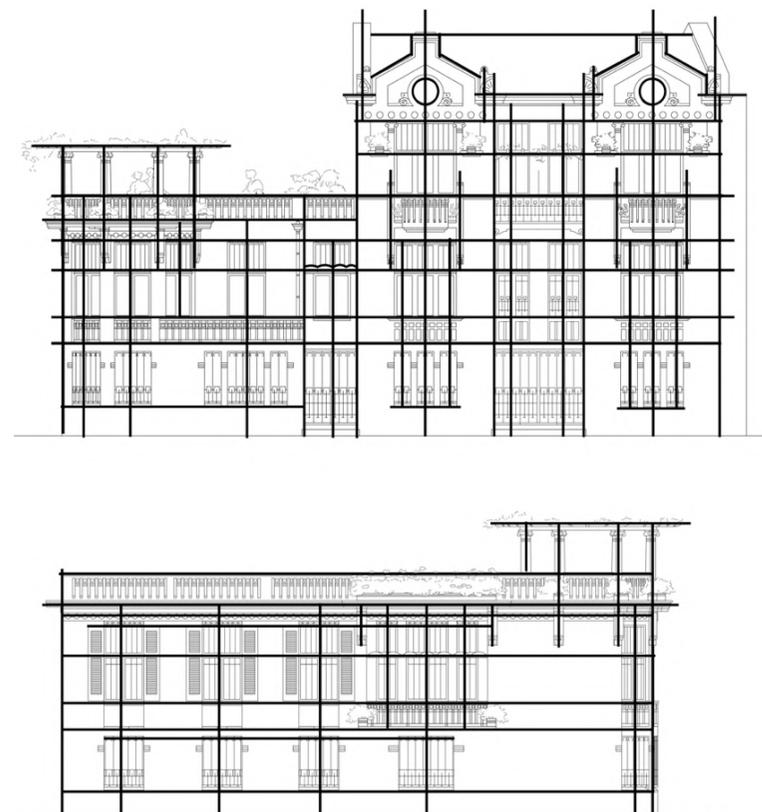


Figura 257: Esquema de linhas do partido arquitetônico das Propriedades do Dr. Domiciano Campos (1911).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para as Propriedades do Dr. Domiciano Campos (1911) presente no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

Figura 258: Fachada lateral, à Travessa Aurora, da residência de esquina propriedade de Domiciano Câmpo (1911).
Fonte: Reis Filho (1997, p. 160).





Figura 259: Fachada frontal, à Travessa São João, da residência de esquina propriedade de Domiciano Campo (1911).

Fonte: Reis Filho (1997, p. 161).

PROCESSO DE PROJETO

No desenvolvimento projetual das residências de propriedade de Domiciano Campos, verificou-se uma grande alteração entre o estudo esboçado e o projeto submetido à aprovação municipal. Enquanto no projeto arquivado na Biblioteca da FAU-USP havia três residências encadeadas e cuidadosamente detalhadas (em termos de implantação, organização espacial, técnicas construtivas e linguagem plástica), a concepção expedida à análise municipal comportava drásticas alterações. Todo o projeto referente às casas central e lateral foi eliminado das cópias heliográficas. A forma com que o procedimento foi executado deixa nítido que se tratava de uma decisão abrupta e repentina, visto que a interrupção dos desenhos fora feita por meio de cortes físicos nas pranchas. Os trechos de desenhos remanescentes foram cuidadosamente recobertos por papel opaco colados por cima do desenho original.

Vale ressaltar que somente a elevação frontal foi anexada junto ao processo de obtenção do alvará de construção.

As fotografias do único prédio edificado revelam algumas modificações e detalhamentos não indicados no projeto. As grades metálicas das janelas do porão adquiriram, de fato, contornos inspirados na silhueta de uma flor. O padrão adotado, no entanto, era mais intrincado e estilizado (Figura 259), lembrando a estética de Mackintosh. Os vidros das janelas foram decorados com delicados desenhos *Floreale*. O terraço do escritório adquiriu maior extensão, prolongando-se lateralmente até a área de chegada da escada principal. A ampliação desse espaço externo pode ter implicado na redução das dimensões do escritório. Observa-se que, no nível do porão, o cômodo correspondente foi recuado e formou-se, abaixo da estrutura do terraço, um

corredor. Circundando o terraço frontal do térreo foi inserida uma cobertura metálica ligeiramente inclinada (em direção ao corpo da edificação) com fechamentos em vidro em estilo *Art Nouveau*. Contava com painéis laterais acrescidos de decorações geometrizadas. A composição mostrava similaridades com a coberta de entrada que seria concebida nos anos seguintes para a Villa Gabriel Dias da Silva (1913). Por fim, como mostra a Figura 258, foi estabelecido um segundo pergolado no terraço superior.

DESTINO DA CONSTRUÇÃO

A residência construída foi demolida, em data não identificada durante a pesquisa, e em seu lugar encontra-se estabelecido atualmente um prédio comercial de dois andares.

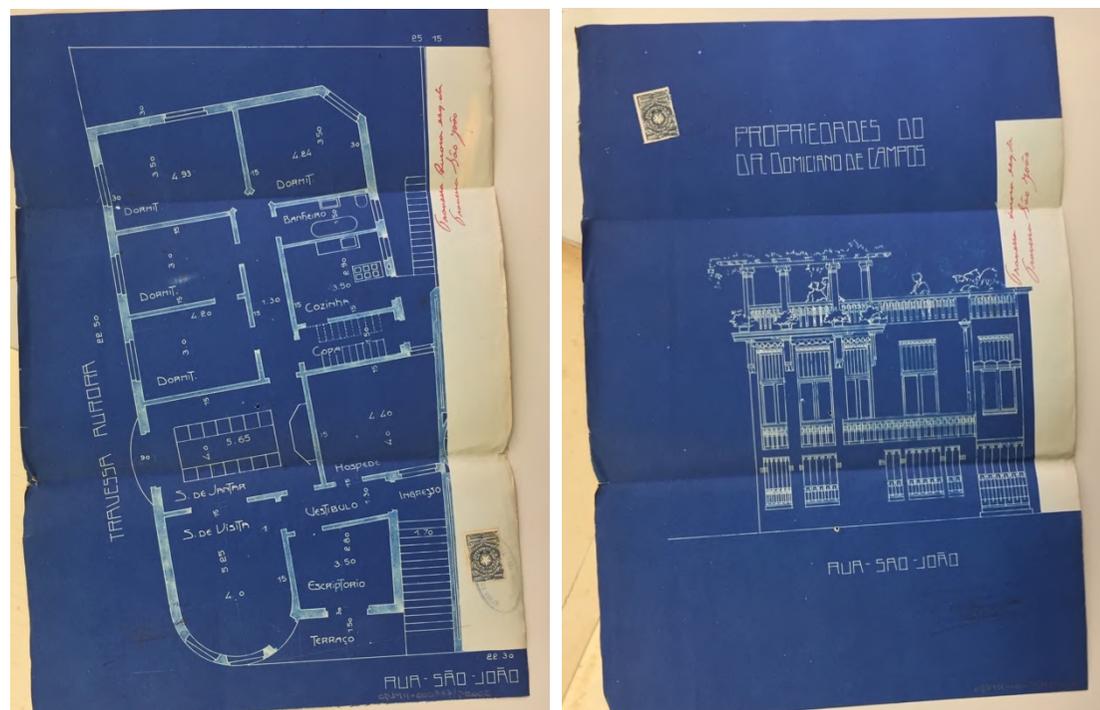


Figura 260: Pranchas submetidas à aprovação municipal.
Fonte: Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

3.4 VILLAS PROPRIEDADE DO SR. TEIXEIRA LEITE (1911)

PROPRIETÁRIO

Luiz Antônio Teixeira Leite foi um engenheiro e empresário paulistano. Formou-se no ano de 1899, em Engenharia pela Escola Polytechnica de São Paulo (Silva, 2018). Entre o período de 1899 e 1903, trabalhou na Superintendência de Obras Públicas (SOP) no cargo de engenheiro ajudante e participou da concretização de diversas obras públicas e de infraestrutura urbana, como dos prédios do grupo escolar de São Roque e da cadeia de São José dos Barreiros e a obra da ponte sobre o Rio Turvo (Notas, 1889; Notas, 1903b; Silva, 2018). Foi, portanto, contemporâneo de Flávio Uchôa (outro cliente de Dubugras) na SOP. Foi um dos acionistas e diretores das empresas de transporte ferroviário Companhia Estrada de Ferro de Dourado, Estrada de Ferro de Araraquara, Estrada de Ferro São Paulo-Goyaz e Companhia Estrada de Ferro Pitangueiras (Silva, 2018). Foi também fazendeiro no município de São Pedro do Turvo, no interior paulista (Anniversarios, 1924). Informativos do jornal Correio Paulistano (Thesouro, 1911; Aquisição, 1922; Prefeitura, 1920) revelam que Luiz Teixeira Leite investia fortemente no setor imobiliário, através da compra e venda de terrenos e da construção de casas na cidade de São Paulo.

IMPLANTAÇÃO NÃO LOCALIZADA

De acordo com o pedido de aprovação municipal, datado dezembro de 1911 e armazenado no Acervo do AHMSP, Luiz Teixeira Leite solicitou a construção de cinco moradias de aluguel entre as Ruas Cardoso Ferrão (atual Rua Dr. Albuquerque Lins) e Palmeiras, na região de Santa Cecília. Na submissão lê-se:

“Tenho a honra de submeter à elevada aprovação de Vossa Senhoria a planta em três vias, de cinco prédios que pretendo

construir nas ruas Cardoso Ferrão e Palmeiras, nesta cidade, sendo que quatro serão edificadas na primeira das ruas citadas, nas sobras dos terrenos que foram atualmente desapropriados pela Câmara e um será edificado na rua das Palmeiras no terreno atualmente ocupado pelos prédios nº 164 e 166 e que dá fundos para os outros terrenos já referidos”.

Cabe ressaltar que o título do projeto constava como: “Villas Propriedade do Sr. Teixeira Leite”. A introdução da designação “Villa” certamente servia para reforçar as noções de requinte e prestígio social associadas a residir em uma casa ampla, situada em paragem prestigiada.

Um estudo de implantação de Dubugras preservado junto à documentação submetida indica que os lotes eram retangulares, de dimensões semelhantes e sequenciais. Neles, foram dispostos dois pares de duas casas geminadas (que, pelo

requerimento preenchido pelo proprietário, ficariam à Rua Cardoso Ferrão) e uma outra rotacionada em ângulo de 90 graus em relação ao restante do conjunto (que

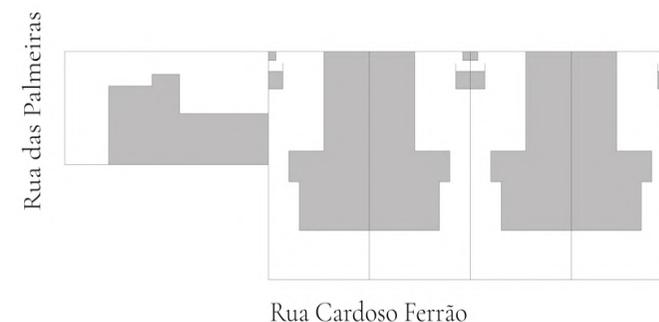


Figura 261: Organização da implantação das casas de aluguel de Luiz Antônio Teixeira Leite (1911) esboçada por Dubugras. Destaque para a indicação da localização dos lotes nas vias, de acordo com a descrição da documentação.

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para as Villas Propriedade do Teixeira Leite (1911) presente no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

representaria o volume alocado na esquina entre as vias indicadas). Nota-se que as moradias foram alocadas nos alinhamentos posteriores dos lotes, enquanto apresentavam recuos frontais e em uma das laterais. Na área posterior dos lotes das casas geminadas, foram previstas edículas e áreas para tanque de lavar roupas.

Assim, tendo em vista o logradouro e o delineamento da implantação esboçada por Dubugras, na análise das plantas do projeto S.A.R.A Brasil (1930) conferiu-se que as possibilidades de lotes que poderiam conter as volumetrias não exibiam o delineamento esperado, sugerindo, nesse sentido, que o projeto de 1911 provavelmente não foi construído.

PROGRAMA E PLANTA

O programa residencial desenvolvia-se em dois pavimentos: pavimento térreo e pavimento superior. Concebidas por Dubugras no mesmo mês em que foram despachadas à análise municipal (dezembro de 1911), todas as cinco casas utilizavam-se de um único modelo de planta. No caso dos dois pares de casas geminadas, as plantas tinham orientação espelhada. Um extenso muro delimitava a divisa entre as moradias.

Nos registros técnicos do arquiteto, verificou-se que foi esboçado o contorno correspondente a uma dupla de casas geminadas. Porém, ao passo que uma seção da planta refletia a distribuição do andar térreo, na outra foi detalhado o piso superior. Com o intuito de promover uma apreensão mais apurada das relações de divisões internas e espacialidades propostas, optou-se por reproduzir os pares de plantas de cada nível do conjunto.

Figura 262: Plantas detalhadas do Pavimento Térreo e Pavimento Superior, respectivamente, das Villas Propriedade do Sr. Teixeira Leite (1911).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para as Villas Propriedade do Sr. Teixeira Leite (1911) presente no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.



Eram casas pequenas, que adotavam o programa residencial básico da moradia burguesa paulista da época. No andar térreo, a parte frontal da construção contava com uma ampla varanda, sala de visitas e escritório. O espaço residual sob a escada localizada ao lado da sala de visitas foi aproveitado como um pequeno sanitário. Ao centro ficava a sala de jantar e, aos fundos estavam copa, cozinha, despensa e uma pequena varanda retangular. O programa não incluía um vestíbulo.

No andar superior, foram alocados três dormitórios, um banheiro, o aposento da criada e dois terraços (um frontal e outro alocado entre o quarto da criada e o dormitório do casal). Ao lado do compartimento da criada havia um pequeno recinto sem indicação de uso. Era, provavelmente, um segundo sanitário ou um espaço de *toilette*.

O *layout* evidenciava que era uma casa projetada para ser ocupada por, no máximo, sete pessoas (seis moradores e uma funcionária). Enquanto as acomodações que circundavam o terraço frontal eram menores e contavam com duas camas de solteiro cada, o dormitório central era maior e dotado de uma cama de casal.

O projeto instituía uma planta de geometria ortogonal e irregular. As disposições eram replicadas nos dois pavimentos. No sentido longitudinal subdividia-se em quatro seções e, no sentido transversal, em duas partes. Os volumes representados pelos sanitários eram levemente ressaltados. A varanda do térreo e o terraço do primeiro pavimento avançavam além dos limites dessa malha ortogonal. Enquanto na varanda isso ocorria de forma discreta, no terraço era mais evidente.



Figura 263: Divisões em planta das Villas Propriedade do Sr. Teixeira Leite (1911)
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para as Villas Propriedade do Sr. Teixeira Leite (1911) presente no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

ESPAÇOS E FLUXOS

A entrada fazia-se frontalmente por uma escada de dois degraus que levava a uma espaçosa varanda coberta. O projeto era aparelhado por um rígido zoneamento horizontal e vertical. Grande parte da extensão do nível térreo era ocupado pelas áreas sociais, de modo que os ambientes de serviço (restringidos a cômodos de preparo de refeições) estavam agrupados na porção posterior da casa. As regiões privativas dos moradores, por sua vez, ocupavam todo o andar superior.

A sala de visitas e o escritório circundavam a varanda de ingresso e tinham suas entradas alinhadas. A sala de jantar era desassociada da sala de vistas e estava situada em uma parte mais interna da residência. Um comprido corredor organizava os acessos e as conexões entre os espaços sociais. Já a copa, cozinha e despensa eram interligados sequencialmente, sendo privilegiada a circulação entre recintos.

Tanto a sala de jantar quanto a copa partilhavam passagens com a pequena varanda lateral, demonstrando que se tratava de um acesso secundário à casa que sobrepunha todos os tipos de fluxos.

No pavimento superior, um restrito corredor promovia os ingressos para os dormitórios e a espaçosa varanda frontal. O sanitário, alocado nas proximidades da escada, era acessado por meio de poucos

degraus. A elevação do piso do banheiro prestava-se como estratégia para aumentar o pé-direito da área do patamar da escada¹²⁶.

Um conjunto de escadas em formato de “U” contido no volume lateral levemente ressaltado interligava o pavimento térreo aos dormitórios do andar superior. A movimentação vertical instituída no espaço externo lateral trazia uma configuração peculiar: observa-se que a área de chegada da escada helicoidal no nível dos dormitórios tinha passagens tanto para o dormitório do casal, quanto para o compartimento da criada. Enquanto a primeira situação poderia indicar que o terraço era um espaço de estar associado ao quarto (e servia como um deslocamento secundário para o nível inferior), na segunda ocorrência a escada helicoidal funcionava como a principal forma de acesso da funcionária a seus aposentos.



Figura 264: Relações de usos e fluxos das Villas Propriedade do Sr. Teixeira Leite (1911).

Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para as Villas Propriedade do Sr. Teixeira Leite (1911) presente no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

¹²⁶ O corte que esquematiza essa estratégia pode ser visualizado no projeto de Dubugras para as residências de aluguel comissionadas por João Dente à Rua Augusta (3.5 - Prédios para o Dr. João Dente (1912a), no item “Materiais e Técnicas”.

MATERIAIS E TÉCNICAS

O desenho de elevação concebido por Dubugras permite identificar algumas características que as construções deveriam assumir. Os prédios aparentam ter sido construídos em alvenaria de tijolos revestidos. O telhado era recortado e conciliava uma acentuada inclinação. Empregava beirais salientes, telhas cerâmicas e as calhas eram aparentes. O esboço do arquiteto sugere que a cobertura combinava, em diversos pontos de sua extensão, discretas aberturas de ventilação em formato de semicírculo. Um esquema similar foi sinalizado no projeto da Villa Vicente de Soares Barros (1910).

As janelas eram do tipo guilhotina, com bandeiras superiores e duas folhas de fechamento em madeira com pequenos entalhes. A porta principal parecia ser de madeira, com recortes em vidro e grades metálicas. Agregava bandeiras de vidro fixo e grades metálicas de desenhos rebuscados. Os componentes dos guarda-corpos da varanda do térreo e do terraço do pavimento superior eram delgados, sendo, provavelmente, constituídos em estrutura metálica.

COMPOSIÇÃO, FACHADAS E VOLUMES

Era uma composição ortogonal, austera e econômica nas decorações. A volumetria unitária das residências era assimétrica, contudo, a junção espelhada de duas unidades resultava em um bloco simétrico e harmônico. A regularidade de disposição das janelas retangulares (maiores em largura do que em altura) demarcavam ritmo à composição.

A fachada frontal das residências era formada por um sólido volume lateral ladeado pela varanda da área de entrada. A porta integrava discretos elementos vazados que remetiam às vertentes do *Art Nouveau* de partidos mais geometrizados, tais como a *Sezession* vienense e a arquitetura praticada por Mackintosh. A bandeira superior incorporava uma grade metálica com desenhos de quadrados vazados em

padronagem escalonada. O guarda-corpo da varanda era sóbrio e sem ornamentações. Como efeito plástico, alguns montantes tinham seu sentido alternado, ora apoiando-se sobre o piso de alvenaria, ora sobre a travessa metálica superior.

A laje do terraço do andar superior, por sua vez, prolongava-se além do perímetro da varanda e trazia um maior dinamismo à composição. O guarda-corpo deste nível era um pouco mais rebuscado e agregava recortes de formato quadrado. Nota-se que o encaminhamento plástico geometrizado empregado nos pormenores de componentes construtivos metálicos seria explorado e desenvolvido nos projetos para a Villa Cássio Prado (1912) e Villa Gabriel Dias da Silva (1913). O muro que fazia a divisa das duas moradias estendia-se até as imediações do nível da cobertura.

A acentuada inclinação da coberta central expressava uma discreta reminiscência da estética da arquitetura *Arts and Crafts*, a exemplo de coberturas em obras de Philip Webb e Charles Voysey.

É importante assinalar que a fachada concebida pelo arquiteto e anexada ao processo de aprovação junto à municipalidade era compatível somente com os grupos de casas geminadas. No caso da construção isolada, situada na esquina entre as Vias das Palmeiras e Cardoso Ferrão, não foi apresentado o esquema pretendido. Certamente, seria quase análogo ao das casas geminadas, com algumas alterações estruturais na configuração.



Figura 265: Elevação frontal das Villas Propriedade do Sr. Teixeira Leite (1911).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para as Villas Propriedade do Sr. Teixeira Leite (1911) presente no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

O partido arquitetônico das casas de aluguel de Teixeira Leite (1911) abalizava-se por meio de uma equilibrada contraposição entre linhas horizontais e verticais. A dimensão longitudinal imposta pela junção de dois volumes se confrontava à extensão vertical da demarcação da divisa entre duas casas (representadas pelo alinhamento do muro e da cumeeira central). Os perfis dos volumes laterais de ângulo reto (que dispunham de maior altura do que largura) se contrapunham às predominâncias horizontais do corpo central.

As proporções horizontais dos módulos unitários das janelas se contrapunham ao arranjo verticalizado formado pela justaposição de três módulos. As compridas travessas dos guarda-corpos eram associadas aos discretos montantes de alturas alternadas.

DESTINO DA CONSTRUÇÃO

Como já mencionado anteriormente, não há evidências que corroborem que este projeto tenha sido construído.



Figura 266: Esquema de linhas do partido arquitetônico das Villas Propriedade do Sr. Teixeira Leite (1911).

Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para as Villas Propriedade do Sr. Teixeira Leite (1911) presente no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

3.5 PRÉDIOS PARA O DR. JOÃO DENTE (1912A)

PROPRIETÁRIO

João Gonçalves Dente (1874-1939) foi um advogado e empresário paulistano. Formou-se em meados da década de 1890 na Faculdade de Direito de São Paulo (Faculdade, 1890). Estabelecido com escritório próprio, especializou-se em Direito Criminal e Cível (Dr; 1897). Foi também promotor público na cidade de Ribeirão Bonito (Notas, 1895). Em 1915, adquiriu o periódico *A Gazeta*, vendendo-o dois anos depois, iniciativa que foi assim descrita e avaliada:

Inteligente e decidido a levar avante o vespertino, o conhecido advogado atraiu expressivos nomes para o corpo de colaboradores: Olavo Bilac, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque e João do Rio frequentavam as páginas do jornal. Do grande entusiasmo inicial, porém, João Dente passou para um certo abatimento; o jornal não correspondia ao excepcional êxito que havia planejado, fruto mais de ilusões e menos de realidades. Ensarilhou armas, voltando à sua banca de advogado (Carvalho, 1999, p. 113).

Teve uma destacada atuação no setor imobiliário, construindo moradias para locação em diferentes regiões da cidade de São Paulo, como Moóca, Cambuci, Sé, Santa Efigênia, Consolação e Avenida Paulista (Cotrim, 2019a). Dente residiu com sua família na Avenida Paulista, em um casarão localizado entre as Ruas Augusta e Peixoto Gomide (Gitahy, 2007). De acordo com Cotrim (2019a), o advogado foi proprietário de uma vila operária com 121 casas no bairro da Moóca, cujo público-alvo eram os trabalhadores da fábrica da Antártica.

IMPLANTAÇÃO

O projeto comissionado por João Dente em janeiro de 1912 e colocado a cargo de Dubugras consistia em duas casas de aluguel geminadas. O pedido de alvará de construção, datado de fevereiro de 1912, indica que os imóveis seriam estabelecidos na Rua Augusta, no quarteirão entre a Avenida Paulista e a Alameda Santos. Alocadas em um terreno retangular e com topografia pouco movimentada, as moradias

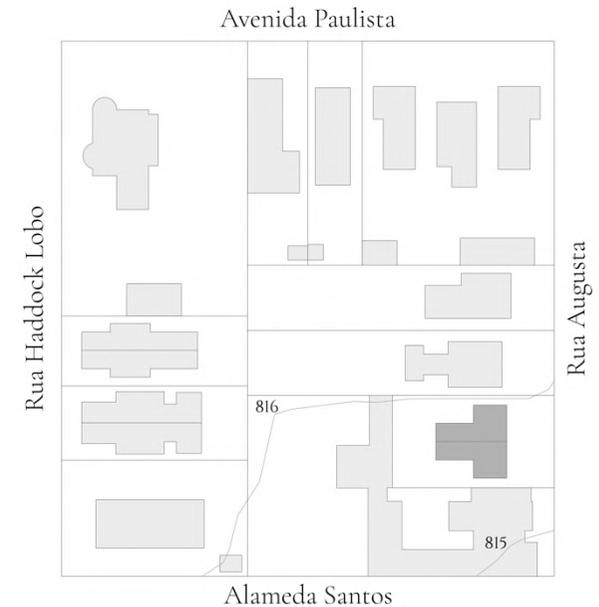


Figura 267: Implantação das casas de aluguel para João Dente (1912a).

Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como base planta cartográfica do projeto S.A.R.A Brasil (1930) e dados topográficos da plataforma GeoSampa (2023).

geminadas estavam posicionadas na parte central do lote, com recuos. No quarteirão vizinho estava situada a Villa Horácio Sabino, concebida por Victor Dubugras no ano de 1903 e objeto de análise do item 2.3. Na mesma quadra, na esquina entre a Rua Augusta e a Avenida Paulista, estavam outras três casas de aluguel projetadas pelo arquiteto franco-argentino e de propriedade de João Dente (e serão objeto de análise do próximo tópico). Segundo Cotrim (2019b), os terrenos ocupados pelos imóveis de

Dente foram adquiridos de Horácio Sabino. Pode-se conjecturar que, durante as reuniões entre os empresários acerca dos termos de compra e venda dos terrenos, tenha sobrevivido a indicação de contratação do projetista. Assim, observa-se que a paisagem desse prestigioso trecho da Avenida Paulista era profundamente influenciada pela arquitetura *Art Nouveau* de Dubugras.

PROGRAMA E PLANTA

As atividades das moradias de aluguel organizavam-se em dois pavimentos: pavimento térreo e pavimento superior. O projeto não indicava o uso de porão e previa um terraço no nível da cobertura.

As duas casas utilizavam o mesmo modelo de planta, em disposição espelhada. Os registros técnicos do arquiteto detalhavam os pisos de somente uma unidade. Como forma de realizar uma leitura mais meticulosa das características do conjunto foram representadas as plantas das duas unidades, seguindo o contorno da implantação.

A parte da frente da casa era ocupada por uma varanda retangular, a sala de visitas e o escritório. A sala de jantar ficava ao centro da composição e abaixo do espaço remanescente da escada em “U” foi estruturado um pequeno sanitário (com pia e bacia sanitária). Aos fundos do volume estavam a copa, cozinha, despensa e uma pequena varanda.

No piso superior foram distribuídos três dormitórios – sendo que dois deles contavam com um ambiente de *toilette* –, um banheiro, o compartimento da criada



01- PAVIMENTO TÉRREO



02- PAVIMENTO SUPERIOR



Figura 268: Plantas detalhadas do Pavimento Térreo e Pavimento Superior, respectivamente, dos Prédios para o Dr. João Dente (1912a).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenhos de Dubugras para os Prédios para o Dr. João Dente (1912a) presentes no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

associado a um terceiro *toilette*¹²⁷ e dois terraços (um de maiores proporções à frente e outro menor aos fundos). O quarto de posição central era mais espaçoso. Parte do banheiro sobressaía-se ligeiramente à delimitação da volumetria principal.

Durante o processo de análise das plantas, verificou-se que o programa residencial implementado e a localização espacial dos cômodos eram muito semelhantes àqueles propostos para as casas de aluguel comissionadas por Luiz Teixeira Leite (1911). A planta baixa do andar térreo dos dois projetos era idêntica. O andar superior, contudo, portava algumas modificações internas que serviram para acrescentar aos quartos os cômodos do *toilette*. Para tanto, o pequeno terraço do andar superior teve sua área reduzida para dar espaço ao *toilette* do quarto do casal. Os outros dois quartos também passaram por reconfigurações distributivas para a acomodação do outro *toilette* – e serão assinaladas no item “Espaços e Fluxos”.

Nota-se que, enquanto no projeto para Teixeira Leite (1911) os volumes de ambos os sanitários eram levemente proeminentes, no projeto para João Dente somente o bloco do banheiro do piso superior era ressaltado, o que implicava na ligeira redução das proporções do sanitário abaixo da escada. Nesse sentido, a despeito das ligeiras modificações de dimensões assinaladas, observa-se que o perímetro da volumetria das casas de João Dente (1912) era quase análogo ao do projeto para Teixeira Leite (1911)

A confrontação das plantas dos dois projetos pode ser visualizada na Figura 270.

O modelo de planta instituído nas propriedades de João Dente (1912a) empregava a mesma base compositiva e as divisões geométricas adotadas no projeto das casas de aluguel para Teixeira Leite (1911).



Figura 269: Divisões em planta dos Prédios para o Dr. João Dente (1912a).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenhos de Dubugras para os Prédios para o Dr. João Dente (1912a) presentes no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

¹²⁷ Ressalta-se que, no projeto das casas de Teixeira Leite (1911), o espaço destinado ao *toilette* não havia legenda de indicação de uso. Pelo reatamento das soluções organizacionais delineadas neste projeto pode-se assumir que naquele projeto se tratava, de fato, de um *toilette*.

VILLAS PROPRIEDADE DO SR. TEIXEIRA
LEITE (1911)



01- PAVIMENTO TÉRREO

PRÉDIOS PARA O DR. JOÃO DENTE
(1912A)



01- PAVIMENTO TÉRREO



02- PAVIMENTO SUPERIOR



02- PAVIMENTO SUPERIOR



Figura 270: Similaridades entre os projetos das casas geminadas para Luiz Teixeira Leite (1911) e João Dente (1912a). Destaque para a adição das toaletes.

Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para as Villas Propriedade do Sr. Teixeira Leite (1911) e Prédios para o Dr. João Dente (1912a), presentes no Acervo "Série Obras Particulares" do AHMSP e Acervo da Biblioteca da FAU-USP, respectivamente.

ESPAÇOS E FLUXOS

A orientação dos espaços e a distribuição dos fluxos do andar térreo deste projeto baseavam-se nas soluções propostas para as moradias concebidas para Teixeira Leite (1911). A entrada principal ocorria frontalmente por meio de uma escada de dois degraus que dava acesso à varanda coberta. Logo na chegada, e com os ingressos nivelados, estava a sala de visitas de um lado e o escritório do outro. No ponto médio do andar conservava-se a sala de jantar. Aos fundos foram agrupados os ambientes de serviço, como copa, cozinha e despensa. No andar superior estavam coordenados os ambientes de repouso dos moradores.

Um comprido corredor organizava os acessos e as conexões entre os espaços sociais. Os recintos de serviços eram conectados entre si por meio de aberturas sequenciais. Neste projeto, tanto a sala de jantar quanto a copa e a cozinha tinham passagens com a pequena varanda lateral (ao passo que, na concepção de 1911 para Teixeira Leite, somente a cozinha e a sala de jantar eram conectadas ao terraço). O sanitário alocado abaixo do patamar da escada era alcançado por uma pequena escada.

No pavimento superior, o quarto de casal e o aposento da criada mantinham ligações com o pequeno terraço lateral. O banheiro era acessado por meio de uma pequena escada de três degraus. Todos os dormitórios e o banheiro tinham entradas voltadas para o restrito corredor organizado ao redor da escada em formato de “U”. A inclusão do *toilette* no dormitório central (que,

no projeto para Teixeira Leite, correspondia ao corredor de acesso aos dormitórios) implicou em significativas alterações de movimentações neste projeto: ao passo que o quarto frontal teve seu ingresso alocado próximo da escada do sanitário e era o único cômodo que fazia a ligação com o espaçoso terraço frontal, o quarto de posição central teve sua entrada movida para defronte da escada.

O conjunto de escadas confinadas no volume lateral interligava o pavimento térreo ao andar dos dormitórios e ao terraço no nível da cobertura. Pela configuração de acesso, nota-se que o terraço era um ambiente de uso restrito. A escada helicoidal localizada na varanda lateral conservava a mesma configuração delimitada para o projeto para Teixeira Leite (1911), promovendo conexões tanto com o dormitório do casal quanto com o compartimento da criada.

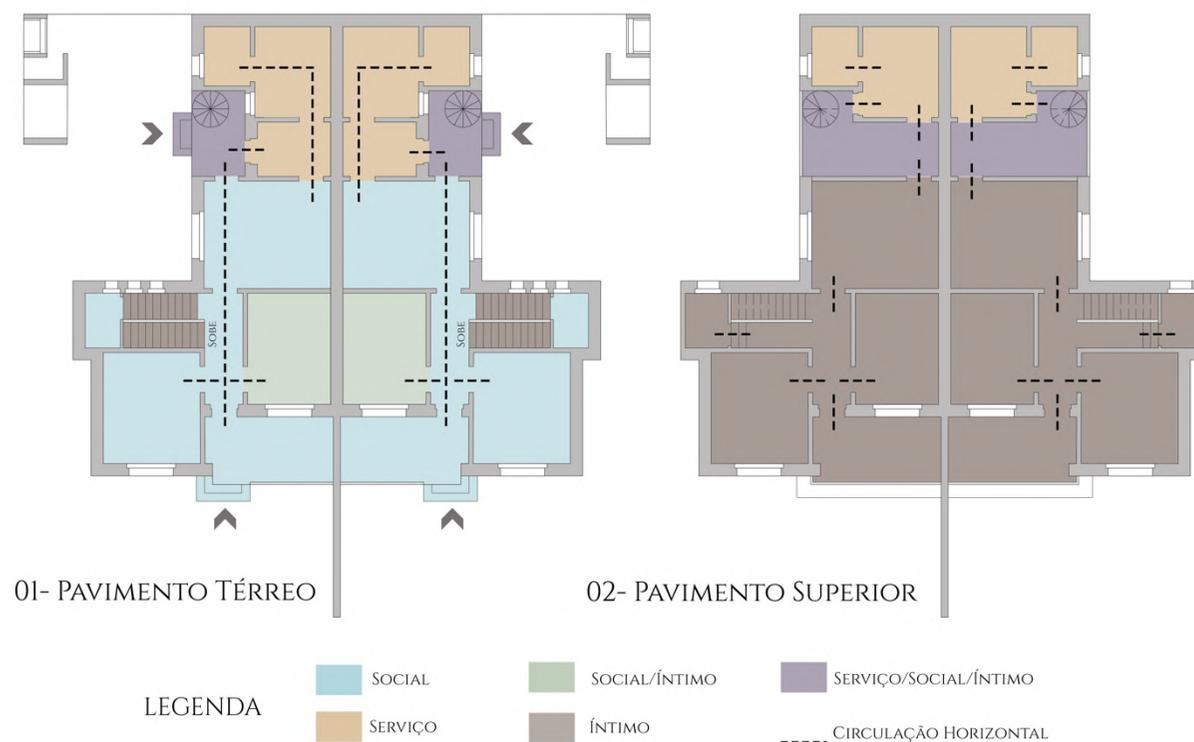
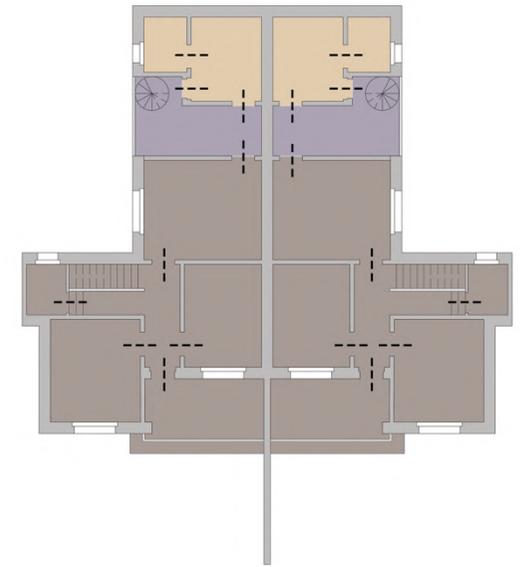
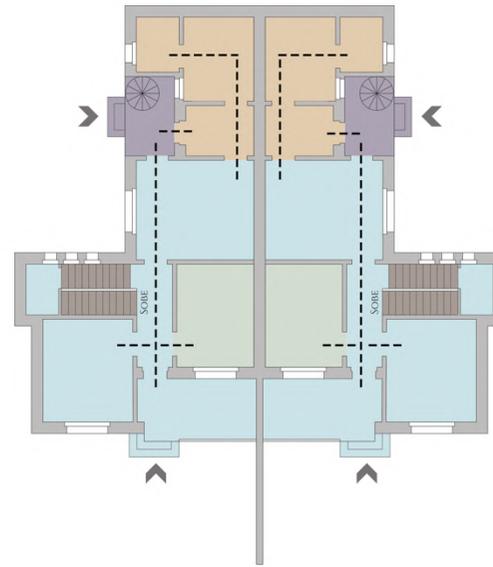


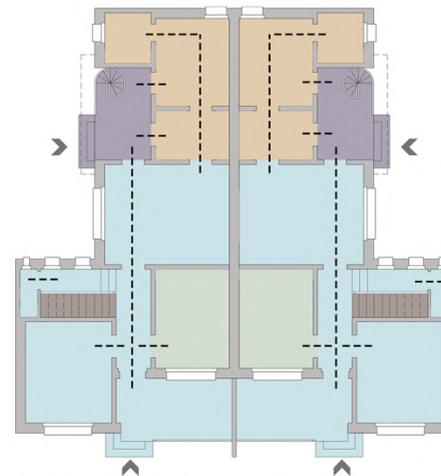
Figura 271: Relações de usos e fluxos dos Prédios para o Dr. João Dente (1912a).

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenhos de Dubugras para os Prédios para o Dr. João Dente (1912a) presentes no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

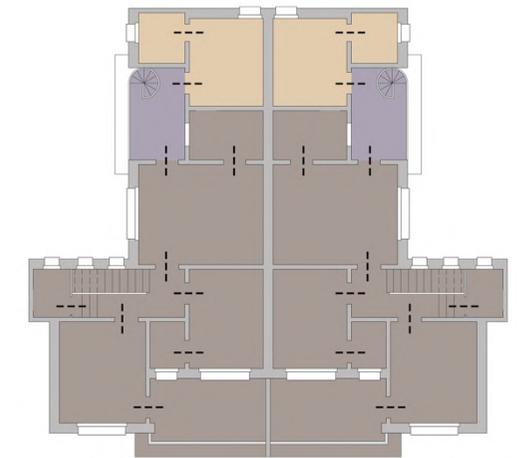
VILLAS PROPRIEDADE DO SR. TEIXEIRA
LEITE (1911)



PRÉDIOS PARA O DR. JOÃO DENTE
(1912A)



01- PAVIMENTO TÉRREO



02- PAVIMENTO SUPERIOR

Figura 272: Comparação entre os projetos das casas geminadas para Luiz Teixeira Leite (1911), acima, e João Dente (1912a), abaixo. Destaque para as orientações de acessos do pavimento superior.

Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para as Villas Propriedade do Sr. Teixeira Leite (1911) e Prédios para o Dr. João Dente (1912a), presentes no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP e Acervo da Biblioteca da FAU-USP, respectivamente.

MATERIAIS E TÉCNICAS

Um desenho de corte tracejado por Dubugras em fevereiro de 1912 evidenciava as estratégias de circulações verticais internas. O andar térreo e o pavimento superior tinham pé-direito de 3,74 metros. Observa-se que o banheiro do pavimento superior avançava além do corpo da volumetria principal em 75 centímetros e, acima da laje de cobertura do cômodo, foi situado o reservatório de água.

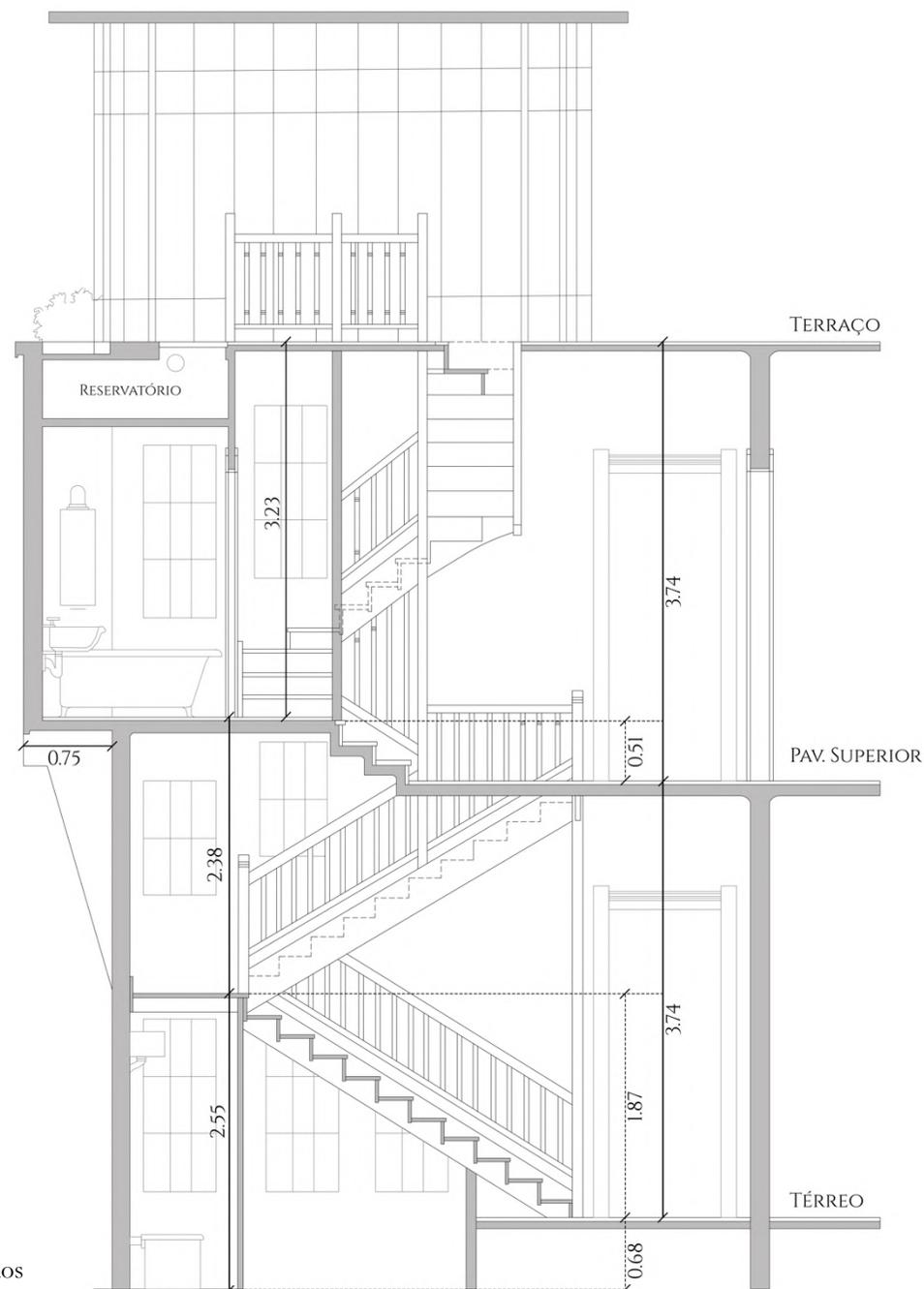
Verifica-se que a determinação de uso de uma escadaria de dois lances com patamar intermediário e a introdução de um sanitário abaixo do referido patamar estabeleceram algumas situações interessantes.

O corte demonstra que o patamar intermediário da escada alcançava a altura de 1,87 metro de altura. Para que o sanitário do térreo atingisse um pé-direito mais alto, o piso do ambiente foi rebaixado em 68 centímetros (e como o assentamento da residência já previa um pequeno afastamento entre o soalho e o nível do solo, não foi necessário enterrar uma porção do recinto). O acesso ao nível do sanitário era feito por meio de quatro degraus (com 17 centímetros de espelho). Com isso, o sanitário obteve um pé-direito de 2,55 metros de altura.

Em uma segunda ocorrência, para que o patamar intermediário também adquirisse um acréscimo de pé-direito (visto que, originalmente, ele estaria fixado em somente um 1,87 metro), o piso do banheiro do pavimento superior foi elevado em cerca de 50 centímetros e seu ingresso foi organizado por meio de uma escada de três degraus. Deste modo, o patamar da escada adquiriu um pé-direito de 2,38 metros.

Cabe ressaltar que, no projeto para Teixeira Leite (1911), o piso do sanitário foi elevado para aumentar a altura do patamar. Contudo, as plantas não deixam claro se esse esquema foi aplicado para o sanitário do andar térreo.

Figura 273: Relações de alturas dos pavimentos dos Prédios para o Dr. João Dente (1912a).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenhos de Dubugras para os Prédios para o Dr. João Dente (1912a) presentes no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



Um desenho de perspectiva de Dubugras concebido em janeiro de 1912 denota as materialidades e técnicas construtivas previstas para as moradias. Empregava como sistema construtivo principal a alvenaria de tijolos revestidos. O terraço frontal do pavimento superior tinha um delicado guarda-corpo metálico e era coberto por uma pérgola de madeira. O terraço lateral aproveitava-se do mesmo modelo de guarda-corpo e a delgada escada helicoidal era constituída em estruturas metálicas. A volumetria sobressalente do banheiro do pavimento superior apoiava-se sobre mãos-francesas. A entrada formada na varanda lateral era coberta por uma discreta laje plana. As janelas eram do tipo guilhotina com bandeiras superiores de vidro fixo. Utilizavam folhas de fechamento em venezianas de madeira. A laje plana de concreto do andar superior funcionava como piso a um extenso espaço de terraço no nível da cobertura. O acesso vertical ao nível era delimitado por um torreão coberto com laje plana e panos envidraçados. De acordo com Toledo (1985), esse arcabouço teria se beneficiado do uso de vigas de concreto para a liberação de maiores

áreas de caixilharias. A área era circundada por guarda-corpos similares aos empregados no restante da obra.

COMPOSIÇÃO, FACHADAS E VOLUMES

As residências geminadas foram resolvidas através de volumes assimétricos e pautados por relações de avanços e recuos. Assim, como no projeto para Teixeira Leite, a regularidade bilateral estabelecida pela junção de duas unidades idênticas resultava na leitura do conjunto como um bloco simétrico. As fachadas eram acrescidas de poucos ornatos, e estes estavam usualmente atrelados a soluções funcionais.

A elevação frontal era conformada por um sólido bloco lateral justaposto às áreas de varandas e terraços. A porta era de duas folhas, e uma grade metálica de linhas estilizadas sobrepunha-se às almofadas de vidro. As janelas eram alongadas com partições internas retangulares e as bandeiras de vidro fixo perfilhavam partições quadriculadas. No volume lateral, entre as aberturas dos pavimentos, foi inserida uma floreira marcada por estrias horizontais e sustentada nas extremidades por mãos francesas. A laje de piso do terraço superior projetava-se para além do perímetro da varanda alocada no andar térreo.

O desenho de perspectiva mostra que a parede de alvenaria que demarcava a divisa entre o andar térreo das residências interpolava, em sua porção superior, frisos horizontais e recortes retangulares (Figura 274). As interrupções na alvenaria reforçavam a leveza pretendida dos espaços externos. Vale apontar também que, enquanto a ilustração em perspectiva cobria os terraços com pergolados de madeira, o registro da elevação não indicava o uso da estrutura.

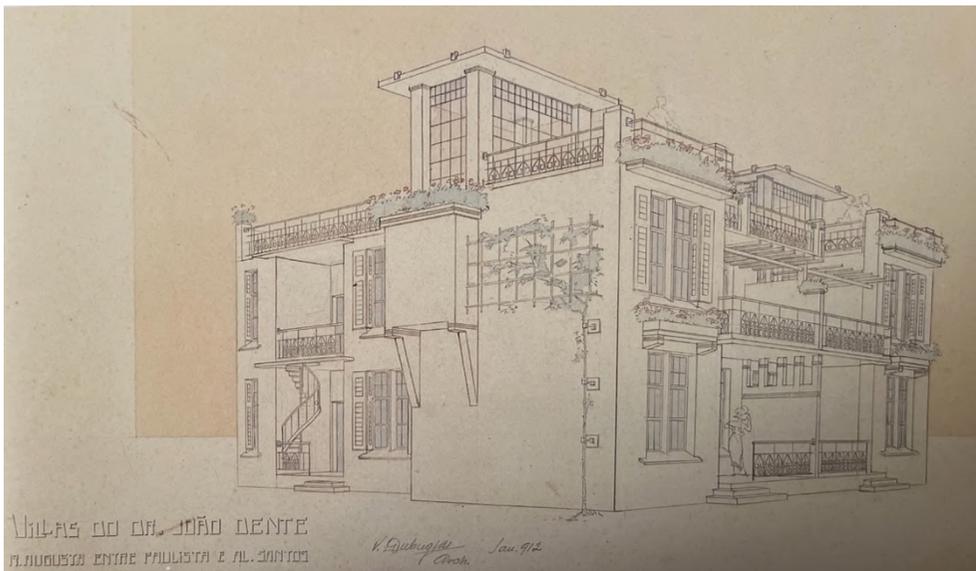


Figura 274: Perspectiva em aquarela elaborada por Dubugras para os Prédios para o Dr. João Dente (1912a).

Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

Todos os guarda-corpos do conjunto utilizavam-se de uma mesma padronagem. As peças eram de ferro retorcido e aplicavam uma linguagem sóbria e geometrizada, inspirada nos traços lineares da estética da *Sezession* vienense.

Na lateral, parte do volume do banheiro do andar superior se sobressaía da volumetria principal. O bloco era apoiado em mãos francesas – que dialogavam com os suportes da floreira frontal – e era arrematado por uma elegante floreira.

O nível da cobertura comportava, em toda a sua extensão, um amplo terraço apoiado em laje plana. A região correspondente à caixa de escadas da residência era dotada de um expressivo torreão retangular. Este, por sua vez, era configurado com quatro pilares nas extremidades, fechamentos envidraçados de cima a baixo e uma delgada cobertura em laje plana. Para Nestor Goulart, “os torreões envidraçados lembravam nitidamente os da estação de Mayrink” (REIS FILHO, 1997, p. 68).



Figura 275: Elevação frontal dos Prédios para o Dr. João Dente (1912a).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenhos de Dubugras para os Prédios para o Dr. João Dente (1912a) presentes no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



O projeto privilegiava uma variedade de sinalizações verticalizadas. Estas se faziam presentes nas janelas alongadas, no expressivo torreão retangular e nos desenhos dos guarda-corpos. A extensão longitudinal da volumetria ressaltada representada pelo banheiro do andar superior rompia com os ângulos retos dos volumes. No eixo horizontal, os discretos frisos e as projeções exteriores da laje de piso do terraço frontal e da cobertura plana do torreão eram, plasticamente, muito elegantes.

Figura 276: Esquema de linhas do partido arquitetônico dos Prédios para o Dr. João Dente (1912a).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenhos de Dubugras para os Prédios para o Dr. João Dente (1912a) presentes no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

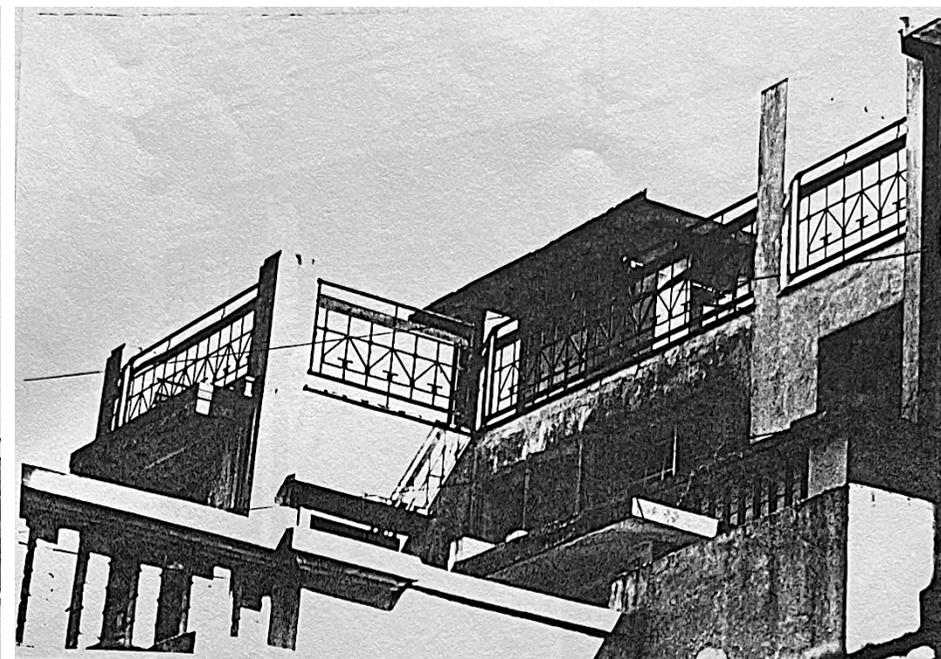
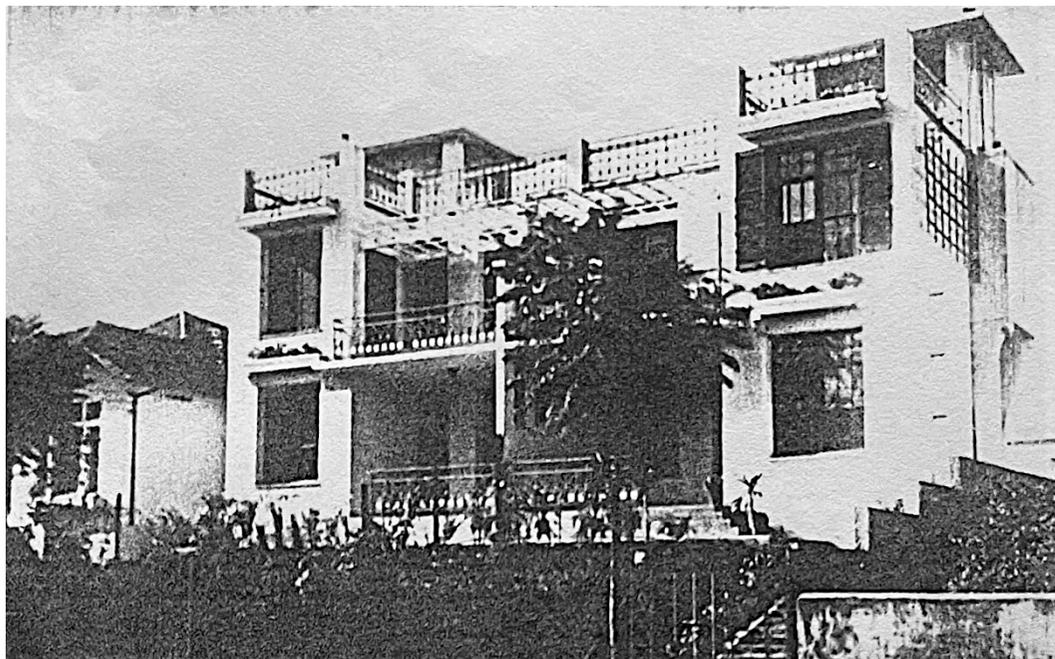
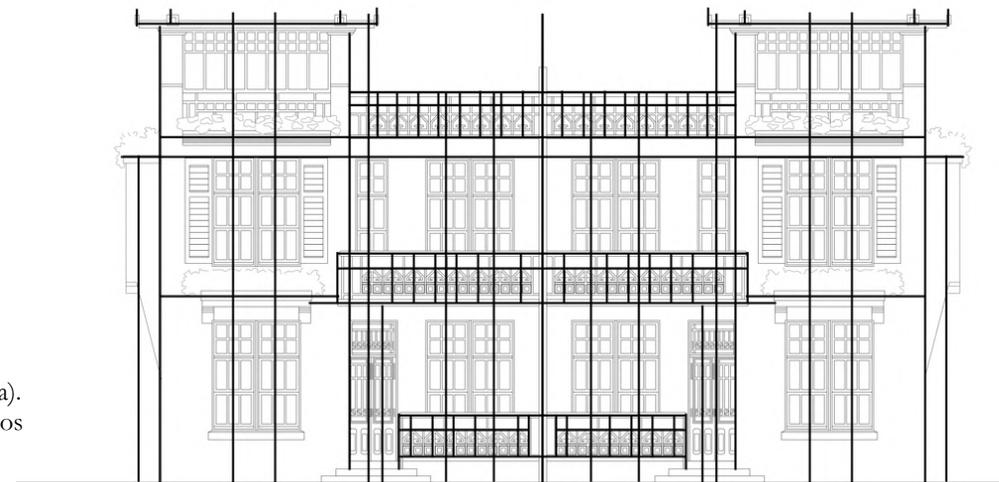
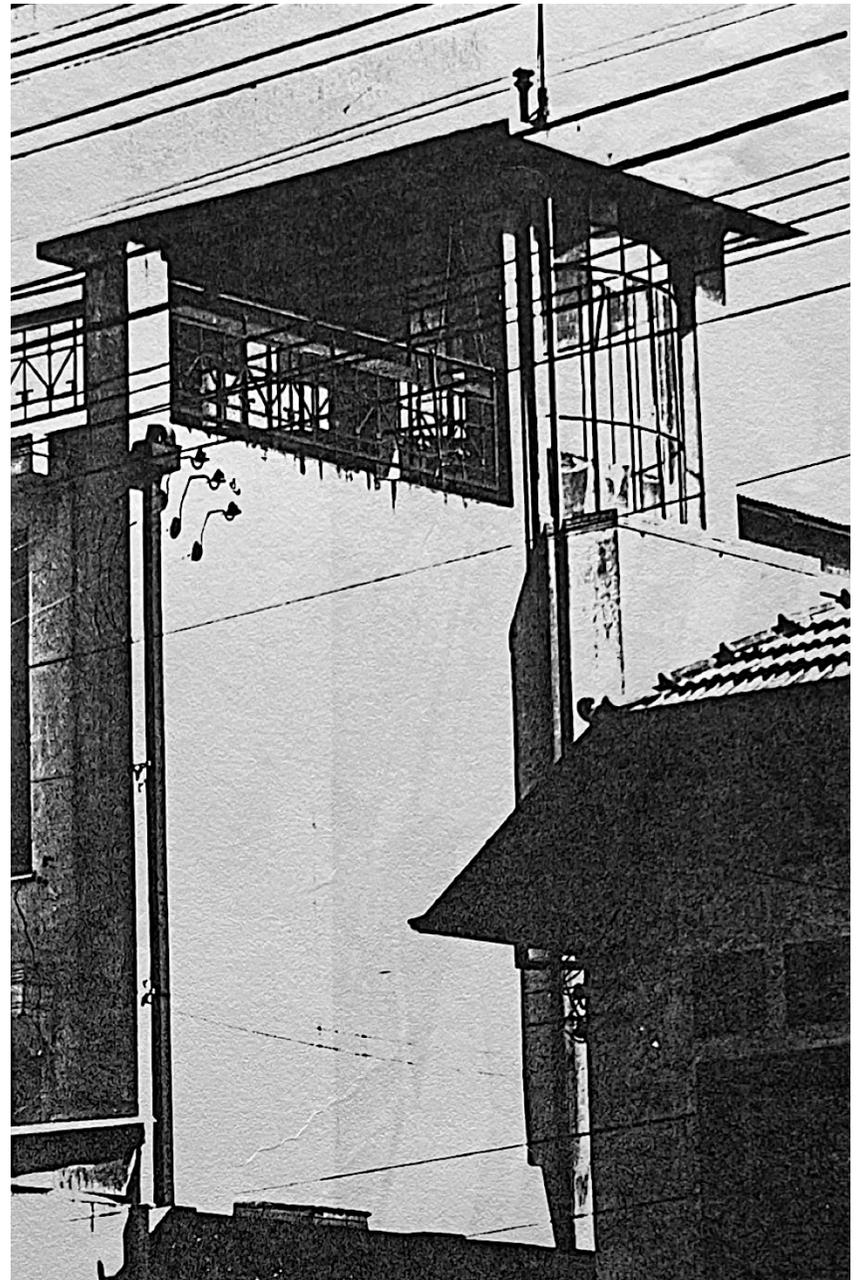


Figura 277: Prédios para o Dr. João Dente (1912a).
Fonte: Toledo (1985, vol. 2, p. 28 e 30, respectivamente).

Figura 278: Estrutura do torreão dos Prédios para o Dr. João Dente
(1912a)
Fonte: Toledo (1985, vol. 2, p. 29).



PROCESSO DE PROJETO

Cópias heliográficas de desenhos de Dubugras preservados no Acervo da Biblioteca da FAU-USP assinalam a existência de dois projetos alternativos para as casas de aluguel de João Dente.

Uma elevação sem data indicada tinha o título “Cottage Duplo Dr. João Dente”. Eram dois sobrados geminados e não idênticos – a moradia à direita no desenho era ligeiramente maior que a outra casa. O conjunto conciliava uma única cobertura de inclinação acentuada, com amplos beirais e mansardas triangulares. A parte superior do telhado era arrematada por séries de aberturas em lâminas de madeira, semelhantes às que seriam sugeridas no projeto da Villa Gabriel Dias da Silva (1913). As alas laterais foram caracterizadas por volumes retangulares rebaixados e terminados em lajes planas, e funcionavam, no nível superior, como áreas de terraço.

A região central da volumetria agregava *bow-windows* de geometria poligonal. Uma comprida floreira horizontal disposta entre os pavimentos interligava os dois corpos sobressalentes.

A entrada era feita pelo bloco lateral e o terraço superior dispunha de um guarda-corpo de linhas geométricas e recurvadas. Tratava-se do único elemento vinculado à estética *Art Nouveau*. Os contornos consagrados no componente, apesar de mais rebuscados, evidenciam o encaminhamento que seria empregado no guarda-corpo do projeto final.



Figura 279: Elevação de Dubugras do “Cottage Duplo Dr. João Dente”. Destaque para o desenho do guarda-corpo.

Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenhos de Dubugras presentes no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

A segunda concepção, produzida pelo arquiteto no mesmo período do desenvolvimento do projeto final das casas de aluguel (janeiro de 1912), apresentava um estágio mais avançado de elaboração, tendo sido desenvolvidas plantas e fachadas.

O desenho representava somente uma unidade, porém, pela presença de uma empena cega lateral, é plausível supor que era previsto o espelhamento da volumetria. Era uma residência menor, de dois pavimentos e contida em um volume retangular.

O programa de necessidades era quase idêntico. No pavimento térreo, o acesso principal era feito por meio de uma entrada lateral que conduzia a um pequeno corredor com uma comprida escada. À frente, foi alocada a sala de visitas. Nela foi prevista uma pequena área ressaltada, tal como uma *bom-window*. Havia um pequeno cômodo adjacente sem indicação de uso. Defronte a esses recintos e ao lado da escada ficava o escritório. Chama atenção que o primeiro lance da escada sobrevinha à entrada do escritório. A sala de jantar ficava nos fundos da casa de aluguel e ao lado de um pequeno sanitário (que separava as áreas de pia e bacia sanitária). Em seguida, ficavam cozinha, copa e aposento da criada. Lateralmente, e ao lado da sala de jantar e do escritório, havia uma varanda retangular articulada a uma escada de dois lances, convergindo para um patamar central.

No andar superior, foram alocados três dormitórios e um pequeno sanitário. Aos fundos e circundando uma das laterais do volume foi previsto um amplo terraço. Percebe-se que a área lateral do terraço incorporava terminações “em pétalas” parecidas com aquelas aplicadas nas varandas das Villas Flávio Uchôa (1902), Augusto Freire de Mattos Barreto (1910) e Alberto Penteado (1911). Os registros de elevação revelam que foi previsto um segundo nível de terraço, no nível da cobertura.

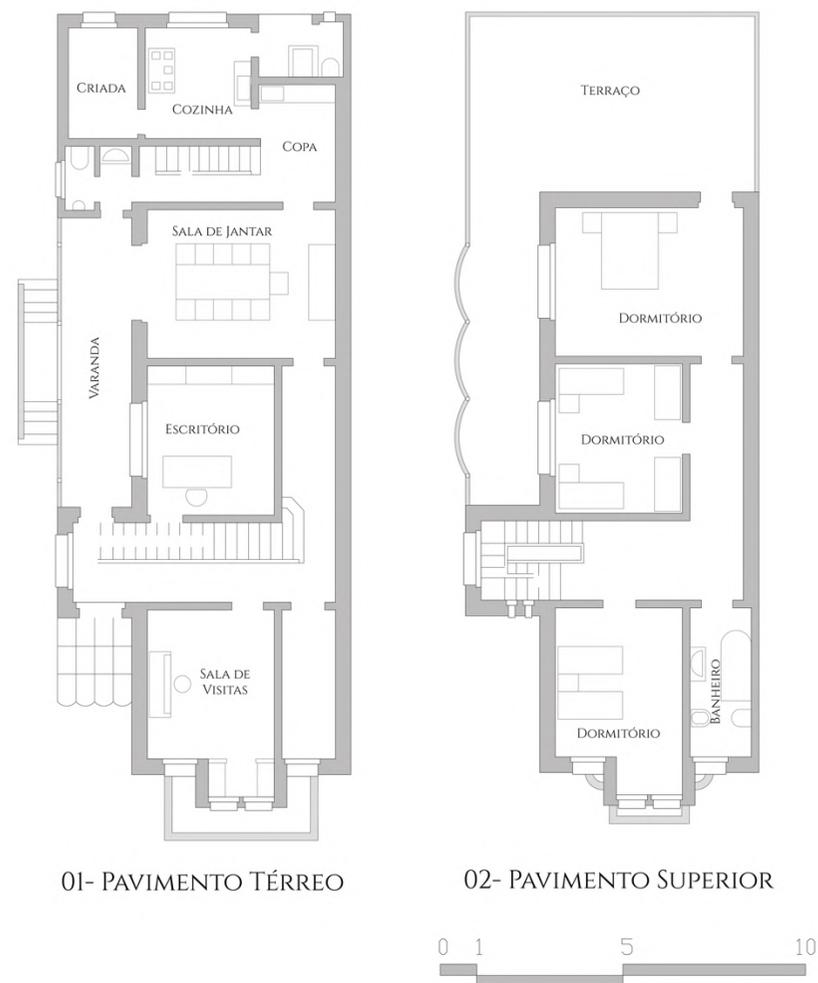


Figura 280: Plantas de um projeto alternativo para os Prédios para o Dr. João Dente (1912).
Fonte: Redesenhos da autora (2023) utilizando como referência desenhos de Dubugras para os Prédios para o Dr. João Dente (1912a) presentes no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

A linguagem geral das fachadas desse projeto resguardava muitas semelhanças com o desenho assumido para o projeto final. Nota-se que as cobertas eram feitas por lajes planas e os contornos do guarda-corpo do térreo e do andar superior e as orientações plásticas do torreão eram análogos.

Na fachada frontal, percebe-se que as estrias horizontais adquiriam maior proeminência na composição. A área de entrada articulava uma cobertura metálica – que parecia ser treliçada – inclinada. Nas extremidades superiores do volume frontal foram alocadas esculturas geometrizadas.

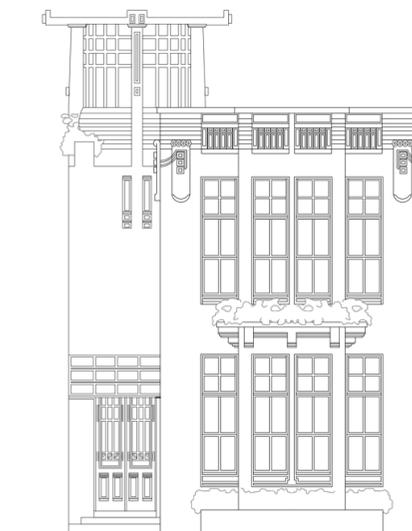
Na elevação lateral, nota-se que parte do terraço lateral (na região da varanda do térreo) era apoiada por pilares delgados, provavelmente metálicos. A escada de dois lances era decorada. O guarda-corpo do terraço no nível da cobertura, por sua vez, era resolvido por recortes retangulares.

DESTINO DA CONSTRUÇÃO

As residências foram demolidas em data que não foi possível determinar durante a pesquisa e, em seu lote, encontra-se estabelecido atualmente um prédio comercial (Condomínio Augusta Office).

Figura 281: Elevações (frontal e lateral) de um projeto alternativo para os Prédios para o Dr. João Dente (1912).

Fonte: Redesenhos da autora (2023) utilizando como referência desenhos de Dubugras para os Prédios para o Dr. João Dente (1912a) presentes no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



3.6 PRÉDIOS PARA O DR. JOÃO DENTE (1912B)

PROPRIETÁRIO

O proprietário dos imóveis de aluguel analisados no presente item foi o advogado e empresário João Gonçalves Dente (1874-1939), cujo perfil foi esboçado na seção anterior¹²⁸.

IMPLANTAÇÃO

O projeto, concebido por Dubugras em março de 1912 e despachado a análise da SOP no mês seguinte, era composto por três moradias de aluguel alocadas em um grande terreno de relevo praticamente plano situado na esquina entre a Avenida Paulista e a Rua Augusta. Como apontado anteriormente, este projeto foi estabelecido nas proximidades de outras casas de aluguel de João Dente projetadas por Dubugras à mesma época.

Os gradis que delimitavam a propriedade “[...] eram constituídos por peças metálicas de desenhos muito simples, interrompidas em alguns pontos por pilastras também de metal, decoradas com azulejos, em uma solução extremamente original, bem característica do arquiteto” (Reis Filho, 1997, p. 68). Cada casa tinha seu portão de entrada, e o conjunto foi numerado sequencialmente dentro da propriedade como: 44a (extremidade, voltada para o meio da quadra), 44b (centro) e 44c (extremidade, situada nas proximidades da esquina).

Dispostas na região central do terreno, eram construções isoladas e contavam com recuos em todas as faces das volumetrias. De acordo com as anotações dos pareceres técnicos de aprovação municipal, a frente do lote contava com 40 metros

¹²⁸ Ver “Proprietário” em 3.5-Prédios para o Dr. João Dente (1912a).

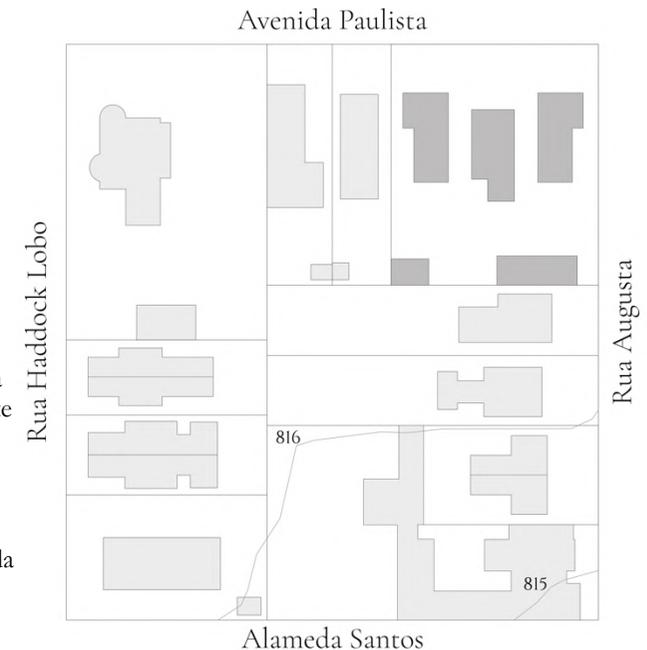


Figura 282: Implantação na quadra das casas de aluguel para João Dente (1912b), à Avenida Paulista. Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como base planta cartográfica do projeto S.A.R.A Brasil (1930) e dados topográficos da plataforma GeoSampa (2023).

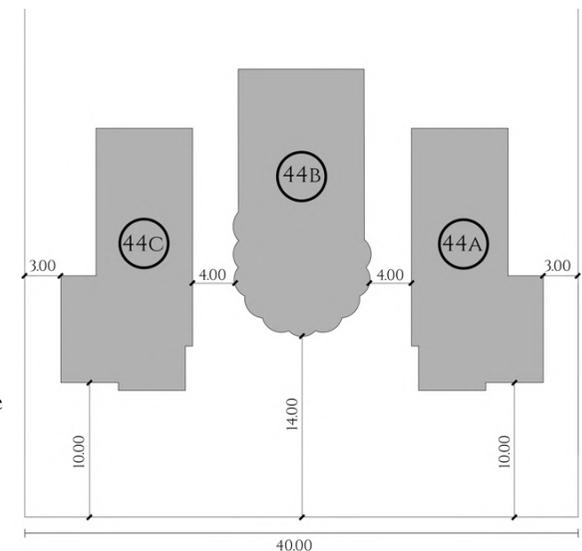


Figura 283: Implantação no lote das casas de aluguel para João Dente (1912b), à Avenida Paulista. Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para os Prédios para o Dr. João Dente (1912b) presentes no Acervo da Biblioteca da FAU-USP

de comprimento. Os volumes tinham um distanciamento entre si de cerca de quatro metros. As casas 44 e 44c eram afastadas em três metros dos limites da propriedade.

As duas residências de extremidade apresentavam recuos frontais de dez metros. Já na casa central, o afastamento do calçamento era de 14 metros. Todos os distanciamentos estipulados estavam em conformidade com a Lei Municipal 111, de 21 de setembro de 1894¹²⁹.

A locação assimétrica da unidade 44b em relação às outras duas rompia, no sentido transversal, com a regularidade geométrica do conjunto e produzia um arranjo muito interessante.

Aos fundos do lote havia pequenas edificações retangulares que, possivelmente, prestavam-se a edículas e/ou garagens.

PROGRAMA E PLANTA

As atividades internas das casas estavam sistematizadas em dois pavimentos: andar térreo e pavimento superior. Os projetos tinham porões de pouca altura e sem uso. Eram previstos, no nível da cobertura, torreões que serviam como mirantes e garantiam aos moradores vistas privilegiadas da cidade.

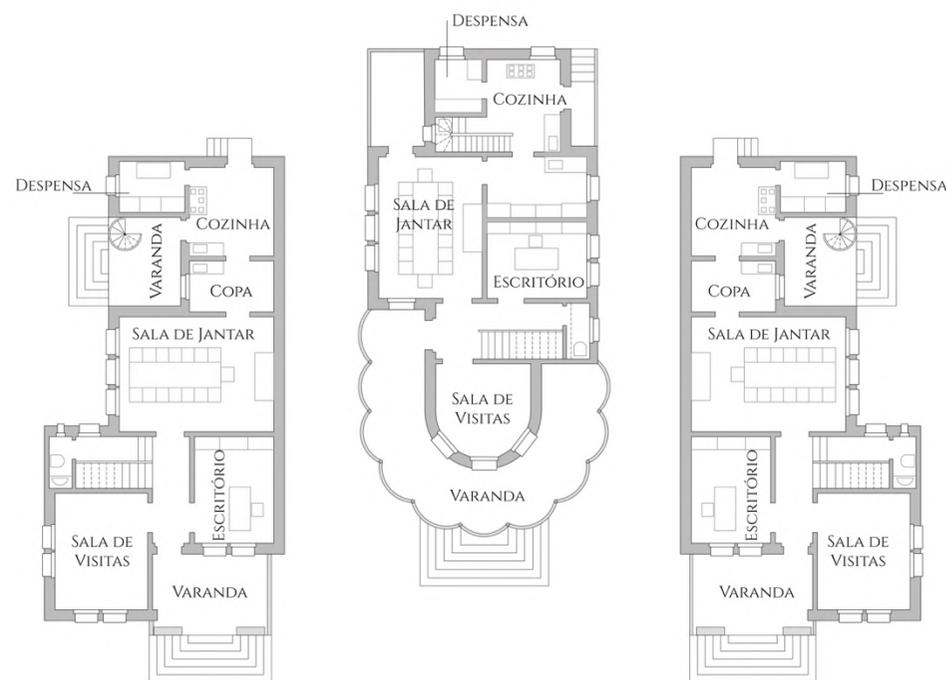
Todas as unidades empregavam o mesmo programa residencial e os pavimentos de uma mesma moradia apresentavam arranjos espaciais semelhantes. No entanto, ao passo que as casas 44a e 44c aplicavam o mesmo modelo de planta em disposição espelhada, a casa central impunha um arranjo distinto.

No modelo das casas de extremidade, o térreo contava, na parte frontal, com uma varanda retangular, sala de visitas e escritório. Abaixo do patamar da escada foi situado um pequeno sanitário. A sala de jantar ocupava toda a região central da

construção. Na região posterior, copa, cozinha e despensa organizavam-se ao redor de uma pequena varanda retangular.

No andar superior estavam reunidos três dormitórios – dois deles associados a *toilettes* – um banheiro e o quarto da criada, também atrelado a um *toilette*. Havia duas áreas externas: um terraço na parte da frente e uma varanda, de dimensões reduzidas, acima da área correspondente à varanda lateral.

A despeito das ligeiras diferenças nas dimensões dos cômodos, percebe-se que as residências de extremidade (unidades 44a e 44c) registravam plantas quase análogas àquelas planeadas para as casas de aluguel geminadas de João Dente (1912a) – projetadas poucos meses antes dessas. As únicas diferenças estavam nas



01- PAVIMENTO TÉRREO

¹²⁹ Ver p. 49 em “A São Paulo onde atua”.

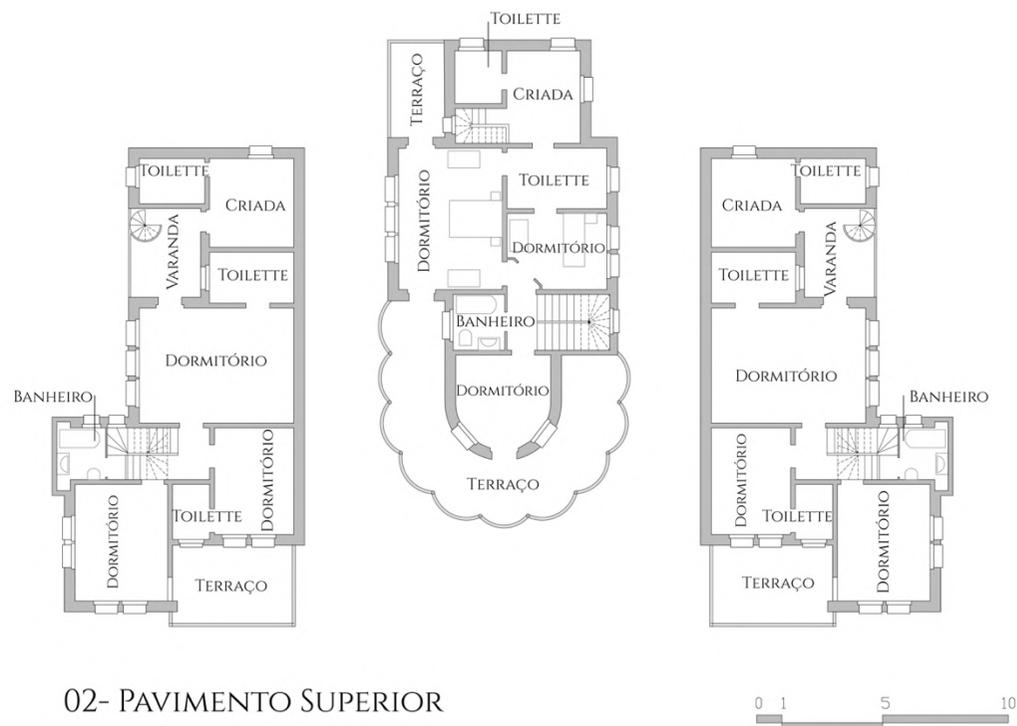
organizações das janelas, na passagem entre a sala de jantar e a varanda lateral e na entrada estruturada na área da cozinha.

Já na casa 44b, uma expressiva varanda coberta cujo perímetro era delimitado por um contorno em “pétalas” que envolvia a sala de visitas e definia a porção frontal da volumetria. Era uma solução semelhante à proposta no outro projeto de casa de aluguel para João Dente (1912) e nas Villas Alberto Penteado (1911), Augusto Barreto (1910) e Flávio Uchôa (1902). Uma das paredes do cômodo em formato de semicírculo era dotada de três janelas sequenciais. Ao centro ficavam a sala de jantar, o escritório e a copa. A sala de jantar era integrada a uma pequena varanda retangular. Ao lado da varanda e aos fundos do volume ficava a cozinha e a despensa. Abaixo da escada situada nas proximidades da cozinha foi alocado um pequeno sanitário.

No primeiro pavimento ficavam as áreas de repouso e privativas dos moradores. Havia três dormitórios de características distintas: o de localização frontal era dotado de uma parede curva, equivalente à da sala de jantar do piso inferior; o quarto central dispunha de maiores dimensões; e o aposento lateral era associado a uma parede em corte em bisel. O aposento da criada ficava na área posterior do andar. Foram organizados dois terraços. Estes registravam as mesmas posições e contornos das varandas do andar térreo.

No nível da cobertura, a área curva correspondente ao dormitório central abrigava um terraço.

Percebe-se que, na coordenação entre os volumes, as duas casas situadas na extremidade tinham empenas cegas voltadas à casa de centro. Esse arranjo proporcionava uma maior privacidade entre as famílias locatárias.



02- PAVIMENTO SUPERIOR

Figura 284: Plantas detalhadas do Pavimento Térreo e Pavimento Superior, respectivamente, dos Prédios para o Dr. João Dente (1912b).

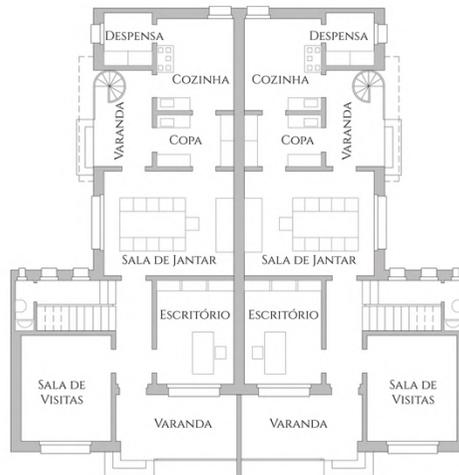
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenhos de Dubugras para os Prédios para o Dr. João Dente (1912b) presentes no Acervo da Biblioteca da FAU-USP e Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP.

VILLAS PROPRIEDADE DO SR. TEIXEIRA LEITE (1911)



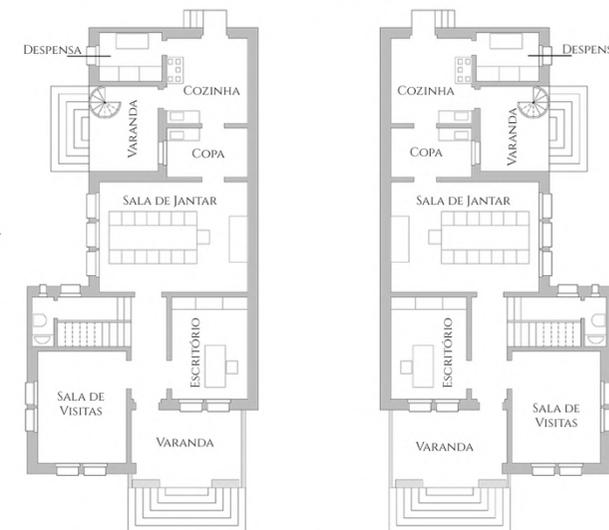
01- PAVIMENTO TÉRREO

PRÉDIOS PARA O DR. JOÃO DENTE (1912A)

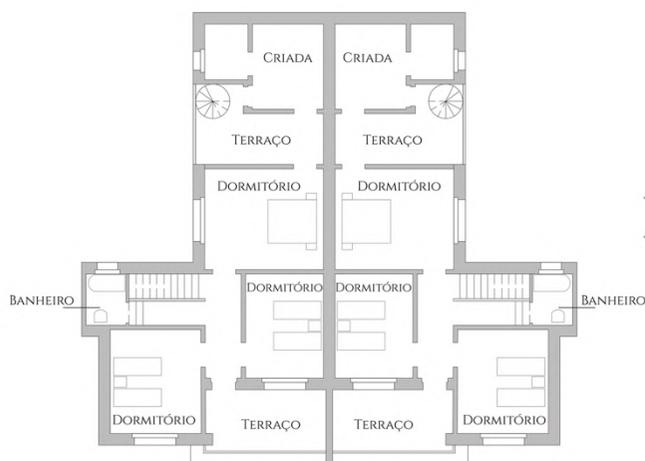


01- PAVIMENTO TÉRREO

PRÉDIOS PARA O DR. JOÃO DENTE (44A E 44C) (1912B)



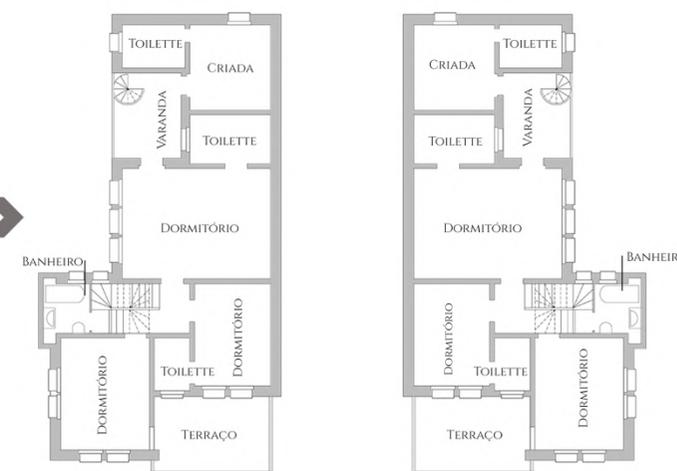
01- PAVIMENTO TÉRREO



02- PAVIMENTO SUPERIOR



02- PAVIMENTO SUPERIOR



02- PAVIMENTO SUPERIOR



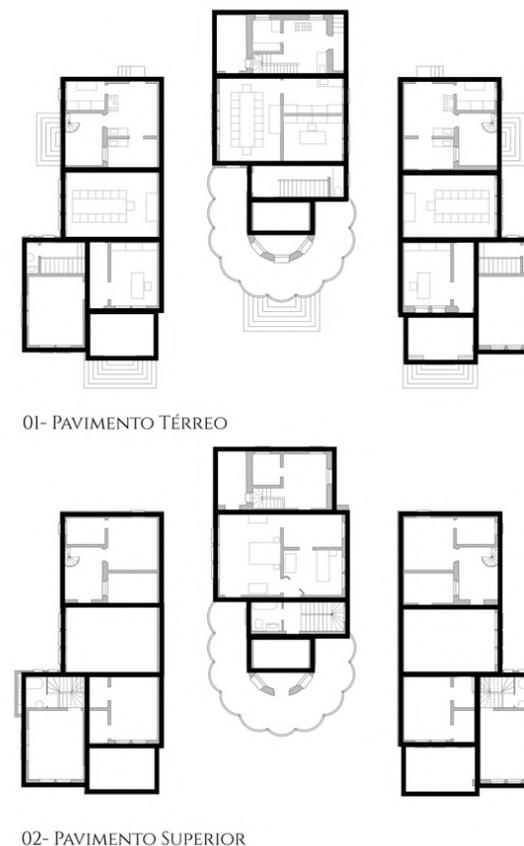
Figura 285: Similaridades entre os projetos das casas geminadas para Luiz Teixeira Leite (1911) e João Dente (1912a e 1912b).

Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenho de Dubugras para as Villas Propriedade do Sr. Teixeira Leite (1911) e Prédios para o Dr. João Dente (1912a e 1912b) presentes no Acervo “Série Obras Particulares” do AHMSP e Acervo da Biblioteca da FAU-USP, respectivamente.

Os volumes de extremidade (unidades 44a e 44c) instituíam quase as mesmas organizações e divisões geométricas consagradas nos projetos das casas de aluguel para João Dente (1912a) e Teixeira Leite (1911). Neste projeto, as seções representadas pela varanda (no térreo) e terraço frontal (andar superior) eram mais estreitas, pois tinham um recuo em relação ao alinhamento da empena cega.

A planta da casa 44b também utilizava uma planta de base ortogonal e assimétrica. Trazia quatro seções justapostas, de modo que as duas partições frontais eram sucessivamente menores. O discreto recuo da seção posterior rompia a linearidade lateral da volumetria. As formas curvas da sala de visitas (no térreo) e do dormitório frontal (no nível superior) associadas aos contornos “em pétalas” das áreas externas traziam arrojo formal à composição.

Figura 286: Divisões em planta dos Prédios para o Dr. João Dente (1912b).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenhos de Dubugras para os Prédios para o Dr. João Dente (1912b) presentes no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



ESPAÇOS E FLUXOS

A orientação dos espaços e a distribuição dos fluxos das casas de extremidade replicavam as soluções propostas para outras casas de aluguel geminadas projetadas para o cliente à mesma época. Era também empregado o mesmo esquema de circulação interna¹³⁰. Os únicos diferenciais deste projeto estavam na introdução de um terceiro acesso pelos fundos da unidade, pelo ambiente da cozinha (corroborando que se tratava de um ingresso para funcionários) e na supressão da passagem entre a sala de jantar e a varanda lateral. Os registros técnicos das unidades deixavam à mostra as linhas de projeção do conjunto de escadas que fazia a conexão com o mirante contido no torreão.

Na casa central, o acesso principal era feito centralmente através de uma larga escadaria que levava à varanda coberta. Por meio dela, adentrava-se à residência lateralmente. Quase toda a extensão do andar térreo era ocupada pelas áreas sociais. Os ambientes de serviço estavam restringidos a um restrito núcleo da volumetria.

Um pequeno corredor na entrada exercia a função de vestíbulo e estruturava os ingressos para diversos ambientes, como sala de visitas, sala de jantar, escritório e o pequeno sanitário situado embaixo da escada. A sala de jantar era integrada a um espaço externo privativo, com vista para o quintal da propriedade. O escritório ficava ao lado da sala de jantar e da copa. Essa disposição sobressai-se porque, enquanto nas outras unidades o escritório era posicionado nas proximidades da entrada, nesta o cômodo ficava em uma área mais interna da casa.

No andar superior, todos os quartos tinham entradas independentes. O banheiro ficava defronte à escada, evidenciando seu uso compartilhado pelos

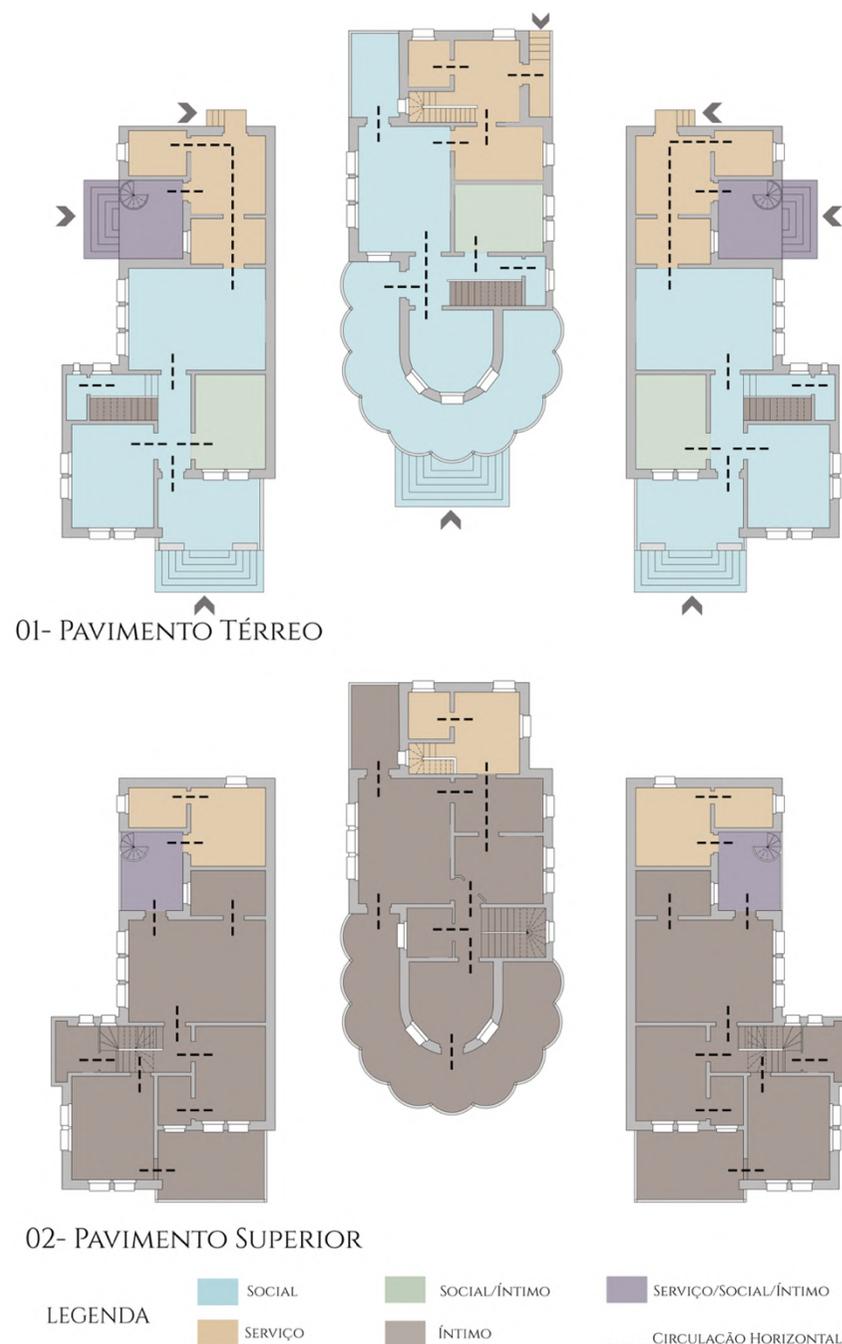


Figura 287: Relações de usos e fluxos dos Prédios para o Dr. João Dente (1912b).
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenhos de Dubugras para os Prédios para o Dr. João Dente (1912b) presentes no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

¹³⁰ Ver em “Materiais e Técnicas” do projeto 3.5 Prédios do Dr. João Dente (1912a).

moradores. O quarto central, previsto para uso do casal locatário do imóvel, trazia algumas particularidades. Ele era o único cômodo com conexão com o terraço posterior. Tinha passagens também para outros dois ambientes: uma primeira levava ao terraço frontal e a segunda abertura conectava ao compartimento de *toilette* anexo ao dormitório lateral (que incorporava um chanfro em uma de suas paredes).

Nota-se que, salvo o corredor coordenado na área de entrada da casa, grande parte das circulações horizontais explorava as conexões entre cômodos. As outras duas residências também aproveitavam esse tipo de movimentação.

Foram estruturadas na casa 44b distintas rotas de circulações verticais subordinadas aos setores de uso. As áreas sociais eram acessadas pela escadaria voltada à Avenida Paulista e o ingresso dos funcionários à casa era feito por meio de uma escada alocada na face posterior da volumetria (as casas de extremidade também previam esses dois tipos de acessos).

A escada confinada no volume lateral interligava os ambientes de convívio social ao andar dos dormitórios. Um segundo conjunto de escadas levava ao torreão no nível da cobertura. Uma estreita escada em “U” situada nas proximidades da cozinha fazia o deslocamento vertical da criada aos seus aposentos no pavimento superior. Identifica-se que o dormitório da criada tinha uma abertura para o *toilette* situado entre o quarto do casal e o quarto lateral. Essa interligação denotava a rígida separação dos fluxos, pois demonstrava que, para fazer a limpeza e a arrumação dos quartos, a criada era direcionada a utilizar a escada disposta na área de serviço e adentrar ao setor dos dormitórios pelo *toilette*. Nos outros dois projetos de plantas idênticas (casas 44a e 44c), a movimentação da funcionária ocorria pela escada helicoidal, que também se prestava ao acesso secundário da família ao quarto do casal.

MATERIAIS E TÉCNICAS

As três construções utilizavam-se de soluções técnicas e construtivas muito similares. Os volumes eram edificados em alvenaria de tijolos revestidos. As coberturas eram recortadas e empregavam telhas cerâmicas e beirais. Os prolongamentos inferiores do madeiramento eram ocultados por delgadas lajes, tal como ocorria na Villa Cássio Prado (1912). As fotografias das construções terminadas mostram que os condutores pluviais eram embutidos. Os torreões utilizavam coberturas de duas águas em estrutura de madeira com fechamentos em telhas cerâmicas. As lajes dos terraços frontais dos andares superiores eram sustentadas por pilares metálicos. Os guarda-corpos também eram metálicos e integravam, em sua parte superior, peças de azulejos. Grande parte das janelas era do tipo guilhotina, com bandeiras superiores de vidro fixo e fechamentos em folhas de madeira tipo veneziana. As fotografias revelam que, na fachada lateral das casas de extremidade, as aberturas correspondentes à sala de jantar no térreo e ao quarto central no andar superior eram do tipo basculante. Também conciliavam módulos de vidro fixo na porção superior. A seção sobressalente do banheiro do pavimento superior dessas moradias apoiava-se sobre mãos-francesas, de modo idêntico às casas geminadas de João Dente (1912a). As discretas decorações dos frontões das casas 44a e 44c eram esculpidas em baixo relevo. As faixas superiores pareciam ter sido feitas através de pinturas.

COMPOSIÇÃO, FACHADAS E VOLUMES

O conjunto aplicava uma altura regular. De modo equivalente às casas geminadas de João Dente, projetadas alguns meses antes, os volumes eram assimétricos e orientados pelas relações entre cheios e vazios. As especialidades dos terraços e mirantes – que propiciavam vistas para a região da prestigiada Avenida Paulista – receberam tratamentos diferenciados.

As elevações frontais das casas laterais eram idênticas e simétricas, com orientação espelhada. A entrada era demarcada por uma varanda retangular com cobertura em laje plana sustentada por quatro delgados pilares metálicos arrematados por capitéis de ordem jônica. Nota-se a reincidência desse inusitado tipo de coluna aplicado em projetos contemporâneos a este (como a Villa Cássio Prado (1912) e as propriedades de Domiciano Campos (1911)). Nos dois extremos da entrada foram propostas floreiras de chão, que conciliavam estrias horizontais e um desenho retangular. Era um discreto detalhe que evidenciava o emprego da linguagem *Art Nouveau* de vertente mais despojada e geométrica. A porta de entrada parecia integrar guarnições em madeira com compridos recortes em vidro e grades metálicas sobrepostas. A grade interpunha perfis verticais a barras transversais, originando uma elegante padronagem de paralelogramos. No nível superior, a laje de cobertura da varanda foi aproveitada como um terraço. Esta projetava-se ligeiramente para além do perímetro da varanda do térreo. Os guarda-corpos que circundavam o espaço eram definidos por grades em formato de paralelogramos – que dialogavam com as grades da porta –, com adornos circulares internos. Na porção superior havia uma faixa decorativa, demarcada por séries de linhas ortogonais, que circundava todo o perímetro da volumetria.

No bloco lateral, entre as alongadas duplas de janelas, foi inserida uma floreira de adornos retilíneos. O volume era arrematado por um frontão triangular sóbrio, contornado por frisos. Incorporava a caricatura de um homem com feições severas. Certamente – e corroborado pela rasura por cima do esboço – era um pequeno gracejo que não foi apagado.

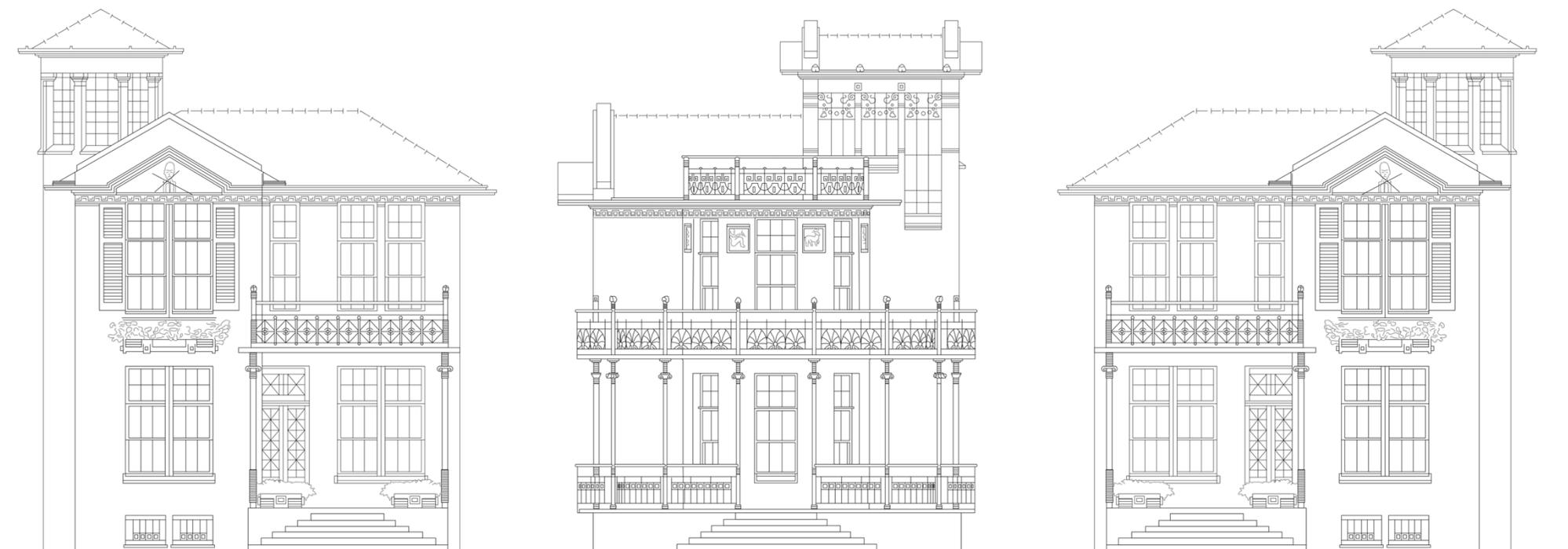
Na área central da volumetria, um torreão impunha-se sobre a volumetria principal. Este era envolto por pilares sequenciais e amplos panos de vidro. Era terminado por uma cobertura em duas águas com pequenos beirais.

A elevação frontal da casa 44b “[...] tinha o corpo central arrematado em semicírculo, envolvido por um alpendre no andar térreo e por um terraço no segundo pavimento, utilizando uma laje com recortes também com seções de círculos, como as pétalas de uma flor [...]” (Reis Filho, 1997, p. 67). A laje plana era sustentada por pilares metálicos de seção circular com terminações em capitéis jônicos, equivalentes aos das casas de extremidade. O guarda-corpo metálico da varanda do andar térreo era mais simples, constituído por desenhos lineares e discretos ornatos quadrados. A proteção do terraço do andar superior era feita por peças de desenhos curvos, que se assemelhavam à estrutura de um leque aberto. Os montantes tinham terminações de desenho orgânico que lembravam botões de flores, características da temática *Art Nouveau*.

O bloco central do pavimento superior trazia, em sua porção superior, painéis retangulares decorados com motivos referenciados à fauna e uma faixa decorada análoga à das outras casas. No nível da cobertura foi instituído um pequeno terraço semicircular. Este era envolvido por um terceiro guarda-corpo metálico. Era o mais rebuscado do conjunto, contando com linhas estilizadas retorcidas de padronagem ortogonal que lembravam os contornos do guarda-corpo do projeto não construído das casas geminadas de João Dente (1912).

O volume do torreão era estabelecido por amplas aberturas envidraçadas. A de extremidade era mais alongada. As vidraças fixas eram adornadas por desenhos simétricos. Os pilares contavam com frisos horizontais. A cobertura era de duas águas e utilizava beirais mais generosos.

Cabe destacar que os registros de fachada das casas de 44a e 44c tinham uma imprecisão: o volume que continha o torreão não era contínuo de cima a baixo. Ele era integrado ao banheiro ressaltado do primeiro pavimento (como as fotos da construção mostram). Os redesenhos efetuados pela autora da tese mantêm a imprecisão.



0 1 5 10

Figura 288: Elevação frontal dos Prédios para o Dr. João Dente (1912b), casas 44a, 44b e 44c, respectivamente.
Fonte: Redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenhos de Dubugras para os Prédios para o Dr. João Dente (1912b) presentes no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

As delgadas volumetrias colaboravam para o fortalecimento dos eixos verticalizados na definição do partido arquitetônico. Outras sinalizações podiam ser percebidas nas janelas alongadas e nos alinhamentos entre elas, nos elegantes torreões laterais e seus compridos panos de vidro, nas delgadas sustentações dos terraços e nos desenhos das portas de entrada. As relações horizontais eram representadas pela extensão dos terraços – principalmente na casa central – e nas faixas decoradas que circundavam as porções superiores dos volumes.

Os desenhos dos guarda-corpos impunham destaque nas composições. Enquanto nas casas de extremidade os paralelogramos sequenciais instituíam elementos transversais que rompiam com a ortogonalidade, na casa central as sequências de arcos reforçavam as curvaturas estabelecidas no perímetro do terraço.

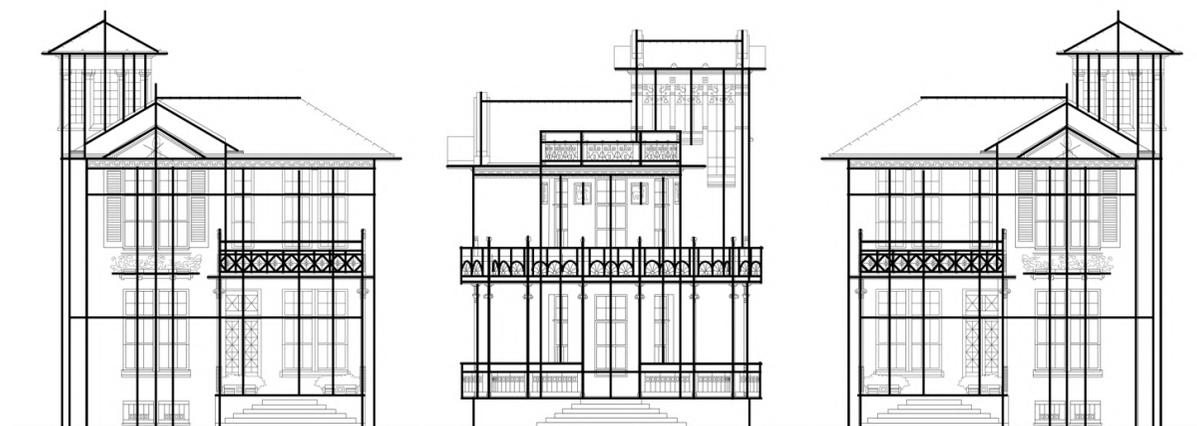


Figura 289: Esquema de linhas do partido arquitetônico dos Prédios para o Dr. João Dente (1912b).
Fonte: Desenho da autora (2023) utilizando como referência desenhos de Dubugras para os Prédios para o Dr. João Dente (1912b) presentes no Acervo da Biblioteca da FAU-USP.



Figura 290: Prédios para o Dr. João Dente (1912b). Vista da casa de aluguel de numeração 44c.
Fonte: Reis Filho (1997, p. 174).

Figura 291: Prédios para o Dr. João Dente (1912b). Vista lateral da casa de aluguel de numeração 44c.
Fonte: Reis Filho (1997, p. 174).





Figura 292: Prédios para o Dr. João Dente (1912b). Vista da casa de aluguel de numeração 44c e 44b. Destaque para o desenho do grádil da propriedade. Fonte: Reis Filho (1997, p. 175).

Figura 293: Prédios para o Dr. João Dente (1912b). Vistas da casa de aluguel de numeração 44b e 44a, respectivamente. Fonte: Reis Filho (1997, p. 176).





Figura 294: Prédios para o Dr. João Dente (1912b). Acima: Casa 44c e 44b e Casa 44a, respectivamente.
Fonte: Toledo (1987, p. 35) e Reis Filho (1997, p. 177) e Toledo (1987, p.35), repectivamente.

PROCESSO DE PROJETO

As fotos dos prédios construídos sinalizam algumas alterações em relação ao projeto original. Na face lateral, que previa uma empena cega, foi estabelecido um pequeno volume sobressalente com janelas superiores e uma estreita e comprida abertura lateral na região do quarto central (ver Figura 292).

Todas as residências passaram a utilizar o mesmo modelo de guarda-corpo que, no terraço da moradia 44b, usava peças metálicas encurvadas que se assemelhavam ao desenho de um leque aberto. Na porção superior do componente foram inseridas decorações de azulejos semelhantes aos dispostos no gradil frontal (ver Figura 292 e Figura 293). A única exceção estava no guarda-corpo do térreo da casa central, que previa estruturas metálicas mais simplificadas, tal como havia sido indicado no projeto original de Dubugras.

O torreão das casas de extremidade adquiriu contornos mais ortogonais e inspirados nas formas do frontão triangular da cobertura principal. Nota-se que as colunas foram terminadas por capitéis jônicos – dialogando, desse modo, com as terminações dos pilares metálicos das varandas – enquanto no projeto foram sugeridos arremates de base reta. Já no torreão da casa 44b percebe-se que não foram incluídas as decorações das vidraças.

As fotos também revelam que, entre os volumes das residências, foram inseridas discretas pérgolas de madeira. A

inserção dessas cobertas unificava fisicamente o conjunto (as estruturas podem ser vistas na Figura 294 – casa central).

É interessante registrar que o projeto instituído para as casas 44a e 44c de João Dente (1912b) trazia grandes similaridades ao projeto da Villa do Dr. Afonso Geribello, na cidade de Ribeirão Preto. Os estudos de Dubugras preservados na Biblioteca da FAU-USP remetem a maio de 1912 – ou seja, foram produzidos um mês após a submissão da documentação das casas de João Dente na Avenida Paulista à municipalidade. Os registros de fachada e um belíssimo desenho de perspectiva da Villa Afonso Geribello (1912) registram, indubitavelmente, a grande correspondência estética e volumétrica com as casas de aluguel. Em ambos os projetos são sinalizados os mesmos contornos de: perímetro, localização de acessos (um frontal, um lateral e outro na face posterior do volume), uso de lajes planas, guarda-corpo (grades em formato de paralelogramos), frontão triangular, volume do sanitário ressaltado da



Figura 295: Fachada da Villa do Dr. Afonso Geribello (1912) e fachada casa de aluguel de numeração 44c de João Dente, à Avenida Paulista, respectivamente.
Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP e redesenho da autora (2023) utilizando como referência desenhos de Dubugras para os Prédios para o Dr. João Dente (1912b) presentes no Acervo da Biblioteca da FAU-USP, respectivamente.

volumetria principal e sustentado por mãos francesas, faixa decorada superior com desenhos ortogonais (indicada somente na perspectiva), pilares metálicos com arremates em capiteis jônicos e torreão que servia como mirante (nota-se que na Villa o torreão era mais alargado).



Figura 296: Perspectiva da Villa do Dr. Afonso Geribello (1912), em Ribeirão Preto.
Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

A planta do andar térreo da Villa do Dr. Afonso Geribello (1912) era idêntica à das casas 44a e 44c, tanto em programa residencial, quanto em agenciamento organizacional. Contudo, como a residência era prevista no centro do lote (Reis Filho, 1997), o volume previa janelas em ambas as faces laterais – enquanto nas casas de aluguel, uma das faces laterais era sinalizada como empena cega.

No andar superior, a localização do banheiro e do terraço frontal eram equivalentes. O compartimento da criada foi movido para onde, originalmente, era um *toilette*. Na Villa, foram previstos seis quartos e, para a acomodação deles na volumetria, realizaram-se as seguintes alterações: o quarto central teve sua dimensão transversal reduzida para a inserção de um outro quarto; o ambiente que servia como *toilette* no projeto de João Dente (1912b) foi transformado em um dormitório; o compartimento da criada foi movido e, em seu lugar, foi instituído um terceiro dormitório.

É muito inusitada e curiosa a utilização de um projeto de casa de aluguel como base compositiva para a elaboração do projeto de uma Villa. É de se questionar se a localização da construção em uma cidade no interior paulista – e não em uma área

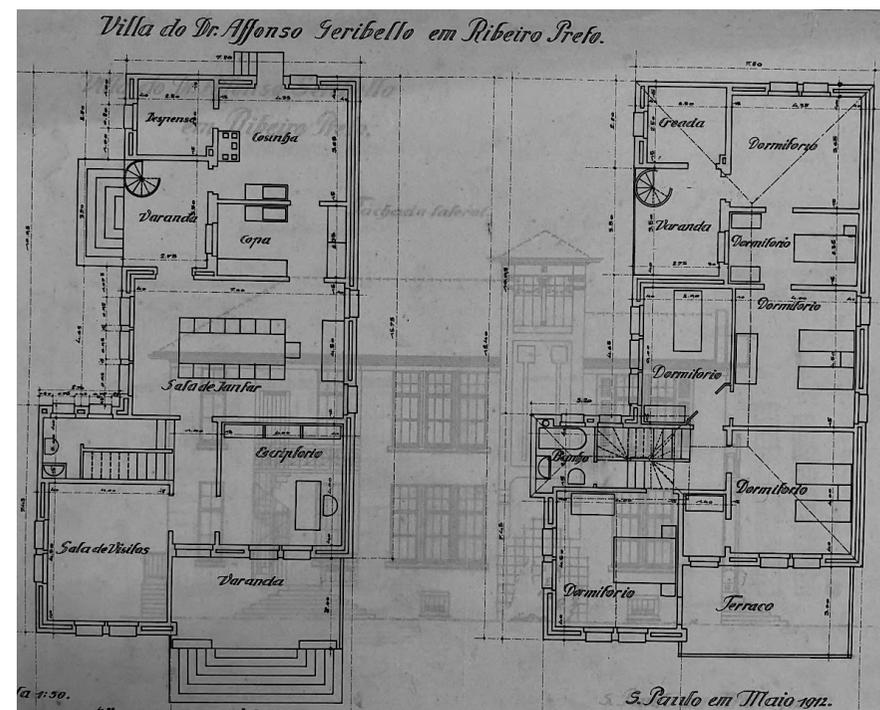


Figura 297: Plantas da Villa do Dr. Afonso Geribello (1912).
Fonte: Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

nobre na cidade de São Paulo – tenha sido um fator de influência para essa tomada de decisão.

DESTINO DA CONSTRUÇÃO

Essas três moradias foram demolidas entre a década de 1960 e o início da seguinte¹³¹. Em seu lugar, foi edificado, na década de 1970, o Edifício Ansarah, de linhas modernas.

¹³¹ Os levantamentos aerofotográficos do consórcio Vasp Cruzeiro (1954) revelam que, na década de 1950, as casas de aluguel ainda ocupavam o lote de esquina entre a Avenida Paulista e a Rua Augusta.

CONSIDERAÇÕES

FINAIS

A diversificada e intrigante trajetória profissional do arquiteto franco-argentino em solo brasileiro revela a heterogeneidade e dinamismo do universo da arquitetura paulista do final do século XIX e décadas iniciais do século XX. Após sua chegada ao país, na década de 1890, rapidamente integrou-se ao mercado de trabalho da cidade de São Paulo e passou a atuar nas mais variadas frentes profissionais do período. Foi projetista em repartições públicas, professor e colaborou em escritórios particulares. Na virada do século, estabeleceu-se em seu próprio escritório e logo ganhou prestígio, concebendo uma grande diversidade de projetos provenientes de clientes particulares, empresas e do setor público, lançando-se à utilização de novas linguagens arquitetônicas e contribuindo na difusão das diferentes vertentes do ecletismo, *Art Nouveau* e neocolonial. Contudo, foi nas encomendas de residências para a abastada burguesia paulistana que o arquiteto encontrou um prolífero campo de possibilidades de exploração em termos de forma, escalas, materiais, técnicas construtivas e de articulação espacial. Nos 16 projetos de Villas e casas de aluguel concebidos entre o período de 1902 a 1913 e abordados por esta tese de doutorado, o *Art Nouveau* foi utilizado com grande maestria e sensibilidade projetual.

Os temas abordados e os resultados obtidos por este trabalho são fruto da imersão nos conteúdos presentes nos registros de projetos de Victor Dubugras. As evidências gráficas e iconográficas das concepções do arquiteto prestaram-se ora como meios subsidiários de explanações, ora como geradores de questionamentos, possibilitando que cada projeto fosse examinado tanto em seu “microcosmo” particular e específico, quanto em diálogo com o conjunto de obras analisadas.

Acerca dos clientes, quando verificadas as áreas de atuação dos quinze clientes de projetos de Villas e casas de

aluguel de Dubugras analisados nesta pesquisa de doutorado, nota-se que eram, em sua totalidade, profissionais liberais e membros influentes da sociedade paulistana do período. Muitos obtiveram educação em nível superior, notabilizando-se uma tendência de comissão de projetos para advogados e engenheiros. Horácio Sabino, Luiz de Toledo Piza e Almeida, Alberto Salles Penteadado, Gabriel Dias da Silva e João Gonçalves Dente laurearam-se em direito. Flávio Uchôa, Antônio Cândido Rodrigues, Domiciano Campos e Luiz Teixeira Leite eram engenheiros. Horácio Rodrigues, por sua vez, foi advogado e engenheiro. Já Augusto Freire de Mattos Barreto era médico.

Além da formação em nível superior, grande parte dos clientes eram profissionalmente muito ativos e aventuraram-se, simultaneamente, em diversificados campos de atuação, onde se destacam as ocupações de fazendeiro (Mário Rodrigues, Vicente Soares de Barros, Augusto Barreto, Alberto Penteadado, Numa de Oliveira e Teixeira Leite), político (Luiz Piza, Mário Rodrigues, Cândido Rodrigues, Augusto Barreto, Alberto Penteadado e Gabriel Dias), empresário, investidor imobiliário

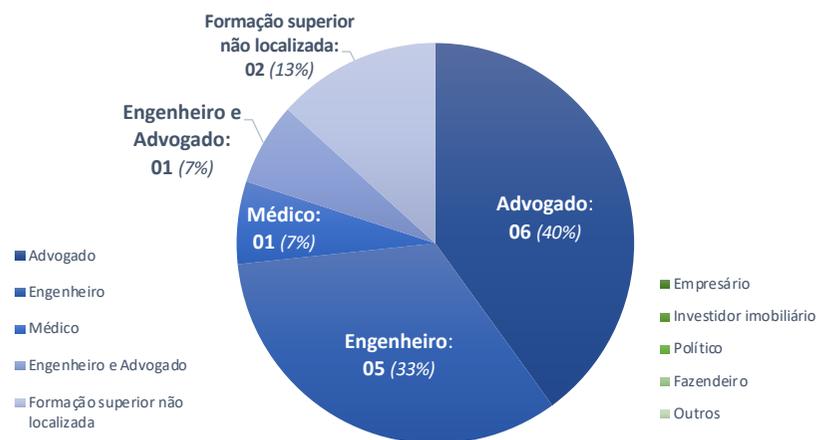


Gráfico 1: Gráfico de formação superior e gráfico de outros campos de atuação dos clientes de Dubugras, respectivamente.

Fonte: Produzido pela autora (2023).

(Horácio Sabino, Luiz Piza, Gabriel Dias, Teixeira Leite e João Dente) e gestor público. Sob o último aspecto, alguns clientes alçaram-se a elevados cargos públicos: Flávio Uchôa atingiu a função de diretor na Superintendência de Obras Públicas da cidade de São Paulo, Luiz Piza foi eleito senador pelo Estado de São Paulo, Alberto Penteado elegeu-se prefeito de Pederneiras, Mário Rodrigues foi prefeito de São José do Rio Pardo e seu pai, Cândido Rodrigues, atuou como Ministro da Agricultura do governo de Nilo Peçanha. Era também expressiva a parcela de clientes de Dubugras nos projetos estudados que exerceram funções ou investiram em empresas de melhoramentos urbanos e nas Companhias de Estrada de Ferro paulistas.

Nota-se que, à exceção de Cássio Prado, eram homens dotados de fortunas recentes. A escolha de projetos vistosos pode ter sido buscada como meio de auxiliar a projetá-los nos círculos sociais das elites paulistas.

A pesquisa acerca dos contratantes dos projetos e seus núcleos familiares foi de grande importância para o direcionamento de algumas análises projetuais. Em diversas plantas percebeu-se que Dubugras indicava como legenda de ambiente o nome de uma pessoa. A compreensão da destinação e das composições familiares foi esclarecedora para o entendimento da distribuição interna nos projetos para as Villas Luiz Piza (1904), Horácio Sabino (1903), Mário Rodrigues (1909), Alberto Penteado (1911) e Gabriel Dias da Silva (1913).

Sobressaíram-se também as relações de parentesco direto e indireto entre clientes. Cândido Rodrigues era pai de Horácio e Mário Rodrigues. Horácio Sabino era cunhado de Numa de Oliveira. Flávio Uchôa era cunhado de Cássio Prado. Gabriel Dias da Silva foi concunhado de Domiciano Campos. Vale salientar que Cássio Prado, Gabriel Dias da Silva, Domiciano Campos e Alberto Penteado eram membros (por nascimento ou casamento) de abastadas e tradicionais famílias da sociedade paulistana.

Desse modo, os dados coletados explicitam que todos os clientes de Dubugras, cujas encomendas foram analisadas nesta tese, frequentavam círculos sociais comuns e, apoiados nas relações de parentesco, a rede de encomendas de projetos do arquiteto certamente tinha destacado amparo em indicações e recomendações entre os membros da burguesia paulistana.

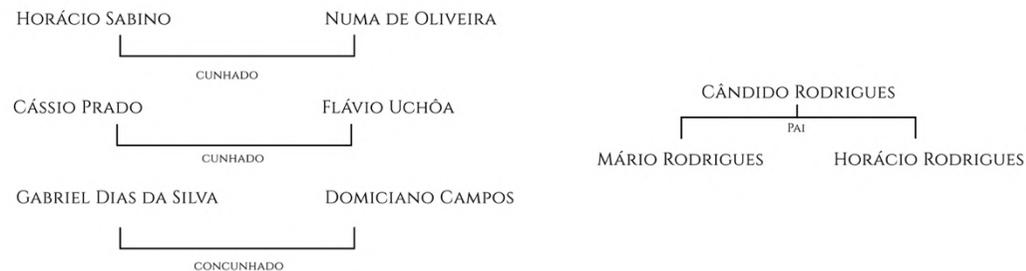


Figura 298: Relações de parentesco entre clientes de Dubugras.

Fonte: Produzido pela autora (2023).

Sobre o espaço urbano de destinação dos projetos analisados, a correta identificação dos lotes aos quais se destinavam na malha urbana da cidade de São Paulo mostrou-se imprescindível para as análises de orientações de implantação no lote, estabelecimento de acessos, identificação de recuos, entre outros. Ainda que a área de localização da propriedade não tenha sido um critério de seleção da pesquisa, é significativo constatar que todos os projetos estavam estabelecidos em áreas nobres da cidade e suas cercanias. É também expressiva a quantidade de projetos que Dubugras concebeu nas proximidades de vias icônicas dos novos loteamentos da época, representadas pelas Avenidas Paulista e Higienópolis. O conjunto de projetos permitiu compreender que algumas quadras dessas prestigiosas paragens tiveram sua caracterização arquitetônica fortemente influenciada pela arquitetura *Art Nouveau* de Dubugras. Isso fez-se visto na face de quadra da Rua Sabará ocupada por três residências da família Rodrigues (Cândido, Mário e Horácio), que, por sua vez,

ficavam a poucos quarteirões das Villas de Cássio Prado e Vicente Soares de Barros. Na região da Avenida Paulista, identificou-se o mesmo tipo de ocorrência de proximidade entre os projetos das Villas Horácio Sabino (1903), Luiz Piza (1904), Alberto Penteadó (1911) e as casas de aluguel de João Dente (1912a e 1912b). Um pouco mais distante, no bairro de Santa Cecília, a Villa Gabriel Dias da Silva (1913) e a concepção do arquiteto para as propriedades de Teixeira Leite (1911) eram circunvizinhas.

As implantações beneficiavam-se, em sua maioria, de terrenos com proporções generosas, que permitiam o afastamento das volumetrias dos limites das propriedades e sua locação em meio a espaços ajardinados. Os esboços de detalhamentos de algumas propriedades denotam a presença de trilhas de calçamento tortuosos que cruzavam a extensão dos terrenos, tal como mostram os registros da Villa Mário Rodrigues (1909) e da Villa Gabriel Dias da Silva (1913). Mesmo em situações em que a locação ocorria no alinhamento do calçamento, as casas destacavam-se em seu contexto urbano pela determinação de volumetrias expressivas e pelo elegante uso do vocabulário da arquitetura *Art Nouveau* nas fachadas, como as configuradas nas casas de aluguel de Numa de Oliveira (1903), no projeto para Domiciano Campos (1911) e na Villa de Vicente Soares de Barros (1910).

Cabe mencionar que a topografia dos lotes influenciou as decisões projetuais de disposição das moradias e encaminhamento das volumetrias. Na Villa Flávio Uchôa (1902) o arquiteto posicionou a construção na área mais nivelada do terreno. Na Villa Cássio Prado (1912) o desnível foi tratado pelo andar do embasamento (visível somente na região posterior da propriedade). Na Villa Vicente Soares de Barros (1910) o desnível central do lote implicou na disposição da residência sobre um muro de arrimo de dois metros de altura. Nos casos das Villa Mário Rodrigues (1909) e Alberto Penteadó (1911), o confronto entre os registros dos projetos e as

topografias dos lotes permitiu conjecturar que ocorreram procedimentos de terraplanagem na propriedade.

É curioso perceber que em situações nas quais dispunha de terrenos planos e de grandes dimensões, o arquiteto não hesitou em posicionar as moradias de forma assimétrica aos limites dos lotes, como registram as disposições estabelecidas para a Villa Horácio Sabino (1903) e para as casas de aluguel de João Dente (1912b).

Os alvarás de construção mostraram-se uma importante fonte de obtenção de informações das características das implantações, principalmente nos casos referentes às casas de aluguel. No projeto para Teixeira Leite (1911), pôde ser verificado que eram previstas cinco residências; na casa para Numa de Oliveira (1903), destacou-se a curiosa avaliação arquitetônica do engenheiro da SOP; nas casas para João Dente, na Avenida Paulista, os registros gráficos evidenciavam os recuos e disposições previstas.



LEGENDA

 VILLA

- 1- Flávio Uchôa (1902)
- 2- Horácio Sabino (1903)
- 3- Luiz Piza (1904)
- 4- Mário Rodrigues (1909)
- 5- Cândido Rodrigues (1910)
- 6- Horácio Rodrigues (1910)

- 7- Vicente Soares de Barros (1910)
- 8- Augusto Freire de Mattos Barreto (1911)
- 9- Alberto Penteadó (1911)
- 10- Cássio Prado (1912)
- 11- Gabriel Dias da Silva (1913)

 CASA DE ALUGUEL

- 12- Numa de Oliveira (1903)
- 13- Domiciano Campos (1911)
- 14- Teixeira Leite (1911)
- 15- João Dente (1912a)
- 16- João Dente (1912b)

Figura 299:
Implantação dos
projetos de Villas
e casas de aluguel
de Victor
Dubugras (1902-
1913) na cidade
de São Paulo.
Fonte:
Produzido pela
autora (2023).

No que tange às definições dos programas de necessidades das residências, os projetos de Dubugras auxiliam a compreensão da estruturação da moradia burguesa paulistana nas duas primeiras décadas do século XX. Eram casas amplas, com mais de um pavimento, sem superposição de funções e regidas pelas normas de higiene e salubridade difundidas no período. Os projetos exibem uma evidente compreensão e incorporação das diretrizes programáticas expostas em manuais de arquitetura, como o de Cloquet (1900), quanto ao programa, setorização dos tipos de atividades e distribuição de fluxos, mas sem abdicar de respondê-las de modo particular.

Nos projetos elaborados pelo arquiteto entre 1902 e 1903, as atividades da casa eram acomodadas espacialmente em três pavimentos (porão, térreo e andar superior). Entre 1904 e 1913, as residências eram organizadas, frequentemente, entre dois níveis (porão e térreo). A não localização (ou talvez a inexistência) das plantas dos porões de diversos projetos foi assinalada por essa tese de doutorado, talvez esteja relacionada à ausência de regulamentações municipais no período, tanto burocráticas quanto fiscalizadoras, que exigissem a submissão de conjuntos de desenhos técnicos mais detalhados.

No ordenamento do pavimento térreo, percebe-se que a sala de visitas e a sala de jantar eram ambientes indispensáveis à tipologia burguesa. Os projetos de Villas abrigavam uma extensa variedade de cômodos norteados às diferentes atividades sociais cotidianas, abrangendo: sala de costura, sala de música, sala de estudo, jardim de inverno, sala de bilhar, saleta de jantar das crianças, sala de palestra, etc. Em grande parte dos projetos analisados as salas de jantar eram guarnecidas com uma parede encurvada que se articulava com uma varanda, também de geometria curva. Esse recurso fez-se presente nos projetos das Villas Flávio Uchôa (1902), Horácio Sabino (1903), Luiz Piza (1904), Mário Rodrigues (1909), Cândido Rodrigues (1910), Augusto Barreto (1910), Alberto Penteado (1911) e Gabriel Dias da Silva

(1913). Já nos projetos de casas de aluguel, o setor social locado no térreo era mais simplificado e compacto, contando somente com a sala de visitas e a sala de jantar.

Até o ano de 1904, os vestíbulos propostos por Dubugras tinham amplas proporções. Entre 1910 e 1911, o ambiente ainda possuía um papel importante no ordenamento e distribuição de fluxos, mas era mais estreito. A partir de 1912, o vestíbulo foi substituído por grandes *balls* retangulares. Nas casas de aluguel o vestíbulo era pouco empregado e quando se fazia presente, era modesto. Esse cenário foi identificado na propriedade de Numa de Oliveira (1903) e na casa de esquina de Domiciano Campos (1911).

O quarto de hóspedes, quando especificado nas plantas, tinha posicionamento variado na geometria da casa. Na Villa Horácio Sabino (1903), ficava no porão; na Villa Vicente Soares de Barros (1910) estava no térreo, próximo da entrada; em uma versão da Villa Horácio Rodrigues (1911), ficava no andar superior; na casa de esquina de Domiciano Campos (1911), o quarto de hóspedes estava localizado ao lado da copa e da sala de jantar.

As funções de serviço, por sua vez, estavam concentradas em pequenas seções do andar térreo e voltavam-se ao preparo de refeições (tais como cozinha, copa, despensa). Projetos como as Villas Flávio Uchôa (1902), Luiz Piza (1904), Mário Rodrigues (1909), Cássio Prado (1912) revelam a existência de serviços complementares (como lavanderia, compartimento de jardinagem, adega) no nível do porão.

Havia sempre um cômodo da casa reservado ao quarto da criada. Nos projetos de Dubugras, com dimensões reduzidas e usualmente localizado na parte posterior da casa, podia estar alocado no porão, no andar térreo ou no nível superior. Seu constante comparecimento nos programas de atividades internas das casas de aluguel burguesa – e nos anúncios publicitários de locação – reflete a indispensabilidade dessa dependência para a classe social.

Já os ambientes de repouso e privativos dos moradores eram, em sua grande maioria, mantidos em andares superiores ou, no caso de residências térreas, agrupadas em áreas protegidas do restante do programa. Os banheiros e cômodos de *toilette* eram dispostos próximos. As casas de aluguel conservavam esse agenciamento. Em alguns projetos do início da década de 1910, como nas Villas Cássio Prado (1912) e Gabriel Dias da Silva (1913), Dubugras passou a sinalizar uma maior especialização dos compartimentos de *toilettes* por meio da distinção de gêneros, discriminando-os como “*toilette* do senhor” e “*toilette* da senhora”. Os *layouts* de mobiliário das plantas prestaram-se na identificação de especificidades do setor íntimo, expondo quais dormitórios eram compartilhados e a quantidade de pessoas previstas. Na Villa Alberto Penteadó (1911), o *layout* evidenciou as curiosas repartições entre cabines do banheiro.

O escritório auferiu destaque na tipologia da residência burguesa. Estava presente no programa de necessidades de quase todos os projetos de Villas e casas de aluguel¹³², sempre alocado no térreo, voltado para a rua e com acesso independente, tal como recomendava Cloquet (1900). A presença recorrente do cômodo era uma clara demonstração da interpenetração dos espaços de trabalho e recolhimento intelectual dos profissionais liberais (locatários ou proprietários).

Cabe evidenciar que as residências analisadas eram sempre rodeadas de espaços abertos, representados por varandas e terraços de dimensões, localizações e formatos variados. A nomenclatura que Dubugras atribuiu aos ambientes nas plantas assinalava algumas características: as varandas eram áreas dotadas de uma cobertura; já os terraços se qualificavam pela ausência de uma proteção contra as intempéries – e, dentro dessa perspectiva, podiam ser combinados a pérgolas¹³³. Em termos

espaciais, as varandas resolvidas com arremates no formato de “pétalas” – reproduzidas nos projetos para Flávio Uchôa (1902), Augusto Freire de Mattos Barreto (1910), Alberto Penteadó (1911) e João Dente (1912b) – revelavam a retomada de alguns procedimentos formais por Dubugras. Há de se lembrar também das inusitadas “varandas” dos projetos para Augusto Barreto (1910), Alberto Penteadó (1911) e Gabriel Dias da Silva (1913), que funcionavam como corredores para o setor íntimo.

Dentro dessa perspectiva, enquanto as concepções de Villas apresentavam uma maior diversidade de organizações espaciais e programáticas, percebeu-se uma significativa recorrência projetual nas casas de aluguel. A despeito de algumas pequenas diferenças de extensões, múltiplos projetos de Dubugras para casas de aluguel burguesas tiveram sua conformação espacial e programa pautados em um “projeto padrão”. Este foi inicialmente ensaiado nas plantas das Propriedades para Teixeira Leite (1911) e posteriormente depurado nas propriedades de João Dente (1912a e 1912b). É possível que esse tipo de reincidência tivesse relação com a própria destinação da tipologia, que consistia em um investimento para obtenção de renda que buscava soluções econômicas e que requereria uma maior rapidez de concepção, aprovação municipal e construção. Contudo, a motivação de uso desse “projeto padrão” como base compositiva para a elaboração do projeto da Villa Afonso Geribello (1912), em Ribeirão Preto, se mantém uma incógnita.

Acerca dos procedimentos de composição adotados por Dubugras, uma constante muito importante é a adoção nas plantas de um ordenamento coordenado em rígidos núcleos ortogonais. Estes traduziam-se em seções horizontais e verticais justapostas que, por vezes, se transpunham. A regularidade e predominância retilínea

¹³² Os únicos projetos que não dispunham de escritório eram a Villa Luiz Piza (1904) e as casas central e lateral das Propriedades de Domiciano Campos (1911).

¹³³ Não havia qualquer relação com o pavimento que essa área externa estava. No projeto da Villa Uchôa (1902) havia terraços no andar térreo e nas Propriedades de Teixeira Leite (1911) e João Dente (1912 a e 1912b) existiam varandas no nível superior.

dos eixos compositivos era interrompida pela introdução de discretos blocos ressaltados e pelo acoplamento de volumes curvos ou rotacionada em ângulo de 45 graus em relação aos prédios principais. Estes volumes eram registrados através de varandas, terraços, *bow windows*, caixas de escadas, lareiras, etc. Se prestavam à dinamização de volumes e fachadas, sem comprometer a lógica ortogonal – e econômica – do conjunto da composição.

Dadas as investigações das tendências e especificidades de desenvolvimento das plantas, percebeu-se que a coordenação dos espaços nos projetos de Dubugras preservava uma organização metódica e impunha rigorosos zoneamentos amparados nos tipos de uso. Os setores social, de serviço e íntimo eram agrupados e dispostos em determinadas regiões das volumetrias: as funções sociais ocupavam grande parcela da área do térreo, os cômodos de serviço ficavam concentrados aos fundos e no porão, e as áreas de descanso e privativas, como já indicado anteriormente, ficavam protegidas dos outros ritos cotidianos. Os delineamentos assumidos nas casas térreas mostram total sintonia com os parâmetros da arquitetura doméstica da época sintetizados por Cloquet (1900): as áreas de recepção estavam dispostas na frente, os aposentos privativos ficavam alocados na face posterior da volumetria e os recintos de serviço em uma ala lateral.

Não obstante, o conjunto de projetos analisados revelou modificações de disposições e usos de uma série de espaços. Nos projetos desenvolvidos até o ano de 1909, observou-se que a sala de visitas ficava adjacente à sala de jantar e ambos os recintos eram associados por meio de amplas aberturas. A partir de 1910, todos os projetos, tanto de Villas quanto de casas de aluguel, passaram a registrar a desvinculação dos ambientes, mantendo-os afastados e intermediados por outros

cômodos, como vestíbulos e *halls*. Nos projetos em que foram localizadas as plantas do piso do porão, pôde-se perceber as alterações de sua utilização: enquanto no projeto para a Villa Uchôa (1902) o porão era ocupado por uma variedade de atividades ligadas aos serviços – em consonância com as orientações de Cloquet (1900) –, nos projetos das Villas Mário Rodrigues (1909) e Vicente Soares de Barros (1910) o pavimento abrigava também funções recreativas. Na Villa Luiz Piza (1904) o nível acomodava, além de funções de entretenimento e serviços, alguns dormitórios para moradores.

Os agenciamentos organizacionais estabelecidos por Dubugras privilegiavam circulações horizontais fortemente subordinadas às movimentações entre cômodos. Mesmo em situações em que foram empregados corredores, estes eram sempre sumários e se constituíam como eixos centrais de distribuição de fluxos. Esse era o caso da Villa Flávio Uchôa (1902), Augusto Barreto (1910), Alberto Penteadó (1911), Gabriel Dias da Silva (1913) e as propriedades de Teixeira Leite (1911) e João Dente (1912a e 1912b)¹³⁴. O aproveitamento integral das áreas internas e a funcionalidade dos deslocamentos são sólidos indícios da desenvoltura projetual de Dubugras.

As relações e distinção entre os gêneros se refletiram no posicionamento dos espaços e no delineamento das circulações. Orientados pelos costumes da época, em diversos projetos de Villas os aposentos das filhas mulheres eram alocados nas cercanias dos quartos designados aos pais e, entre ambos, era comum o estabelecimento de passagens secundárias. Os dormitórios dos filhos homens, por outro lado, eram alocados mais afastados ou em outros andares, fornecendo-lhes privacidade e isolamento do restante dos membros da família e maior conexão com o exterior. Na Villa Cássio Prado (1912) uma grande porção do andar térreo era

¹³⁴ Na Villa Flávio Uchôa (1902) o vestíbulo formava um pequeno corredor que conectava o setor social com o de serviço. Nas Villas Augusto Barreto (1910), Alberto Penteadó (1911) e Gabriel Dias da Silva (1913) o corredor formava a principal conexão para os dormitórios. Nas propriedades de Teixeira Leite (1911) e João Dente (1912a e 1912b) o corredor era responsável por interligar os recintos do setor social.

destinada ao uso do proprietário e suas visitas (sala de bilhar e escritório). Já na Villa Horácio Sabino (1903), enquanto o escritório de Sabino tinha uma localização mais isolada, aos fundos da casa, e contava com uma entrada privativa, a sala da senhora ficava próxima das áreas de recepção e serviço. Nesses termos, a Villa Alberto Penteadado (1911) se sobressai pela manutenção do escritório (espaço dedicado ao homem) e da sala de costura (ambiente direcionado à esposa) em posições equivalentes. Outra ocorrência singular foi registrada na Villa Gabriel Dias da Silva (1913), onde, enquanto o quarto da filha fora situado afastado dos aposentos dos pais e com inusitada passagem para sala de visitas, o dormitório do filho Gabriel partilhava conexão com o aposento do casal.

De fato, alguns projetos de Dubugras integravam soluções pouco usuais. Nos projetos para Mário (1909) e Cândido Rodrigues (1910) observou-se que os acessos aos dormitórios dos proprietários eram feitos pela sala de jantar. Na Villa Alberto Penteadado (1911), os aposentos da criada foram posicionados na parte frontal da volumetria. Na Propriedade de Numa de Oliveira (1903) o acesso ao terraço do andar superior se dava por uma pequena escada situada em um cômodo de *toilette*. A casa de esquina de Domiciano Campos (1911) dispunha da copa e da cozinha ao lado da região dos dormitórios.

Verificou-se que, em numerosos casos, Dubugras estabelecia as entradas principais das Villas lateralmente nas fachadas. Nas casas de aluguel, em contrapartida, os acessos principais ocorriam, frequentemente, centralizados à fachada principal. Os ingressos dos funcionários à casa eram coordenados por entradas secundárias, com configuração mais discreta e geralmente posicionadas nos arredores da cozinha. A Villa Vicente Soares de Barros (1910) sobressai-se pela multiplicidade de acessos.

Quanto às circulações verticais, apresentavam duas grandes tendências de desenvolvimento: uma primeira norteadas pelos direcionamentos específicos de usos (prevendo diferentes conjuntos de escadas para os moradores e para os funcionários)

e outra mais concentrada e integradora. As Villas Uchôa (1902), Horácio Sabino (1903), Cândido Rodrigues (1910), Cássio Prado (1912) e as propriedades para Teixeira Leite (1911) e João Dente (1912a e 1912b) registram uma pluralidade de deslocamentos. As escadas voltadas à família e visitas agregavam maiores dimensões e tinham desenhos mais imponentes e aquelas destinadas aos funcionários eram mais estreitas e situadas nas imediações das áreas de serviços. Já nos projetos para Mário Rodrigues (1909), Horácio Rodrigues (1910), Vicente Soares de Barros (1910) e na propriedade de Numa de Oliveira (1903) todos os tipos de movimentações das casas estavam unificados em um único conjunto de escadas. Apesar do aspecto sumário desse tipo de solução, nota-se que as escadas tinham posições muito estratégicas, situadas nas imediações de todos os setores de uso.

Chamam atenção, também, as alterações do aspecto formal das movimentações verticais. Nos projetos concebidos entre 1902 e 1909, notou-se o uso frequente de escadas contidas em torreões sobressalentes ao corpo principal da volumetria. Era um recurso semelhante àquele utilizado por Dubugras nos projetos de câmara e cadeia para a Superintendência de Obras Públicas. A partir de 1910 (à exceção, com ressalvas, da Villa Cássio Prado (1912), as escadas passaram a ser estruturadas em posições mais internas aos volumes e não transpareciam nas fachadas.

No que diz respeito aos materiais e técnicas, Dubugras os explorava em soluções racionais e despojadas, mas sempre expressivas ou sofisticadas. Sua arquitetura destacava-se pelo franco uso dos sistemas construtivos. Estes não eram ocultados ou sobrepostos a artifícios decorativos, mas incorporados à elaboração estética das fachadas. As soluções e encaminhamentos adotados variavam muito, mostrando a capacidade inventiva e engenhosa do arquiteto. O grande experimentalismo projetual que perpassa sua carreira reflete-se em seus projetos residenciais em estilo *Art Nouveau* analisados por essa tese de doutorado.

Os corpos das edificações eram geralmente consolidados na alvenaria de tijolos revestidos. Em algumas ocasiões, eram mantidos trechos de tijolos aparentes. Por vezes, como em seções da Villa Horácio Rodrigues (1910) e da Villa Cássio Prado (1912), eram sinalizadas volumetrias em estrutura metálica e vidro.

Os telhados, constituídos em estrutura de madeira com fechamentos em telhas cerâmicas, eram recortados. A eles, em diversas ocasiões, eram inseridas mansardas e aberturas de ventilação e iluminação permanentes. Na Villa Cássio Prado (1912) e nas três propriedades de João Dente (1912), à Avenida Paulista, os prolongamentos inferiores do madeiramento das coberturas eram ocultados por delgadas lajes. Coberturas em lajes planas, como aquelas empregadas nos projetos para Horácio Rodrigues (1910), Domiciano Campos (1911) e João Dente (1912a e 1912b) eram exploradas como prestigiosos espaços de terraço ao nível da cobertura. Vários destes projetos também articulavam torreões delimitados por lajes planas e panos envidraçados.

Estruturas de cobertura secundárias, desenvolvidas em varandas ou áreas de entrada, atrelavam arcabouços de madeira ou metálicos. Na Villa Luiz Piza, a extensa coberta de madeira da varanda da sala de jantar era semicircular e composta por diversas águas. Na Villa Gabriel Dias da Silva (1913), a expressiva marquise metálica em estilo *Art Nouveau* da entrada principal integrava painéis de vidro decorados.

A maioria dos projetos articulava calhas de captação e condutores de águas pluviais aparentes, que circundavam o perímetro da cobertura (e eram interrompidos na presença de frontões). Na Villa Cássio Prado (1912) e na Propriedade de Numa de Oliveira (1903), por outro lado, os condutores eram semiembutidos nas paredes. Já para as Propriedades de João Dente (1912b) foram determinados condutores embutidos.

Os guarda-corpos eram singelos elementos funcionais que denotavam a grande destreza compositiva e criativa de Dubugras. Nas Villa Horácio Sabino (1903)

e na Propriedade Numa de Oliveira (1903), os componentes, de material cerâmico, se assemelhavam a conchas entrelaçadas. As peças de madeira inclinadas em orientação concêntrica das Villas Luiz Piza (1904) e Mário Rodrigues (1909) poderiam ser arrojados recursos plásticos. Nas Propriedades de Teixeira Leite (1911), em contrapartida, a despojada alteração de sentido dos montantes determinava um delicado dinamismo ao conjunto. Já nas Propriedades de João Dente (1912b), em uma solução original e econômica, os guarda-corpos metálicos integravam peças de azulejos.

As pérgolas de madeira também receberam tratamentos variados. Discretas ou alongadas, as análises identificaram que as estruturas podiam ser engastadas, sustentadas por pilares de concreto ou delimitadas por formatos circulares.

As escadas, tanto internas quanto externas, eram consolidadas em estruturas metálicas, de madeira ou de alvenaria. Eram de formato em “U”, “L”, helicoidal ou de dois lances que convergiam para um patamar central. As janelas eram tracejadas com diferentes modelos de abertura, materialidades e acabamentos. Foram constatados projetos com janelas de vidro fixo, do tipo guilhotina, basculante, entre outros. Por diversas vezes incluíam bandeiras de vidro fixo. As portas, de modo equivalente, eram compostas por estrutura de madeira e/ou metálica, de uma ou duas folhas, convencionais ou de correr, com guarnições espessas ou delgadas, com ou sem bandeiras. Aplicavam terminações arredondadas ou de linhas retas. Grades metálicas de ferro – de padrões intrincados ou retílineos – eram frequentemente sobrepostos às aberturas.

Os tratamentos volumétricos e delineamentos estéticos das fachadas exploravam um amplo vocabulário de inspiração *Art Nouveau*. Em uma época em que o parque industrial brasileiro ainda estava em processo de estabelecimento – e muitos materiais e peças precisavam ser importados – e em que havia pouca incorporação da arquitetura *Art Nouveau* em projetos completos, a capacidade de concretização de

Dubugras é notável. As primeiras inclusões do estilo nas edificações que projetou, certamente exigiram de Dubugras tenacidade e capacidade de persuasão.

Em 1902, o arquiteto iniciou suas aproximações com o *Art Nouveau* através do projeto da Villa Uchôa. Nela, o *Art Nouveau* foi aplicado em paralelo à linguagem neogótica, estando presente em grades, pinturas internas e luminárias. O portão escultórico de entrada da propriedade e os arremates “em pétalas” atrelados à suntuosa cobertura com apoios angulosos da varanda posterior evidenciavam algumas tendências confirmadas em projetos seguintes. Nos anos seguintes, Dubugras aproximou-se das vertentes mais orgânicas e curvilíneas do *Art Nouveau* – solidamente referenciadas pelas arquiteturas desenvolvidas por Horta, Hankar, Van de Velde, Guimard e Gaudí – por meio dos projetos das Villas Horácio Sabino (1903), Luiz Piza (1904) e Mário Rodrigues (1909) e da Propriedade de Numa de Oliveira (1903). Eram projetos demarcados por volumes exuberantes e plasticamente ousados, que adotavam em suas fachadas geometrias convexas, arremates arredondados e esculturas. Na Villa Horácio Sabino (1903), pilares e aberturas em arcos eram envoltos por ornatos em forma de raízes e ramagens. Alinhada ao calçamento, a fachada principal da Propriedade de Numa de Oliveira destacava-se em seu contexto urbano pelo vistoso frontão abaulado, com decorações *Flores* e arrematado por três esculturas embasadas na frente feminina e pelas grades de ferro de traços abstratos. Já no projeto para Villa Mário Rodrigues (1909), observou-se, acima de uma complexa cobertura de estrutura abobadada, outro vistoso frontão. Nele, um mascarão estilizado baseado na figura mitológica da medusa era contornado por uma moldura curva e recortada. A Villa Luiz Piza (1904), se construída, certamente teria se constituído em um marco arquitetônico na carreira de Dubugras pela exuberância plástica da volumetria associada à linguagem *Art Nouveau*. Os projetos não construídos dos prédios da Prefeitura de Santos (1903) e do Teatro Municipal do Rio de Janeiro

(1904) exprimiam grande sintonia com os partidos arquitetônicos adotados nas referidas residências.

Contudo, outros projetos desse período como a Estação de Mairinque (1906) e os prédios para José Lotufo (1908) sinalizavam o início de uma transição de orientação entre as tendências do *Art Nouveau*. Eles demonstram um certo afastamento das linhas orgânicas para um maior favorecimento de partidos geometrizados. Os projetos das Villas Horácio Rodrigues (1910), Cássio Prado (1912) e as Propriedades de Domiciano Campos (1911) e João Dente (1912a e casas de extremidade de 1912b) eram demarcados por volumes mais ortogonais e ornatos austeros, que seguiam motivos mais simplificados (como linhas de frisos e contornos circulares, retangulares e quadriculados). Mostravam maior congruência com os vocabulários arquitetônicos produzidos pela *Sezession* vienense e presentes nas obras de Mackintosh. Do mesmo partido e época eram também a Villa Breno Muniz de Souza, o prédio de Névio Barbosa (1912), o edifício Casa Pierre Duchon (1910) e o prédio da família Souza Queiroz (1911). Vale destacar que os projetos da Villa Vicente Sorares de Barros (1910) e as Propriedades de Teixeira Leite (1911) integravam, de forma bem pontual e esparsada, alguns detalhes geometrizados do vocabulário *Art Nouveau*.

As distintas inclinações estéticas, entretanto, não significaram o abandono da tendência anterior, de forma que o arquiteto combinou em diversos projetos ambas as linguagens, ampliando, assim, sua capacidade de experimentação estética. Esses direcionamentos foram verificados nas Villas Cândido Rodrigues (1910), Augusto Barreto (1910), Alberto Penteadó (1911), Gabriel Dias da Silva (1913) e na casa central das Propriedades de João Dente (1912b), na Avenida Paulista. Eram, de modo geral, composições volumétricas mais retangulares e que associavam componentes e ornamentos de linhas curvas estilizadas e de inspiração *Flores*.

O cuidadoso detalhamento de portões e de gradis que circundavam as propriedades mostrou-se outra importante manifestação do uso da linguagem *Art Nouveau* por Dubugras. O arquiteto tirava proveito de estruturas metálicas, propondo arcabouços ora mais suntuosos, ora mais discretos, mas não menos sofisticados. Enquanto o portão de entrada da Villa Flávio Uchôa empregava uma linguagem quase escultórica, com peças de ferro retorcidas e articuladas a uma alongada luminária em contorno *Floreale*, os gradis e portões da Villa Cássio Prado (1912) e da Villa Gabriel Dias (1913) refletem um direcionamento mais ortogonal, modular e sóbrio, com ornatos bidimensionais. Na Villa Mário Rodrigues (1909) as modestas peças metálicas tubulares e modulares foram organizadas de modo a compor uma arrojada estrutura piramidal tridimensional. As fotos das casas de aluguel de João Dente (1912b), na Avenida Paulista, sinalizam que os contornos das propriedades dessa tipologia também foram alvo de soluções meticulosas, ainda que simplificadas, integrando elementos metálicos e azulejos.

As composições de Dubugras analisadas neste trabalho eram, em sua grande maioria, resolvidas através de volumes assimétricos (característicos da arquitetura *Art Nouveau*) e abalizados por equilibradas contraposições entre linhas horizontais e verticais. Enquanto as demarcações verticalizadas estavam assinaladas por volumes como torreões, chaminés, frontões e renques de pilares, as sinalizações horizontais eram demarcadas por amplas varandas, terraços e linhas de coberturas. Em diversos projetos foram introduzidos traçados transversais, que criavam expressivo contrastes com os eixos ortogonais. Na Villa Flávio Uchôa (1902), essa ocorrência podia ser visualizada na estrutura oblíqua da varanda posterior; nas Villas Luiz Piza (1904), Mário Rodrigues (1909) e Propriedades de João Dente (1912b), os guarda corpos inclinados impunham elementos destaque; na Villa Alberto Penteado (1911) essa relação era observada no volume anguloso (maior na base do que na parte superior) da área de entrada.

Das 16 moradias analisadas por esta pesquisa de doutorado, foram somente localizados os detalhamentos internos para projetos de algumas Villas. Das onze Villas estudadas, somente quatro dispunham desse tipo de registro técnico (entre fotos e desenhos). Os cuidadosos tratamentos expendidos por Dubugras nos detalhamentos de marcenaria, luminárias e mobiliários evidenciam a compreensão da linguagem dos interiores como parte insociável do conjunto. Para além de uma prática comum entre os arquitetos do *Art Nouveau* europeu, à qual Dubugras estava em sintonia, as refinadas integrações entre as distintas partes constituintes das concepções são testemunhos da habilidade projetual do arquiteto em diferentes escalas de projeto.

Na comparação entre os registros, observa-se que houve nos interiores, de modo similar ao ocorrido no desenvolvimento das linguagens externas, uma transição de orientação dentro dos vocabulários do *Art Nouveau*. Nos móveis, luminárias e pinturas das Villas Flávio Uchôa (1902) e Horácio Sabino (1903) nota-se um maior uso de linhas retorcidas, recortes abaulados e decorações de temática floreal e de representações femininas. Na Villa Mário Rodrigues (1909), enquanto a linguagem do prédio empregava uma estética mais ligada às vertentes orgânicas, a cristaleira da sala de jantar era mais despojada e ortogonal. Já na Villa Vicente Soares de Barros (1910) a austeridade decorativa da fachada foi replicada nos projetos de mobiliários. Na Villa Cássio Prado (1912) os variados de detalhamentos internos, que incluíam lareira, *buffet* e portas, expõem que todo o projeto conservava uma linguagem mais retilínea e geometrizada. A seções decoradas de desenhos em linhas estilizadas com temática floral das portas internas da Villa Gabriel Dias da Silva (1913) corroboram a percepção de que Dubugras conciliava, em um mesmo projeto, diferentes tendências do *Art Nouveau*.

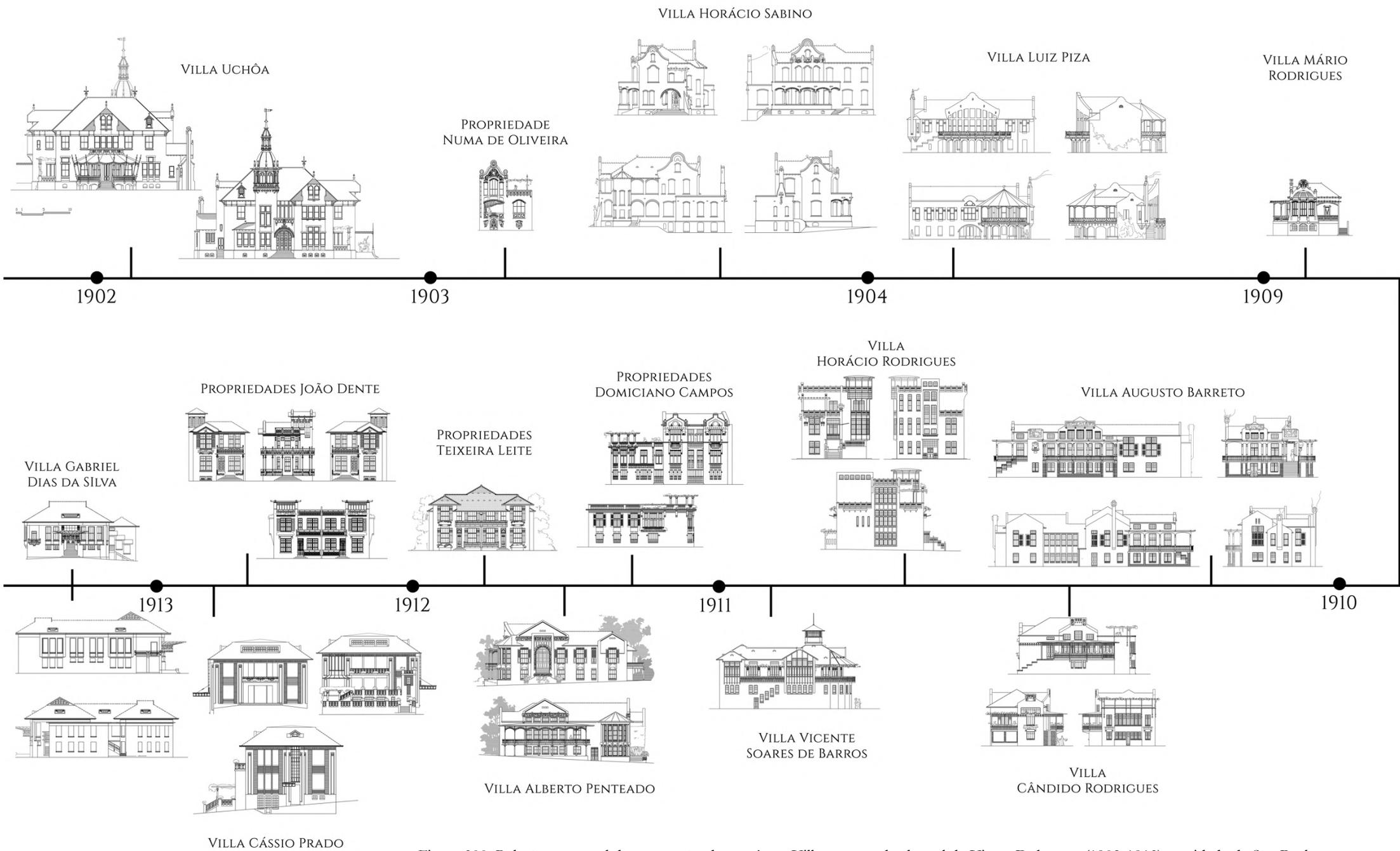


Figura 300: Relação temporal da concepção dos projetos Villas e casas de aluguel de Víctor Dubugras (1902-1913) na cidade de São Paulo.
 Fonte: Produzido pela autora (2023).

Em termos da metodologia de análise dos projetos empregada, foi determinante a busca de entendimento da lógica projetual de Dubugras. O estudo de cada concepção foi intermediado e direcionado pelos materiais disponíveis. A leitura e confronto entre os diversos desenhos do acervo pessoal do projetista mantidos na Biblioteca da FAU-USP e as documentações técnicas submetidas à municipalidade e conservados na seção “Série Obras Particulares” do AHMSP se configuraram como valiosos recursos para a apreensão das experimentações, evoluções e alterações que perpassam o processo de elaboração dos projetos analisados.

Os desenhos das Villas Mário Rodrigues (1909), Augusto Freire de Mattos Barreto (1910), Alberto Penteado (1911) e Gabriel Dias da Silva (1913) auxiliaram a estruturação de uma leitura mais ampla e apurada do pensamento projetual do arquiteto na trajetória de elaboração dos projetos definitivos. Os diferentes estudos revelaram tanto as manutenções de alguns procedimentos, quanto as experimentações tipológicas que produziram importantes embasamentos para o alcance do refinamento das soluções programáticas e de circulação dos projetos finais. Em uma segunda escala de desenvolvimento, foram detectados projetos alternativos para as Villas Horácio Rodrigues (1910), Cássio Prado (1912) e as Propriedades de João Dente na Rua Augusta (1912a). Neles, nota-se que os programas de necessidades já estavam bem estabelecidos e houve maiores alterações em termos de arranjos espaciais, distribuições internas e definições plásticas. Os estágios avançados de elaboração das versões indicam que Dubugras buscava extrair o máximo das potencialidades compositivas dos projetos nos quais estava trabalhando. Contudo, não parecia haver resistência do arquiteto em abandonar essas concepções em prol de projetos que pudessem apresentar arranjos mais funcionais, circulações mais fluidas e volumetrias com linguagens estéticas mais coesas. O movimento de descarte do projeto da Villa Cássio Prado apresentado à Superintendência de Obras Públicas e as subsequentes mudanças de direcionamento expostas pelo conjunto de desenhos efetuados após a

submissão municipal desvelam a incansável busca de alternativas projetuais do arquiteto.

Já as documentações das solicitações de alvará de construção da Villa Cândido Rodrigues (1910) e das Propriedades de Domiciano Campos (1911) revelaram que os projetos passaram por mudanças abruptas e drásticas. Quando comparados com os esboços das concepções originais conservadas no acervo pessoal do arquiteto, foi possível compreender que áreas das edificações foram excluídas pelos apressados cortes físicos impostos aos desenhos e pranchas.

Nas obras de Dubugras analisadas, percebe-se que as reavaliações de soluções e ajustes não se restringiram aos limites da prancheta, de modo que as fotografias dos prédios edificados apresentaram divergências quando comparadas aos projetos técnicos. Dentro dessa perspectiva, cabe ressaltar as disparidades registradas entre as edificações desenhadas e as obras construídas das Villas Flávio Uchôa (1902), Horácio Sabino (1903), Vicente Soares de Barros (1910) e as Propriedades de Numa de Oliveira (1903) e João Dente (1912b). O conjunto de modificações revela que algumas soluções mais rebuscadas (e, conseqüentemente, mais dispendiosas), tais como a ampla cobertura angulada em dossel da Villa Uchôa e os intrincados guarda-corpos das Propriedades de Numa de Oliveira e João Dente, não transpassaram as fronteiras do domínio criativo e foram resolvidas por meio de soluções formais mais simplificadas. Na Villa Vicente Soares de Barros, por outro lado, observou-se o contrário. O torreão dos esboços projetuais foi suprimido no projeto submetido à apreciação pela SOP. Posteriormente, foi restabelecido em projeto ou no próprio canteiro de obras.

Já na Villa Horácio Sabino, a análise dos desenhos permitiu resgatar parte da trajetória de elaboração formal da fachada voltada à Avenida Paulista. Pode-se perceber, ainda, que a proposta de cobertura submetida à aprovação municipal e não efetuada da Villa mostrava similaridades formais com a cobertura do projeto não construído da Villa M. Medeiros, também de 1903, e da Villa Mário Rodrigues (1909).

Em outro contexto, a leitura das plantas revelou que o elegante jardim de inverno da Villa Horácio Sabino não estava previsto em nenhuma das etapas de concepção do projeto. A avaliação das fotografias do prédio edificado atestou, em um primeiro momento, a inexistência desse recinto na casa. Um segundo conjunto de fotografias, já com volume do jardim de inverno instituído, expõe que o ambiente foi adicionado à Villa por meio de reformas.

Sinalizado por esta autora no estudo da trajetória do projeto da Estação de Mairinque de Dubugras em sua dissertação de mestrado¹³⁵ e corroborado pelos materiais e resultados produzidos por esta tese de doutorado, fica evidente que

[...] as experimentações que transpassam a obra trazem uma gama de nuances e complexidades que merecem serem incorporadas na leitura do resultado final. Dentro dessa perspectiva, convém destacar a importância que a análise de desenhos adquiriu na pesquisa, uma vez que permitiu o reconhecimento e o estudo da obra não somente a partir de associações já estabelecidas, mas também de novas interpretações (Mitre, 2018, p. 259-260).

Ainda acerca do método adotado na elaboração desta tese, a utilização do redesenho como instrumento de análise dos projetos se mostrou um instrumento extremamente útil para o entendimento de um projeto de arquitetura. A reelaboração de projetos originais no processo de pesquisa em arquitetura possibilita a captação de detalhes e sutilezas que não são visíveis quando se observados em registros técnicos finalizados, representados na forma de um desenho ou de uma fotografia. Mais do que imagem, o projeto de arquitetura é uma importante fonte de informação das características de construções.

Com relação aos destinos das construções estudadas, grande parte dos projetos analisados e edificados foram demolidos entre as décadas de 1950 e 1970, com as moradias dando lugar a prédios comerciais ou a edificações residenciais de múltiplos pavimentos. A Villa Cássio Prado (1912) se constitui como a única residência do conjunto analisado a ter sobrevivido ao processo de verticalização que levou à demolição das demais. O prédio ainda mantém seus traços externos bastante conservados, porém uma série de intervenções internas e externas realizadas durante o período em que o imóvel abrigou uma agência bancária prejudicaram a apreensão de algumas características da concepção original. Seu reconhecimento patrimonial por diferentes instâncias governamentais (a nível municipal, pelo Conpresp, e estadual, pelo Condephaat) se deu de forma tardia. Em ambos os casos, as iniciativas de preservação da Villa estiveram atreladas a procedimentos que visavam ao tombamento de várias edificações localizadas na região de Higienópolis. As longas durações dos processos de tombamento e suas complexas e extensas tramitações refletem a heterogeneidade de interesses controversos que operam no processo de preservação de imóveis em áreas valorizadas na cidade de São Paulo.

Assim, dada a presumível não construção de alguns projetos e as demolições de tantos outros, as fotografias dos prédios edificados, os desenhos de fachadas e outros tipos de registros técnicos (como plantas, cortes, detalhamentos e esboços) destes foram imprescindíveis para a viabilização de um estudo apurado e detalhado de suas características e de suas trajetórias de concepção. No recorte temporal estudado, pode-se perceber os distanciamentos, aproximações e imbricações entre as obras. Ao abordar um arquiteto que já foi alvo de atenção de destacados historiadores da nossa arquitetura, esta pesquisa buscou, através do enfoque e método utilizados,

¹³⁵ MITRE, Amanda Bianco. **Victor Dubugras e a Estação Ferroviária de Mairinque: a trajetória de um projeto**. 2018. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2018.

alçar novos olhares e possibilidades de estudo sobre o vasto e impressionante conjunto arquitetônico produzido por Victor Dubugras.

REFERÊNCIAS

E FONTES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Aracy (org). **Arquitectura Neocolonia**. América Latina, Caribe, Estados Unidos. São Paulo; México: Memorial da América Latina; Fondo de Cultura Económica, 1994.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica. Teoria e método**. Bauru: Edusc, 2006.
- ASSEMBLEIA Legislativa do Estado de São Paulo. Luiz de Toledo Piza e Almeida, 2022. Disponível em https://www.al.sp.gov.br/arquivos/assembleia/autoridades/presidentes-da-alesp/luiz_almeida.jpg. Acesso em: 08/06/2022.
- ASSUNÇÃO, Paulo de. A cidade de São Paulo no século XIX: ruas e pontes em transformação. **Histórica Revista Eletrônica do Arquivo do Estado**, edição nº 10, 2006. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao10/materia03>. Acesso em 03/09/2019.
- AVE, Gastone; DE MENNA, Emanuela (Org.). **Architettura e urbanistica di origine italiana in Argentina**. Tutela e valorizzazione di uno straordinario patrimonio culturale. Roma: Gangemi Editore, 2011.
- AZEVEDO, Ricardo Marques de. Las ideas de Ricardo Severo y la relación com el academicismo. *In*: AMARAL, Aracy (org). **Arquitectura Neocolonia. América Latina, Caribe, Estados Unidos**. São Paulo; México: Memorial da América Latina; Fondo de Cultura Económica, 1994. p. 249-258.
- BARBUY, Heloisa. **A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914**. São Paulo: Edusp, 2006.
- BARILLI, Renato. **Art Nouveau**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991.
- BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.
- BORTOLUCCI, Maria Ângela Pereira de Castro e Silva. **Moradias Urbanas Construídas Em São Carlos no Período Cafeeiro**. 1991. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- BRITO, Monica Silveira. **Modernização e tradição: urbanização, propriedade de terra e crédito hipotecário em São Paulo na segunda metade do século XIX**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2016.
- BROTERO, Frederico de Barros. Descendência dos Barões de Souza Queiroz. **Revista IHGSP**, v. 57, p. 441-484, 1958. Disponível em <http://ihgsp.org.br/wp-content/uploads/2018/05/Revista-IHGSP-vol-57-p%C3%A1g-441-484-descend%C3%Aancia-dos->

Bar%C3%B5es-de-Souza-Queiroz-Frederico-de-Barros-Brotero.pdf. Acesso em: 23/03/2023.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. **Aspectos do mercado imobiliário em perspectiva histórica: São Paulo (1809-1950)**. São Paulo: Edusp, 2016.

_____. Escritório Técnico Ramos de Azevedo, Severo & Villares: longevidade, pluralidade e modernidade (1886-1980). **Revista CPC**, São Paulo, n.19, p.194–214, jun. 2015.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: UDESC, 2003.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. Perspectiva, São Paulo, 2018.

BRUNO, Ernani Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo**. São Paulo: Hucitec. Vol. 3. 1984.

CAMPOS, Cristina de. A reorganização do setor de obras públicas em São Paulo: uma análise através da trajetória profissional do engenheiro Paula Souza, 1869-1891. **Revista Oculum Ensaios**, Campinas, vol. 12, n.1, p. 157-171, jan. de 2015.

CAMPOS, Eudes. **Arquitetura Paulistana sob o Império**. 1997. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

CAMPOS, Candido Malta; GAMA, Lúcia Helena; SACCHETTA, Vladimir. (Org.). **São Paulo, metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

CARVALHO, Maria Cristina Wolff. de. **A Arquitetura de Ramos de Azevedo**. 1996. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996a.

_____. Bem-morar em São Paulo (1880-1910): Ramos de Azevedo e os modelos europeus. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**. Vol. 4, p.165-200, jan-dez. 1996b.

_____. **Ramos de Azevedo**. São Paulo: Edusp, 2000.

CARVALHO, Roberto Machado. Cásper Líbero, O Homem e o Jornalista. **Revista IHGSP**, v. 95, p. 108-123, 1999. Disponível em: <http://ihgsp.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Vol-95.pdf>. Acesso em: 23/03/2023.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920**. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2008.

CASSASSOLA, Luiz Antonio. **Família, Capitalismo e Modernização: um estudo de caso da família Dias de São José do Rio Pardo, SP (1870-1930)**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Franca, 2009.

CHAMPIGNEULLE, Bernard. **A Arte Nova**. São Paulo: Verbo/Edusp, 1984.

CLOQUET, Louis. **Traité d'architecture : éléments de l'architecture. Hygiène, types d'édifices, esthétique, composition et**

pratique de l'architecture. Paris/Liege: Béranger, 1901.

COHEN, Jean-Louis. **O futuro da arquitetura desde 1889.** São Paulo: Cosac Naify, 2013

CORDIDO, Maria Teresa Leme de Barros. **Arquitetura forense do Estado de São Paulo:** produção moderna, antecedentes e significados. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.

CORRÊA, Maria Elizabeth Peirão; MELLO Mirela Geiger de; NEVES, Helia Maria Vendramini. (Org.). **Arquitetura escolar paulista: 1890 -1920.** São Paulo: FDE, 1991.

CORREIA, Telma de Barros. **A Construção do Habitat Moderno no Brasil – 1870-1950.** São Carlos: Editora RiMa: FAPESP, 2004.

COTRIM, Márcio. **Vilanova Artigas:** Casas paulistas 1967-1981. São Paulo: Editora Romano Guerra, 2017.

COTRIM, Luciana. A mansão de João Dente, o advogado e exímio investidor imobiliário. **Série Avenida Paulista: Casarões e edifícios.** 2019a. Disponível em: <https://serieavenidapaulista.com.br/2019/07/11/a-mansao-de-joao-dente-o-advogado-e-eximio-investidor-imobiliario/>. Acesso em 20/05/2023.

_____. Uma vila pré-modernista na Paulista com a Augusta. **Série Avenida Paulista: Casarões e edifícios.** 2019b. Disponível em: <https://serieavenidapaulista.com.br/2019/08/14/uma-vila-modernista-na-paulista-com-a-augusta/>. Acesso em 20/05/2023.

CURTIS, William J. R. **La arquitectura moderna desde 1900.** Madrid. Editora Hermann Blume, 1986.

DAHER, Luiz Carlos. Aspectos da Arquitetura no Início do Século XX. *In:* MARTINS, Maria Lucia Refinetti Rodrigues. **Vila Penteados 1902-2012:** Pós-Graduação 40 anos. São Paulo. FAUUSP, 2012. p. 39-49.

DANON, Diana; TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: “Belle Époque”.** São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1974.

DUBUGRAS, Victor. Faculdade de Medicina da Bahia. **Anuário da Escola Politécnica.** São Paulo, p. 227-232, 1907.

DUNCAN, Alastair. **Art Nouveau.** Londres: Thames and Hudson. 1994

FABRIS, Annateresa (org.). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira.** São Paulo. Ed. Nobel/ Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

_____. O Ecletismo à luz do Modernismo. *In:* FABRIS, Annateresa (Org.). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira.** São Paulo. Ed. Nobel/ Editora da Universidade de São Paulo, 1987. p. 281-296.

_____. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. **Anais do Museu Paulista.** São Paulo, n. 1, p. 131-143, 1993.

Fotografias de Magaly Dubugras. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/magaly.dubugras/photos>. Acesso em 22/03/2020.

FICHER, Sylvia. **Os Arquitetos da Poli:** Ensino e Profissão em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2005.

- FIELL, Charlotte; FIELL; Peter. **Charles Rennie Mackintosh**. Colônia. Editora Taschen. 1995.
- FINGER, Anna Eliza. **Um século de estradas de ferro: arquiteturas das ferrovias no Brasil entre 1852 e 1957**. 2013. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- GAMBETA, Wilson Roberto. **A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895/1916)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- GEOSAMPA. Veja a cidade de São Paulo em 3D. **Gestão Urbana São Paulo**, São Paulo. Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/noticias/geosampa-veja-a-cidade-de-sao-paulo-em-3d/>. Acesso em: 11/04/2023.
- GFAU. **Depoimentos 1**. São Paulo, 1960.
- GITAHY, Maria Lúcia Caira; LIRA, José Tavares Correia de (Org.), **Cidade: Impasses e Perspectivas**. São Paulo: FAU-USP/Fupam/Annablume, 2007.
- GROAT, Linda; WANG, David. **Architectural Research Methods**. Nova York: John Wiley & Sons Inc., 2013.
- GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. **Dicionário bio-bibliográfico sergipano**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1925.
- HACKNEY, Fiona, HACKNEY, Isla. **Charles Rennie Mackintosh**. Londres: Editora Grange Books. 2004.
- HOMEM, Maria Cecilia Naclerio. **Higienópolis: grandeza de um bairro paulistano**. São Paulo: Edusp, 2011.
- _____. **Palacete paulista no e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- IACOCCA, Angelo. **Conjunto Nacional: A Conquista da Paulista**. São Paulo: Iacocca Serviços Editoriais, 2004.
- JANJULIO, Maristela da Silva. **Arquitetura Residencial Paulista dos anos 1920: Ressonâncias do Arts and Crafts?**. 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Carlos. 2009.
- KESSEL, Carlos. **Arquitetura Neocolonial no Brasil: entre o pastiche e a modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Jauá; Faperj; Universidade Estácio de Sá. 2008
- KUHL, Beatriz Mugayar. **Arquitetura do Ferro e Arquitetura Ferroviária em São Paulo – Reflexões sobre sua preservação**. São Paulo: Ateliê Editorial: Fapesp: Secretaria da Cultura, 1998.
- KUVASNEY, Eliane. **A representação da cidade de São Paulo nos albores do século XX**. Os mapas como operadores na construção da cidade espriada. 2017. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade De Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2017
- LAGO, Pedro Correa do. **Iconografia Paulistana do Século XIX**. São Paulo: Metalivos, 1998.
- LANNA, Ana Lucia Duarte; et al. (Org.) **São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades**. São Paulo: Alameda, 2011.

- LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Alvenaria Burguesa**: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café. São Paulo. Nobel, 1989.
- _____. **Casa Paulista** – história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café. São Paulo: EDUSP, 1999
- _____. **Cozinhas, etc.** São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. A Construção da Vila Penteadado. *In*: MARTINS, Maria Lucia Refinetti Rodrigues. **Vila Penteadado 1902-2012: Pós-Graduação 40 anos.** São Paulo. FAUUSP, 2012. p. 33-38
- _____. Ecletismo em São Paulo. *In*: FABRIS, Annateresa. (Org.). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira.** São Paulo: Ed. Nobel/ Editora da Universidade de São Paulo, 1987. p. 68-101.
- _____. **Ramos de Azevedo e seu escritório.** São Paulo: Editora PINI. 1993
- LEMOS, Fernando; LEITE, Rui Moreira (Org.). **A Missão Portuguesa**: rotas entrecruzadas. São Paulo: Editora UNESP. 2002.
- LENZ, Maria Heloisa. Crise e negociações externas na Argentina no final do século XIX: o início da insustentabilidade do modelo aberto. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 375-399, ago. 2006.
- LIRA, José Tavares Correia de. Arquitetos estrangeiros, a arquitetura no estrangeiro e a história. *In*: LANNA, Ana Lucia Duarte; et al. (Org.). **São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades.** São Paulo: Alameda. 2011. p. 353-386.
- LODY, Jorge. **Arquitetura e cidade**: obras particulares em São Paulo, 1906-1915. 2015. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **Evolução da casa paulistana e a arquitetura de Ramos de Azevedo.** São Paulo. Voz do Oeste, 1981.
- MACAMBIRA, Yvoty. Os italianos e a arquitetura paulistana. **Revista Italinística**, ano III, n. 3, p. 57-72, 1995.
- MACEDO, Silvio Soares. **Higienópolis e arredores**: processo de mutação da paisagem urbana. São Paulo: Edusp, 2012.
- MADSEN, Stephan Tschudi. **Art Nouveau.** Tradução Ângelo de Sousa. Porto: Editorial Inova, 1967.
- MAGAGNIN, Renata Cardoso; SALCEDO, Rosio Fernández Baca.; CONSTANTINO, Norma Regina Truppel. (Org.). **Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo.** Contexto contemporâneo e desafios. São Paulo: Cultura Acadêmica, Vol. 2, 2013.
- MARTINS, Maria Lucia Refinetti Rodrigues. **Vila Penteadado 1902-2012: Pós-Graduação 40 anos.** São Paulo: FAUUSP. 2012.
- MATOS, Odilon Nogueira de. **A cidade de São Paulo no século XIX.** Revista de História, São Paulo, ano VI, n. 21 e 22, p.89-125, jan-jul 1955.
- MELLO, Joana. **Ricardo Severo**: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

- MITRE, Amanda Bianco. Estação Ferroviária de Mairinque: o projeto e as intervenções. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, São Paulo, v. 24, n. 43, p. 112-125, agosto de 2017.
- _____. **Victor Dubugras e a Estação Ferroviária de Mairinque: a trajetória de um projeto**. 2018. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos. 2018.
- MIYOSHI, Alex. Victor Dubugras, arquiteto dos caminhos. **Revista da História da Arte e Arqueologia**, nº 12, p.89-104, jul-dez. 2009.
- MONTEIRO, Oscar. **Almanak Historico-Litterario do Estado de São Paulo**, São Paulo, 1896
- MOTTA, *Flávio Lichtenfels*. Art Nouveau: um estilo entre a flor e a máquina. **Cadernos brasileiros**, v. 28, n. 2, p. 54-63, mar/abr. 1965.
- _____. Art-nouveau, modernismo, ecletismo e industrialismo. In: ZANINE, Walter (Org.) **História Geral da Arte no Brasil**. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles: Fundação Djalma Guimarães, 1983. Vol.2, p. 453-485.
- _____. **Contribuição ao estudo do Art Nouveau no Brasil**. 1957. Tese (Cátedra) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1957.
- _____. São Paulo e o art nouveau. **Revista Habitat**, n. 10, p. 3-18, 1953.
- _____. São Paulo e o Art Nouveau. *In*: MARTINS. Maria Lucia Refinetti Rodrigues. **Vila Penteadado 1902-2012: Pós-Graduação 40 anos**. São Paulo: FAUUSP. 2012. pp. 23-30.
- NASCIMENTO, Douglas. **Palacete Teresa Toledo Lara**. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.saopauloantiga.com.br/palacete-tereza-toledo-lara/>. Acesso em:02/03/2020.
- NEVES, José Maria da Silva. Mestres da Arquitetura Neo-Clássica, do “Estilo Colonial” e da “Arquitetura Tradicional Brasileira”. *In*: GFAU. **Depoimentos 1**. São Paulo, 1960. p. 26-31.
- _____. **Victor Dubugras**. Boletim do Instituto de Engenharia, São Paulo, n. 90, p. 319-320, maio de 1933.
- NOZOE, Nelson. Vida econômica e finanças municipais da capital paulista na época imperial. *In*: PORTO, Paula (Org.) **História da cidade de São Paulo – a cidade no Império 1823-1889**. São Paulo: Paz e Terra. Vol. 2. 2004. p. 99-151.
- PARETO JÚNIOR, Lindener, **O cotidiano em construção: os “práticos licenciados” em São Paulo (1893-1933)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- PEVSNER, Nikolaus. **História das Tipologias Arquitetônicas**. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 1980.
- _____. **Panorama da Arquitetura Ocidental**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2015.
- _____. **Pioneiros do desenho moderno: de William Morris a Walter Gropius**. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2002.
- _____. **Studies in Art, Architecture and Design**. Londres: Editora Thames and Hudson. 1968.

- _____. **Origens da Arquitetura Moderna e do Design**. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2010.
- PERROT, Michelle. (Org.). **História da vida privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial**. Vol. 4. São Paulo. Companhia das Letras, 2012.
- _____. Maneiras de morar. *In*: _____. (org.). **História da vida privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial**. Vol. 4. São Paulo. Companhia das Letras, 2012.
- PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. Desafios da pesquisa em história da arquitetura. *In*: MAGAGNIN, et. al. (Org.). **Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo**. Contexto contemporâneo e desafios. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013, v. 2, p. 09-25.
- _____. **Lições do Art Nouveau “são cada vez mais relevantes”**. 2017. Entrevista concedida ao Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura do Estado de São Paulo. 31/02/2017. n.p. Online. Disponível em: <http://patrimoniohistorico.prefeitura.sp.gov.br/licoes-do-art-nouveau-sao-cada-vez-mais-relevantes-em-diz-maria-lucia-bressan-da-fau-usp/>. Acesso em: 31/07/2019.
- _____. Ricardo Severo e o “estilo tradicional brasileiro”. *In*: LEMOS, Fernando; LEITE, Rui Moreira (Org.). **A Missão Portuguesa: rotas entrecruzadas**. São Paulo: Editora UNESP. 2002. p. 225-230
- PINTO, Alfredo Moreira, **A Cidade de São Paulo em 1900**. Impressões de viagem. Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, 1900.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Aspectos da história da engenharia civil em São Paulo: 1860-1960**. São Paulo: Companhia Brasileira de Projetos e Obras Livraria Kosmos Editora, 1989.
- _____. **São Paulo Vila Cidade Metrópole**. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2004.
- _____. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- _____. **Racionalismo e Proto-Modernismo na obra de Victor Dubugras**. São Paulo. Fundação Bienal de São Paulo, 1997.
- _____. **Victor Dubugras: Precursor da arquitetura moderna na América Latina**. São Paulo. Edusp, 2005.
- SAIA, Luís. **Morada paulista**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- SALMONI, Anita; DEBENEDETTI, Emma. **Arquitetura italiana em São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- SALVADORE, Waldir. **Italiano e nosso: Felisberto Ranzini e o “estilo florentino”**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.
- SARNITZ, August. **Wagner**. São Paulo: Editora Taschen. 2005.
- SEGAWA, Hugo. **Prelúdio da metrópole: Arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX**. São Paulo, Atelier Editorial, 2004.
- SILVA, Henry Marcelo Martins da. Nos trilhos do capital: “engenheiros industriais” e ferrovias em São Paulo no início do século XX. **História Unisinos**, v. 22, n. 4, p. 547-565, 2018.

SUMMERSON, J. **A linguagem clássica da Arquitetura**. São Paulo. Martins Fontes, 2002.

TOLEDO, Augusto de. Vila Flávio Uchôa. **Revista Polytechnica**. São Paulo, n.2. p. 75-77, jan. 1905.

TOLEDO, Benedito Lima de. **Álbum iconográfico da Avenida Paulista**. São Paulo: Editora Ex Libris e João Fortes Engenharia, 1987.

_____. A segunda fundação da cidade. In: CAMPOS, Candido Malta; GAMA, Lúcia Helena; _____. **São Paulo – três cidades em um século**. São Paulo: Cosac & Naify / Duas Cidades, 2004.

_____. **Victor Dubugras e as atitudes de renovação em seu tempo**. 1985. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 4v. 1985.

SACCHETTA, VASQUES, Arthur Tamer. **Antarctica**. Museu da Propaganda, 30 de jul. 2018. Disponível em <<https://museudapropaganda.com/2018/07/30/propaganda-cerveja-antarctica-1949/>>. Acesso em 02/05/2022.

VIEIRA, Maria do Pilar; PEIXOTO, Maria do Rosário; KHOURY, Yara Aun. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 2006.

Vladimir. (Org.). **São Paulo, metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais**. São Paulo: Editora Senac, 2004, pp. 52-61.

ARTIGOS E/OU MATÉRIA DE JORNAL

A FAMILIA Medeiros, **Correio Paulistano**, São Paulo, 12 de fevereiro de 1895, p. 01

A PRAÇA, **Correio Paulistano**, 17 de janeiro de 1908, p. 05.

A PRAÇA, **A Tribuna**, São Paulo, 3 de novembro de 1924, p. 03.

A REVOLTA, **A Republica**: Órgão do Club Republicano. Pará, 4 de outubro de 1893, p 01.

ACCLAMAÇÃO pública, **Correio Paulistano**, São Paulo, 17 de janeiro de 1890

ACQUISIÇÃO de Propriedades, **Correio Paulistano**, São Paulo, 23 de fevereiro de 1922, p. 05.

ALUGAM-SE. A Gazeta, São Paulo, 26 de abril de 1915, p. 07.

ANNIVERSARIOS, **Correio Paulistano**, 12 de março de 1924, p. 03).

ARCHITECTURA, **Revista de Engenharia**, São Paulo, vol.01, n.01, p. 11-12, 1911.

ASSOCIAÇÃO Commercial de S. Paulo, **Correio Paulistano**, São Paulo, 13 de fevereiro de 1920, p. 02.

AUTOMOBILISMO, **O Século**, Rio de Janeiro, 14 de março de 1907, p.03

BANCO do Comercio e Industria de São Paulo S/A, **Jornal do Commercio**, 8 de agosto de 1950, p. 13.

CAIXA Internacional de Pensões, **O Pharol**, Juiz de Fora, 1 de agosto de 1908, p.03.

CAMINHO do Mar, **Revista da Semana**, São Paulo, 10 de agosto de 1929.

CARMO, **Correio Paulistano**, São Paulo, 3 de novembro de 1915.

CASAMENTO civil, **Gazeta da Tarde**, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1891, p. 02.

CASAMENTO, **O Paiz**, Rio de Janeiro, 17 de abril de 1909, p. 03.

CASAMENTOS, **O Paiz**, Rio de Janeiro, 17 de abril de 1909, p. 01.

CASAMENTOS, **O Imparcial**: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 12 de maio de 1919, p 06.

CIRCULO Catholico, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 8 de maio de 1907.

COLLACÇÃO de grau, **Correio Paulistano**, São Paulo, 15 de março de 1907, p. 03.

COMPANHIA Mogyana de Estradas de Ferro, **Ilustração Brasileira**, Rio de Janeiro, setembro de 1929, p. 136.

COMPANHIA Telephonica do Estado de São Paulo, **Correio Paulistano**, 3 de junho de 1905, p. 04.

CONGRESSO Constituinte, **Correio Paulistano**, São Paulo, 12 de junho de 1890

CONTRIBUINDO para o Progresso Industrial, **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 8 de julho de 1954, p. 33.

CORPO de engenheiros do Banco União, **Correio Paulistano**, 18 de abril de 1882.

CORREIO Geral, **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1889, p. 01.

CRIME de damno, **Correio Paulistano**, São Paulo, 5 de agosto de 1910, p. 3.

CLUB Olympico Paulista, **O Commercio de São Paulo**, São Paulo, 11 de setembro de 1894, p. 02

DECRETOS Assignados, **O Paiz**, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1922.

DESPACHOS, **O Paiz**, Rio de Janeiro, 09 de abril de 1901, p. 01.

DIPLOMACIA no Brazil, **O Paiz**, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1900, p.01.

DR. Flavio Uchôa, **O Commercio de São Paulo**, São Paulo, 12 de julho de 1905

DR João Dente, **A Vida da Gente**: Chronica de litteratura e sport, São Paulo, 12 de setembro de 1897, p. 03.

EDITAL, **Correio Paulistano**, São Paulo, 2 de setembro de 1897.

ELEIÇÃO Paulista, **União Federal**: Órgão defensor da industria e do commercio, Rio de Janeiro, 4 de março de 1891, p.02

ENGENHEIROS, **Correio Paulistano**, São Paulo, 16 de outubro de 1911.

ENGENHEIROS, **Correio Paulistano**, São Paulo, 21 de agosto de 1920.

ESCOLA Polytechnica, **Correio Paulistano**, São Paulo, 18 de junho de 1902, p. 02.

ESTRADA, **Correio Paulistano**, São Paulo, 30 de novembro de 1881

FACTOS e Boatos. **A Nação**: Órgão do Partido Republicano Federal. São Paulo, 17 de abril de 1898.

FACULDADE de Direito de S. Paulo, **Correio Paulistano**, São Paulo, 3 de agosto de 1890, p. 03.

FALECEU Ontem o Sr. Numa de Oliveira, **Correio Paulistano**, 1 de novembro de 1959, p. 02.

FALLECEU o general dr. Cândido Rodrigues, **Correio Paulistano**, São Paulo, 23 de outubro de 1934, p. 04

FALLECIMENTOS, **O Paiz**, Rio de Janeiro, 12 de abril de 1912.

FALLECIMENTOS, **A Gazeta**, São Paulo, 17 de abril de 1933.

FALLECIMENTOS, **Correio de São Paulo**, São Paulo, 4 de abril de 1934.

FALLECIMENTOS, **Correio Paulistano**, São Paulo, 4 de dezembro de 1938, p. 08.

FELICITAÇÕES, **O Commercio de São Paulo**, São Paulo, 19 de dezembro de 1900, p. 01.

FESTAS Academicas, **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 26 de junho de 1890.

FORAM naturalizados brasileiros. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 1922.

GARE de Mayrink etat de Sao Paulo (Brésil). **La Construction Moderne**. Paris, mar. 1911. p. 279-280.

GOVERNO do Estado, **A Federação**: Orgao do Partido Republicano, Rio Grande do Sul, 28 de abril de 1893, p.01

HORACIO Belfort Sabino, **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 09 de março de 1969, p. 29

HOSPEDES e viajantes, **Commercio de São Paulo**, São Paulo, 12 de dezembro de 1906 p.03.

LYCEU de Artes e Officios, **Correio Paulistano**, São Paulo, 18 de outubro de 1882.

LYCEU de Artes e Officios, **Correio Paulistano**, São Paulo, 10 de março de 1883.

MARIANNO FILHO, José. Impressões sobre o Salão deste anno. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1925.

_____. Impressões do Salão. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1925.

_____. A architectura brasileira não é colonial. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 06 de setembro de 1929.

MEMORADUM, **Lavoura e Commercio**, São Paulo, 31 de maio de 1898.

MINAS e Espírito Santo. **O Pharol**, Juiz de Fora, 26 de agosto de 1894, p.01.

MINISTRO da Agricultura, **O Cachoeirano**: Órgão do Povo, Cachoeiro de Itapemirim, 19 de agosto de 1909, p.02

MOCOCA, **Correio Paulistano**, São Paulo, 23 de novembro de 1925, p. 05

NACIONAIS, **Diário da Tarde**, Curitiba, 10 de novembro de 1914

NECOLOGIA, **Correio Paulistano**, São Paulo, 5 de abril de 1946, p. 11.

NOTAS, **O Commercio de São Paulo**, São Paulo, 25 de setembro de 1900, p. 01.

NOTAS e Informações, **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 09 de setembro de 1899, p. 01.

NOTAS e Informações, **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 13 de janeiro de 1903a, p. 02.

NOTAS, **O Commercio de São Paulo**, São Paulo, 12 de agosto de 1903b, p. 01.

NOTAS do Reporter, **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 de julho de 1895, p. 02.

NOTÍCIAS Diversas, **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 01 de fevereiro de 1901, p. 02.

NOTÍCIAS de S. Paulo. **A União**. Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1905. p.03.

NOTÍCIA o “S. Paulo”, **O Paiz**, Rio de Janeiro, 2 de julho de 1909, p. 02.

NUPCIAS, **Correio Paulistano**, 20 de fevereiro de 1912, p. 03.

O ARCHITECTO Dubugras, **A Noite**, 21 de abril de 1933.

O MALHO nos Estados, **O Malho**, Rio de Janeiro 5 de abril de 1924, p. 32.

O ÚLTIMO trabalho de Victor Dubugras, **A Noite**, São Paulo, 19 de abril de 1933.

OS ANNAES do Congresso, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 1905

PARA CANDIDATO ao Congresso Paulista o Dr. Antonio Cândido Rodrigues, **Correio Paulistano**, São Paulo, 7 de fevereiro de 1891.

PELO Telegrapho, **Diário da Tarde**, Curitiba, 4 de novembro de 1903, p.02

PEQUENOS Annuncios. **A Gazeta**, São Paulo, 6 de fevereiro de 1914a, p. 04.

_____. **A Gazeta**, São Paulo, 11 de fevereiro de 1914b, p. 04.

_____. **A Gazeta**, São Paulo, 21 de fevereiro de 1914c, p. 04.

_____. **A Gazeta**, São Paulo, 28 de fevereiro de 1914d, p. 04.

_____. **A Gazeta**, São Paulo, 3 de março de 1914e, p. 04.

_____. **A Gazeta**, São Paulo, 17 de março de 1914f, p. 04.

_____. **A Gazeta**, São Paulo, 18 de março de 1914g, p. 04.

_____. **A Gazeta**, São Paulo, 23 de março de 1914h, p. 04.

_____. **A Gazeta**, São Paulo, 13 de abril de 1914i, p. 04.

_____. **A Gazeta**, São Paulo, 18 de abril de 1914j, p. 04.

_____. **A Gazeta**, São Paulo, 03 de junho de 1914k, p. 04.

_____. **A Gazeta**, São Paulo, 08 de junho de 1914l, p. 04.

_____. **A Gazeta**, São Paulo, 18 de janeiro de 1915a, p. 05.

_____. **A Gazeta**, São Paulo, 08 de fevereiro de 1915b, p. 05.

PREFEITURA do Municipio, **Correio Paulistano**, São Paulo, 5 de outubro de 1920, p. 10.

PROCESSO anulado, **Correio Paulistano**, São Paulo, 19 de agosto de 1910, p. 5.

S. Uma Exposição de Arte. **Revista Polytechnica**, São Paulo, n. 3, p. 155-159, mar. 1905.

S. JOSE do Rio Pardo, **Correio Paulistano**, 30 de dezembro de 1918, p.04

S. MANUEL, **Correio Paulistano**, 9 de dezembro de 1912, p. 04.

SANEAMENTO do Porto de Santos, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1903.

SÃO MANUEL, **Correio Paulistano**, 29 de novembro de 1917, p. 05.

SECCAO Judiciaria, **O Pharol**, Juiz de Fora, 5 de novembro de 1919.

SERVIÇO Especial, **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, 30 de junho de 1904, p. 02.

SERVIÇO Telegraphico da Federação, **A Federação**: Orgao do Partido Republicano, Rio Grande do Sul, 19 de agosto de 1907, p.02

TRABALHADORES da Estrada de Ferro, **Correio Paulistano**, São Paulo, 7 de março de 1902.

TELEGRAMMA Recebido, **O Jornal, Rio de Janeiro**, 5 de abril de 1923.

TELEGRAMMAS, **O Paiz**, Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1900, p.01

TELEGRAMMAS, **Pequeno Jornal**: O Jornal Pequeno, Recife, 3 de abril de 1909, p. 03.

TELEGRAMMAS, **Pequeno Jornal**: O Jornal Pequeno, Recife, 14 de dezembro de 1909, p. 03.

THEATRO, **O Malho**, Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1921, p.36

THESOURO Municipal, **Correio Paulistano**, São Paulo, 27 de agosto de 1903, p. 04.

THESOURO Municipal de S. Paulo, **Correio Paulistano**, 20 de janeiro de 1911, p. 08.

UM ANTIGO Advogado Paulista que Desaparece, **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 4 de abril de 1935

ALMANAQUES

MONTEIRO, Oscar. **Almanak Historico-Litterario do Estado de São Paulo**, São Paulo, 1896

THORMAN, Canuto. **Almanak do Estado de São Paulo: Administrativo, Commercial e Profissional**, São Paulo: Typographia Aurora, 1897.

SAUER, Arthur. **Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial**, Rio de Janeiro: Companhia Typografica do Brazil, 1904.

ALMANAK LAEMMERT. Anuario Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial dos Estados Unidos do Brasil e Indicador para 1910. Rio de Janeiro : Almanak Laemmert, 1910.

ALMANAK LAEMMERT. Anuario Comercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo da Capital Federal e dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1924.

LEGISLAÇÕES

COLLECCÃO de Leis e Posturas Municipaes Promulgadas pela Assembléa Legislativa Provincial de S. Paulo no Anno de 1875. São Paulo: Typ. do Diário, 1875

CODIGO de posturas do município de São Paulo, 6 de outubro de 1886. São Paulo, 1886.

SÃO PAULO (Estado). **Lei n. 38, de 24 de maio de 1893**. Estabelece a aprovação de plantas para novas edificações, São Paulo, SP, maio 1893. Disponível em: < <http://documentacao.camara.sp.gov.br/iah/fulltext/leis/L38.pdf> >. Acesso em: 20 set. 2019.

PROCESSOS ADMINISTRATIVOS

CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo. Processo n. 32102/1994. Estudo de Tombamento dos imóveis situados na Av. Higienópolis. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. 1994

CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo. Processo n. 33239/1995. Estudo de tombamento dos imóveis situados na Av. Higienópolis, n. 618/638, 646/648, 674 e 698 – Capital. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. 1995.

CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo. Processo n. 51541/2005. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. 2005.

CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo. Processo n. 01080/2011. Edifício D. Pedro II. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. 2011.

CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo. Processo

n. 66152/2012. Edifício D. Pedro II. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. 2021.

CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo. Processo

n. 72974/2014. Edifício Higienópolis e Outros. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. 2014.

CONPRESP – Processo n. 16-008-812-92*01 – Processo Mãe. Tombamento dos Imóveis de Higienópolis. São Paulo. 1992

CONPRESP – Processo n. 1994-0-11.910-0 – Avenida Higienópolis, 232. São Paulo. 1994.

ARQUIVOS PESQUISADOS:

Arquivo Histórico Municipal de São Paulo – AHMSP. Projetos de arquitetura (Acervo “Série Obras Particulares”).

Arquivo Histórico Municipal de São Paulo – AHMSP. Registros do Serviço de Emplacamento do Departamento de Obras da cidade de São Paulo.

Brasileira Fotográfica. Acervo de fotografias digitais.

Folha de S. Paulo. Acervo digital

O Estado de S. Paulo. Acervo digital.

Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Acervo de Projetos de Arquitetura de Victor Dubugras.

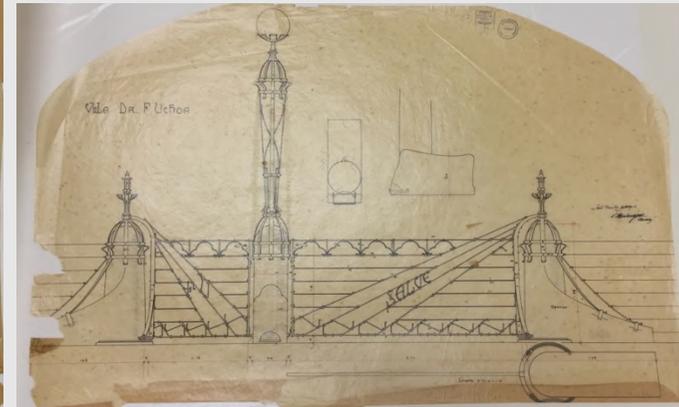
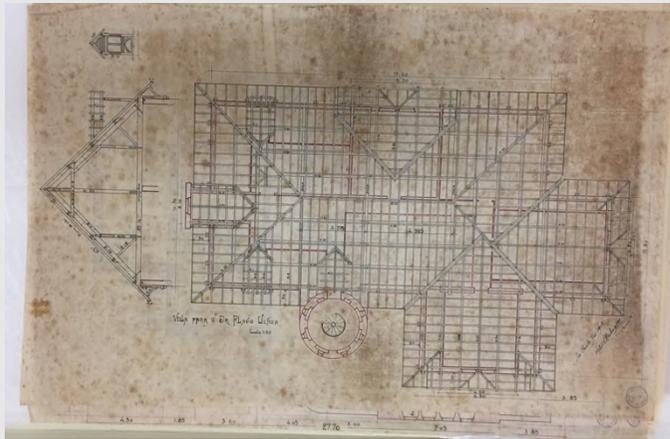
Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Acervo de slides.

Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Acervo digital, Fotografias.

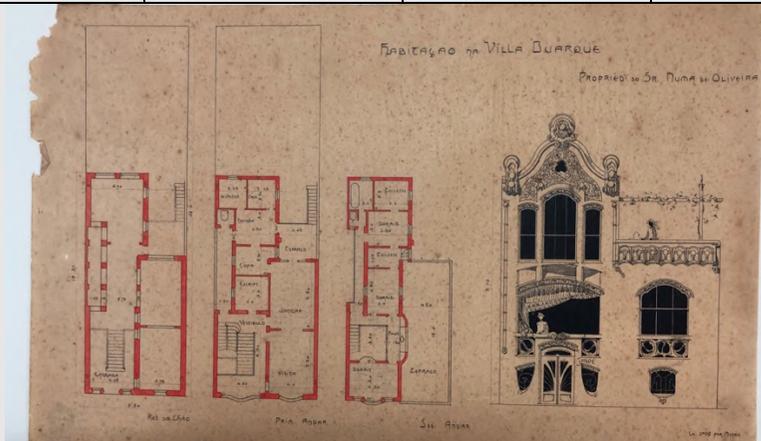
ANEXOS

ANEXO A – RELAÇÃO DE PROJETOS CONSULTADO

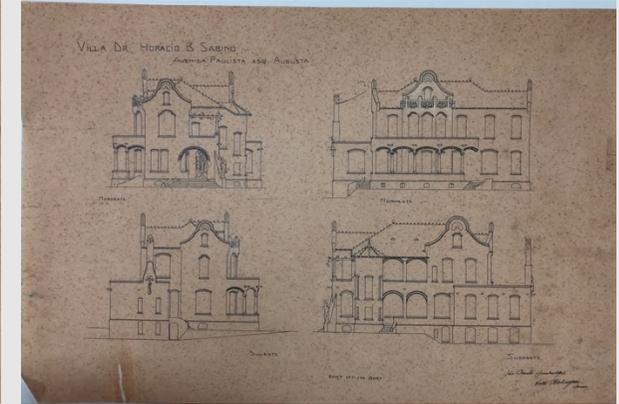
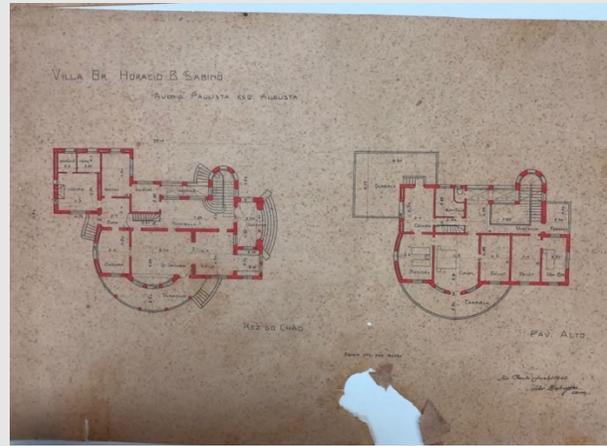
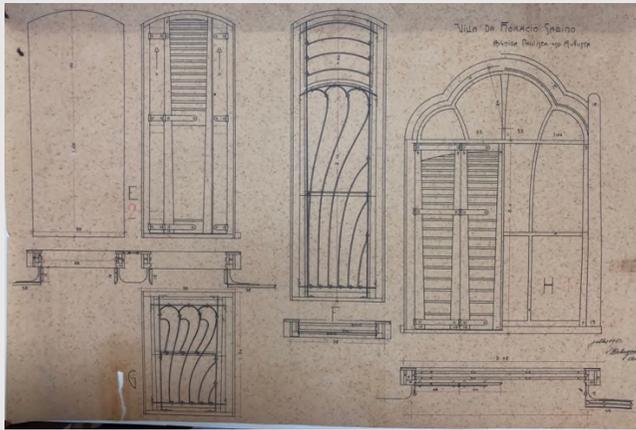
RELAÇÃO DE PROJETOS CONSULTADOS DO ARQUITETO VICTOR DUBUGRAS NO ACERVO DA BIBLIOTECA DA FAU-USP						
DATA NO DESENHO	CIDADE	NOME DO PROJETO	PROPRIETÁRIO	FUNÇÃO	ENDEREÇO	MATERIAL IDENTIFICADO
1896	São Paulo	Casa para jardineiro no bairro da Bella Cintra	Victor Dubugras	Residencial	Alameda Lima	Planta de situação, plantas (subsolo, pavimento térreo e pavimento superior), corte transversal, elevações, detalhamento das portas e detalhamento da escada
1896	São Paulo	Para Sra. Luisa Bierbrauer e Sr. Gustavo Thiele	Luisa Bierbrauer e Gustavo Thiele	Residencial	Rua Major Diogo, esquina com Rua Santo Antonio	Duas elevações
1896	São Paulo	Projeto de casa dupla para Sra. Luisa Bierbrauer e Sr. Gustavo Thiele	Luisa Bierbrauer e Gustavo Thiele	Residencial	Rua Major Quedinho	Planta do pavimento térreo e uma elevação
1896	São Paulo	(arquivado na pasta de “Miscelânea”)	Gerônimo Joo	Comercial	x	Duas elevações, corte da elevação
1896	São Carlos	Cadeia de São Carlos	SOP	Público	x	Plantas (subsolo, pavimento térreo e pavimento superior), corte transversal, três elevações
1896	Botucatu	Grupo Escolar de Botucatu	SOP	Escolar	x	Detalhamento do portão de entrada da propriedade, duas perspectivas
1897	São Paulo	Restauração para o Sr. Arthur Prado	Arthur Prado	Residencial	Rua Vergueiro	Uma elevação
1898	São Paulo	Projeto do Novo Mercado São João	x	Comercial	Rua São João	Plantas (primeiro, segundo, terceiro e quarto pavimentos), corte transversal
1901	Ribeirão Preto	Concorrência para a Matriz de Ribeirão Preto	x	Religioso	x	Planta do pavimento térreo, dois cortes transversais
1902	São Paulo	Villa Dr. Flávio Uchôa	Flávio Uchôa	Residencial	Rua Augusta, esquina com a Rua Caio Prado	Planta (pavimento não nomeado), uma elevação, madeiramento do telhado, detalhamento parcial do torreão, detalhamento do portão de entrada da propriedade



1903	Santos	Prefeitura de Santos	x	Público	x	Plantas (subsolo, pavimento térreo e superior), dois cortes transversais, uma elevação
1903	São Paulo	Habitação na Vila Buarque, propriedade do Sr. Numa de Oliveira	Numa de Oliveira	Residencial	Vila Buarque (Rua General Jardim)	Plantas (pavimento térreo, segundo e terceiro pavimento), uma elevação

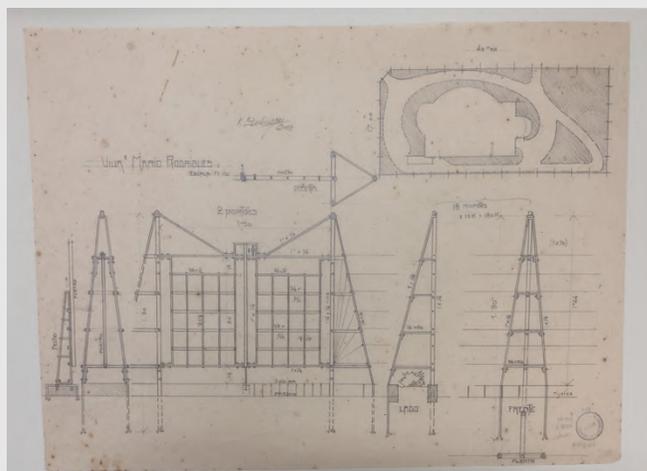


1903	São Paulo	Villa do Dr. Horácio Sabino	Horácio Sabino	Residencial	Avenida Paulista, esquina com a Rua Augusta	Plantas (subsolo, pavimento térreo e superior), quatro elevações, esquema da cobertura, detalhamento das janelas, detalhamento do buffet com cristaleira
------	-----------	-----------------------------	----------------	-------------	---	--

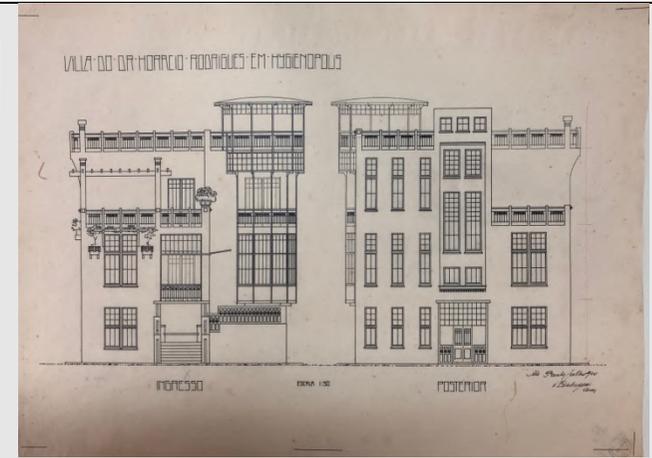
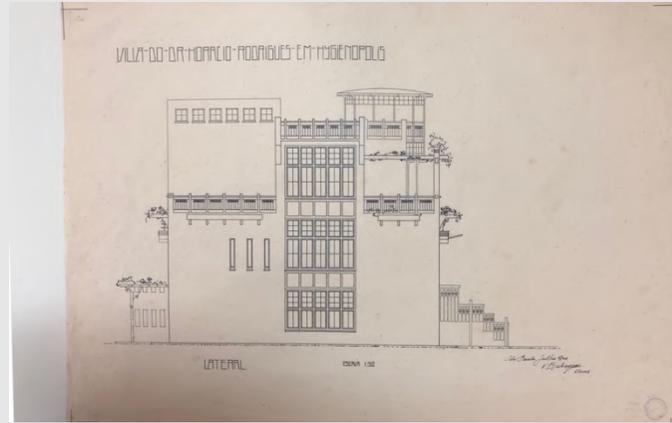
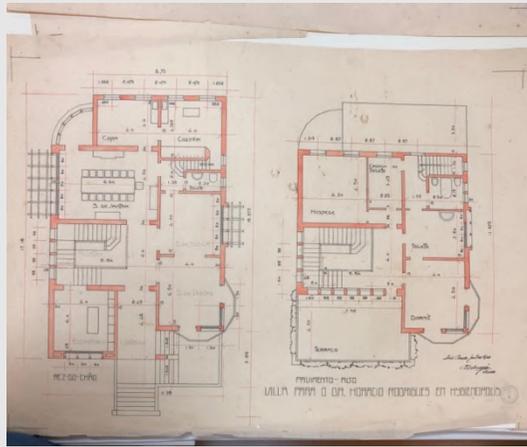


1904	Montevideu	Palácio Legislativo de Montevideu	x	Público	x	Plantas (entre solo, primeiro pavimento, segundo pavimento), corte transversal, duas elevações, uma perspectiva
1905	Bahia	Faculdade de Medicina da Bahia	x	Escolar	x	Plantas (fundações, entre solo, biblioteca), três corte do anfiteatro, corte das escadarias, detalhamento do anfiteatro, detalhamento da cobertura, detalhamento das janelas, detalhamento das portas, detalhamento da biblioteca
1906	Bahia	Villa Presidencial da Victoria na Bahia	Dr. José Marcellino (nome apontado na perspectiva)	Residencial	x	Plantas (pavimento térreo, segundo e terceiro pavimento), corte transversal, duas elevações parciais, uma perspectiva
1906	Mairinque	Estação Ferroviária de Mairinque	x	Estação Ferroviária	x	Plantas (duas versões do pavimento térreo e uma versão inacabada do pavimento superior), uma perspectiva atribuída à Romeu Lacerda Camargo
1908	São Paulo	Casas para o Sr. José Lotufo	José Lotufo	Residencial	Rua São João nº 160, 162, 164, 166, 168, 170	Plantas (pavimento térreo e superior), dois cortes transversais, uma elevação
1908	Pitangueiras	Matriz de Pitangueiras	x	Religioso	x	Planta do pavimento térreo, corte longitudinal, três elevações

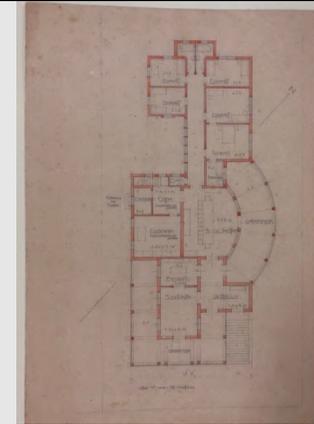
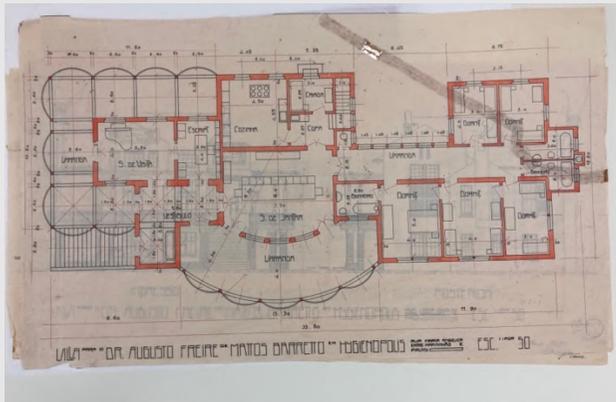
191X*	São Paulo	Villa para o Dr. Breno Muniz de Souza	Breno Muniz de Souza	Residencial	Rua Vitalis	Plantas (pavimento térreo e superior), três elevações
191X*	São Paulo	Casas econômicas para o Dr. João Dente	João Dente	Residencial	x	Plantas (pavimento térreo e superior)
1910	São Paulo	Villa Mário Rodrigues	Mário Rodrigues	Residencial	Rua Maranhão, esquina com Rua Sabará	Planta de situação, detalhamento do portão



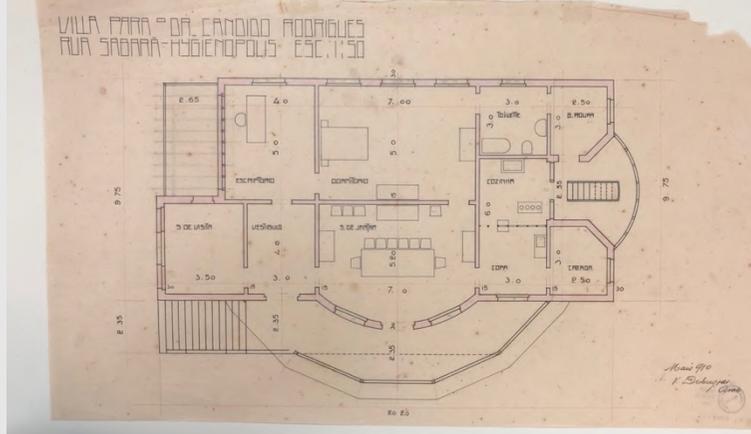
1910	São Paulo	Propriedade do Sr. João Llaverias	João Llaverias	Residencial	Rua Conselheiro Brotero, esquina com a Rua Victorino Camillo	Planta de situação (série de residências), planta do pavimento térreo, uma elevação
1910	São Paulo	Villa para o Dr. Horácio Rodrigues	Horácio Rodrigues	Residencial	Higienópolis (Rua Sabará)	Plantas de duas variações (pavimento térreo e superior), três elevações



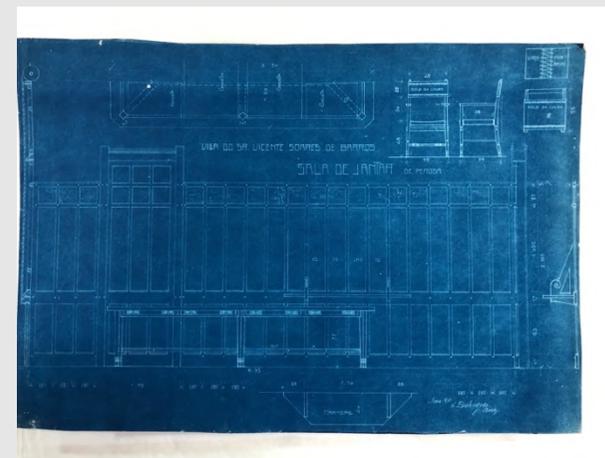
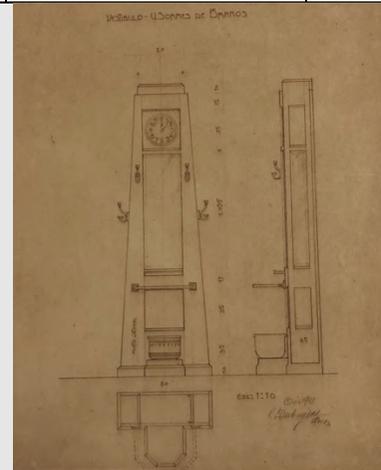
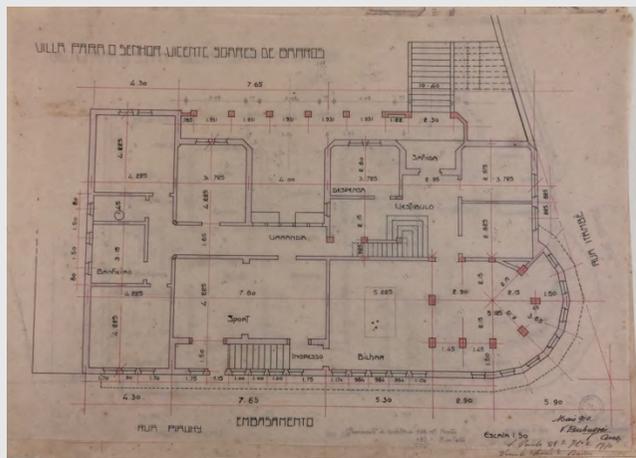
1910	São Paulo	Villa para o Dr. Augusto Freire de Mattos Barreto	Augusto Freire de Mattos Barreto	Residencial	Avenida Angélica, entre as ruas Maranhão e Piahy	Planta do pavimento térreo, quatro elevações
------	-----------	---	----------------------------------	-------------	--	--



1910	São Paulo	Villa para o Dr. Cândido Rodrigues	Cândido Rodrigues	Residencial	Rua Sabará	Planta do pavimento térreo, três elevações, esquema da cobertura
------	-----------	------------------------------------	-------------------	-------------	------------	--

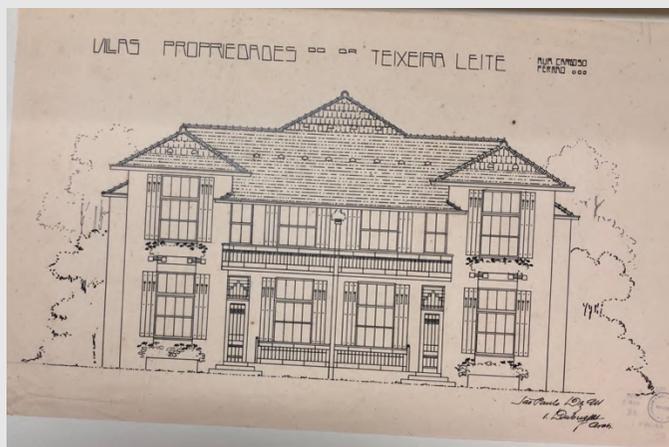


1910	São Paulo	Villa para o Sr. Vicente Soares de Barros	Vicente Soares de Barros	Residencial	Rua Piauí, esquina com Rua Itambé	Plantas (subsolo e pavimento térreo), detalhamento do relógio, duas elevações, esquema da cobertura, detalhamento da cristaleira e buffet, detalhamento dos móveis da sala de jantar
------	-----------	---	--------------------------	-------------	-----------------------------------	--

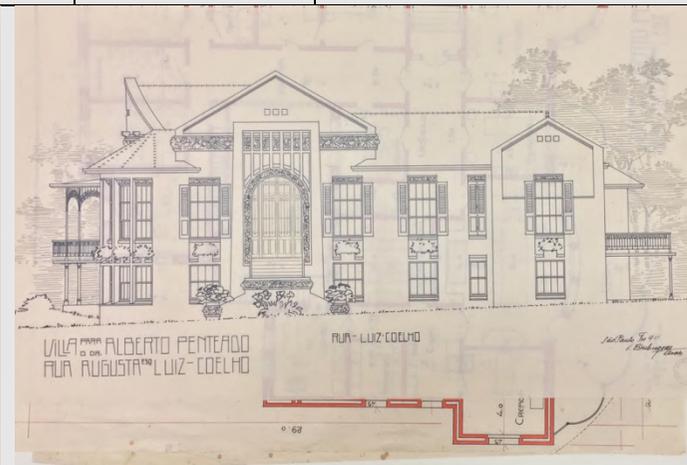
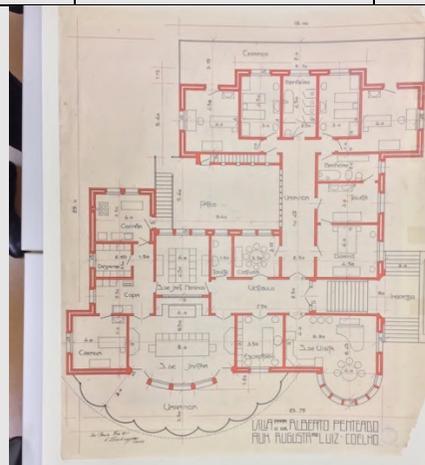
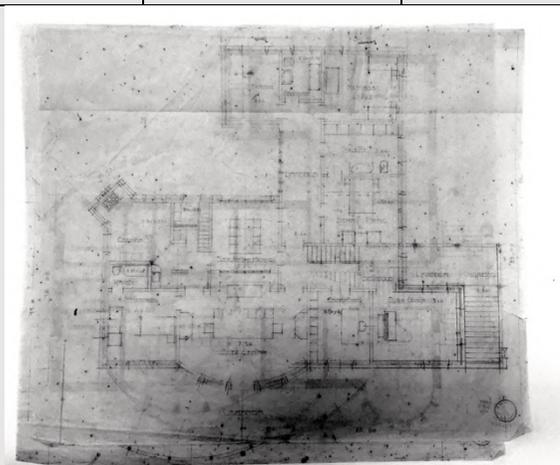


1910	São Paulo	Edifício Comercial e Residencial para Ermenegildo Momo	Ermenegildo Momo	Comercial e Residencial	Alameda Nothman nº58	Plantas (pavimento térreo e superior), duas elevações
------	-----------	--	------------------	-------------------------	----------------------	---

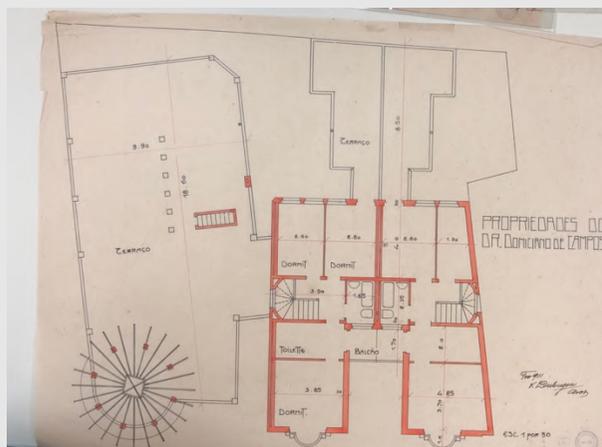
1910	São Paulo	Propriedade Prado	x	x	x	Uma elevação
1911	São Paulo	Villas propriedade do Dr. Teixeira Leite	Teixeira Leite	Residencial	Rua Cardoso Ferrão	Uma elevação



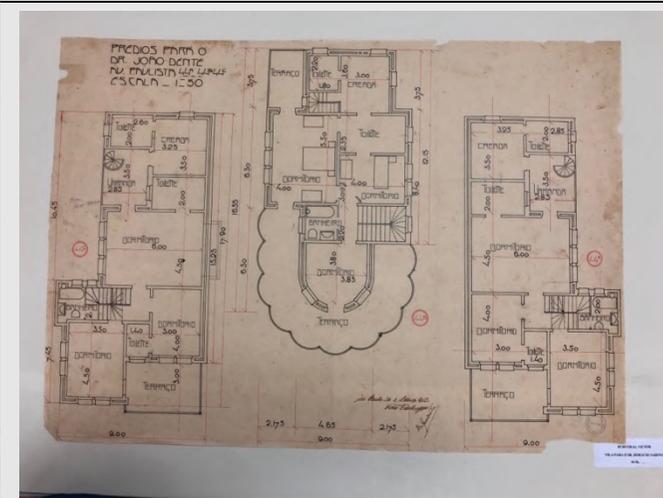
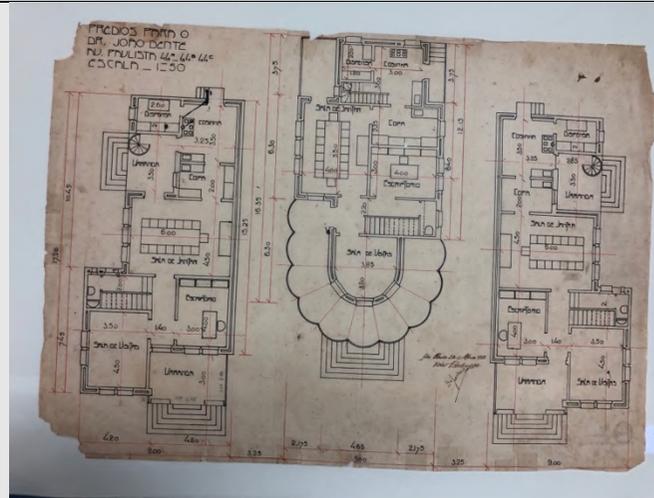
1911	São Paulo	Villa para o Dr. Alberto Penteadou	Alberto Penteadou	Residencial	Rua Augusta, esquina com Rua Luiz Coelho	Planta do pavimento térreo (duas variações), duas elevações
------	-----------	------------------------------------	-------------------	-------------	--	---



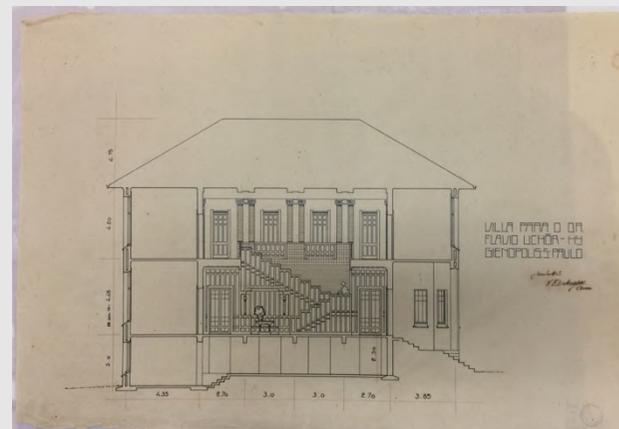
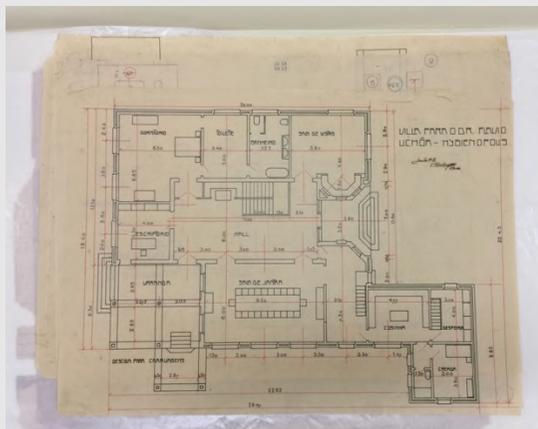
1911	São Paulo	“A Providência” Sede Social	x	Comercial	Rua XV de Novembro	Plantas (subsolo, pavimento térreo, primeiro pavimento, segundo pavimento, terceiro pavimento, quarto pavimento, quinto pavimento, terraço) corte longitudinal, três elevações
1911	São Paulo	Edifício para Augusta Fleury de Souza Queiroz e Frederico de Souza Queiroz	Augusta Fleury de Souza Queiroz e Frederico de Souza Queiroz	Comercial e Residencial	Rua XV de Novembro nº 26 e 28	Plantas (pavimento térreo, segundo e terceiro pavimento), corte longitudinal, uma elevação, detalhamento das portas
1911	São Paulo	Propriedades do Dr. Domiciano de Campos	Domiciano de Campos	Residencial	Rua São João, esquina com a Travessa Aurora	Plantas (pavimento térreo e superior), duas elevações, detalhamento da janela



1912	Rio de Janeiro	Villa do (o nome do proprietário foi cortado dos desenhos com estilete)	O arquivamento atribui o projeto para José Mariano Filho	Residencial	x	Planta do pavimento térreo, corte longitudinal, quatro elevações
1912	São Paulo	Prédios para o Dr. João Dente	João Dente	Residencial	Avenida Paulista nº 44A, 44B, 44C	Plantas das três casas (pavimento térreo e superior), esquema de cobertura da casa 44A, elevação das casas

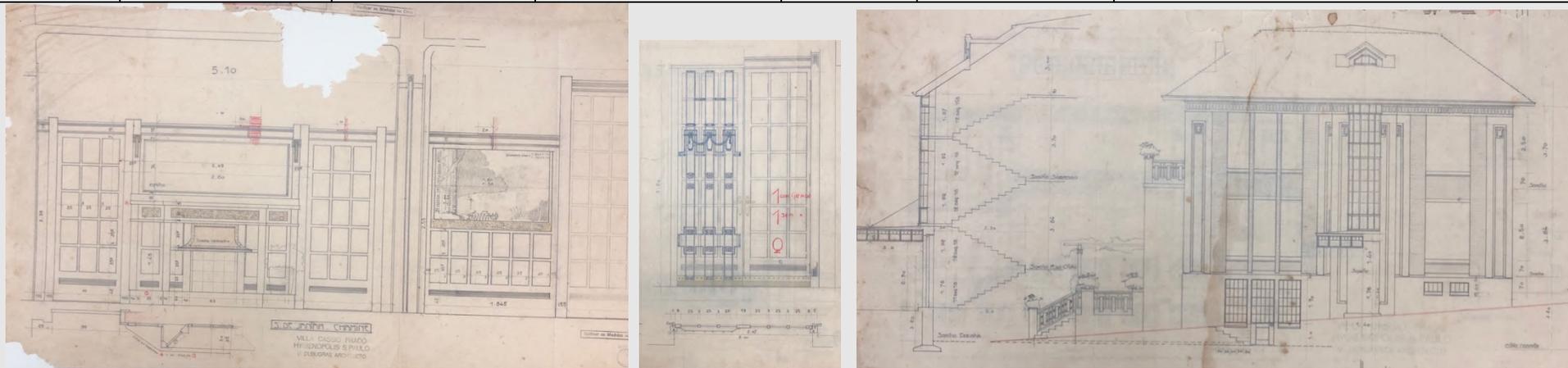


1912	Ribeirão Preto	Villa do Dr. Affonso Geribello	Affonso Geribello	Residencial	x	Plantas (pavimento térreo e superior), corte transversal, duas elevações, uma perspectiva
1912	São Paulo	Villa para o Dr. Flávio Uchôa	Flávio Uchôa	Residencial	Higienópolis	Plantas (pavimento térreo e superior), corte longitudinal, planta de fundação

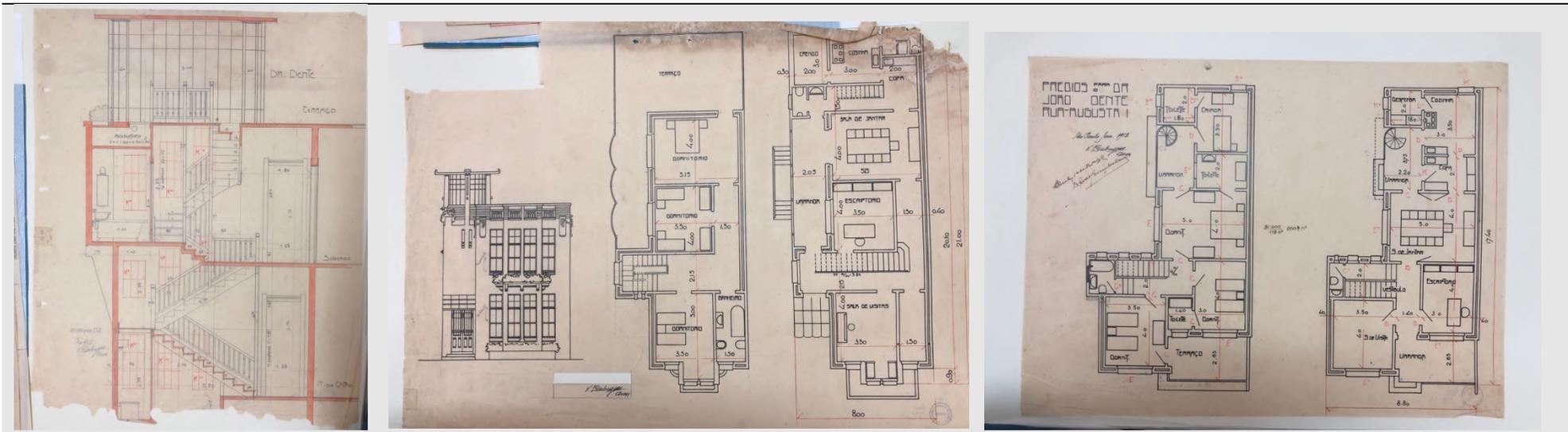


1912	São Paulo	Villa Cassio Prado	Cassio Prado	Residencial	Avenida Higienópolis	Plantas (pavimento térreo e superior), duas elevações, quatro estudos de elevação, esquema da cobertura, corte do sótão, planta de fundação, corte do esquema
------	-----------	--------------------	--------------	-------------	----------------------	---

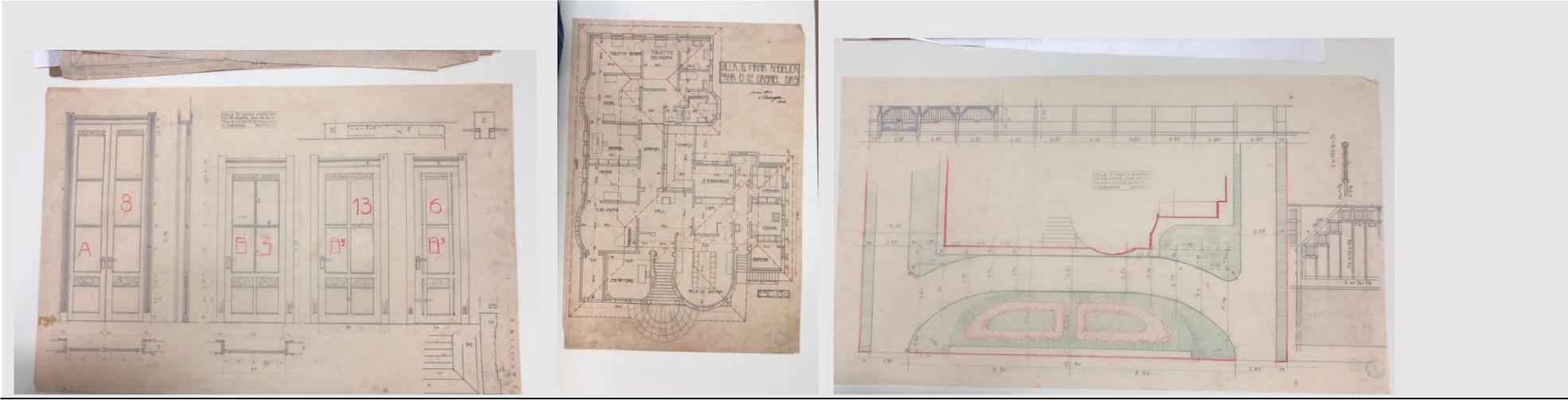
dos pavimentos, detalhamento da chaminé, detalhamento do aparador, detalhamento da escada, detalhamento do portão, detalhamento das portas e janelas



1912	São Paulo	Villa Rodolfo Miranda	Rodolfo Miranda	Residencial	x	Plantas (pavimento térreo e superior)
1912	São Paulo	Prédios para o Dr. João Dente	João Dente	Residencial	Rua Augusta	Plantas de duas variações (pavimento térreo e superior), duas elevações da variação 1, uma elevação da variação 2, corte longitudinal parcial, detalhamento das portas, detalhamento das janelas, detalhamento da escada, detalhamento do gradil



1912	São Paulo	Prédio para o Sr. Névio Barbosa	Névio Barbosa	Comercial e Residencial	Rua Condessa de São Joaquim	Plantas (armazém, sobreloja e sobrado), uma elevação
1913	São Paulo	Villa Dona Maria Angélica do Dr. Gabriel Dias da Silva	Gabriel Dias da Silva	Residencial	Rua Vicente de Paula nº 19	Planta de situação, planta do pavimento térreo, três elevações, esquema da cobertura, esquema da fundação, detalhamento do portão, detalhamento das portas.



1914	São Paulo	Dr. Antônio Alves Lima	Antônio Alves Lima	Residencial	Rua Martinho Prado, esquina com Rua Sabará	Plantas (subsolo, pavimento térreo e pavimento superior), duas elevações
1914	Santos	Sr. Maurilio Porto	Maurilio Porto	Residencial	x	Planta de duas variações (pavimento térreo), corte transversal e corte longitudinal, quatro elevações
1914	x	Villa do Dr. Nielsen	Nielsen D'Oliveira	Residencial	x	Plantas (pavimento térreo e superior), duas elevações (duas variações), uma perspectiva
1915	Santos	Villa para o Sr. Luiz Franco	Luiz Franco do Amaral	Residencial	Avenida Anna Costa, esquina com a Rua Quarta	Plantas (pavimento térreo e superior), duas elevações, madeiramento da cobertura, detalhamento da escada e do vestibulo
1915	Santos	Villa em Santos do Dr. Presgrave	Miguel Presgrave	Residencial	x	Plantas (pavimento térreo e superior), corte longitudinal, duas elevações, detalhamento da sala circulas (forro, tabique e janela)
1916	Santos	Villa em Santos do Dr. Saturnino de Brito	Saturnino de Brito	Residencial	Praia do José Menino, próximo ao canal nº1	Plantas (pavimento térreo e superior), duas elevações, corte transversal, corte longitudinal, uma perspectiva
1916	São Paulo	Prédio Propriedade do Sr. Domiciano Campos	Domiciano Campos	x	Rua Vieira de Carvalho nº 23	Uma elevação, corte parcial da elevação, detalhamento do balcão
1916	São Paulo	Villa Baronesa de Arary	Maria Dalmácia de Lacerda Gimarães e José Lacerda Guimarães	Residencial	Avenida Paulista, esquina com a Rua Peixoto Gomide	Estudos das plantas, plantas (pavimento térreo, superior e sub-telhado), corte transversal e longitudinal, três elevações, duas perspectivas
1916	Santos	Villa do Coronel Bento de Carvalho	Coronel Bento de Carvalho	Residencial	Avenida do Canal nº1	Plantas (pavimento térreo e superior), corte longitudinal, duas elevações
1916	São Paulo	Villa para o Dr. Elias Calaf	Elias Calaf	Residencial	Avenida Paulista	Duas elevações, detalhamento da entrada, detalhamento da janela alta
1916	São Paulo	Edifício Residencial para o Sr. Névio Barbosa	Névio Barbosa	Residencial	Rua Condessa de São Joaquim	Plantas (pavimento térreo e superior), corte transversal, uma elevação

1916	x	Fazenda Sertão Grande	x	Residencial	x	Planta do pavimento térreo, uma elevação, uma perspectiva
1916/1917	São Paulo	Reforma e aumento para o Sr. José Tomaselli	José Tomaselli	Residencial	Avenida Paulista nº115	Plantas (pavimento térreo e superior), três elevações, detalhamento do portão, detalhamento do hall
1917	São Paulo	Prédio da Sra. Maria Fernandes	Maria Fernandes	Residencial	Rua Barão de Tatuhy, esquina com a Rua Jaguaribe	Plantas (pavimento térreo e superior), corte longitudinal, corte transversal, uma elevação
1918	São Paulo	Villa em São Paulo para o Sr. Eugenio do Val	Eugenio do Val	Residencial	Rua Albuquerque Lins	Planta de situação, plantas (subsolo, pavimento térreo e pavimento superior), dois cortes transversais, corte da varanda, cinco elevações, detalhamento do portão
1919	Rio de Janeiro	Dr. José Marianno Filho	José Marianno Filho	Residencial	Leblon	Planta
1919	São Paulo	x	José R. Teixeira De Barros, Para J. Andrade Vasconcelos (indicação da pasta de arquivamento)	Residencial	Rua José Getúlio nº 21 (indicação da pasta de arquivamento)	Planta do pavimento superior, duas elevações
1919	São Paulo	Ruggero Fioravanti	Ruggero Fioravanti	Residencial	Rua 13 de Maio, esquina com a Rua Arthur Prado	Planta de situação, plantas (subsolo, pavimento térreo, pavimento superior), planta de cobertura simplificada, corte transversal, corte longitudinal, quatro elevações, garagem (planta, elevação e corte)
1920	São Paulo	Propriedade Sr. Francisco Rogê Ferreira	Francisco Rogê Ferreira	Residencial	Rua Dr. Rocha Azevedo nº 21	Planta de situação, plantas (pavimento térreo e superior), parte de uma elevação e parte de um corte
1920	São Paulo	Dr. Heitor Carvalho	Heitor Carvalho	Residencial	Alameda Eugênio de Lima, esquina com Alameda Santos	Planta de situação (duas residências idênticas), plantas (pavimento térreo e superior), corte longitudinal
1920	São Paulo	Sr. David Ribeiro	David Ribeiro	Residencial	Alameda Eugênio de Lima	Duas elevações, detalhamento da abertura frontal
1921	São José dos Campos	Propriedade do Sr. Uriel Gaspar	Sr. Uriel Gaspar	Residencial	x	Planta do pavimento térreo, planta da residência de administração, corte transversal, corte longitudinal,

						quatro elevações, madeiramento do telhado, detalhamento de portas e janelas
1921	São Paulo	Grupo de quatro casa econômicas Villa Sacoman	x	Residencial	Ipiranga	Tipo S.3 - Plantas (pavimento térreo e superior), duas elevações. Tipo S.2 - Plantas (pavimento térreo e superior), três elevações, vigamento, madeiramento do telhado. Tipo S.1 - Plantas (pavimento térreo e superior), duas elevações, corte transversal e longitudinal. Tipo 2 - Planta do pavimento térreo, duas elevações, corte transversal e longitudinal. Tipo 1 - Planta do pavimento térreo, duas elevações, corte transversal e longitudinal.
1922	São Paulo	Sr. Olivo Gomes	Olivo Gomes	Residencial	Rua Itapeva, nº 9	Planta de situação, plantas (subsolo, pavimento térreo e pavimento superior), corte transversal, quatro elevações, detalhamento das portas e janelas, uma perspectiva
1923	São Paulo	O Brasil na Exposição da Philadelphia	Governo brasileiro	Concurso	Pavilhão de exposição	Plantas (pavimento térreo e superior), corte transversal, corte longitudinal, elevação
1932	Rio de Janeiro	Cidade Jardim na "Villa Izabel"	Victorino Rodrigues de Souza	Residencial	Rua Dona Romana, esquina com a Rua Barão de Bom Retiro	Planta de situação, plantas (pavimento térreo e superior)
1932	Rio de Janeiro	Casa Moderna	x	Residencial	x	Perspectiva em aquarela
1932	Rio de Janeiro	Residência do Dr. G. Von Broesigke	G. Von Broesigke	Residencial	x	Planta do pavimento térreo, corte longitudinal, três elevações
193X*	Rio de Janeiro	Propriedade do Sr. Eduardo Candido de Carvalho	Eduardo Candido de Carvalho	Residencial	Boca do Mato, Travessa Particular da Rua Pedro De Carvalho, nº 52	Planta de situação, planta do pavimento térreo, corte longitudinal, três elevações
x	São Paulo	Madame Monteiro de Barros	Madame Monteiro de Barros	Residencial	Avenida Paulista	Planta do pavimento térreo
192*	São Paulo	Antônio da Costa Pinto	Antônio da Costa Pinto	Residencial	Rua 13 de Maio	Planta de arruamento, plantas (pavimento térreo e superior), corte transversal, corte longitudinal, três elevações

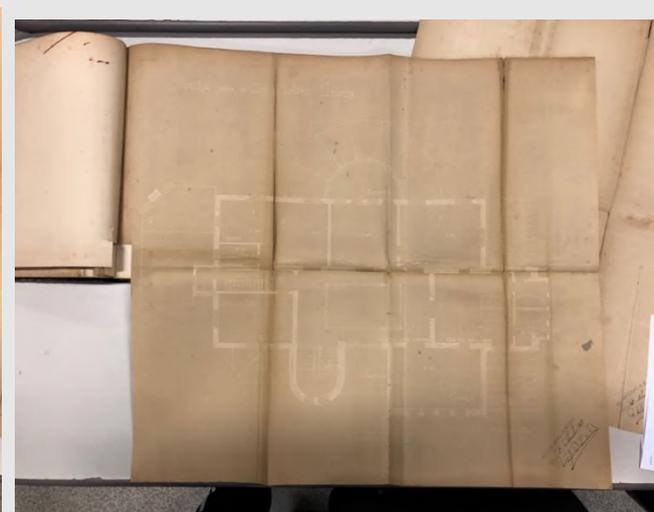
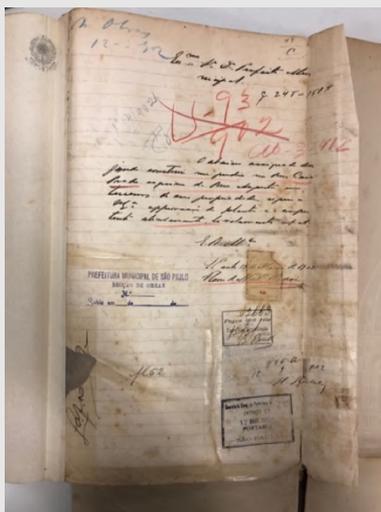
x	São Paulo	Projeto da Villa para o Dr. Procópio Davidoff	Procópio Davidoff	Residencial	x	Plantas (subsolo, pavimento térreo e superior)
x	São Paulo	Villa de Victor Dubugras Architecto	Victor Dubugras	Residencial	Alameda Lima nº17	Plantas (subsolo, pavimento térreo – duas variações – e superior)
x	São Paulo	Casa Pierre Duchen	Pierre Duchen	Edifício Comercial		Elevação frontal, corte da fachada
x	São Paulo	Residência para C. Whately	Carlos Whately	Residencial	Villa América	Duas elevações
x	x	Habitação do Guarda- Estação Hidroelétrica Tietê	Estação Hidroelétrica Tietê	Residencial	x	Três elevações, um corte e uma planta (opção 1), duas elevações, uma planta (opção 2), detalhamento da janela
x	x	Sr. David Pamplona	David Pamplona	Residencial	x	Plantas (pavimento térreo e superior), corte transversal, corte longitudinal, uma elevação
x	x	Propriedade de Didio Valiengo	Didio Valiengo	Residencial	Rua Pernambuco nº 43	Três elevações, corte transversal, corte longitudinal
x	x	Casas Populares	x	Residência Popular	x	Plantas dos pavimentos, duas elevações
x	x	Prédio Zamith	x	x	x	Corte longitudinal, corte transversal, uma elevação

Tabela 2: Relação de projetos de Victor Dubugras consultados no acervo da Biblioteca Da Faculdade De Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP).
Fonte: Produzido pela autora (2023).

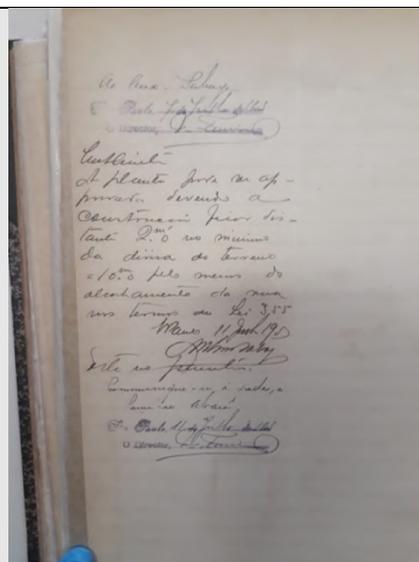
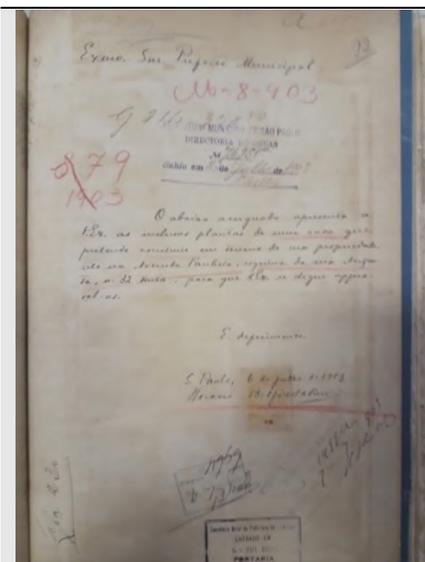
* Através da análise de elementos compositivos dos desenhos (tipo de papel, carimbo, estética arquitetônica) foi estimado pela autora a década que os projetos foram possivelmente concebidos.

RELAÇÃO DE PROJETOS CONSULTADOS DO ARQUITETO VICTOR DUBUGRAS NO ACERVO DO AHMSP – SÉRIE OBRAS PARTICULARES

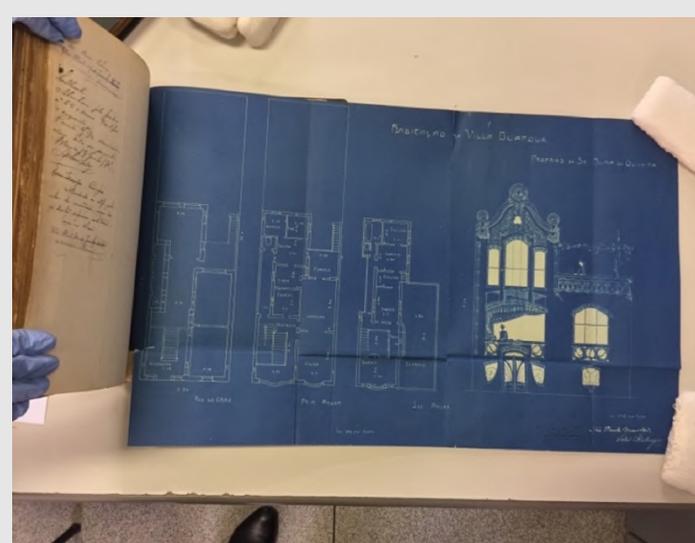
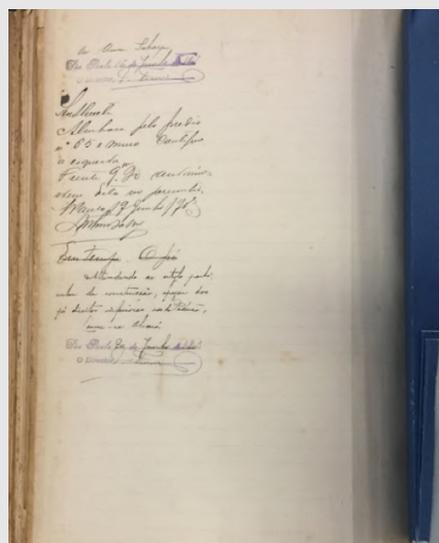
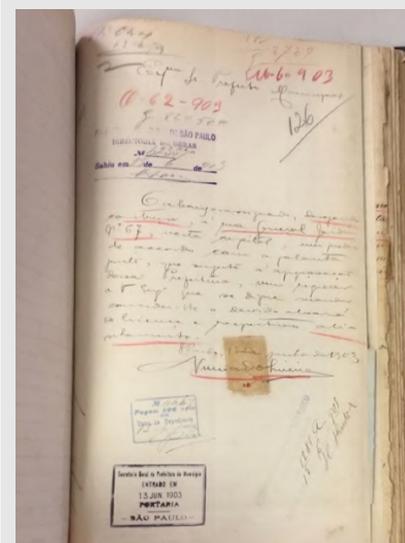
ANO	NOME DO PROJETO	PROPRIETÁRIO	ENDEREÇO	POSSUI PARECER TÉCNICO?	QUEM SOLICITOU A APROVAÇÃO NA PREFEITURA	MATERIAL IDENTIFICADO
1896	Ateliê de Gerônimo Joo	Gerônimo Joo	Rua da Liberdade nº 67	Sim	Gerônimo Joo	Plantas (pavimento térreo e superior)
1902	Villa Dr. Flávio Uchôa	Flávio Uchôa	Rua Augusta, esquina com a Rua Caio Prado	Sim	Flávio Uchôa	Plantas (subsolo, pavimento térreo e superior), duas elevações – todos os desenhos estão altamente despigmentados



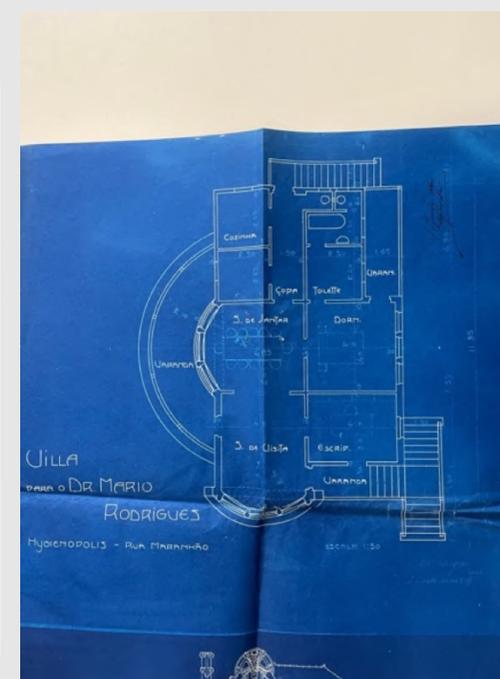
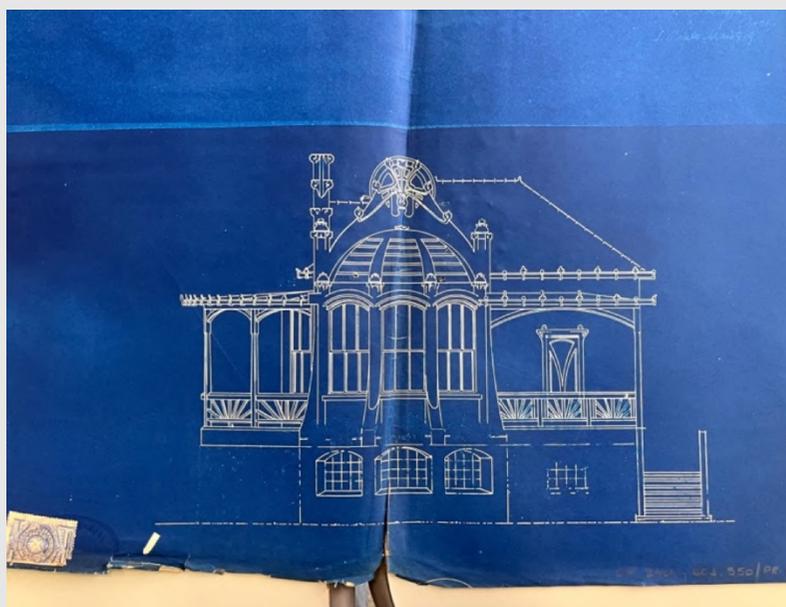
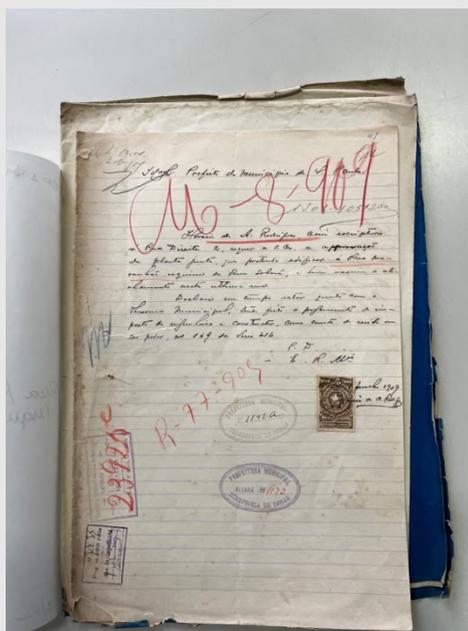
1903	Villa do Dr. Horácio Sabino	Horácio Sabino	Avenida Paulista, esquina com a Rua Augusta	Sim	Horácio Sabino	Plantas (pavimento térreo e superior), quatro elevações
------	-----------------------------	----------------	---	-----	----------------	---



1903	Habitação na Vila Buarque- Propriedade do Sr. Numa de Oliveira	Numa de Oliveira	Rua General Jardim nº 67	Sim	Numa de Oliveira	Plantas (pavimento térreo, segundo e terceiro pavimento), uma elevação
------	--	------------------	--------------------------	-----	------------------	--

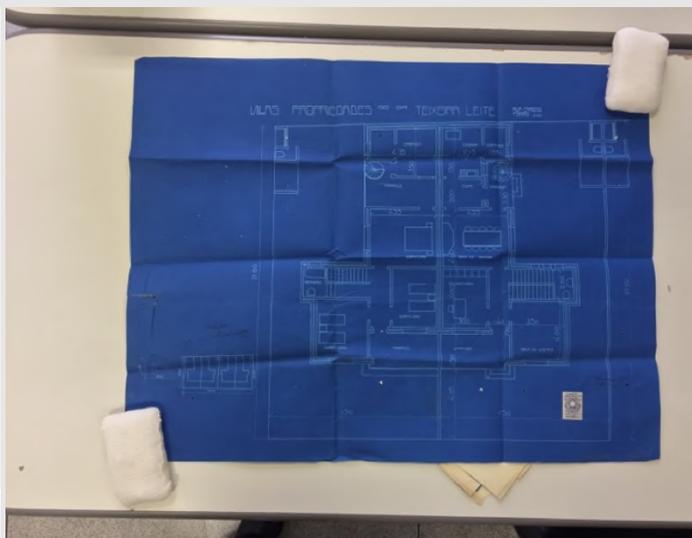
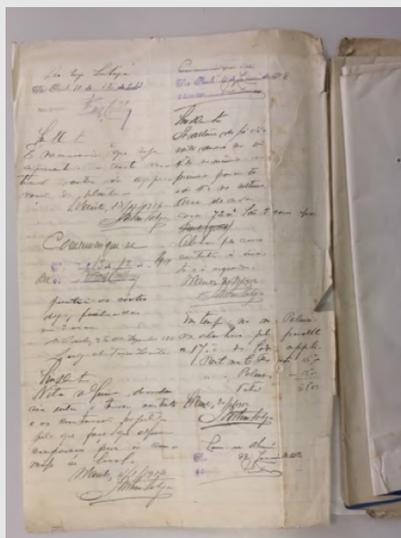


1908	Casas para o Sr. José Lotufo	José Lotufo	Rua São João nº 160, 162, 164, 166, 168, 170	Sim	José Lotufo	Plantas (pavimento térreo e superior), dois cortes transversais, uma elevação
1909	Villa para o Sr. Vicente Dias	Vicente Dias	Rua Sabará, esquina com rua Piauí	Sim	Engenheiro Horácio Rodrigues	Planta do pavimento térreo
1909	Villa para o Dr. Mário Rodrigues	Mário Rodrigues	Rua Sabará, esquina com Rua Maranhão	Sim	Engenheiro Horácio Rodrigues	Planta do pavimento térreo, uma elevação

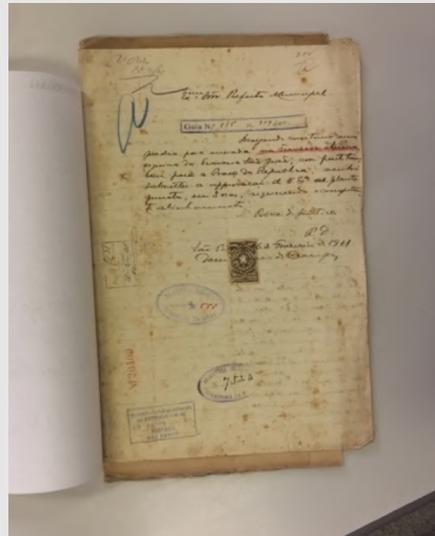
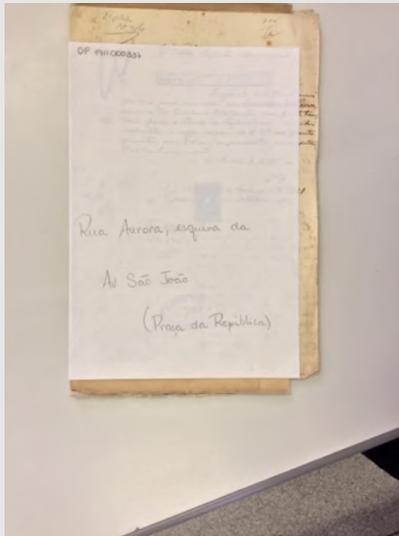


1910	Villa para o Dr. Cândido Rodrigues	Cândido Rodrigues	Rua Sabará, entre as ruas Maranhão e Piauí	Sim	Arquiteto Victor Dubugras	Planta do pavimento térreo, uma elevação
------	------------------------------------	-------------------	--	-----	---------------------------	--

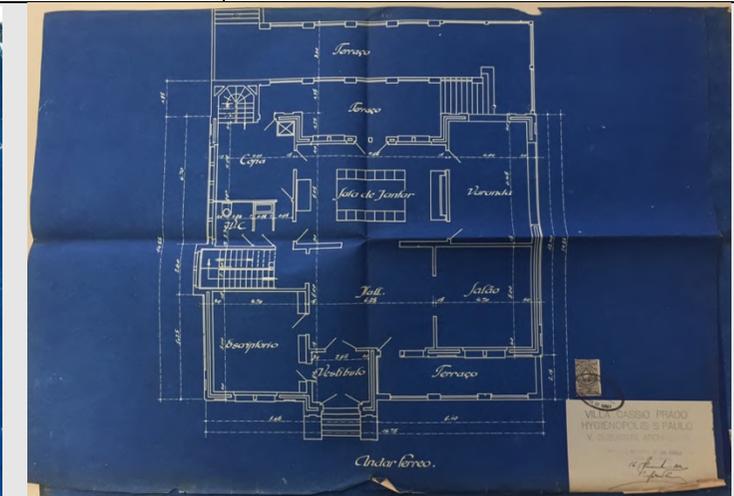
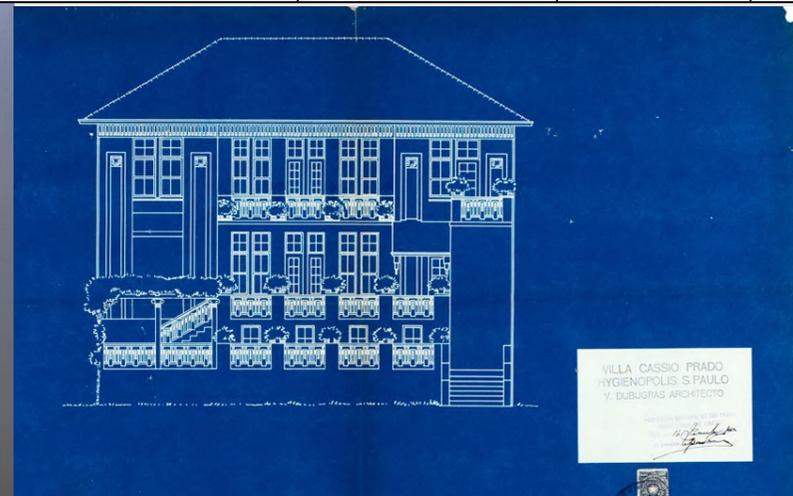
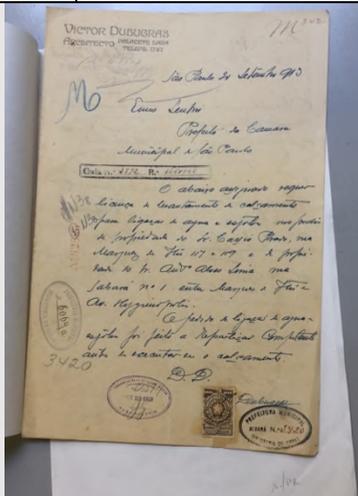
1911	Edifício para Augusta Fleury de Souza Queiroz e Frederico de Souza Queiroz	Augusta Fleury de Souza Queiroz e Frederico de Souza Queiroz	Rua XV de Novembro nº 26 e 28	Sim	Engenheiro A. Coutinho e Arquiteto Victor Dubugras	Plantas (pavimento térreo e superior), corte parcial da fachada principal
1911	Villa para o Dr. Pereira Rezende	Pereira Rezende	Rua Martim Francisco nº 134	Sim	Arquiteto Victor Dubugras	Planta do pavimento térreo, uma elevação
1911	Villas Propriedade do Sr. Teixeira Leite	Luiz Antônio Teixeira Leite	Rua Cardoso Ferrão, esquina com Rua Palmeiras	Sim	Luiz Antônio Teixeira Leite	Planta de situação (cinco casas iguais), plantas (pavimento térreo e superior), uma elevação



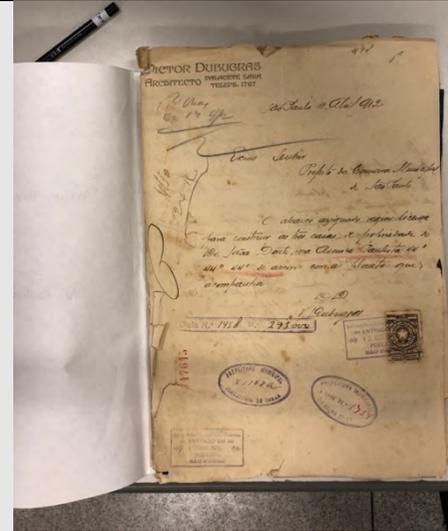
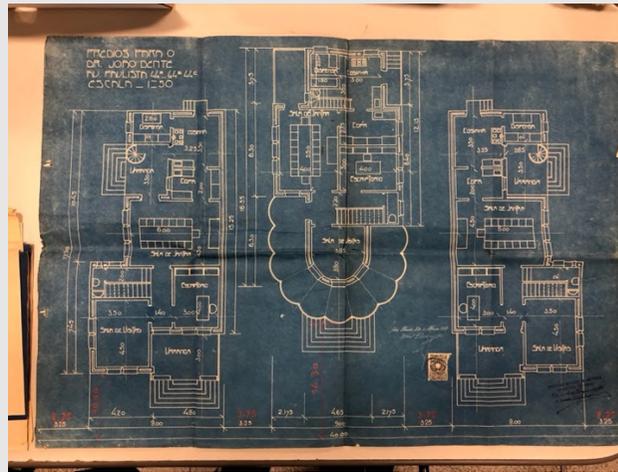
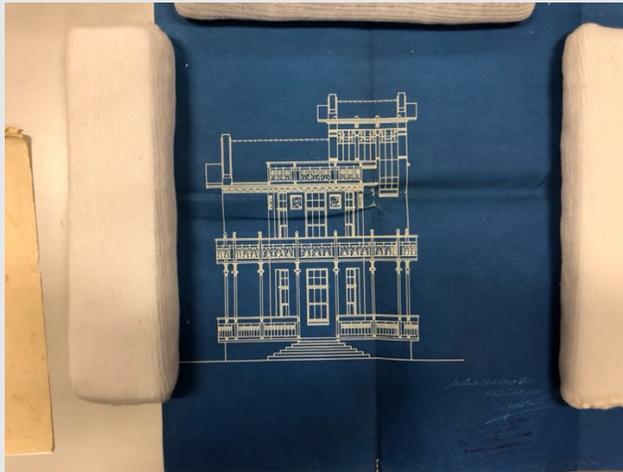
1911	Propriedades do Dr. Domiciano Campos	Domiciano Campos	Rua Aurora, esquina com Avenida São João	Sim	Domiciano Campos	Planta do pavimento térreo, uma elevação
------	--------------------------------------	------------------	--	-----	------------------	--



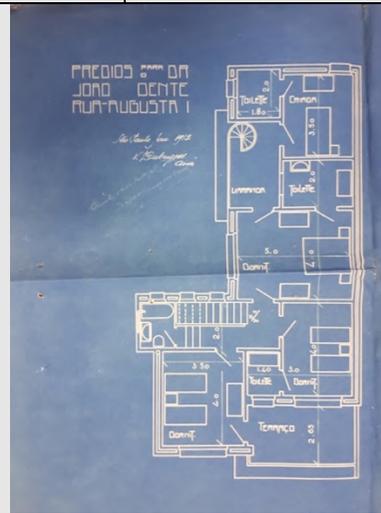
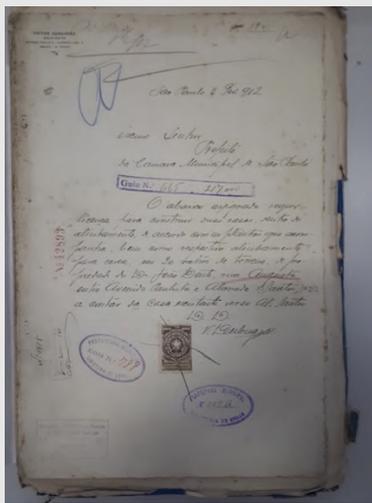
1912	Villa para o Sr. Cassio Prado	Cassio Prado	Avenida Martinho Prado Jr. (Uma casa)	Sim	Arquiteto Victor Dubugras	Planta de situação das casas. Casa Avenida Martinho Prado Jr. – Duas elevações, plantas (porão, pavimento térreo e superior). Casas Rua Marquês de Itu – Uma elevação, plantas (subsolo, pavimento térreo e superior)
------	-------------------------------	--------------	---------------------------------------	-----	---------------------------	---



1912	Prédios para o Dr. João Dente	João Dente	Avenida Paulista nº 44A, 44B, 44C	Sim	Arquiteto Victor Dubugras	Plantas (pavimento térreo e superior das três casas), duas elevações
------	-------------------------------	------------	-----------------------------------	-----	---------------------------	--



1912	Prédios para o Dr. João Dente	João Dente	Rua Augusta, entre Avenida Paulista e Alameda Santos nº 212	Sim	Arquiteto Victor Dubugras	Plantas (pavimento térreo e superior das duas casas), uma elevação
------	-------------------------------	------------	---	-----	---------------------------	--



ANEXO B – RELAÇÃO DE PROFISSÕES DOS CLIENTES DE DUBUGRAS

Nome	Número de ocupações	Ocupações
Luiz Piza	4	Advogado, Político, Investidor Imobiliário, Empresário
Antônio Cândido Rodrigues	4	Engenheiro, Professor, Servidor Público, Político
Gabriel Dias da Silva	4	Advogado, Empresário, Investidor Imobiliário, Político
Numa de Oliveira	4	Banqueiro, Empresário, Fazendeiro, Investidor Imobiliário
Horácio Sabino	3	Advogado, Empresário, Investidor Imobiliário
Mário Rodrigues	3	Fazendeiro, Empresário, Político
Horácio Rodrigues	3	Engenheiro, Advogado, Empresário
Augusto Barreto	3	Fazendeiro, Médico, Político
Alberto Penteado	3	Advogado, Fazendeiro, Político
Luiz Antônio Teixeira Leite	3	Empresário, Engenheiro, Investidor Imobiliário
João Dente	3	Advogado, Empresário, Investidor Imobiliário
Flávio Uchôa	2	Engenheiro, Empresário
Vicente Soares de Barros	2	Fazendeiro, Empresário
Domiciano Campos	2	Empresário, Engenheiro
Cássio Prado	1	Empresário

Tabela 4: Relação de ocupações dos clientes de Dubugras cujos projetos são objeto de análise da tese de doutorado.
Fonte: Produzido pela autora (2023).

